FACULDADE DE ARQUITECTURA
U LISBOA | UNIVERSIDADE DE LISBOA



RECICLAR O MODERNO
PARA REABILITAR O URBANO

Um Edifício Híbrido
para nova identidade do Nó da Infante Santo

Catarina Magalhães Lynce
(Licenciada)

Projecto para a obtenção do grau de Mestre em Arquitetura (Mestrado Integrado em Arquitectura)

Equipa de Orientação:
Doutor Arquitecto José Aguiar
Arquitecto Carlos Macedo

Júri:
Presidente: Doutor Arquitecto Pedro Belo Ravara
Vogal: Doutor Arquitecto Pedro Miguel Calado Batista Bastos

Lisboa, FAUL, Março 2016

Título

RECICLAR O MODERNO
PARA REABILITAR O URBANO

Subtítulo

Um Edifício Híbrido para nova
identidade do Nó da Infante Santo

Nome

Catarina Magalhães Lynce

Equipa de Orientação

Doutor Arquitecto José Aguiar

Arquitecto Carlos Macedo

Mestrado Integrado em Arquitetura

Lisboa, Março 2016

Texto segundo o antigo acordo ortográfico

RESUMO

O tema *Reciclar o Moderno para Reabilitar o Urbano* decorre de uma leitura crítica da zona ribeirinha de Lisboa, compreendida entre o Vale Alcântara e o Cais do Sodré. Constata-se que, após o desenvolvimento industrial verificado no último século, a identidade desta frente ribeirinha ficou altamente fragilizada, assistindo-se a um divórcio entre a cidade e o rio.

O projecto proposto pretende responder às preocupações contemporâneas com o futuro da cidade de Lisboa e, em particular, com esta área da frente de rio. Desta forma, a relação do construído com o espaço público e as suas implicações ao nível das dinâmicas sociais assumem um elevado grau de importância.

Através da Reciclagem de um edifício Moderno, pela sua Reconversão num edifício Híbrido, pretende-se exemplificar um processo de intervenção na cidade consolidada. Como tal, são fundamentais para esta investigação os conceitos de *Reabilitação Urbana*, *Reciclagem do Moderno* e *Edifício Híbrido*.

A realização deste projecto pretende a metamorfose de um lugar e de um edifício caracterizados por diversos problemas urbanos e arquitectónicos num ponto de interesse público da cidade de Lisboa, fazendo a devolução do rio à cidade consolidada.

Acredita-se que os espaços criados para o bem comum da cidade e da sociedade contemporânea, segundo uma consciência sustentável, ganham poder não pelo número de pessoas que os usam, mas sim porque proporcionam qualidade de vida aos seus habitantes, mudando a visão sobre a própria cidade por parte de quem os vivencia.

Título
Reciclar o Moderno para Reabilitar o Urbano

Subtítulo
Um Edifício Híbrido para nova identidade do Nó da Infante Santo

Nome
Catarina Magalhães Lynce

Equipa de Orientação Doutor Arquitecto José Aguiar
Arquitecto Carlos Macedo

Mestrado Integrado em Arquitetura
Lisboa, Março 2016

Palavras-chave: Consolidação Urbana | Reciclar o Moderno | Reabilitação e/ou Requalificação Urbana | Nó como Lugar | Edifício Híbrido| Identidade e Projecto

ABSTRACT

The theme *Recycling the Modern to Recondition the Urban* occurs from a critical observation of Lisbon's riverside zone, specifically, between the *Vale Alcântara* and *Cais do Sodré* areas. After last century's industrial development, it's been noted that this riverside zone's identity has become highly fragile, such as a divorce between the city and it's river.

The proposed project attempts to answer any and all contemporary concerns with Lisbon's future as a city, and, in particular, with the mentioned riverside area. Thus, the relationship between the built environment and the public spaces, and it's social dynamics assumes an elevated degree of importance.

Through Recycling and Re-conversion of a Modern building into a Hybrid building, the goal is to create an example of an intervention process in the consolidated city. Therefore, concepts such as *Urban Reconditioning*, *Recycling the Modern* and *Hybrid Building* are paramount to this investigation.

This project's conception attempts a metamorphosis of sorts, of a place and building defined by several urban and architectural problems, into a public landmark in the city of Lisbon, in a sense, returning the river to the consolidated city.

It's believed that spaces which are created for the common and greater good of contemporary society, according to a healthy, sustainable conscience, gain importance; not because of how many people will utilize it, but for the confort and quality of life they provide to it's population, changing the vision of the city itself.

Title
Recycling the Modern
to Recondition the Urban

Sub-title
A Hybrid Building as a new identity of Av. Infante Santo's riverside intersection

Name
Catarina Magalhães Lynce

Advisor's team:
Doctor Architect José Aguiar
Architect Carlos Macedo

Integrated Master In Architecture
Lisbon, March 2016

Keywords:
Urban Consolidation | Recycling the Modern | Urban Reconditioning | and/or Requalification | Intersection as a place | Hybrid Building | Project and Identity

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer aos meus pais e irmãs, por todo o apoio e palavras de conforto durante este tão importante capítulo da minha vida.

Agradeço especialmente ao Professor José Aguiar, por me ter entusiasmado no tema escolhido, pelas suas orientações e por me ter dado a confiança necessária para arriscar. Ao Professor Carlos Macedo, pela tranquilidade e leveza que transmitiu na forma de olhar a Arquitectura durante todo o processo. A ambos pela disponibilidade, apoio e espólio de conhecimentos e inspiração.

Um eterno Obrigada aos meus amigos e colegas, principalmente ao Pedro, à Xana e ao João, ao Gonçalo, à Sara, ao Miguel, ao Gustavo, ao Marcelo e à Maria, pela motivação, pela infinita paciência, pela compreensão, pelo apoio incondicional e por acima de tudo terem acreditado em mim e no meu trabalho.

Obrigada também a todos os que não mencionei, mas que tornaram toda esta viagem possível.

A amizade duplica as energias e divide as tristezas.

Francis Bacon

ÍNDICE

1- Introdução **03**

2- O Moderno **09**

2.1- O Movimento Moderno na Arquitectura 10

2.2- Portugal, o Moderno e o caso de Lisboa 29

2.3- O Moderno e o Património 47

3- Intervir no Moderno **59**

3.1- O Regresso à cidade consolidada 60

3.2- Decadência e obsolescência do Moderno 64

3.3- A Reciclagem do Moderno:
Reabilitação como novo tema de projecto 68

3.4- Reutilizar: posição Ecológica e Sustentável 83

4- O lugar do Nó ou o Nó do lugar **93**

4.1- Contextualização da área de intervenção 94

4.2- O objecto e o espaço onde se insere:
as Problemáticas e a Requalificação 121

5- Edifício-cidade **135**

5.1- A Origem do conceito de Edifício Híbrido 136

5.2- O Híbrido não é um Condensador Social 143

5.3- O Híbrido e a cidade contemporânea 148

5.4- Casos de Estudo:
Complexo Barbican e Sliced Porosity Block 157

5.5- A Arquitectura do programa 166

6- Considerações Finais **173**

7- Fontes Documentais **177**

ANEXOS **183**

ÍNDICE DE IMAGENS

O Moderno

01. Perspectiva desde uma das vias rápidas da Ville Radieuse de Le Corbusier (1930).
in (http://thecarandtheelephant.com/chapter/context)

02. Desenho de Le Corbusier: dois destinos para a arquitectura e a sociedade moderna
in BENEVOLO, Leonardo, Introduccion a la Arquitectura, 1979, p. 254

03. Selo da Bauhaus de Weimar (1919)
in BENEVOLO, Leonardo, Introduccion a la Arquitectura, 1979, p. 254

04. Le Corbusier, Page Illustrating The Five Points of a New Architecture, 1927
in (http://rubens.anu.edu.au/raid2/no_dgb/pics/4/large/002132922905_101.jpg)

05. Intervenção de Barão Haussmann na cidade de Paris, no final do séc XIX
in (https://histarq.files.wordpress.com/2012/10/paris-3.png)

06. Intervenção de Cerdà na cidade de Barcelona, 1859
In (http://1.bp.blogspot.com/-O733-rJKt2E/T-pEfJgVzpI/AAAAAAAADHI/wVlu32h4iAM/s640/barcelona.jpg)

07. Carta de Atenas, Le Corbusier, 1933
in (http://1.bp.blogspot.com/_ljOaytgKv1c/S_cz-JFbvXI/AAAAAAAAAJU/-zENcbHwNcQ/s1600/Le+corbusier.jpg)

08. Plano Voisin, Le Corbusier, 1925
in (http://s3.amazonaws.com/everystockphoto/fspid30/65/16/23/9/drawing-planvoisin-lecorbusier-6516239-o.jpg)

09. Exemplos, em planta, de diferentes formas de praças.
in KRIER, Rob, Urban Space, p.33

10. Foto anos 40 do séc.XX, Elevador Santa Justa, autor desconhecido.
in Biblioteca de Arte-Fundação Calouste Gulbenkian, Arquivo Municipal de Lisboa, IGESPAR, Hemeroteca Digital, Biblioteca Nacional Digital.

11. Postal antigo da cidade do porto, Palácio de Cristal, s/d.
in (http://2.bp.blogspot.com/-X0o_d6c_RRU/UEyBxXesk7I/AAAAAAAABBw/G36hy4VOI3U/s1600/nave-central.gif)

12. Foto antiga Cinema Capitólio, autor desconhecido,s/d.
in (http://www.infopedia.pt/$luis-cristino-da-silva)

13. Foto antiga Moradia Viana de Lima no Porto, autor desconhecido,1939.
in(https://pt.wikipedia.org/wiki/Viana_de_Lima#/media/File:Moradia_Porto_Viana_de_Lima.jpg)

14. Postal antigo da cidade de Lisboa, Avenida da Liberdade no principio do séc. XX, vista de norte.
in CIUL, Lisboa Conhecer Pensar Fazer Cidade.

15. Avenidas Novas, planta dos lotes vendidos e por vender em 1902.
in CIUL, Lisboa Conhecer Pensar Fazer Cidade.

16. Lisboa de Ressano Garcia,1903.
in CIUL, Lisboa Conhecer Pensar Fazer Cidade.

17. Vista aérea do Bairro de Alvalade, autor desconhecido, 1945.
in CALADO, Maria (Coord.), Atlas de Lisboa. A cidade no espaço e no Tempo. P.108.

18. Perspectiva do lado Norte da Praça do Arieiro (Cristino da Silva - 1948).
in CALADO, Maria (Coord.), Atlas de Lisboa. A cidade no espaço e no Tempo. P.117.

19. Foto zona do Martim Moniz antes das demolições, autor desconhecido, 1758.

in TOSTÕES, Ana; Rossa, Walter (coord.), Lisboa 1758, O Plano da Baixa Hoje (Catálogo da exposição). CD.

20. Plano de Remodelação da Baixa – Perspectiva, CML, 1758.
in TOSTÕES, Ana; Rossa, Walter (coord.), Lisboa 1758, O Plano da Baixa Hoje (Catálogo da exposição). CD.

21. Bairro das Estacas, Formozinho Sanchez e Jervis d'Athouguia, 1949.
in CIUL, Lisboa Conhecer Pensar Fazer Cidade.

22. Fundação Calouste Gulbenkian, Estúdio Horácio Novais, 1969.
in Biblioteca de Arte/Arte Library Fundação Calouste Gulbenkian.

23. Casa de Chá da Boa Nova, Jorge Dias, s/d.
in (http://olhares.sapo.pt/casa_de_cha_da_boa_nova_foto796262.html)

24. Desenho de Álvaro Siza da Casa de Chá da Boa Nova, s/d.
in (http://vakkum.com/2014/05/20/casa-de-cha-da-boa-nova-alvaro-siza-vieira/)

25. Estação de Metro do Rossio em 1959, autor desconhecido.
in (http://restosdecoleccao.blogspot.pt/2015/01/metropolitano-de-lisboa.html)

26. Projecto de reconstrução da zona do Chiado (1990), Álvaro Siza Vieira.
in Points de Repère: Architecture du Portugal, p.166.

27. Projecto de reconstrução da zona do Chiado (1990), Álvaro Siza Vieira.
in JA- Jornal Arquitectos, 89/90 (1990), capa.

28. Projecto Expo 98.
in (http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/04.038/666)

29. Edificio de habitação social Narkomfin, Moscow, desenho do projecto original.
in AAVV;The Soviet Heritageand European Modernism; ICOMOS

World Report 2006/2007, Heritage at Risk, p. 177.

30. Edifício de habitação social Narkomfin, Moscow, vista do lado sudoeste, H. Zimmermann, 2005.
in AAVV;The Soviet Heritageand European Modernism; ICOMOS World Report 2006/2007, Heritage at Risk, p. 177.

31. Congresso Nacional em Brasília, Nelson Kon, s/d.
Cidade de Brasília inaugurada em 1960, planeamento de Oscar Niemeyer.
in (http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/drops/08.021/1743)

32. Museu Guggenheim, Frank Lloyd Wright, 1959
(http://3oneseven.com/guggenheim-museum-frank-lloyd-wright-1959/)

Intervir no Moderno

33. Unité d´habitation von Le Corbusier, Marseille. Autor desconhecido, s/d.
in (https://www.hochschule-trier.de/index.php?id=2356&L=1)

34. Evolução da Torre Bois le Prêtre. Da esquerda para a direita: Foto de Raymond Lopez – 1959, Reforma de 1990 autor desconhecido, Edifício depois da reforma de Lacaton & Vassal foto de Frédéric Druot.
in (http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/projetos/12.133/4194/pt_BR)

35. Transformação: Metamorfose da situação existente
in (http://www.metalocus.es/content/en/blog/dwellings-paris-druot-and-lacaton-vassal-ii)

36. Foto da varanda do 16º andar, fachada sul, Frédéric Druot Architecture.
in (http://www.metalocus.es/content/en/blog/dwellings-paris-druot-and-lacaton-vassal-ii)

37. Sanatório de Zonnestraal na primeira metade do séc.XX
in (http:// eng.archinform.net/projekte/1716.htm)

38. Sanatório de Zonnerstraal em abandono, autor desconhecido, 1995.
in (http://www.refdag.nl/oud/bin/010612binfo01.html).

39. Sanatório de Zonnerstraal em abandono, autor desconhecido, 1995.
in (Daidalos. Berlim: Bertelsmann Fachzeitschriften GmbH. ISSN 0721-4235. 56 (1995) 100).

40. Sanatório de Zonnerstraal após intervenção, autor desconhecido, s/d.
in (http://farm4.static.flickr.com /3151/2992114019_09cdc76039_o.jpg).

41. Sanatório de Zonnerstraal após intervenção, autor desconhecido, s/d. (fonte:http://commondatastorage. googleapis.com/static.panoramio.com/photos/original/3677908.jpg).

42. Fábrica Van Nelle, vista geral desde o acesso, autor desconhecido, 1929.
in (https://en.wikiarquitectura.com/index.php/Van_Nelle_Factory)

43. Fábrica Van Nelle, vista aérea do conjunto, autor desconhecido, 1929.
in (https://en.wikiarquitectura.com/index.php/Van_Nelle_Factory)

44. Pontes transportadoras, autor desconhecido, 1929.
in (https://en.wikiarquitectura.com/index.php/Van_Nelle_Factory)

45. Fábrica Van Nelle após a intervenção, autor desconhecido, s/d.
in (https://en.wikiarquitectura.com/index.php/Van_Nelle_Factory)

46. Fábrica Van Nelle após a intervenção, autor desconhecido, s/d.
in (https://en.wikiarquitectura.com/index.php/Van_Nelle_Factory)

47. Mies van der Rohe e a Glass Curtain Wall no edifício 860-880 Lake Shore Drive.
in (http://hansjager.blogspot.pt/2012/11/mies-860-880-lake-shore-drive-love.html)

48. Le Lignon, Geneva, Purchase, The Horace W. Goldsmith Foundation Gift, through Joyce and Robert Menschel, 1995.
in (http://metmuseum.org/collection/the-collection-online/search/267194)

49. Le Lignon, Calimo, 2011.
in(https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Le_Lignon_vu_du_Sal%C3%A8ve.jp)

50. A Frente Ribeirinha. Panorâmica de Almada para Lisboa, autor desconhecido, s/d.
in Livro de turma; Lisboa um bairro um centro; MiArq, 5ºB, 2013/2014

O lugar do Nó ou o Nó do lugar

51. Vista aérea de Lisboa atual.
in Google Maps

52. Esquema de evolução da ocupação do território em Lisboa. Esquema da autoria de Afonso Botelho Santos
in Memórias de um outro Tejo.

53. Ribeira das naus 1875. Autor desconhecido.
in (http://aps-ruasdelisboacomhistria.blogspot.pt/2010_07_01_archive.html)

54. Extrato da vista e perspetiva da Barra e Costa da Cidade de Lisboa, terramoto do 1º de Novembro de 1755- Terreiro do Paço, Bernardo de Caula, 1763.

in BNP Lisboa. 84

55. Entrada da nova rua “Vinte e quatro de Julho”, junto da egreja de Santos , Aterro da Boa Vista, B. Lima, s/d.
in (http://aps-ruasdelisboacomhistria.blogspot.pt/2010_07_01_archive.html)

56. Avenida 24 de Julho, Joshua Benoliel, 1900.
in (http://aps-ruasdelisboacomhistria.blogspot.pt/2010_07_01_archive.html)

57. Avenida 24 de Julho, Joshua Benoliel, 1900.
in (http://aps-ruasdelisboacomhistria.blogspot.pt/2010_07_01_archive.html)

58. MAPA DE SOBREPOSIÇÃO - FILIPE FOLQUE (SEC. XIX) E ACTUALIDADE.
in Livro de turma; Lisboa um bairro um centro; MiArq, 5oB, 2013/2014

59. Avenida 24 Julho, Cais do Sodré e Mercado da Ribeira. José Manuel da Silva, ínicio do séc XX.
in BIC LARANJA

60. Avenida Infante Santo em construção, autor desconhecido, 1955.
in (http://lisboahojeeontem.blogspot.pt/2012/11/avenida-infante-santo.html)

61. Avenida Infante Santo, Blocos residenciais em construção, Judah Benoliel, 1956.
in AML

62. Avenida Infante Santo, Blocos residenciais em construção, Armando Serôdio, 1958.
in AML

63. Esquema evolutivo da margem do rio.
Análise feita pela turma MiArq, 5ºB, 2013/2014

64. Projecto da câmara para a reabilitação da cidade de Lisboa. Troço da área em estudo.

65. MAPA DAS CENTRALIDADES NAS FREGUESIAS EM ESTUDO SÉC. XVIII
in Livro de turma; Lisboa um bairro um centro; MiArq, 5oB, 2013/2014

66. MAPA DAS CENTRALIDADES NAS FREGUESIAS EM ESTUDO SÉC. XIX
in Livro de turma; Lisboa um bairro um centro; MiArq, 5oB, 2013/2014

67. MAPA DAS CENTRALIDADES NAS FREGUESIAS EM ESTUDO SÉC. XX
in Livro de turma; Lisboa um bairro um centro; MiArq, 5oB, 2013/2014

68. Plano Urbano Alcântara XXI.
DE SÁ, Manuel Fernandes .
in Plano de Urbanização de Alcântara, Proposta do Plano – Julho, 2010 (p.10).

69. Fotografia actual, Área de intervenção, tirada pela autora.

70. Fotografia actual, Avenida 24 de Julho, tirada pela autora.

71. Fotografia actual, Avenida Infante Santo e viaduto, tirada pela autora.

72. Fotografia actual, Rua Tenente Valadim, tirada pela autora.

73. Fotografia actual, Avenida 24 de Julho, tirada pela autora.

74. Fotografia actual, Travessa dos Brunos, tirada pela autora.

75. Fotografia actual, cruzamento da Travessa dos Brunos com a Travessa da Cruz da Rocha , tirada pela autora.

76. Fotografia actual, Travessa da Cruz da Rocha, tirada pela

autora.

77. Fotografia actual, traseiras Edificio a intervir, tirada pela autora.

78. Fotografia actual, Calçada da Pampulha e Rua Presidente de Arriaga, tirada pela autora.

79. Fotografia actual, Fachada principal do edifício para a Av. 24 de Julho, tirada pela autora.

80. Alçado original do Edifício. Projecto do Arquitecto Rodrigues Lima, 1973.

81. Planta tipo original do Edifício. Projecto do Arquitecto Rodrigues Lima, 1973.

82. Fotografia do Edifício Industrial (sede da Companhia Industrial de Portugal) antes da sua demolição. Autor desconhecido, s/d. *in* CML.

83. Fotografia da Avenida 24 de Julho antes da demolição do Edifício Industrial (sede da Companhia Industrial de Portugal). Autor desconhecido, s/d.
in CML.

84. Foto alçado actual do Edíficio, motagem da autora.

85. Fotografia actual, traseiras do edifício, tirada pela autora.

86. Fotografia actual, traseiras do edifício vistas dos terraços, tirada pela autora.

87. Foto actual, descontinuidade urbana causada pela Avenida Infante Santo e o viaduto automóvel. Da autora.

88. Propostas - corte no cruzamento da Avenida 24 de Julho com a Avenida Infante Santo. Esquema da autora.

Edifício - cidade

89. Berlim Zonas Francas- A transformação do Edificio- Desenho de Lebbeus Woods
in (https://lebbeuswoods.wordpress.com/2011/11/18/anti-journey-to-architecture-dialogue-of-work/)

90. Downtown Athletic Club.
in This is hybrid, pag. 15

91. The Galleria
in This is hybrid, pag. 75/76

92. Narkomfin - Habitação comunitária para estudantes do Instituto Têxtil. Planta original do inicio dos anos 30.
in Heritage at Risk 2002/2003, p. 177

93. Corte e alçados Narkomfin.
in This is hybrid, p. 49.

94. Unitè d'Habitation - Análise da organização functional.
in Neves , Andreia Sofia Felisberto das; O Edifício Híbrido Residencial.

95. Museum Plaza do atelier de arquitectos Rex em Louisville.
in (http://www.archdaily.com/88298/museum-plaza-update-rex)

96. Linked Hybrid, Steven Holl Architects, em Beijing, China.
in (http://www.archdaily.com/34302/linked-hybrid-steven-holl-architects)

97. Edifício L'Illa Diagonal, em Barcelona, Espanha, 1986-93. Arq. Moneo e Solà-Morales.
in (http://www.interempresas.net/Oficinas/Articulos/81281-NTT-Communications-elige-L'Illa-Diagonal-para-instalar-sus-nuevas-oficinas.html)

98. Sky City 100, Changsha, China.
in(http://hypebeast.com/2013/5/will-sky-city-in-china-become-

the-worlds-tallest-building)

99. Biblioteca Central de Seattle / OMA + LMN
in (http://www.archdaily.com.br/br/624269/biblioteca-central-de-seattle-oma-mais-lmn)

100. Edificio Scala, BIG em Copenhague
in (http://www.big.dk/#projects-sca)

101. Mapa do Complexo Barbican antes dos bombardeamentos.
in (http://londonist.com/2015/01/mapped-barbican-before-the-blitz)

102. Construção do Complexo Barbican, autor desconhecido, s/d.
in(http://www.barbican.org.uk/about-barbican/history)

103. Vista aérea do Complexo Barbican, autor desconhecido, s/d.
in (http://www.therooflightcompany.co.uk/design-the-barbican-and-the-housing-crisis)

104. Fotografia actual Barbican, autos desconhecido, s/d.
in http://www.alternativeeden.com/2015/10/brutally-beautiful.html

105. Fotografia actual Barbican, autos desconhecido, s/d.
in http://www.alternativeeden.com/2015/10/brutally-beautiful.html

106. Fotografia actual Barbican, autos desconhecido, s/d.
in http://www.alternativeeden.com/2015/10/brutally-beautiful.html

107. Fotografia actual Barbican, autos desconhecido, s/d.
in http://www.alternativeeden.com/2015/10/brutally-beautiful.html

108. Corte esquemático da organização programática.
in This is Hybrid, p.67.

109. Planta da Cobertura, Sliced Porosity Block.
in (http://www.stevenholl.com/projects/raffles-city-chengdu)

110. Alçado Poente, Sliced Porosity Block.
in (http://www.stevenholl.com/projects/raffles-city-chengdu)

111. Fotografia actual, conjunto Sliced Porosity Block, autor desconhecido, s/d.
in (http://www.stevenholl.com/projects/raffles-city-chengdu)

112. Fotografia actual, conjunto Sliced Porosity Block, autor desconhecido, s/d.
in (http://www.stevenholl.com/projects/raffles-city-chengdu)

113. SPACE OF LIGHT, espaço inspirado na obra de Lebbeus Woods.
in (http://www.stevenholl.com/projects/raffles-city-chengdu)

114. Fotografia actual, espaço público central Sliced Porosity Block, autor desconhecido, s/d.
in (http://www.stevenholl.com/projects/raffles-city-chengdu)

115. Corte esquemático da organização funcional, Sliced Porosity Block.
in NEVES, Andreia Sofia Felisberto das, O Edifício Híbrido Residencial.

O entusiasmo é a maior força da alma.
Conserva-o e nunca te faltará poder para conseguires o que desejas.

Napoleão Bonaparte

1. INTRODUÇÃO

O presente Projecto Final de Mestrado Integrado em Arquitectura surge no âmbito da cadeira de Laboratório de Projeto VI, cujo tema de trabalho incidiu na premissa de “Construir no (e com o) Construído”, na cidade de Lisboa. Este conceito, que conduz a uma reflexão sobre como intervir e projectar sobre a cidade actual, funcionou como base impulsionadora para todas as investigações e considerações acerca do território a intervir, compreendido entre o Vale de Alcântara e o Cais do Sodré, na frente ribeirinha.

A análise da área em estudo possibilitou, posteriormente, a seleção do conjunto de intervenção - o edifício de escritórios pertencente ao Ministério da Educação (anos 70). Este conjunto Modernista, situado na Avenida 24 de Julho, no cruzamento com a Avenida Infante Santo, apresenta-se como um dos maiores edifícios da Avenida 24 de Julho, marcando a área pela sua presença e pela barreira urbana que acaba por desempenhar entre a cidade consolidada e o rio. Esta área da frente ribeirinha mostra actualmente diversas descontinuidades urbanas, deduzidas de falhas no planeamento urbano da cidade, ao longo da sua formação. Barreiras como a linha férrea ou a ampla 24 de Julho, edifícios abandonados, espaço públicos degradados e construções de épocas distintas que não ocupam harmoniosamente o mesmo espaço contribuem para a perda de identidade na zona e o afastamento entre o rio e a cidade. Apesar de todos os aspectos negativos encontrados, a área de intervenção foi também escolhida pelas suas capacidades e potencialidades para se tornar num local de interesse público, não só a partir de uma intervenção urbana – dadas as suas qualidades paisagísticas, devido à proximidade do rio – como também pela reciclagem

do conjunto Moderno para um novo edifício multifuncional que revitalizará o bairro com novos equipamentos e espaços públicos de qualidade.

O presente documento consiste, assim, num trabalho de investigação que explora o tema da intervenção na cidade consolidada, partindo dos conceitos de Reabilitação e Reciclagem para intervir sobre o conjunto Moderno supramencionado. As suas premissas contemplam a inter-relação entre a época contemporânea e a herança moderna, a reciclagem e eficiência energética como posição sustentável face à arquitectura contemporânea, a responsabilidade da arquitectura para a sociedade e o papel do próprio arquitecto no bem estar social futuro. Procura-se, desta forma, olhar para a presença do edifício híbrido na cidade actual como uma forma de reabilitação e de solução dos problemas da sociedade vigente. Pretende-se, no final da proposta, responder à questão: será possível Reabilitar um território a partir da Reciclagem do Moderno reconvertido num Híbrido?

Neste contexto, o documento estrutura-se em cinco capítulos principais, correspondendo o primeiro à presente introdução. O conhecimento e investigação acerca do Movimento Moderno são essenciais para o entendimento das circunstâncias originais do edifício, ainda que este não seja reconhecido como obra exemplar do Movimento. Deste modo, o segundo capítulo aborda a história do Movimento Moderno Internacional e Nacional e o património moderno herdado, destacando a cidade de Lisboa no contexto Português. Importa referir que o tema do Movimento Moderno e o seu percurso durante o séc. XX constitui uma das maiores polémicas e pontos de debate na história da arquitectura.

Como fundamentação histórica e teórica recorreu-se ao suporte de distintos autores que aprofundaram o tema da arquitectura moderna, entre os quais se destacou Bruno Zevi - *História da Arquitectura Moderna* (1970) e Leonardo Benévolo - *História da Arquitectura Moderna* (1989). Como críticos e pensadores da arquitectura moderna evidenciou-se Paolo Porthoguesi - *Depois da arquitectura Moderna* (1985), Josep M. Montaner - *Depois do movimento moderno* (2001) e Kenneth Frampton com *Historia Crítica de la arquitectura moderna* (1981). No caso português, para contextualização artística referenciou-se a obra de José Augusto França - *A Arte em Portugal no século XX (1911-1961),* de 1974, e o auxílio teórico - crítico incidiu sobre as obras de Nuno Portas - *O efémero Modernismo em Portugal* (presente na obra de Bruno Zevi- História da Arquitectura Moderna), Michel Toussaint - *Guia de Arquitectura Lisboa (1994), José Manuel Fernandes- Arquitectura modernista em Portugal (1890- 1940) e Ana Tostões - Os Verdes Anos na arquitectura portuguesa dos anos 50.*

Ainda integrado no tema do edifício Moderno, o terceiro capítulo trata o modo de intervenção na herança do Moderno. Tendo em conta, mais uma vez, os conceitos basilares de Reabilitação e Reciclagem, neste capítulo reflete-se sobre uma metodologia de intervenção que tenda a preservar os valores funcionais e formais do edifício, assegurando a sua integridade, bem como a conferir-lhe a capacidade de se adaptar às necessidades da sociedade actual, assumindo uma posição sustentável. Considerando os autores contemporâneos e Instituições que suportaram esta investigação, neste capítulo distingue-se José Aguiar, com vários documentos direccionados à reabilitação, a DOCOMOMO (Documentação e Conservação dos edifícios, sítios e bairros do Movimento Moderno), a ICOMOS (International Council of Monuments and Sites) e Carl

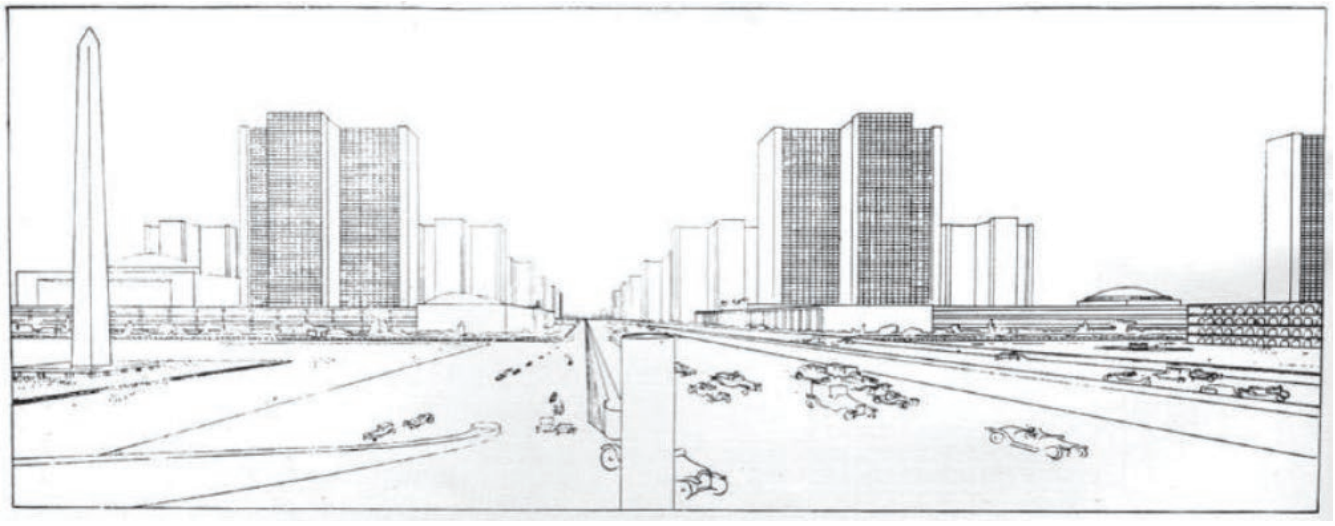
Stein- *Greening Modernism: Preservation, Sustainability, and the Modern Movement*.

Na quarta parte desta investigação, fez-se uma contextualização da área de intervenção, partindo da análise do contexto geral, a cidade de Lisboa e a sua frente ribeirinha, para a área urbana da intervenção, o cruzamento das Avenidas 24 de Julho e Infante Santo, focando consequentemente o objecto de estudo. Neste capítulo é feita uma análise SWOT (Forças, Fraquezas, Oportunidades e Ameaças) da área de intervenção, são apontados os planos previstos, por parte da Câmara de Lisboa, para esta área da frente ribeirinha e é apresentado o edifício Moderno a intervir. Desta forma, pretende-se reunir, neste capítulo o máximo de informação disponível para a planificação do projecto prático.

Coincidindo com a última fase da investigação teórica, o capítulo cinco, debruça-se sobre o tema do edifício híbrido e as suas potencialidades para a revitalização desta área da cidade, combinando múltiplas utilizações e diferenciando-se como um elemento qualificador do espaço público e do próprio bairro onde está inserido. Destacam-se, na temática dos edifícios híbridos, os arquitectos Steven Holl e Rem Koolhaas, entre outros autores contemporâneos. Nesta intervenção, pretende-se partir da Reciclagem do edifício Moderno para convertê-lo, finalmente, num edifício híbrido que atenderá às problemáticas encontradas. Com base nesta realização, são analisados, no capitulo cinco, dois casos de estudo elucidativos da utilização do edifício híbrido na cidade contemporânea. Um dos casos consiste numa reabilitação através do híbrido, tal como se propõe no projecto prático, enquanto o segundo compreende um edifício híbrido exemplar, construído de raiz. Finaliza-se este capítulo com uma breve descrição do projecto prático, salientando o

programa, o espaço, a forma, o tempo e a matéria do projecto.

Actualmente, intervir na cidade é considerado um processo complexo, capaz de relacionar os mais variados elementos urbanos, tendo como base o profundo conhecimento das exigências contemporâneas, a nível social, económico, político e urbano. Acredita-se que a coesão deste sistema urbano é encontrada através da diversidade funcional e de pequenas intervenções correctamente planeadas no território existente.



1. Perspectiva desde uma das vias rápidas da Ville Radieuse de Le Corbusier (1930).

2. O MOVIMENTO MODERNO

(...)Valoriza-se a racionalidade com base na ciência e na técnica, mas também reconhecem-se as novas condições culturais dos modos de vida e novos entendimentos do mundo e do ser humano (...).

Michel Toussaint

2.1 O Movimento Moderno na Arquitectura

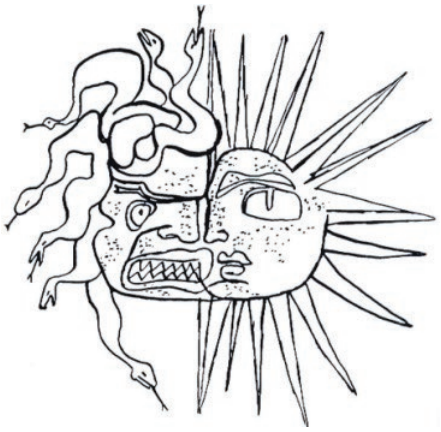
Tal como sucedeu em movimentos artísticos anteriores, o Movimento Moderno na Arquitectura resultou da natural evolução histórica e de uma mudança de paradigmas que permitiu a transição para uma nova fase. A transição para o Movimento Moderno ocorreu através da maturação da vanguarda que o caracterizou, denominada Modernismo. Segundo José Aguiar*, o Modernismo antecedeu o Movimento Moderno, caracterizando-se, apenas, por uma aproximação formal e estilística e não pela completa assunção da tridimensionalidade Moderna em todas as suas dimensões, desde a organização do espaço, às novas soluções construtivas e pendor social*.

Torna-se difícil definir com precisão o início desta transformação histórica denominada Movimento Moderno, uma vez que a mesma se foi afirmando e consolidando em diferentes lugares e através de uma série de personalidades, pensamentos e acontecimentos.

Recuando à segunda metade do séc. XVIII, ou seja, ao período pós-Revolução Industrial, verifica-se que, nos países mais industrializados da Europa e da América, se registava um acelerado aumento generalizado das populações que, por outro lado, migravam massivamente para as cidades mais desenvolvidas em busca de melhores condições de vida. O século seguinte caracterizou-se, consequentemente, pelo repentino crescimento das cidades e das suas periferias. Este crescimento, embora amparado pela evolução da indústria e da tecnologia, era no entanto lesado pela relação tempo/necessidade de construção, gerando-se nas cidades um grave desordenamento urbano.

Perante tal cenário, foi depois da Primeira Guerra Mundial (1918) que se começou a tornar evidente a necessária preocupação com o futuro da sociedade e, principalmente, das suas cidades. Nesta altura, despontavam na Europa as primeiras discussões do Modernismo que acabariam por dar origem ao Movimento Moderno na Arquitectura, que se debruçou, fundamentalmente, sobre o tema da habitação. Os novos ideais arquitectónicos exigiam uma revisão do modo de habitar, para que as necessidades da família da sociedade industrial pudessem ser atendidas.

O Movimento Moderno nasceu como consequência da manifesta mudança na visão do mundo e dos seus paradigmas sociais. De facto, vivia-se um tempo em que não interessava realizar esforços e manobras de intelectualização para manter as raízes históricas, desejando-se antes um estado de renovação que procurava dar respostas a novas descobertas, novos materiais e novas técnicas que formavam a ideia de um *Homem Novo.* Este Movimento criticava a sociedade vigente, considerada imoral, corrupta e centrada nas aparências, e colocava, pela primeira vez, a questão do papel social na arquitectura. Para Josep Maria Montaner *o que se procurava desde meados do século XIX era uma nova arquitectura para uma nova sociedade que seria obtida, em plenitude, no Movimento Moderno.* [2]



2. Desenho de Le Corbusier: dois destinos para a arquitectura e a sociedade moderna

A construção especializada do engenheiro, depois da fundação da École de Ponts et Chaussées (1750), elevou a construção para um novo tempo histórico. Algumas obras de engenheiros que utilizavam o ferro como novo material de construção acabaram por influenciar os arquitectos modernistas. Reconheceu-se, desta forma, uma preocupação em integrar a técnica na arte e, por

2 MONTANER, Josep Maria; *Depois do Movimento Moderno: Arquitetura da segunda metade do século XX*.

conseguinte, a necessidade de tornar o arquitecto não só um artista, como também um técnico.

> *El movimiento moderno en arquitectura es la historia de dos conceptos contradictorios del papel del arquitecto: por un lado, se considera al arquitecto como un ingeniero y, por otro, un artista.* [3]

O Moderno rompeu com os valores da arquitectura oitocentista, assentes estritamente na estética, argumentando estarem ultrapassados. Os ornamentos já não eram bem-vindos, respeitando-se a máxima de Mies Van der Rohe *menos é mais.* Por outro lado, a forma e distribuição dos espaços passou a ser organizada pelas suas funções, respeitando o princípio funcionalista de Louis Sullivan *a forma segue a função*.

O despertar deste Movimento esteve intimamente associado à fundação da escola Bauhaus, em Weimer (1919). Esta instituição, regida pelos ideais dos arquitectos Walter Gropius e Le Corbusier[4], pretendia transmitir uma percepção correcta e sintetizada do que consistia a vertente prática da nova fase da Arquitectura Moderna.



3. Selo da Bauhaus de Weimar (1919)

No entanto, este Movimento não se definiu por uma única ideologia. Existiram diferentes escolas e arquitectos influentes, além da Bauhaus (na Alemanha), que o tornaram internacional, como foi o caso de Le Courbusier, em França, e Frank Lloyd Wight, nos EUA. Ainda assim, todos eles tinham em comum a defesa do princípio base da renovação da Arquitectura a partir da ruptura

3 *GRAHAM, Dan; El arte con relación a la arquitectura. La arquitectura con relación al arte.*

4 Tanto Walter Gropius como Le Corbusier, desempenharam importantes papéis na difusão da expressão moderna e na ruptura com a anterior cultura arquitectónica, nos anos 20-30.

com a Arquitectura anterior.

Em 1923, o arquitecto Le Corbusier assumiu a sua admiração pela engenharia e enfatizou esta ideia defendendo que *a casa é uma máquina de habitar*[5]. Pretendia, assim, evidenciar a nova Arquitectura, com a integração indispensável dos sistemas de construção desenvolvidos na engenharia.

Em *Vers une Architecture* (1923), o mentor do Movimento Moderno Le Corbusier, publica os cinco pontos que definem a nova Arquitectura:

Construção sobre Pilotis: Pilares que criavam um espaço aberto debaixo do edifício;

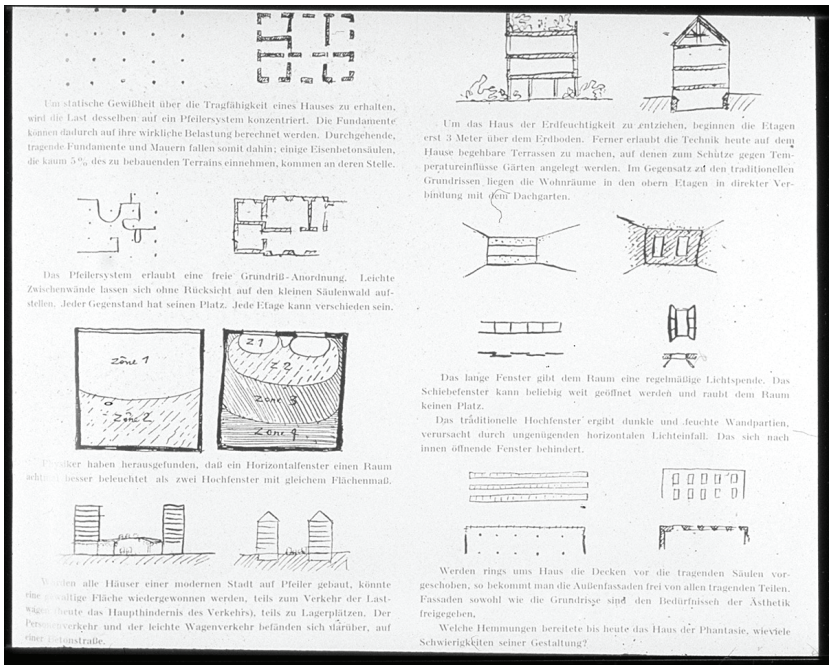
Planta Livre: Através de uma estrutura independente, permitiu a liberalização das paredes internas e externas da estrutura, uma vez que estas já não precisavam de exercer a função estrutural;

Fachada Livre: Resultou, igualmente, da independência da estrutura. Assim, a fachada pôde ser projetada sem impedimentos, consequência da estrutura em esqueleto;

Vãos horizontais: Vãos possibilitados pela fachada livre dispostos em banda, permitiram uma relação desimpedida com a paisagem.

Cobertura ajardinada: "Recuperava" o solo ocupado pelo edifício, "transferindo-o" para a cobertura na forma de um jardim e abrindo, assim, uma nova dimensão nos edifícios;

5 *LE CORBUSIER;* Vers une Architecture*. Paris : Flammarion, 1995.*



4. Le Corbusier, Page Illustrating The Five Points of a New Architecture, 1927

A evolução e o aperfeiçoamento dos sistemas estruturais, aos quais se associaram a experimentação e a exploração das técnicas e características construtivas do ferro e do betão armado, aliados aos cinco princípios ideológicos de Le Courbusier, foram os principais elementos na transformação da construção do séc. XX. Com a introdução da "máquina" no espaço de trabalho, o dimensionamento, a circulação, a ventilação, a iluminação e a segurança dos operários tiveram de ser repensados, o que proporcionou a experimentação de novos espaços arquitectónicos que usufruíam dos novos sistemas e materiais de construção.

Foi após a Segunda Guerra Mundial que o Movimento Moderno ganhou identidade em termos urbanos como solução para a reconstrução das cidades afectadas pela guerra. O Urbanismo Moderno considerava as cidades antigas débeis na salubridade, higiene, acessos e distribuição, não correspondendo aos requisitos da nova sociedade. Foi necessário ajustar a cidade à quantidade de pessoas a que se destinava e actuar de forma pragmática e

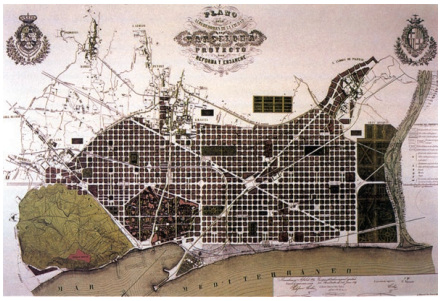
global, fazendo prevalecer o desenho urbano em função dos estilos arquitectónicos.

Ainda que de formas diferentes, na história das intervenções na cidade podemos destacar, como protagonistas essenciais, Barão Haussmann (1809-1891), Cerdá (1815-1876) e Le Corbusier (1887-1965). A Intervenção de Barão Haussmann na cidade de Paris, no final do séc XIX, é uma das transformações mais importantes da história da cidade. Distinguiu-se nas inovações que introduziu a nível de estruturação e na ruptura completa com o tecido urbano pré-existente. Esta intervenção gerou um salto conceptual na maneira de pensar a cidade. A cidade de Paris tinha de ser reconstruída por razões de segurança, já que era necessário garantir a rapidez e eficiência nas intervenções policiais e, por razões de higiene, como meio de evitar os focos epidémicos perante as ruas insalubres. O novo plano conformou que a rede viária e as infraestruturas assumissem uma relevância hierárquica até então nunca planeada, sobrepondo um novo traçado à cidade antiga e possibilitando a ligação da cidade com a modernidade.



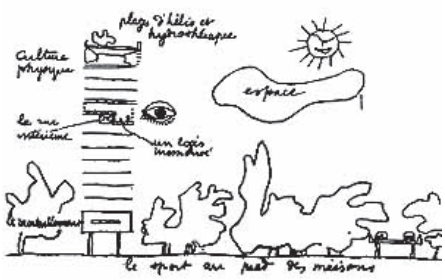
5. Intervenção de Barão Haussmann na cidade de Paris, no final do séc XIX

No caso da intervenção de Cerdà na cidade de Barcelona, iniciada em 1859, é evidente o contraste entre as malhas urbanas e são facilmente distinguíveis as épocas de construção da cidade. O objectivo desta operação foi aumentar a área total da cidade, expandindo-a para além dos limites da antiga muralha, tendo como base uma estrutura interdependente em quadrícula. O espaço urbano correspondia essencialmente aos eixos de transportes e, portanto, a vida pública da população acontecia no interior dos quarteirões.



6. Intervenção de Cerdà na cidade de Barcelona, 1859

Apesar da importância, destas duas inovadoras intervenções, não foram criados novos elementos de desenho urbano, já que ambas mantiveram a composição da cidade tradicional. A grande revolução ao nível dos traçados urbanos só acontece com a cidade Moderna, cujos princípios se encontram expressos na Carta de Atenas, elaborada no CIAM em 1933[6] e redigida por Le Courbusier que, conforme referido, definiu o conceito de Urbanismo Moderno.



7. Carta de Atenas, Le Corbusier, 1933

A proposta apresentada por Le Corbusier para Paris, projetada entre 1922 e 1925 e conhecida como Plan Voisin, tinha como objetivo (re)construir uma cidade que representasse a cidade Moderna e respondesse aos anseios do homem Moderno. Le Corbusier, ao constatar a degradação do centro de Paris depois da Primeira Guerra Mundial, não conseguiu conceber outra forma de sanear os tecidos degradados senão adoptando medidas

6 *Le Corbusier;* Princípios de Urbanismo: la Carta de Atenas. *3ª Edição. Barcelona: Ariel, 1975.*

De 1928 a 1956 os dez CIAM realizados, Congressos Internacionais da Arquitetura Moderna, foram um dos principais meios de discussão e divulgação da cidade Moderna. Baseavam-se numa concepção racional e científica para a arquitectura.

extremas que prometiam soluções inovadoras. No plano Voisin, os usos do solo eram estratificados ou segregados, correspondendo, literalmente, aos princípios da carta de Atenas: a perfeita cidade Moderna.

Para o urbanismo Moderno, a célula habitacional era o elemento base da formação da cidade. A partir destas células nasciam os edifícios e, a partir do seu agrupamento, surgiam os bairros que marcavam o desenho da cidade. Desenvolveu-se, desta forma, um modelo de cidade totalmente diferente do que o antecedia. Tirando proveito dos avanços tecnológicos na área da construção civil, as cidades começaram a ser construídas por



8. Plano Voisin, Le Corbusier, 1925

conjuntos de edifícios altos, rodeados de espaço público e zonas verdes. Dessa maneira, acabavam por facilitar as grandes vias de circulação automóvel e permitiam os valores da cidade Moderna: *ar, sol e verde*. A ideia das ruas e das praças que definiam os quarteirões era abandonada, dando lugar a construções isoladas, e a mobilidade era assegurada por um conjunto de enormes avenidas de circulação automóvel que facilitavam a deslocação dos seus habitantes. O automóvel era a máquina de eleição na

cidade Moderna, permitindo a segregação dos variados usos do solo através do seu zonamento segundo quatro fundamentos: habitar, trabalhar, lazer e circulação. Assim nasceu a cidade funcional, resultando numa cidade homogénea (contrariamente à cidade tradicional) que pretendia adequar-se perfeitamente às ideias utópicas do principio do século XX.

Na lógica da cidade Modernista, a influência mais forte do planeamento urbano foi, sem dúvida, a Cidade-Jardim. Segundo Ebenezer Howard[7], criador deste modelo de cidade em Inglaterra (1899): *A Cidade-Jardim é uma Cidade Industrial projectada para a vida saudável, é uma proposta para resolver simultaneamente o congestionamento das cidades e o isolamento da vida rural, através da combinação das melhores qualidades da cidade e do campo em novas comunidades autónomas, rodeadas por uma cintura verde, sendo o solo propriedade pública ou alugada pela comunidade.*

Howard, previu uma sociedade implantada num plano de zonas concêntricas. No centro localizava-se um grande jardim circular que continha edifícios públicos e locais de culto e ao seu redor estendia-se um vasto parque que continha a zona comercial. No círculo seguinte, repartiam-se as habitações: pequenas casas individuais com jardim. Envolvendo o sector residencial, era criada uma grande avenida concêntrica de casas medianas, fábricas, armazéns e mercados que se localizavam na periferia e estavam ligados entre si tangencialmente por uma rede ferroviária electrificada. Por fim, toda a cidade era circundada por uma cintura verde onde se agrupavam os produtores rurais, encarregados de alimentar uma comunidade autossuficiente.

7 HOWARD, E.; *Cidades-Jardins de amanhã*, São Paulo: Hucitec,1996.

O resultado deste tipo de cidade não foi o esperado e, com o tempo, as falhas deste planeamento tornaram-se gritantes. De facto, as cidades - jardim pareciam ser identificadas mais como subúrbios do que como verdadeiras cidades, tanto do ponto de vista da concepção arquitectónica e do espaço, como da vida social e das actividades culturais e artísticas. A maioria da população urbana preferia viver em bairros congestionados e insalubres a ter de se deslocar todos os dias para um novo meio, ainda que isso implicasse uma grande melhoria na sua qualidade de vida.

O Movimento Moderno enfraqueceu e começou a ser posto em causa na década de 50, com o fim dos CIAM. Como se veio a perceber, a grande escala dos edifícios, dispostos sob uma malha dispersa e racional onde os usos do solo eram separados, tornava as cidades desumanizadas e destituídas de espaço colectivo, espaço histórico e sobretudo de vida urbana. A arquitectura do Movimento Moderno deu lugar, durante a segunda metade do século XX, ao Pós- Modernismo.

> *As "revelações" desta história formaram assim uma espécie de degelo, em que ficaram à vista preocupações, objectivos humanos, sociais e plásticos ou culturais, que não tinham tido lugar no método desenvolvido nos anos 20 e 30 e que o público em geral, defensor ou detractor, e os arquitectos em particular, tenderam a confundir com toda a arquitectura moderna ou, pelo menos, com o que se considerava a sua fase clássica ou de maturidade – fase chamada aqui de racionalismo purista ou "estilo internacional" e que corresponde ao período personificado no triângulo europeu de Gropius, Mies van der*

Rohe, Le Corbusier.[8]

O aparecimento do *Team X*[9], em meados da década de 50, fez com que se encontrasse espaço para uma reflexão sobre todo o percurso da Modernidade. O Novo Brutalismo (estilo aprofundado por vários arquitectos pertencentes ao Team X) expôs uma espécie de reflexão em torno do que consideravam a *verdadeira Arquitectura*. Defendia um regresso aos estudos da história da sociedade e a aplicação de uma perspectiva neo-vitruviana que colocava a estética como um dos três pontos de menos significado no acto de projecto. A aproximação ao papel do ser humano na Arquitectura foi reavida, com a abordagem a outras disciplinas como a Antropologia ou a Sociologia, e o estudo prático de projecto incidia sobretudo no conceito de cidade e do papel da habitação dentro dessa mesma cidade.

> *(…) pelo menos duas tendências de objectivos quase opostos, ambas saídas, embora, de homens do tal racionalismo: a mais positiva abria-se para os grandes problemas urbanos propondo uma integração arquitectura-urbanismo num sistema único, traduzido em novas formas de habitat e reabilitando as possibilidades de contacto com estruturas ambienciais, como a rua, a galeria, a praça, o pátio, verificadas na tradição histórica e popular (refiro-me sobretudo à acção do "grupo X"(…). A outra tendência, essa grave e mais difundida, descobria a chateza de concepção do vulgarizado vocabulário dito "moderno" (…).*[10]

---

8 *PORTAS, Nuno; Prefácio à Edição Portuguesa de História da Arquitectura Moderna in Arquitectura(s) História e Crítica, Ensino e Profissão;* p.61

9 *O Team X, também conhecido como Team 10, distinguiu-se por ser um grupo, sem vínculo formal, de arquitetos reunidos com o objetivo de rever os conceitos dos CIAM. O grupo teve uma profunda influência no desenvolvimento do pensamento arquitectónico, na segunda metade do século XX, principalmente no continente europeu.*

10 *PORTAS, Nuno; Prefácio à Edição Portuguesa de História da Arquitectura Moderna in Arquitectura(s) História e Crítica, Ensino e Profissão*; p.63-64

Fracassados os princípios modernos, iniciou-se um longo processo de devolução da cidade Moderna ao conceito de interligação de funções e de espaço público como elemento fundador. Por conseguinte, recorreu-se à cidade tradicional como exemplo positivo de qualidades sociais e espaciais que tinham sido abandonadas.

Com a obra *The Death and Life of Great American Cities* (1961)[11], a teórica canadiana Jane Jacobs (1916-2006) tornou-se uma referência para um largo número de arquitectos que dedicaram o seu trabalho à complexidade da cidade, criticando a cidade racional. No seu livro, Jane Jacobs fez uma pesquisa sobre as soluções Modernistas, analisando, precisamente, as grandes cidades norte-americanas, tendo demonstrado que, ao contrário do que se pensava no momento, os bairros que tinham sido planeados segundo as regras dos CIAM (Carta de Atenas) não eram mais saudáveis do que os antigos bairros. Pelo contrário, as pessoas sentiam-se mais seguras e felizes nos bairros que tinham crescido fora do planeamento urbano. A autora provou, ainda, que as cidades criadas propiciavam a delinquência e o desconforto, por oposição ao controlo e segurança sentidos pelos moradores da rua tradicional de pequena dimensão. Um dos conceitos-chave que defendeu foi a relação de vizinhança e proximidade humana que se perdera. Jane Jacobs foi uma das primeiras críticas do urbanismo Moderno a propor a cidade tradicional como solução para o futuro.

Em *A cidade não é uma árvore* (1965) Chistopher Alexander, arquitecto e crítico austríaco, demonstrou que uma organização da

11 *JACOBS, Jane; The Death and Life of Great American Cities; New York : Random House, 1961.*

cidade em esquema de árvore (onde os sistemas que representam a cidade não se cruzam, sendo que apenas alguns podem ter uma correspondência de ordem física), tal como acontecia no esquema da cidade Moderna, não era uma boa solução para a vida em sociedade. Para os sistemas que davam vida à cidade Moderna, isto é, para as realidades sociais existentes, não tinha sido criado qualquer receptáculo físico. Desta forma, nesta organização de cidade prevalecia uma hierarquia de grupos sociais fechados e actividades isoladas, contrariamente ao que era esperado para uma sociedade Moderna, onde a alta densidade de extratos sociais se interceptavam. Segundo o autor, *ao pensarmos num esquema em árvore estamos a trocar a humanidade e a riqueza da cidade viva por uma simplicidade conceptual que apenas beneficia os "designers", urbanistas e administradores (...) A cidade é um receptáculo de vida. Se este receptáculo contribuir para a separação das vidas que nele existem, pelo facto de ser uma árvore, será como uma taça cheia de lâminas afiadas prontas a contar tudo o que nela cair. Em tal receptáculo a vida ficará destroçada.*[12]

Dos anos 60 fica fundamentalmente a constatação da impossibilidade de organizar a cidade como um objecto finito, culturalmente significante, onde a arquitectura interviesse a uma escala global[13], marcando o fim da cidade Moderna.

Desde que, em 1951, Josep Lluis Sert, arquitecto catalão, colocou o tema *The Heart of the City* no VIII CIAM (tendo sido presidente do congresso depois de Le Courbusier), a reaproximação aos centros das cidades e ao património tornou-se referência de crítica à

12 ALEXANDER, Christopher; *A City is not a Tree;* in Design, Londres: Council of Industrial Design, nº206,1966.

13 LAMAS, José*; A Morfologia urbana e o desenho da cidade;* p. 385.

cidade Moderna. Importa ainda referir a grande crise energética da década de 70, que marcou o fim do crescimento económico e, por consequência, o fim do descontrolo quantitativo e qualitativo (em muitos casos) na construção.

Depois de um período em que a técnica e a ciência se sobrepuseram às ferramentas tradicionais do arquitecto, Robert Venturi lançou o livro *Complexidade e Contradição em Arquitectura* (1966) e, no mesmo ano, Aldo Rossi apresentou *A arquitectura da Cidade*. Ambos expuseram um novo olhar sobre a Arquitectura, no sentido do regresso à forma e ao desenho, partindo do que já havia sido construído.

Complexidade e Contradição em Arquitectura, de Venturi, foi comparado muitas vezes com *Vers une Architecture*, de Le Corbusier, devido ao seu carácter de abertura para uma nova sensibilidade e por apontar novos valores e experiências ao mundo da Arquitectura, tal como Le Corbusier. *Enquanto o mestre suíço tinha identificado estes valores nos frutos espontâneos da tecnologia, os hangares, os transatlânticos, os silos dos portos, Venturi identifica-os com aquilo que, no interior da cidade americana, produziu a vida moderna, a cultura de massa: aquele conjunto de mensagens e de sinais que modificaram o ambiente urbano e respondem a certas necessidades primárias de uma civilização baseada na informação e na comunicação.*[14]*(...) propõe um objectivo diverso, menos ambicioso e mais realista: o de retocar ligeiramente os elementos convencionais da paisagem urbana, modificando profundamente o contexto e, com o mínimo de esforço, obter o máximo dos resultados.*[15]

Aldo Rossi tornou-se um dos arquitectos mais influentes da

14 PORTUGHESI, PAOLO; *Depois da Arquitectura Modera*; p. 91.
15 PORTUGHESI, PAOLO; *Depois da Arquitectura Modera*; p. 94.

Europa da época tendo introduzido, no seu livro *A Arquitectura da Cidade,* o conceito de *lugar*, que nunca antes tinha sido explorado*. Este lugar que está na base de uma arquitectura simbólica que tenta representar o sentimento específico do espaço e tempo onde se insere e contenha em si a memória colectiva.* [16]

Rossi estudou a evolução das cidades e a forma como estas se transformam ao longo do tempo, procurando a conexão entre os paradigmas sociais e a Arquitectura, tendo em consideração a dimensão social, política e cultural. O autor defendeu, ainda, uma compreensão da memória do pré-existente como fio condutor da estrutura urbana, enquanto estímulo para transformações e novas criações urbanas.

Em 1977, influenciados pelo livro de Jane Jacobs, Robert Venturi, Steven Izenour e Denise Scott Brown reforçaram novamente a crítica à cidade moderna, no estudo *Learning From Las Vegas*: *A alusão e o comentário, ao passado, ao presente, aos nossos grandes lugares comuns ou os nossos velhos clichés, e a inclusão do quotidiano no entorno, sagrado e profano, é justamente o que falta à arquitectura moderna de hoje*.[17] Mais uma vez, era pretendido pelos autores relembrar o valor simbólico da arquitectura que se havia perdido.

Também em 1977, o crítico de arquitectura Peter Blake[18], ex-director de *Arquitectural Fórum* e de *Arquitectural Plus* e autor, em 1960, de um livro dedicado à Arquitectura Moderna *(Le Corbusier, Mies e Frank Lloyd Wrigth),* publicou, longe do que era previsto, *Form follows Fiasco*, *A Forma segue o Fiasco*. Esta irónica

16 ARANTES, Otília; *O lugar da Arquitectura depois dos Modernos*; p. 124.
17 VENTURI, Robert; IZENOUR, Steven; BROWN, Denise Scott; *Aprendiendo de Las Vegas*; p.97. (Traduzido pela autora).
18 PORTUGHESI, PAOLO; *Depois da Arquitectura Modera;* p. 35-39.

reedição do célebre princípio *a forma segue a função* de Sullivan, considerado universalmente como o primeiro mandamento do catequismo moderno, abordava o tema da obsolescência das ideias arquitectónicas correntes.

Neste livro, Blake, considerou a *Unité d'habitation, de Le Courbusier*, ícone do modelo de habitação do modernismo*, como uma formidável escultura de cimento. Porém,* afirmou também que no *conjunto de unidades habitacionais, correspondentes às necessidades da vida no século XX, em planta, perspectiva e secção e na sua organização espacial, a unidade era uma farsa*. *(...) os apartamentos da unidade de Marselha, arruínam qualquer hipótese de vida familiar, visto não existir privacidade nos espaços.* [19]

O autor censurou também os arranha-céus, a grande obra tecnológica do Moderno, pelos efeitos que causavam na vida urbana. *As alienantes viagens de elevador, os rios de gente em filas nas horas de ponta e o deserto de noite, as escadas sem luz e as praças batidas pelo vento que escorrega ao longo das paredes verticais (e sopra de baixo, causando embaraços às senhoras) e depois a folha das paredes de vidro que produzem um exagerado reflexo de luz, que são úteis apenas aos construtores de venezianas, necessárias para o impedir e dos precisos cristais atérmicos que tentam inutilmente reduzir a permeabilidade térmica destas torres.*[20]

Por fim, Peter Blake distinguiu a cidade Isfahan, cidade do Irão inscrita em 1979 na lista do Património da Humanidade pela UNESCO, como exemplo descrevendo-a como *a mais maravilhosa de todas as cidades, nunca ouviu falar de zoning; os seus habitantes trabalham onde vivem, fazem as suas compras onde trabalham, rezam onde*

19 Ibiem.
20 Ibiem.

brincam e entretêm-se onde trabalham. O zoning monofuncional – uma noção avançada muito seriamente pelos pioneiros do Movimento Moderno – significa, muito simplesmente, o fim da civilização urbana.[21]

Partindo-se do construído criavam-se, no final do século XX, novas relações e oportunidades para uma nova abordagem ao presente e futuro da cidade. Para o arquitecto Rob Krier, por exemplo, intervir na cidade só poderia acontecer aprendendo com o que vem de trás e, por esse motivo, os modelos do passado que provaram resultar seriam a melhor opção. O seu livro *Urban Spaces,* de 1979, incidiu sobre o estudo da morfologia urbana da cidade tradicional europeia, criticando a cidade Moderna: (...) *esperava-se dos edifícios que participassem num diálogo com a substância do passado e não que ficassem desconexos dos elementos estruturais básicos das cidades como acontece hoje, contendo a sua existência particular em permanente isolamento*[22].

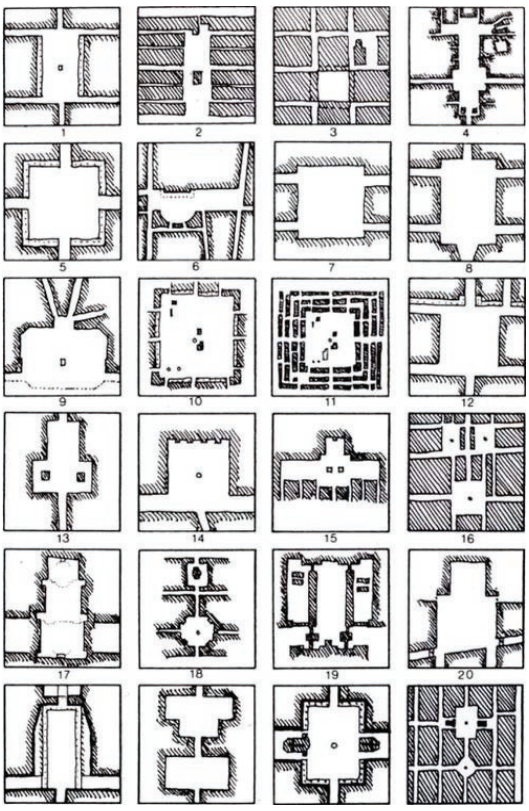
Em *Depois da Arquitectura Moderna* (em 1985), Paolo Portoghesi, arquitecto italiano, define a Arquitectura Pós-Moderna como *a que surgiu e se desenvolveu no último decénio, como reacção ao conformismo do estilo internacional e ao falhanço dos ideais e ilusões do movimento moderno na Arquitectura.*

Conclui-se que os arquitectos do Movimento Moderno quiseram ser os percussores uma utopia que estava condenada ao insucesso, por transportarem directamente para a realidade uma imagem irreal. Contudo, como Colin Rowe defende em *Ciudad Collage* (1981), as cidades reais são o produto de várias utopias e formas de pensar que coabitam e colidem no mesmo espaço, sendo

21 PORTUGHESI, Paolo*; Depois da Arquitectura Moderna*; cit. Peter Blake, *p. 42.*
22 KRIER, Rob; *Urban Space*. p. 169.

esse choque fundamental para a vitalidade e para a evolução das cidades. A verdade que se impôs foi que nenhum arquitecto deve pensar que, sozinho, tem a capacidade de criar uma cidade. Todas as intervenções são consequência de pequenos ajustes que estão em permanente diálogo com o mundo que as envolve, sem esquecer que a cidade tem vida própria e é imprevisível.

> *Se a arquitectura deve ter êxito na sua tentativa de participar criativamente no presente, é necessário que supere a iconoclastia do Movimento Moderno dos últimos 50 anos ou o formalismo limitado de tantas obras recentes e que se reconquiste uma base cultural e uma leitura do passado, da forma mais completa que nos for possível.*[23]



9. Exemplos, em planta, de diferentes formas de praças.

23 PORTUGHESI, Paolo; Depois da Arquitectura Modera; Princípios de Stern, p. 101.

2.2 Portugal, o Moderno e o caso de Lisboa

Com a internacionalização da linguagem moderna, foi possível à Arquitectura moderna evoluir, mantendo os seus ideais originais e ganhar a capacidade de adaptação, sofrendo diferentes aplicações e formas face ao confronto com as variadas culturas nos países onde se assumia. No caso de Portugal, antes de ser completamente aceite o estilo Internacional (Movimento Moderno), assistia-se à vanguarda deste movimento, o Modernismo Português.

O Modernismo em Portugal, inicio do séc. XX, coabitou com o regime político ditatorial – o Estado Novo – que, neste período, incentivava a um estilo arquitectónico nacional representante das ideias do estado o Nacionalismo.

Em termos ontológicos, estes dois estilos são comparados numa dialéctica metafísica entre o Homem, o Espaço e o Tempo:

> *(...) Por outra palavras: MODERNISMO é o estado de consciência proveniente do conhecimento exacto da hora em que uma pessoa viu a luz do dia. [dialéctica entre o Homem e o Tempo]. NACIONALISMO é o estado de consciência proveniente do conhecimento exacto do lugar onde uma pessoa veio a este mundo. [dialéctica entre O Homem e o Espaço].*[24]

A integração das ideias modernas internacionais foram, por consequência, recebidas tardiamente, passando quase despercebidas nos primeiros 40 anos do séc XX. Durante este

24 SCHREIBER, Émile, artigo publicado no periódico *I'illustration,* in RAMOS, Carlos, *ARQUITECTURA, Um palácio da Academia Nacional das Belas Artes – MEMÓRIA ELUCIDATIVA E JUSTIFICATIVA – Prova de Concurso para o lugar de professor da 4° cadeira da Escola de Belas Antes de Lisboa – 24 de Agosto de 1933 – Algumas palavras e o seu verdadeiro significado, in* revista *SW – Sudoeste,* n° 3, Lisboa, Novembro de 1935, p.37.

período, as primeiras obras modernistas portuguesas surgiram superficialmente na arquitectura, não afectando a morfologia da cidade que continuava a ser construída na base do quarteirão fechado e da rua contínua.

De 25 a 36: dez anos, vinte ou trinta obras, das quais duas ou três obras- primas da história da arquitectura portuguesa tout-court e, no nosso entender, único momento em que se repercute neste país, e quase sem atraso, um movimento de vanguarda internacional, entendido em algumas das suas motivações profundas e não apenas epidérmicas ou de moda.[25]



10. Foto anos 40 do séc.XX, Elevador Santa Justa, autor desconhecido.

A arquitectura portuguesa dos anos trinta - o Modernismo português - baseava-se numa identidade cultural e era guiada pela representação e função simbólica, enquanto que o Movimento Moderno, como se explicou no subcapítulo anterior, baseava-se numa identidade civilizacional, guiado pelo uso e função utilitária.

De acordo com Ana Tostões, *Construção moderna: as grandes mudanças do século XX*, na engenharia, a área da construção já não se fazia atrasar da mesma forma como na arquitectura. A aplicação do ferro, novo material de construção, dominava sobretudo os programas de carácter utilitário e equipamentos colectivos. Construíram-se espaços e estruturas inovadoras que chamavam a atenção dos arquitectos da época. São exemplos destas obras, a ponte de Xabregas (1854) e no Porto as pontes D. Maria (1877) e D. Luis (1888). O Elevador de Santa Justa, em Lisboa, projectado pelo engenheiro Raoul Mesnier du Ponsard (em 1900) foi, sem dúvida, uma obra que mudou os paradigmas

25 Cf. PORTAS, Nuno, *A evolução da arquitectura moderna em Portugal, in* ZEVI, Bruno, *História da Arquitectura Moderna,* 2° vol., Lisboa, ed. Arcádia, 1970, p.707-708.

do novo século. Utilizando o ferro como material de construção, esta obra inovadora fez estabelecer uma comunicação vertical entre a Baixa e o Carmo.

Em Portugal, a primeira obra de arquitecto inspirada nos sistemas constructivos desenvolvidos pela engenharia e que revelou a utilização do ferro como material de construção, foi a construção do Palácio de Cristal no Porto, da autoria do arquitecto inglês Thomas Jones, construído para a Exposição Universal de 1865. Em Lisboa, só em 1890 é utilizado pela primeira vez numa obra arquitectónicao ferro no esqueleto de um edifício e na sala Portugal do Coliseu, projecto do Arq. Mestre José Luís Monteiro. O betão aparece, mais uma vez, pelas mãos da engenharia na construção da fábrica de moagem de trigo do Caramujo (Almada, 1898), porém, após um período de resistência às inovações tecnológicas, os arquitectos descobrem o betão armado em meados dos anos 20.



11. Postal antigo da cidade do porto, Palácio de Cristal, s/d.

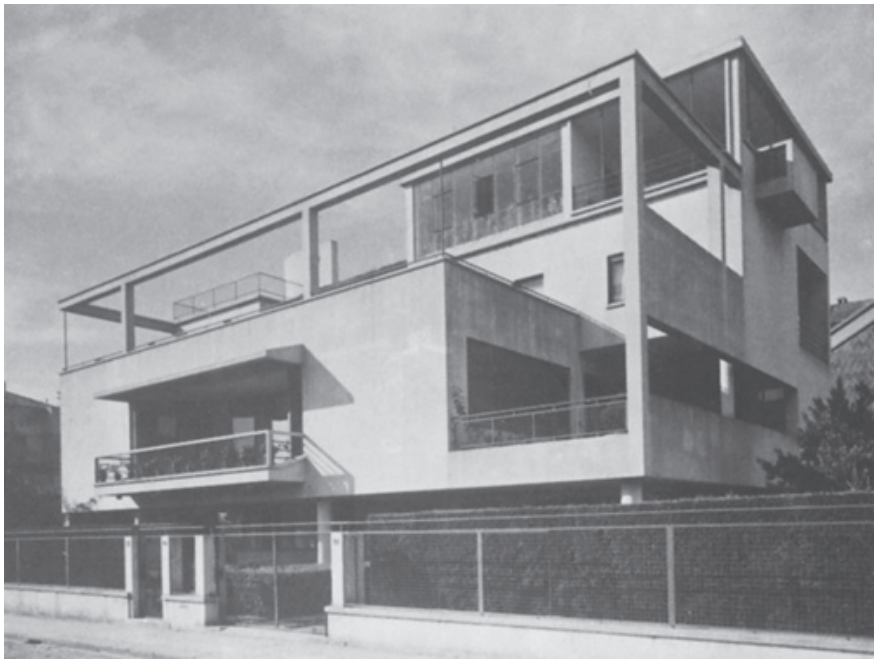


12. Foto antiga Cinema Capitólio, autor desconhecido,s/d.

O Cinema Capitólio em Lisboa (1929), da autoria do arquitecto Cristino da Silva, marca essa mudança que ocorria na arquitectura portuguesa. A utilização do betão-armado na construção de um equipamento para um programa inédito de teatro, cinema e cervejaria, apresentou na sua estética um purismo racionalista que se referenciava nos modelos internacionais do movimento moderno.

Apesar do atraso que levava Portugal e da influência do regime, as políticas modernistas também chegaram a Lisboa. O primeiro avanço do Movimento Moderno surgiu nas experiencias de uma geração de arquitectos formados nos anos 20 e 30 com pouco contacto com as vanguardas internacionais, mas que ainda assim criaram obras exemplares. A primeira casa do Movimento

Moderno em Portugal, foi construída pelo arquitecto Viana de Lima em 1939, no Porto, Casa Honório de Lima.



13. Foto antiga Moradia Viana de Lima no Porto, autor desconhecido,1939.

José-Augusto França assinala um comentário da imprensa da época, num artigo do *Diário de Lisboa*, datado de 1934:

> *(...) que achava bem "curioso" que os jovens escolares de Arquitectura de Lisboa, sob a recentíssima docência de Cristino, expusessem projectos em que não «ousavam» mais «empregar os estilos que já fizeram a sua época», o romântico, o joanino, o clássico, o renascença - e antes mostrassem um gosto «artes decorativas» e «racional». Via-se então «que o modernismo sem loucuras arejava os velhos cânones da Escola de Belas-Artes» da capital (...)*[26]

Tendo em conta o urbanismo Moderno, em Lisboa, assim como nas grandes cidades Europeias, vivia-se o fenómeno de sobre-

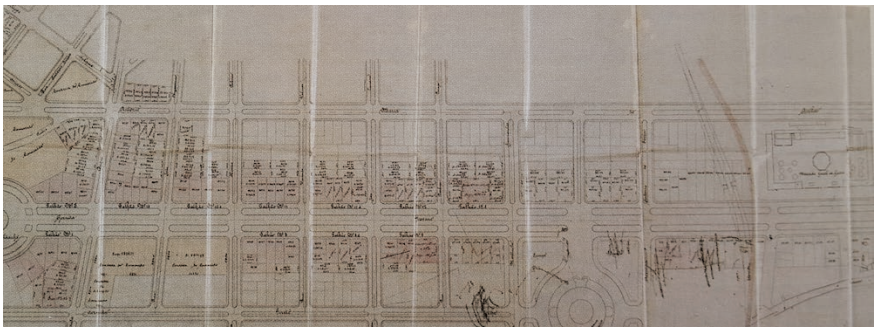
26 FRANÇA, José-Augusto, *A Arte em Portugal no Século XX (1911-1961)*, 3a Ed. Bertrand, Lisboa, 1991, p.228.

população e de necessidade de expansão da cidade para criação de mais zonas de habitação. É em 1938, sob a supervisão de Duarte Pacheco como Presidente da Câmara de Lisboa e Ministro das Obras Públicas, que se iniciou o plano ordenador que marcou profundamente a cidade.

A imagem que, sem dúvida, simbolizou o urbanismo em Lisboa, foram as avenidas novas. Simbolizaram a extensão urbana de Lisboa infraestruturada com as premissas da civilização, acabando por marcar o novo século e principalmente as duas primeiras décadas.



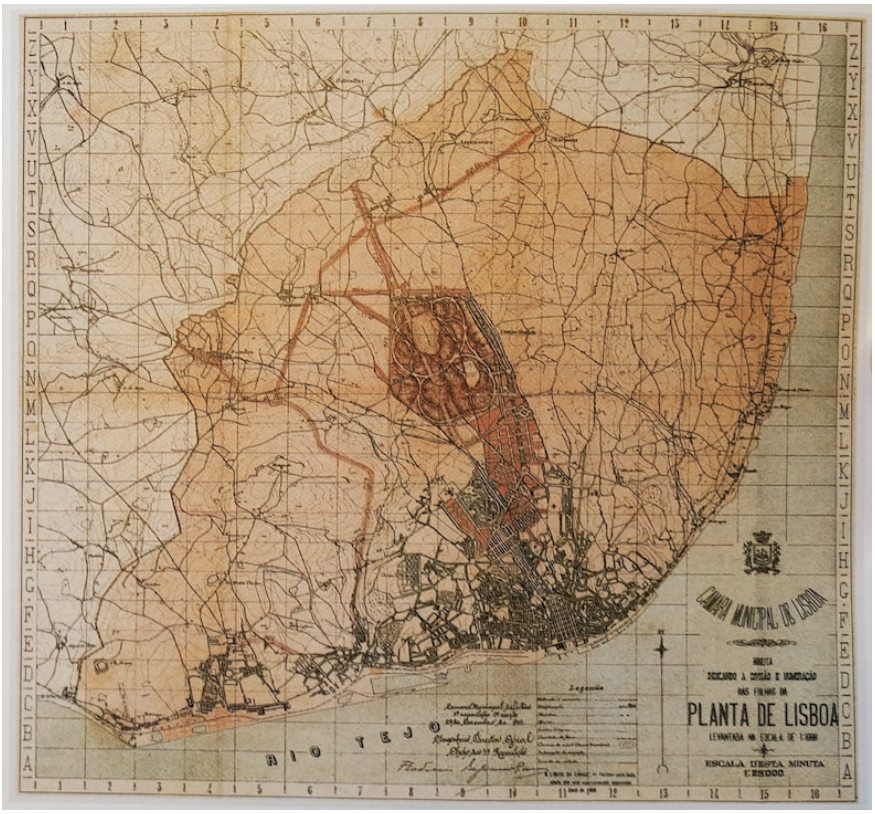
14. Postal antigo da cidade de Lisboa, Avenida da Liberdade no principio do séc. XX, vista de norte.



15. Avenidas Novas, planta dos lotes vendidos e por vender em 1902.

O plano De Groër, nome do urbanista responsável, comportou uma redefinição e estruturação dos limites do concelho, pela criação de estradas radiais e vias estruturantes que estabeleciam ligações com as principais avenidas da cidade. Neste projecto, destacaram-se duas intervenções que caracterizaram o movimento moderno em Lisboa nos anos 40: o Plano do sítio de

Alvalade (1945), desenhado por João Guilherme Faria da Costa e a zona da Praça do Areeiro e envolvente (1948), de Cristino da Silva.



16. Lisboa de Ressano Garcia,1903.



17. Vista aérea do Bairro de Alvalade, autor desconhecido, 1945.

Começando pelo Bairro de Alvalade, num período pós II Guerra Mundial, a carência habitacional levou ao aparecimento do conceito de habitações económicas, pelo qual este bairro foi impulsionador na cidade de Lisboa. Esta obra também se tornou pioneira na medida que utilizou peças standard pré-fabricadas em programas de habitação colectiva. Explorou as possibilidades de uso do betão armado e, dessa forma, os edifícios conseguiram ultrapassar os tradicionais três ou quatro pisos.

Os edifícios da Praça do Areeiro, contrariamente ao Bairro de Alvalade, utilizaram o betão armado na sua estrutura, porém, não assumiram as suas possibilidades plásticas. Negando as ideias modernistas, mantiveram a ornamentação como uma pele nos

edifícios encobrindo o material.



18 Perspectiva do lado Norte da Praça do Areeiro (Cristino da Silva - 1948).

A oeste da cidade, o plano propunha o grande parque de Monsanto, projectado por Keil do Amaral, que protagonizava um enorme pulmão verde na cidade, tal como acontece até aos dias de hoje. Já a localização do aeroporto restruturava a saída da cidade a norte.

De Gröer previu ainda para Lisboa demolições em massa para responder às exigências modernas de salubridade e alargamento de vias. Segundo o arquitecto urbanista, *a Baixa Pombalina devia ser um bairro de negócios de onde toda a habitação deveria ser excluída*[27]. Estas áreas de intervenção seriam a zona nascente do Bairro Alto e a zona do actual Martim Moniz. Foi na Baixa pombalina onde se deu o maior número de demolições. Entre elas, o mercado da Praça da Figueira. Para o local do mercado, Faria da Costa elaborou um plano urbanístico onde as velhas ruas da mouraria davam lugar a um conjunto habitacional, comercial e de serviços.

27 ETTIEN de GROER, Apud: TOSTÕES, Ana; *Precursores do Urbanismo e da Arquitectura Modernos*; p. 209.





19 Foto zona do Martim Moniz antes das demolições, autor desconhecido, 1758.

20. Plano de Remodelação da Baixa – Perspectiva, CML, 1758.

Ainda que nem sempre tenham sido respeitados os ideais modernistas, felizmente muitos edifícios construídos na época foram (e são) de alta qualidade, assim como grandes obras públicas desencadeadas a partir dos anos 40. Esta visão dos arquitectos portugueses, face aos estilos arquitectónicos da época, contribuiu para que os edifícios apresentassem melhores condições de conservação e adaptação ao clima do que se tivessem sido construídos segundo os códigos do movimento moderno.

No final da década de 40 com o pós-guerra, ocorreu o primeiro Congresso Nacional de Arquitectura (1948), dirigido pelo arquitecto Keil do Amaral. Este Congresso, fez retomar o sentido das pesquisas modernistas com maior radicalidade, saindo vitoriosas dentro da arquitectura portuguesa. Keil do Amaral considerava indispensável o estudo profundo da Arquitectura Tradicional Portuguesa como base de argumentação, na qual se apoiaria o discurso do Moderno em Portugal. [28]

Nos anos 50, a utilização do betão armado como novo material de construção generalizou-se de tal maneira que as construções

28 AMARAL, Francisco Keil do; *Uma Iniciativa Necessária*; 1947.

em alvenaria, aço ou madeira foram reduzidas substancialmente. O novo material proporcionou construções cada vez mais ousadas, procurando uma extrema leveza na construção, contacto entre interior/exterior, iluminação indiferenciada como resultado dos grandes vãos longitudinais. Permitiu-se também que, na construção da habitação, fosse operada uma tendencial normalização dos processos construtivos. Enquanto isso o ferro foi utilizado na habitação, na vila e nos bairros operários, para os sistemas de acesso às habitações colectivas.

Durante estes anos de ruptura, surgiram os primeiros conjuntos de edifícios construídos segundo as regras da carta de Atenas. Foram protagonistas desta época, o conjunto de edifícios da Avenida Infante Santo, da Avenida D. Rodrigo da Cunha, da Avenida dos Estados Unidos da América e o Bairro das Estacas.



21. Bairro das Estacas, Formozinho Sanchez e Jervis d'Athouguia, 1949.

Como exemplo, o conjunto habitacional da avenida Infante Santo, da autoria dos arquitectos Alberto José Pessoa, Hernâni

Guimarães Gandra e João Abel Manta em 1956, foi construído numa zona ainda não urbanizada da cidade. Surgiu na consequência da abertura de uma importante via de tráfego, propondo uma clara distinção entre via de tráfego rápido e de acesso local e zonas públicas verdes. Esta obra organizou-se segundo cinco blocos habitacionais isolados e elevados sobre pilotis, colocados perpendicularmente às vias de trânsito sob uma enorme plataforma acessível por escadarias, descoradas com painéis de azulejos, correspondentes a cada bloco.

É notória a preocupação no investimento em espaço público de qualidade que se fazia sentir na época. Contudo, só em 1956, no projecto para a zona habitacional de Olivais- Norte, pelo arquitecto Carlos Duarte, o conceito de cidade moderna foi seguido fielmente. Estes bairros periféricos, criados para colmatar a carência da habitação nas classes mais baixas que surgiram na cidade, eram as únicas oportunidades para os arquitectos modernistas actuarem ao nível urbano em Lisboa.

> *A estrutura tradicional da cidade, constituída fundamentalmente por edifícios formando ruas, praças, largos, é agora substituída pela implantação em zonas verdes de edifícios isolados - blocos, bandas, torres. (...) Também a distribuição das funções urbanas, ao contrário da cidade tradicional que as admitia coexistentes, por vezes fundidas, segue o espírito do Movimento Moderno: as actividades respeitantes ao comércio, cultura e recreio concentram-se no Centro Cívico-Comercial e a escola surge como um edifício completamente segregado dos restantes. Ainda no sistema viário está presente a mesma linha de pensamento: é banida a «rua corredor» tradicional e as vias assumem uma exclusiva função de circulação com separação de veículos*

e peões.[29]

Na arquitectura, construção do edifício da sede e museu Fundação Calouste Gulbenkian, pelos arquitectos Pedro Cid, Alberto José Pessoa e Ruy Jervis d'Athouguia nos final década de 50, veio demonstrar a qualidade constructiva e espacial da monumentalidade do Movimento Moderno. Tornou-se numa das mais exemplares obras do Movimento Moderno em Portugal.



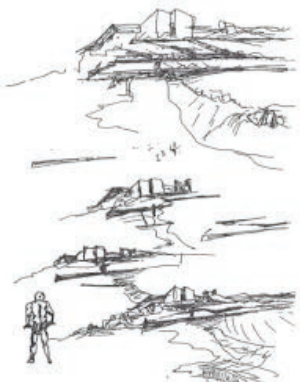
22. Fundação Calouste Gulbenkian, Estúdio Horácio Novais, 1969.

Porém, no final da década de 50, começou-se a pôr em causa o estilo internacional. Sem excluírem as novas tecnologias e os novos materiais, os arquitectos desta segunda geração, passaram a integrar o moderno no processo de contextualização dos locais de intervenção. Articularam os novos materiais, como o betão armado, ao uso de materiais vernaculares e referências locais. São obras exemplares desta nova faceta, a casa de chá em Leça da Palmeira de Siza Vieira, a Igreja de Águas de Teotónio Pereira, a

29 FERREIRA, Fátima; CARVALHO José Silva; PONTE, Teresa Nunes da; *Guia Urbanístico e Arquitectónico de Lisboa*; p. 38.

pousada da Hidroeléctrica do Cávado de Januário Godinho, entre outras.





23. À DIREITA
Casa de Chá da Boa Nova, Álvaro Siza, s/d.
24. Desenho de Álvaro Siza da Casa de Chá da Boa Nova, s/d.

Em Lisboa, paralelamente, construía-se o metropolitano, pelas mãos do arquitecto Keil do Amaral e pela primeira vez foi apresentado o conceito de Arte Pública, pelas mãos de Maria Keil que desenhou os painéis de azulejos que revestiam as estações.



25. Fotografia da Estação de Metro do Rossio, 1963, autor desconhecido.

Os anos 60 marcaram a ruptura na cidade de Lisboa e assistiu-se a uma crescente modernização de carácter industrial. A escala de intervenção na cidade alterou-se, transformando o território

com a construção de grandes edifícios de serviços, consoante as especulações capitalistas.

O arquitecto Nuno Portas desempenhou neste período um papel crucial nas questões relativas à cidade e território. Tal como Christopher Alexander[30], criticava a arquitectura modernista, procurando superar os modelos rígidos de organização que a caracterizavam. Na sua obra *Cidade como Arquitectura* (1969) defendeu que o arquitecto não poderia desenvolver o seu trabalho isolando-se do resto do mundo e das ciências sociais. Defendeu ainda que o arquitecto deveria acompanhar o processo da arquitectura desde a escala da cidade, no planeamento das estratégias urbanas, até ao acompanhamento dos seus moradores.

Nuno Portas considerava o lugar como elemento fundamental para a criação, fonte de identidade e significado. De Aldo Rossi retirou que o sítio é *todo aquele material funcional e formal que singulariza cada situação* [31].

> *Uma cidade não deve crescer apenas em número de edifícios e em área; acumular centenas de milhares de habitantes, limitando-se a construir prédios salubres e de bom aspecto, a alargar a rede viária, a melhorar os transportes colectivos e os abastecimentos. Materialmente, isso é não só possível como corrente. Contudo, socialmente, o crescimento urbano a um ritmo acelerado requer cuidados que foram esquecidos com demasiada frequência e desagradáveis consequências.*[32]

O plano de Chelas(1965) Arq. Francisco Silva Dias, mostrou ter

30 ALEXANDER, Christopher; *A City is not a Tree*; in Design, Londres: Council of Industrial Design, nº206,1966.
31 PORTAS, Nuno; *A cidade como arquitectura*; p. 98.
32 AMARAL, Fracisco Keil do; *Lisboa, uma cidade em Transformação*; p. 16.

aprendido com a experiência dos Olivais. Com a participação, em fracções individuais do plano, dos arquitectos Gonçalo Byrne, Tomás Taveira e Vitor Figueiredo, foram abandonas as ideias da cidade jardim, de separação de funções e, por sua vez, procurou-se construir cidade dando continuidade à cidade antiga. Desta forma, foi recuperada a rua de peões como espaço de convívio e reuniram-se funções distintas no mesmo bairro facilitando o contacto das zonas residenciais com a vida urbana.

Tomás Taveira representou nos anos 70/80, em Portugal, o início do pós-modernismo na arquitectura. Juntamente com os temas retratados do último CIAM *The heart of the city,* a introdução dos mecanismos *pop* na acentuação dos valores da comunicação da imagem da cidade, protagonizaram um conceito totalmente inovador.[33]

Para Taveira, a cidade representava tudo o que nela vivia e, para a cidade estar viva, precisava que tudo estivesse em movimento dentro dela, sendo a rua o elemento com maior capacidade de dinamização.

Neste período, em Portugal, procuravam-se alternativas à arquitectura moderna sem se encontrar apenas um novo estilo que marcasse uma nova época. Os anos 80, por consequência, são caracterizados pela crise de valores que se instaurava, depois da crise arquitectónica que havia sido o movimento moderno.

33 TAVEIRA, Tomás; *O lettering, Arquitectura*; nº116, Julho-Agosto 1970, p.159-163.

A arquitectura pós-moderna em Lisboa caracterizava-se por uma descrença no futuro, no passado e na exaltação do presente. No Porto não pretendiam cortar com a herança moderna mas sim aprender com ela. Assim sendo, a polarização Lisboa - Porto mostrou, como foi dito, duas formas distintas de lidar com a herança moderna. Contudo, apesar de a maior parte dos arquitectos em Lisboa defenderem a ruptura com o moderno, a geração de arquitectos que passaram pelo atelier de Nuno Teotónio Pereira e de Nuno Portas em Lisboa, entre os quais, Gonçalo Byrne, Reis Cabrita, João Paciência e Pedro Viera de Almeida, propuseram-se a olhar a cidade de uma forma mais reflexiva e a restabelecer as ligações da cidade com a história sem quebrar completamente com o moderno.

O grande incêndio dos Armazéns do Chiado, em Agosto de 1988, mudou claramente a postura na intervenção da cidade, em Lisboa. O projecto de Álvaro Siza Vieira, mostrou uma atitude de respeito pelo edifício antigo e de harmonia com o centro histórico à sua volta. Optou por reabilitar e recuperar o que estava em ruínas, através do estudo e levantamento exaustivo do local e dos seus edifícios.



26. Projecto de reconstrução da zona do Chiado (1990), Álvaro Siza Vieira.



27. Projecto de reconstrução da zona do Chiado (1990), Álvaro Siza Vieira.

Álvaro Siza analisou o local e encontrou nele todas as indicações que necessitava para resolver o projecto arquitectónico. O ponto chave do sucesso do projecto, foi a reabilitação através do programa que deu uma nova vida. Para Siza, este conjunto, tornar-se-ia uma plataforma de distribuição e um patamar onde era imprescindível passar e parar.

Foi finalmente nos anos 90 que, em Lisboa, se tomou consciência dos factos que indicaram a mudança e o salto para uma nova fase que ultrapassava as interrogações dos anos 80. Passou a haver resultados visíveis e experiências concretas promovidas, em grande parte, pela integração de Portugal na União Europeia.

Além do Plano de Recuperação do Chiado, de Siza (1990), também o Plano de Urbanização para a Exposição Mundial de 1998, de Manuel Salgado, marcou esta nova fase. No plano de Manuel Salgado, baseado em parcerias publico-privadas, evidenciou-se que os grandes potenciadores da qualidade e continuidade urbana, eram os grandes edifícios públicos e o desenho do espaço público como malha unificadora. As inovadoras construções para a Expo 98, como a Gare do Oriente de Santiago Calatrava, o Pavilhão Atlântico, Oceanário, Pavilhão de Portugal de Siza, entre outras, anunciaram um futuro promissor para a nova época, a Arquitectura Contemporânea.

Actualmente, graças à acção do DOCOMOMO Ibérico, o IPPAR (Instituto Português do Património Arquitectónico) tem-se vindo a reconhecer como bens de relevância cultural, algumas obras da arquitectura moderna em Portugal. Neste grupo de obras modernas encontramos o Conjunto da Barragem do Picote (1953-58), projectado por João Archer de Carvalho, Manuel Nunes de Almeida e Rogério Ramos, em Miranda do Douro; a Fundação

Calouste Gulbenkian (1959-69), desenhada por Alberto Pessoa, Pedro Cid e Ruy Jervis d'Athouguia, em Lisboa; assim como algumas obras ligadas a importantes arquitectos Modernos tal como Álvaro Siza Vieira e Nuno Teotónio Pereira como é o caso do edifício ' Franjinhas' (1969), apesar de ter sido extremamente criticado na época da sua construção. Também o Liceu Padre António Vieira (1949) e o Bairro das Estacas (1949-55) de Ruy Jervis d'Athouguia; o Hotel Ritz (1952-59) de Porfírio Pardal Monteiro; os Edifícios no cruzamento da Av. dos EUA com a Av. de Roma (1952-57) de Filipe Figueiredo e José Segurado; o Conjunto Habitacional da Av. Infante Santo (1952-55) de Alberto Pessoa, Hernâni Gandra e João Abel Manta. Algumas intervenções nos Olivais Norte e Olivais Sul, de diversos autores, já foram analisadas para classificação pelo IPPAR, este processo de reconhecimento é um processo lento e carece da atenção e consciencialização por parte da sociedade e das entidades profissionais ligadas à herança do Movimento Moderno.

Apesar de se verificarem bastantes esforços no que toca à sobrevivência destes edifícios, ainda é bastante comum encontrar-se obras modernas de qualidade em perigo ou até já demolidas. Em Portugal fazem parte destas obras a Fábrica Triunfo (1938-2004), em Coimbra, de Leal Machado; Fábrica Algarve Exportador (1938- em ruínas), em Matosinhos, de António Varela; Casa Honório de Lima primeira casa do Moderno em Portugal (1939-demolida), no Porto, de Viana de Lima; Fábrica Mondorel (1967-2004), em Coimbra, de Luís Dória; a Casa Ofir (1956- degradada por um incendio), em Esposende, de Fernando Távora; as Bombas de gasolina (1963- para demolição), em Guimarães, de Fernando Távora; entre outros.

Urge a tomada de posição a esta herança que o Movimento Moderno nos deixou, com a especial atenção a cada caso, por esse motivo, defende-se que estas obras deveriam ser analisadas e devem sofrer as intervenções adequadas às suas características especificas.



28. Projecto Expo 98.

2.3 O Moderno e o Património

Não tem sentido livrarmo-nos do passado para pensar apenas no futuro. Até o facto de nisto se acreditar é já uma ilusão perigosa. A oposição entre futuro e o passado é absurda. O futuro não nos dá nada. Mas, para dar, é necessário possuir e nós não possuímos outra vida, outro sangue, além dos tesouros herdados do passado e dirigidos, assimilados, recriados por nós. Entre todas as exigências da alma humana, nenhuma é mais vital que a do passado.

Simone Weil, A Primeira Raiz, 1949[34]

Analisando o passado recente dos ideais modernistas, as construções que daí nasceram ficaram marcadas como edifícios que assinalaram uma ruptura e que recusaram o passado. A grande dispersão geográfica do Movimento Moderno permitiu a expansão da modernidade. Contudo, nos dias de hoje, denota-se um elevado risco de destruição, pela falta de reconhecimento da Arquitectura Moderna como património arquitectónico e urbano. Entende-se que fazem parte do património arquitectónico as construções que se destacam por representarem uma época, técnicas de construção, estilos construtivos, e por consequência devem ser preservadas como exemplo.

Os edifícios Modernos possuem inegáveis qualidades arquitectónicas, como já foi referido em sub-capítulos anteriores. São um legado rico e diversificado a nível histórico e teórico mas principalmente construtivo. Porém, esta herança diferencia-se das outras heranças patrimoniais. A sua época está tão próxima da contemporânea que grande parte da sociedade não a consegue qualificar e valorizar como património. Muitos dos edifícios

34 PORTOGHESI, Paolo; *Depois da Arquitectura Moderna;* pág.45.

Modernos não são reconhecidos como antigos ou históricos, isto porque, para além da relativa juventude de muitos deles, a forma de construir do Moderno influenciou em grande parte a forma como construímos no presente. Por esse motivo, as obras modernas são encaradas quase como contemporâneas. Torna-se mais fácil reconhecer um edifício de *Art Deco* como património antigo do que as primeiras obras do Movimento Moderno que surgiram na mesma época, isto porque o estilo construtivo da *Art Deco* não deixou raízes profundas na arquitectura que praticamos (como deixou o Movimento Moderno), denotando-se um natural distanciamento por parte da sociedade face aos outros movimentos arquitectónicos.

> *If the extremely stylish building can survive 60 years it is discovered by a historian who of course writes a doctoral thesis. Its value gradually becomes appreciated and the historians status rises with it. This shortened history of a building shows how difficult it is to evaluate 20 th century buildings, especially as each generation tends to criticize and devaluate the previous generation so it takes about 60 years for the avant garde to come to a true appreciation of a building merit!*[35]

A sociedade encara a arquitectura de outras épocas finalizada e por consequência tende a protegê-las como património. Contudo, não se dá conta de que a arquitectura do Movimento Moderno também já faz parte do passado e que, também ela, é património arquitectónico. Assim sendo, é cada vez mais evidente a desatenção e degradação destas obras arquitectónicas. A causa não se fixa apenas na degradação pela exposição ao ambiente, ou factores económicos,

35 FIELDEN, Bernard; *Conservation of the 20th Century Buildings*; ICOMOS-CIF, *Conservation Training – Needs and Ethics*. Helsínquia: ICOMOS Finnish National Committee, 1995, p. 77

ou até mesmo o simples abandono e o mais grave é que, muitas vezes, estes edifícios são condenados ao desaparecimento graças à falta de consciência pública sobre o seu valor.

As obras do Movimento Moderno necessitam, assim como as obras de movimentos anteriores, de serem reconhecidas e conservadas com rigor, para que passem o seu testemunho, manifestando o respeito pelas ideias que as tornaram possíveis. Se esse valor depender do seu significado num determinado contexto social ou cultural, então a sua conservação dependerá não só da sua permanente relevância, como da consciencialização da sociedade para a sua importância, incentivando a proteção da sua autenticidade.

Actualmente, grande parte do património Moderno mantém-se desprotegido e preocupa quem o reconhece verdadeiramente, tornando urgente e necessária a identificação e classificação deste património. Afinal, estes edifícios já tiveram tempo para deixarem memórias, fazerem parte das cidades e, acima de tudo, influenciaram a arquitectura contemporânea.

Uma obra moderna envelhecida, pela degradação dos materiais e pela descaracterização dos seus componentes arquitectónicos, é uma imagem algumas vezes presente na actualidade das nossas cidades, e transmite uma imagem de descontinuidade urbana. De qualquer modo, não deixa de exibir a sua imagem de modernidade originária e representar de modo rememorativo os elementos mais significativos da sua Arquitectura Moderna, que passam a ser a estrutura e os materiais modernos.[36]

36 LACERDA, Manuel, *Património Moderno/ Um Valor rememorativo?,* in TOSTÕES, Ana, *Arquitectura Moderna Portuguesa, 1920-1970,* Iª Edição, Lisboa, Ministério da Cultura e Instituto Português do PatrimónioArquitectónico, 2004, p. 16.

Recuando à formulação da noção de património arquitectónico, limitada apenas ao edifício, assiste-se a um debate entre duas teorias, meados do séc. XIX, a do restauro estilístico de Viollet-le-Duc (1814-1879) e a anti-intervencionista de J.Ruskin (1819-1900). Viollet-de-Douc, apoiava-se na ideia de que o monumento ultrapassava a concepção nacionalista e adquiria uma dimensão universal, logo permitia e priorizava a reutilização funcional dos monumentos e não exaltava a poesia das ruínas. Pelo contrário de J. Ruskin defendia a Conservação Estrita e publicou textos como *The Stone of Venice e The Seven Lamps of Architecture* onde defendia precisamente a sua tese.

O conceito de património urbano surge no séc. XX quando nasce o processo moderno de planear e desenhar cidades (a que Cerda chamou urbanização) no auge da revolução industrial: quando começa o sonho da cidade moderna, revaloriza-se a cidade que irá desaparecer, a cidade antiga, depois designada "histórico-artística". [37]

Em 1931 é publicada a primeira Carta de Atenas, o primeiro documento internacional, no seguimento de uma conferência onde se discutiu o problema da conservação do património. Neste documento ficaram registados os critérios e medidas para a conservação do património da época. No mesmo ano, como consequência da Carta de Atenas, surge a Carta do Restauro, onde se defendiam as teorias de Camillo Boito, por parte de Giovannoni Carbonaro (1873-1943) que salvaguardava sobretudo a envolvente dos monumentos. A análise de Giovannoni passava por, em primeiro lugar, assinalar o lugar de modo exato e com a constatação real do estado de conservação da obra e, em segundo, manter toda a informação e apontar hipóteses de

37 AGUIAR, José; *Reabilitar é Redescrever/ REABILITAÇÃO OU FRAUDE?.*

conservação dentro do sector arquitectónico e ambiental. *Esta dupla análise deve mostrar o verdadeiro estado de conservação da obra e determinar a acção de restauro preventivo.*[38] Embora fosse um restauro preventivo, para o arquitecto *a cidade histórica constitui em si um monumento mas é também um tecido vivo, que deve ser integrado no contexto urbano e regional de modo a que seja inserido numa rede polinuclear articulada*[39].

No período de ascensão do Movimento Moderno (1933) surge a Carta de Atenas do Urbanismo. Defendia uma visão racional, funcional, que negava a cidade tradicional. Os seus defensores preferiam a demolição à recuperação do património.

Trinta anos depois, derrotadas as ideias modernas, surge a revisão da Carta de Atenas de 1931, a Carta de Veneza (1964). A Carta de Veneza sobre a Conservação e o Restauro dos Monumentos e Sítios instaurou extensão do conceito de património a monumentos, conjuntos e sítios. A esta Carta seguiu-se a fundação em 1965 da associação não-governamental ICOMOS, Conselho Internacional de Monumentos e Sítios.

Mais tarde, em Itália, é criada a Carta do Restauro (1972), documento que propulsionou o interesse pelo valor patrimonial dos centros históricos. *Os centros históricos são não apenas os antigos centros urbanos tradicionalmente entendidos, mas todos os assentamentos humanos cujas estruturas, unitárias ou fragmentadas hajam sido constituídos no passado, ou que tenham adquirido particular valor de testemunho histórico ou acentuadas*

38 PIRAZZOLI, Nullo, ob., cit. Passim, p.19.

39 CHOAY, Françoise; *A Alegoria do Património*; Lisboa: Edições 70, 2006, p. 171-172.

qualidades urbanísticas ou arquitectónicas.[40]

A Carta Europeia do património Arquitectónico (1975) marcou novamente a ideia de que o conceito de património engloba não só os monumentos como também os centros históricos e ainda acrescentou as construções anónimas mais antigas. Mais recentemente, já no séc. XXI (2000), foi publicada a Carta de Cracóvia. Esta Carta, mostrou a consciência relativamente à diversidade cultural europeia. Consolidou o conceito de património associando-o a uma variedade de valores e acrescenta ainda a necessária interdisciplinaridade nas intervenções no património.

Felizmente, para o património Moderno, em 1988 foi fundada a DOCOMOMO (Documentation and Conservation of the Modern Movement) por Hubert-Jan Henkel, (arquitecto e professor) e Wessel de Jonge (arquitecto e investigador) nos Países Baixos. Uma instituição cujo propósito é o de documentar e conservar o património do Movimento Moderno. *A* DOCOMOMO*, baseia-se igualmente na perspectiva da salvaguarda do conhecimento, não do objecto mas do processo, informando a prática contemporânea da conservação.*[41] No entanto, estas operações levam bastante tempo e é difícil chegar ao conhecimento de todos os edifícios importantes e em risco sem a ajuda da população, o que se torna desanimador dada a falta de informação face a este tema. *A instituição* DOCOMOMO*. Internacional, desenvolveu dezenas de grupos de trabalho, espalhados por todo o mundo. Entre eles está o* DOCOMOMO *Ibérico, que tem vindo a desenvolver um trabalho de investigação em Portugal.*[42] Esta organização mostrou-se um

40 AAVV;ICOMOS, *Carta del Restauro 1972*; Anexo D. p. 12.

41 AAVV;The modern movement in architecture : selections from the DOCOMOMO registers; Rotterdam: 010 Publishers, 2000, p.6;

42 LACERDA, Manuel, *Património Moderno/Um fragmento do passado*,

recurso no que toca à actualidade do Movimento Moderno e ao seu valor patrimonial à escala mundial, promovendo a reutilização das estruturas das cidades contemporâneas. Actualmente, os registos da DOCOMOMO dividem-se em três categorias: global (destinada à World Heritage List), internacional (que constitui a International Selection) e local (que inclui registos nacionais ou regionais).[43]

Para além da DOCOMOMO, também o ICOMOS organizou conferências sobre o tema da herança moderna, na Finlândia, em 1995, e no México em 1996. Em 2001, teve lugar na Austrália, mais uma conferencia proposta pelo comité internacional do ICOMOS cujo tema insidia na protecção da arquitectura do século XX. Prosperamente, já existe uma lista com alguns exemplos do Movimento Moderno classificados como Wold Heritage. Nela podemos encontrar edifícios como a Bauhaus de Weimer , obra do arquiyecto Henry van de Velde ou a cidade de Brasília, dos arquitectos Lúcio Costa e Óscar Niemeyer[44].

Contudo, apesar destas tão importantes organizações, não tem sido possível evitar a demolição ou a extrema degradação de

---

Ob. Cit., TOSTÕES, Ana, *Arquitectura Moderna Portuguesa*, 1920-1970, Iª Edição, Lisboa, Ministério da Cultura e Instituto Português do Património Arquitectónico, 2004, p. 15.

43 Victor Pérez Escolano; *Registo* DOCOMOMO *Ibérico*; p.8.
Nota: Estes documentos encontram-se reunidos no arquivo do Instituto de Arquitectura da Holanda, em Roterdão, ilustrando cerca de 800 exemplos de 35 países diferentes.

44 World Heritage List (obras do séc. XIX e XX): Parque Güell, Palacio Güell e Casa Milà, Espanha;
Cidade de Brasília, Brasil; Palácios e Parques de Potsdam e Berlim, Alemanha; Skogskyrkogarden, Suécia; Bauhaus de Weimar e Dessau, Alemanha; Palácio da Música Catalã e Hospital de Sant Pau, Espanha;
Hospício Cabanas, Mexico;
Museuminsel Berlin, Alemanha; Rietveld Schröderhuis, Holanda; Cidade Universitária de Carácas, Venezuela; Casas Horta, Bélgica; Villa Tugenhat, República Checa.

alguns exemplos de qualidade da arquitectura moderna. Existindo muitas obrasexemplificativas do Movimento Moderno em perigo.

Um edifício que foi colocado, em 2003, na lista de obras em perigo, *World Monument Fund*, foi o Narkomfin (1928-1930) em Moscovo, Russia. Este edifício, da autoria de Moisei Ginzburg e I. Milinis, é uma das mais importantes estruturas do Constructivismos Europeu, cuja época remete para as experiencias sociais e arquitectónicas dos finais da década de 20. É também por questões políticas, que a herança moderna, nomeadamente em países como a Russia, encontra-se mais vulnerável. Edificios como o Narkomfin, surgiram durante períodos autoritários, o que leva a uma antipatia generalizada por parte da população à sua preservação. Este edifício foi criado com a função de edifício comunitário, onde os moradores poderiam trabalhar e descansar. Durante o último século, o edifício nunca foi alterado nem com obras de manutenção, nem na mudança da sua função, como consequência, no presente assiste-se a quase um completo abandono. O piso térreo está fechado, as salas de refeições e lazer estão muito danificadas, os caixilhos das janelas de correr estão completamente estragados, assim como os restantes materiais de construção. Dado o seu estado de degradação, foram planeados



29. Edificio de habitação social Narkomfin, Moscow, desenho do projecto original.

para este edifício, vários projectos de renovação alguns, deles internacionais, contudo nunca foram iniciadas obras. O edifício



30. Edificio de habitação social Narkomfin, Moscow, vista do lado sudoeste, H. Zimmermann, 2005.

corre hoje altos riscos de demolição.[45]

Era comum por parte dos profissionais ligados ao património apoiarem-se na ideia de um passado distante para enfatizarem a importância do património arquitectónico a conservar. Ironicamente a própria palavra *Moderno* indica o que é novo e actual e não o conceito de herança. Todavia é um património frágil que carece de atenção, no presente, e que está em perigo de desaparecer. A pergunta agora é: Quais os edifícios que devem ser preservados e protegidos?

É natural que se proteja a arquitectura da monumentalidade, porém no Movimento Moderno, os edifícios não foram construídos para serem monumentos. Existem casos da

45 AAVV;*The Soviet Heritageand European Modernism;* ICOMOS World Report 2006/2007, Heritage at Risk, p. 177.

arquitectura moderna internacionalmente monumental, como a cidade de Brasília ou o museu do Guggenheim de Frank Lloyd Wright, e esses são mais facilmente reconhecidos como património. Porém, os edifícios residenciais que não fazem parte de uma encomenda pública, encontram-se desvalorizados e praticamente ao abandono.



31. Congresso Nacional em Brasília, Nelson Kon, s/d.

O papel dos arquitectos, ao analisar a cidade consolidada, é de reconhecer uma obra em risco, tentando consciencializar os responsáveis e interessados. É imprescindível actuar sobre a herança em perigo do Moderno e para tal a Declaração de Eindhoven, elaborada pela DOCOMOMO no ano de 1990, propõe cinco pontos fundamentais:



32. Museu Guggenheim, Frank Lloyd Wright, 1959

1º- Chamar a atenção das autoridades, dos profissionais, da comunidade académica e do público interessado para o significado do Movimento Moderno.

2º- Identificar e promover o inventário das obras do Movimento Moderno que inclui desenhos, plantas, fotografias e outros elementos importantes.

3º- Desenvolver e dar a conhecer tecnologias e métodos de conservação apropriados.

4º- Fazer oposição à destruição ou ao desfiguramento dos trabalhos mais significativos.

5º- Atrair fundos para a documentação e conservação de obras do Moderno.

Conclui-se que a herança do Moderno, deve ser reconhecida como uma herança problemática e, por esse motivo, mais frágil. A legislação deve acompanhar esta problemática, pois têm de

existir leis que defendam este património. Não bastam apenas as boas intenções. A herança do Moderno não tem tempo a perder.



33. Unité d´habitation von Le Corbusier, Marseille. Autor desconhecido, s/d.

3. INTERVIR NO MODERNO

Reciclar, mais do que reabilitar ou reconstruir
Reciclar é: iniciar um novo ciclo a partir do velho
Reconstruir: voltar a construir o que já existiu
Reabilitar : habilitar uma construção decadente
José António Sosa Díaz Saavedra

3.1 O Regresso à Cidade Consolidada

Depois da explosão urbana que ocorreu durante a segunda metade do séc XX, as cidades modernistas assistiram a um intenso desenvolvimento das periferias e, por consequência, a uma desertificação dos centros urbanos. Nesta época, as populações que se deslocavam em massa dos meios rurais para as cidades, procuravam estabilizar-se na periferia pois o preço da habitação era mais acessível. Este fenómeno do movimento moderno tornou clara a distinção entre o centro e a periferia, prejudicando a cidade não só no desequilíbrio dos sectores de actividade, onde o centro comportava as actividades do sector terciário e a periferia a habitação, como também no crescimento urbano descontrolado e, ainda, no excesso de trânsito necessário ao deslocamento da população.

> *Para grande parte da população, o acesso ao automóvel constituiria mais do que um aumento da qualidade de vida, significando o acesso à urbanidade, através da disponibilização de recursos e serviços nunca antes acessíveis, ou seja, o automóvel substituía o papel da cidade onde ela nunca antes tinha funcionado, tanto nas franjas suburbanas como nas áreas de carácter rural.*[47]

A imagem da cidade ficou, assim, desfigurada. Perdeu a identidade, passando a ser vista, cada vez mais, como apenas um suporte de actividades para onde se dirigiam todos os dias os seus usuários, dependentes dos meios de comunicação, do automóvel e dos hipermercados. Contudo, depois deste processo de desertificação dos centros urbanos e da constatação de uma ideologia falhada que adoecia cada vez mais as cidades europeias, a necessidade de regressar à cidade consolidada é um dos grandes temas dos dias de hoje. Por conseguinte,

47 SECO, Rui, Conceitos e experimentação de desenho urbano em Portugal: do modernismo à revisão dos modelos. p. 225

com esta vontade de voltar a intervir na cidade consolidada, temas como a reabilitação voltam a ser considerados e ganham cada vez mais importância. O centro das cidades encontra-se consolidado e com pouco ou nenhum espaço livre para novas construções. A oportunidade de reabilitar e "devolver a vida" permanente a estes centros é neste momento crucial para a sociedade e para a arquitectura contemporânea, principalmente no aproveitamento do património que a cidade já nos oferece.

A sociedade contemporânea, no entanto, já não compreende as necessidades a que estes centros respondiam antes de serem desertificados (cidade tradicional). É necessária uma análise de auto-reconhecimento da sociedade contemporânea, para que se possa intervir e construir de acordo com esta nova sociedade. Antes de agir, devemos esclarecer qual o sentido da arquitectura diante da sociedade e do mundo actual. Sem esta consciência, as propostas para a cidade apenas serão colocadas pela necessidade de novidade e sucesso construtivo, sem se focarem na utilidade e na saúde dos edifícios e das cidades. O facto de a europa estar a atravessar uma crise económica, veio acentuar e destacar diversos problemas sociais e ambientais.

> *A crise económica acelerou entre nós processos de expulsão social (gentrification) que, associada à rapidíssima liberalização das rendas, estão activamente a repelir os mais desfavorecidos dos "centros históricos, surgindo novos fenómenos de segregação (áreas destinadas a turistas e conjuntos que se tornam locais de uma griffe reservada).*[48]

Na habitação, analisando o caso de Portugal, existe um excesso de construção que, em vez de diminuir o *deficit* no acesso a uma

48 AGUIAR, José, *Reabilitar é Redescrever/ REABILITAÇÃO OU FRAUDE?*

habitação condigna, só piora esta crise imobiliária. A realidade familiar está longe de se assemelhar à família tradicional. Verifica-se uma diminuição drástica da taxa de natalidade e igualmente são realizados muitos menos casamentos. Já os divórcios continuam a aumentar todos os anos. Quer isto dizer que o tamanho das famílias está muito mais reduzido. Contudo, aparecem as "famílias" sem grau de parentesco e cada vez mais se assiste à partilha de casa entre amigos, colegas de trabalho, casais do mesmo sexo e até desconhecidos, por razões páticas e económicas. As famílias, de hoje em dia, são diversificadas e multigeracionais dado o aumento da esperança média de vida, muitos idosos voltam a viver com os filhos, além dos filhos saírem cada vez mais tarde de casa dos pais.

É necessário voltar a pensar a questão da habitação e os grandes apartamentos de tipologia antiga do centro das cidades já não se adequam a uma família pequena que é a da sociedade contemporânea. No entanto, este tipo de habitação é muito procurada para o arrendamento de quartos como, por exemplo, para estudantes.

Além da habitação, também o conceito de posto de trabalho tem vindo a alterar ao longo dos anos. Nos dias que correm, facilitado pela Internet, telefone etc, é possível trabalhar e conviver em qualquer lugar, para qualquer parte do mundo. Com um computador ou dispositivo móvel e ligação à rede, é possível exercer uma profissão a partir do conforto de casa. O poder da globalização alterou a dinâmica da sociedade e com ela veio a imigração por parte dos jovens que procuram emprego, novas experiências e conhecimento, modificando ainda mais os núcleos familiares.

A nossa sociedade é o resultado dos avanços tecnológicos e científicos, mas também das alterações nas relações sociais. Logo, os programas arquitectónicos têm de acompanhar todas estas modificações às quais chamamos evolução. Ao olharmos novamente

para os centros das cidades, estamos a redescobrir o valor dos espaços de qualidade que a cidade tradicional nos oferecia, consolidados por séculos de experiencias urbanas. O arquitecto contemporâneo, deverá perceber que é indispensável saber transformar de acordo com a nova sociedade, nunca deixando de aprender com os bons exemplos que nos são presenteados através da herança arquitectónica.

3.2 Decadência e Obsolescência do Moderno

As primeiras arquitecturas do movimento moderno – que surgiram num cenário social de incompreensão – foram, sem dúvida, grandes exemplos de audácia, capazes de aplicar os novos recursos que a técnica proporcionava na época. É indiscutível que houve uma revolução ideológica na arquitectura do movimento moderno, tanto nos sistemas estruturais constructivos, como na raiz conceptual do funcionalismo. Agora, depois da arquitectura Pós-Moderna e de terem sido apontadas todas as fraquezas do Movimento Moderno, a Europa depara-se com um novo problema nas suas cidades: os edifícios modernos encontram-se em grave perigo de demolição e muitos já foram demolidos.

Passado meio século do Movimento Moderno em Portugal, é nítida a realidade de que a cidade do futuro já está construída mas tem urgentemente de ser transformada. Verifica-se uma incessante e acelerada obsolescência na arquitectura do modernismo. Ou seja, o edifício deixou de ser útil, mesmo estando em perfeito estado de funcionamento, consequência do aparecimento de uma arquitectura tecnologicamente mais avançada e de uma sociedade mais evoluída com diferentes necessidades.

Com recursos tecnológicos e económicos muito limitados, os edifícios que foram construídos na periferia são alvo fácil ao esquecimento, acabando por desaparecer ou por se tornarem espaços degradados que contaminam a envolvente. Por outro lado, porque se tem de construir no construído e com o construído, muitos edifícios sem adequado reconhecimento cultural e conveniente reflexão, estão a ser alvo de intervenções que os afastam dos seus valores de origem, onde muitas vezes apenas é

mantido o testemunho da sua implantação urbana.

Segundo as Arquitectas Eva Chacón Linares e Elisa Valero Ramos[49], a obsolescência do Moderno como um fenómeno, é amplamente estendida para a actualidade e caracterizada em três variáreis:

1º- A Obsolescência dos Suportes Físicos:

Obsolescência do suporte estrutural: características como o zonamento funcional (entre habitação e sector terciário), a criação de espaços amplos, abertos e comunitários, a separação de fluxos de circulação ou a rigidez dos módulos de habitação.

Obsolescência das instalações: os edifícios e a rede urbana que os interconecta. Estas instalações vão-se degradando e, em alguns casos, conduzem a condições de inabitabilidade.

2º- A Degradação do Tecido Social:

Em muitos casos não se produz uma renovação geracional natural e as residências, uma vez abandonadas pelos seus primeiros habitantes, são novamente habitadas por grupos sociais marginais (paralelamente ao envelhecimento material do edifício).

3º- A Degradação do Ecossistema Urbano

A cidade desenvolve-se por processos de crescimento que nem sempre têm em conta a procura de um equilíbrio com o

49 CALATRAVA, Juan; *La Arquitectura y el tiempo*. *Patrimonio, memoria, contemporeneidad;* Capitulo: La obsolescência de los Modernos/ Estrategia de Reciclage del Patrimonio residencial (Eva Chacón Linares, Elisa Valero Ramos) p.302/303

suporte natural em que se assenta. Ultrapassada a sua capacidade de acolhimento, gera processos de degradação ambiental que põe em risco a saúde como a qualidade de vida dos seus habitantes.

A efectiva manutenção de muitos elementos de referência da arquitectura do século XX, das vilas e cidades portuguesas passa pela sua reintegração estratégica, (...)[50]. Para que a reintegração destes edifícios na cidade contemporânea seja reconhecida e ponderada, é necessário reconhecer a importância da herança moderna. Nos dias de hoje, estes edifícios instituem uma característica funcional relacionada com o lugar da sua implantação. A estratégia passa por reconstruir e/ou adaptar as funcionalidades do edifício, para que se enquadre com a realidade do novo tecido urbano e, acima de tudo, com as necessidades da nova sociedade.

A cidade contemporânea comporta um conjunto de várias arquitecturas e de épocas distintas, que são o testemunho da História e da evolução da nossa sociedade. Resignarmo-nos a que algumas fiquem esquecidas no tempo e se degradem, porque a sua função já não é adequada, é o mesmo que ignorarmos o percurso que nos trouxe à sociedade e arquitectura contemporâneas. É necessário olhar para a obsolescência da arquitectura Moderna como uma oportunidade para a cidade contemporânea e não como um ponto fraco.

> *Nos edifícios, nas cidades ou no território sempre humanizado, a arquitectura dos próximos anos será marcada pela prática da recuperação. Recuperação e criação serão complemento e não especialidades passíveis de tratamentos autónomos. Reconhecer-se-á que não se inventa uma linguagem. Reconhecer-se-á que a linguagem se adapta à realidade e para*

50 LACERDA, Manuel, Património Moderno-Um fragmento do passado, in TOSTÕES, Ana, Arquitectura Moderna Portuguesa, 1920-1970, Ia Edição, Lisboa, Ministério da Cultura e Instituto Português do Património Arquitectónico, 2004, p.19.

lhe dar forma. Tudo será reconhecido como património colectivo e, nessa condição, objecto de mudança e de continuidade. Os instrumentos de reconhecimento do real chamam-se História, a arte de construir a transformação chama-se Arquitectura. Uma sem a outra chama-se fracasso da arquitectura contemporânea, dizemos nós.[51]

51 SIZA, Álvaro, *Textos – 01 textos*. 2009.

3.3 A Reciclagem do Moderno: Reabilitação como novo tema de projecto

> *Muitas vezes a reciclagem dos velhos edifícios para uso completamente diferente do de origem dá lugar a espaços nos quais o processo de adaptação não só não produz uma descida do nível estético, mas também determina um aumento da capacidade.*[52]

Tendo em conta a herança do Moderno, o arquitecto Alexandre Alves Costa defendeu, no Seminário da DOCOMOMO (*Cultura: origem e destino...),* que devem ser criados três grupos de edifícios: os que devem sofrer *um simples restauro*, caminhando para a *musealização, que corresponderá a um número muito limitado de obras de incontroversa qualidade e importância histórica e artística*; os edifícios *classificados como de relevante valor patrimonial e que apresentam potencialidades de reconversão*; e *finalmente todos os outros, a maioria certamente; este grupo deve ser pura e simplesmente abandonado à dinâmica de transformação natural.*[53]

Perante o confronto com uma estrutura obsoleta, que não sustenta mais a sua própria função, considera-se que entre aceitar a sua demolição ou a estagnação e procurar a sua revitalização (por todos os factores desde: custos de demolição, memória, identidade, e acima de tudo, qualificação do espaço envolvente), conseguir um meio para a sua continuidade é a posição mais correcta. Assim sendo, as questões que se seguem serão: Como se deve intervir nestes edifícios? Quais as possíveis abordagens a esta herança arquitectónica?

---

52 PORTOGHESI Paolo; *Depois da Arquitectura Modera*; 1985, pág. 36.

53 COSTA, Alexandre Alves, *Reconversões contemporâneas e equipamentos culturais*, Actas do IIIo Docomomo Ibérico, p.197 e 198.

A cidade é o reflexo da história, logo a arquitectura do passado deve manter-se para permanecer na história, porém também deve ser transformada para o futuro, sendo melhorada pelo presente. Claro está que essa transformação deverá salvaguardar a memória e melhorar significativamente a qualidade de vida dos habitantes. *A história não é entendida como um dado adquirido a ser complementado mas sim como um instrumento de trabalho passível de ser manuseado*[54].

No que toca à intervenção em edifícios modernos, deve sempre haver uma análise pormenorizada, segundo o modo de projectar e construir dos profissionais que lhes deram origem, para assim conseguir-se desenvolver um projecto que respeite os ideais dos edifícios sem os destruir levianamente.

> *Conservar el patrimonio arquitectónico del siglo XX es un reto complejo y difícil. Complejo porque, a diferencia de la arquitectura histórica, las construcciones del último siglo son muy variadas en sus materiales, especializadas en sus espacios y fueron pensadas para que duraran media centuria. Difícil porque están especialmente amenazadas por los procesos urbanos, muchas veces no están adecuadamente protegidas y ni siquiera en muchos casos están suficientemente valoradas por la sociedad.*[55]

Os processos de intervenção podem ser mais ou menos profundos, abarcando alterações da forma, das funções e do modo de uso. Existem duas posições, segundo o texto *Del contraste a la analogia,* do livro *Transformaciones en la concepción de la intervencion arquitectónica* do Arquitecto Solà- Morales, são elas: o *contraste* e a *analogia*.

---

54 SAMPAIO, Cátia, *Reabilitação e reconversão de usos: Santa Maria de Refóios do Lima e Santa Maria do Bouro*, p. 107.

55 Criterios de Intervención
en el Patrimonio Arquitectónico del Siglo XX ; Conferencia Internacional CAH20thC. Documento de Madrid 2011, p.7.

A intervenção no construído pelo *contraste* enfatiza as diferenças entre o existente e o novo, procurando valorizar a evolução da arquitectura, sem desvalorizar ou esconder a arquitectura do passado. A posição de *analogia*, defende a semelhança em oposição à diferença. Analisa as características principais do edifício e repetias na intervenção como uma continuidade do existente.

Para Solà- Morales, *O novo não se pode impor ao existente, a verdade é que deve coexistir em harmonia com o antigo, de modo a conseguir manter a cidade como um organismo vivo, actualizado e sustentável.*[56]

Estas intervenções resumem-se em recuperações, restauros, renovações e reabilitações. Este trabalho foca-se numa intervenção no construído urbano e edificado Moderno em que os temas chave são a reabilitação e a reciclagem.

> *A reabilitação, que emergiu das preocupações ligadas à conservação do património cultural, rapidamente passou a incorporar outras intenções, das ecológicas, aos princípios: (i) de âmbito social, baseados na justiça social e partilha por todos das mais- valias geradas; (ii) democráticos, ao promover a descentralização e de modos de participação das populações; (iii) e ambientais, com a nova preocupação com a qualidade do ambiente urbano e dos espaços públicos. A reabilitação urbana, para além da requalificação física, obriga a actuações de regeneração e de revitalização urbana, que garantam uma actuação integrada ao nível sociocultural e económico (Conselho da Europa: 2004, e PINHO: 2009).*[57]

56 RUBIÓ, Ignasi de Solà-Morales, *Del contraste a la analogía. Transformaciones en la concepción de la intervención arquitectónica,* Intervenciones*,* Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2006, p. 33-50.

57 AGUIAR, José, Reabilitar é Redescrever/ REABILITAÇÃO OU FRAUDE?

A prática da reabilitação oferece bastante liberdade de intervenção comparando com os restauros e as recuperações, mas que não se afasta tanto da pré-existencia como as renovações que, muitas vezes, necessitam de grandes demolições. O que se pretende com a reabilitação é regenerar, mantendo um vínculo entre o passado e o presente, não esquecendo a integração e a atualização de novas características. Não exige uma reconstrução, pois esta forma de intervir opera na própria pré-existência, analisando e interpretando os elementos e características que devem ser preservadas. Como o nome indica, o processo é o de voltar a habilitar/dar vida ao que, no momento, se encontra decadente. Por reabilitação, entende-se o *conjunto de ações não só físicas como sociais que permitam uma recuperação do pré-existente, baseada em "práticas urbanas que encontrem conceitos e valores 'atuais', que sentimos perdidos na cidade de hoje, e que sejam capazes de lhes dar expressão para que a cidade volte a ser estimada.*[58]

A reabilitação, além de defender a ponderação dos ideais projectuais do existente, insere no processo a reutilização primordial dos edifícios, consoante as necessidades e características contemporâneas. Resumindo, confere novos requisitos funcionais, técnicos e construtivos, ou até mesmo uma nova linguagem arquitectónica.

Este modelo actua sobre um campo multidisciplinar: arquitectura, história, economia, cultura e sociedade. Num período economicamente instável, como o que estamos a passar, a oportunidade de reabilitar o construído, procurando a sua reutilização funcional e a sua integração nas dinâmicas socioeconómicas, não deve ser desperdiçada.

58 PEREIRA, Luz Valente, Reabilitar o urbano ou como restituir a cidade à estima pública,1987, p.3.

Sabendo que nos dias de hoje, as cidades estão consolidadas e que cada vez menos se encontram oportunidades de construção de raiz (pelo menos na Europa), a prática da reabilitação é um processo que só beneficia as cidades e os seus habitantes. Como escreve José Aguiar em *Reabilitação Urbana: Problemas e oportunidades: é ajudar a resolver estigmatizações sociais – a degradação física corresponde sempre a degradações sociais – e, à escala do edificado, é recuperar as edificações ainda recuperáveis e beneficiá-las, até permitirem um uso mais atualizando, com suficiente segurança e conforto, preservando os seus valores estéticos, artísticos e históricos.*[59]

Quando se fala em reabilitação urbana, o objecto a intervir ou é um conjunto urbano, ou uma malha consolidada que vai ser ou já está sujeita ao confronto entre várias linguagens arquitectónicas, de tempos diferentes. Se a área da cidade que vai ser reabilitada se encontra em obsolescência, então provavelmente será necessário recorrer a uma reciclagem urbana, como meio para a revitalizar. Porém, as intervenções urbanas modernas, têm de ser devidamente planeadas correndo o risco de deixarem de funcionar. Face a alterações construtivas, de uso ou de estratégias, uma determinada área desenvolvida segundo as ideias do urbanismo Moderno, pode alterar a lógica de funcionamento inicial. Deve-se ter a consciência de que pequenas alterações ao nível do espaço público, do tráfego, dos programas ou até das zonas envolventes necessitam de ser bem ponderadas e assertivas, melhorando a qualidade de vida urbana. O mesmo acontece com os edifícios: reciclar significa iniciar um novo ciclo, submetendo uma matéria já utilizada (que chegou ao fim da sua vida útil) a um processo de transformação profunda.

59 AGUIAR, José*, Reabilitação Urbana: Problemas e oportunidades*, Município de Guimarães.

O foco principal para uma reciclagem deverá sempre ser o habitante. O projecto deve ser pensado tendo em conta os seus habitantes e se possível com os seus habitantes, oferecendo assim um maior grau de aceitação por parte da população. Um exemplo de reciclagem urbana/arquitectónica de sucesso é o projeto de reforma da torre Bois le Prêtre, em Paris, concebido pelos arquitetos Anne Lacaton, Jean Philippe Vassal. A torre, construída nos anos 60, tinha quase sido demolida por problemas funcionais, estéticos e espaciais, mas felizmente foi requalificada recentemente pelos arquitetos Lacaton e Vassal.



34. Evolução da Torre Bois le Prêtre. Da esquerda para a direita:

Foto de Raymond Lopez – 1959, Reforma de 1990 autor desconhecido, Edifício depois da reforma de Lacaton & Vassal foto de Frédéric Druot.

O projeto propôs um alargamento dos apartamentos pela adição de um novo componente estrutural e arquitectónico, com materiais simples, em todas as fachadas do edifício. Criaram-se novas áreas nos apartamentos, deixando-os mais espaçosos e com novos usos (novas sala, varanda e jardim de inverno). A adição desse novo elemento permitiu que a fachada fosse totalmente renovada e também contribuiu para a qualidade espacial e de conforto nos espaços.



35. Transformação: Metamorfose da situação existente



36. Foto da varanda do 16º andar, fachada sul, Frédéric Druot Architecture.

As janelas de sacada, novo elemento arquitectónico, também funcionam como sistema passivo de sombreamento, o que proporcionou aos apartamentos uma nova relação com a paisagem, um maior conforto ambiental e muito mais luz natural. Isso tudo reduziu significativamente os gastos de energia elétrica e gás dos apartamentos, no inverno e no verão.

Outro aspecto bastante positivo do projeto foi o facto de os habitantes da torre não terem sido realojados durante a obra e poderem dar a sua opinião no projecto, de tal forma que, muitos trocaram de apartamentos com os vizinhos de maneira a que todos ficassem com o apartamento que melhor correspondia às suas necessidades. Um projeto simples, sem grandes pretensões e sem se tornar vulgar, usando materiais acessíveis, revelou-se muito eficaz, capaz de transformar esta zona urbana e tornar a torre num marco do *skyline* de Paris.

A arquitectura consiste em gerar capacidade em qualquer situação. Isto é o que entendemos pelo conceito "luxo".[60]

60 Lacaton & Vassal (Lacaton & Vassal ou l'abíme du jugement)

Nas últimas duas décadas, as operações no campo da reabilitação e reciclagem de edifícios recentes, têm conhecido um enorme desenvolvimento. Algumas estruturas em betão, construídas entre a década de 50 e 80 atingem no momento o tempo de vida útil, encontrando-se na fase em que necessitam de intervenções profundas com vista à recuperação e beneficiação. Muitas vezes, a localização dos programas que estes edifícios representam encontram-se desajustadas ao local. Esse desajuste leva inevitavelmente à descaracterização tanto do edifício como da sua envolvente, através de processos de desafectação, alteração de funções mal planeadas ou até de abandono.

A reabilitação apresenta-se como a opção mais viável nas intervenções em edifícios públicos. Permite a adequação às exigências de conforto e regulamentação, e permite uma revisão funcional, ou seja, uma possível reconversão programática.

Em muitos edifícios Modernos, tendo em conta a evolução temporal e consequente evolução social, sente-se a necessidade de actualização da sua imagem e do seu programa, como uma espécie de metamorfose que acompanha o ritmo da evolução urbana. Já defendia Viollet-le-Duc, no séc. XIX, deve-se converter os edifícios em estruturas vivas e espaços úteis, integrando-os totalmente na sociedade através de um programa adequado. A atitude de redefinição de usos permite uma rentabilização da herança do Moderno que não é simplesmente económica mas que também a dignifica e divulga perante a sociedade actual.

Porém, os edifícios Modernos, têm a característica de terem sido construídos para uma função específica. Torna-se um risco a alteração de uso nestes edifícios, por serem arquitecturas muito rígidas que dificultam a impregnação de novos usos. Se não se tiver um profundo conhecimento do edifício, dos seus

antecedentes culturais e sociais, com que seja possível trabalhar e encontrar usos compatíveis, torna-se complicado transformar a memória construtiva do edifício, bem como a memória da função para a qual foi criado. O programa de um edifício, muitas vezes é decisivo na forma como o edifício é encarado pelo senso comum.

O Arquitecto deve apresentar-se como mediador na criação de relações entre o edifício existente e a nova função, tornando-se desse modo acessível ao público.[61]

Não esquecendo o respeito pelos elementos identitários da arquitectura existente, a intervenção não se pode limitar apenas às características do que já existe. Desse modo, o arquitecto deve desenvolver uma proposta contemporânea que se enquadre com o edifício, de forma a tornar-se numa alavanca de evolução na sua própria vida. Esta intervenção definirá a contribuição do edifício na actividade socioeconómica e cultural da sociedade contemporânea. De modo a que o construído continue a ser adaptável ao longo do tempo, deverá comportar uma acrescida flexibilidade na organização espacial.

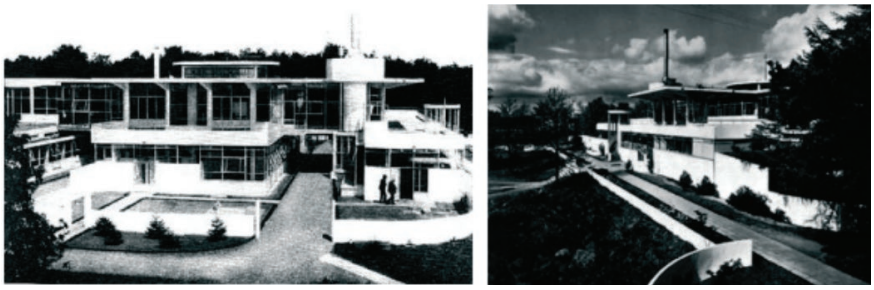
Numa reabilitação do Moderno, e em especial numa proposta onde é necessário recorrer à ampliação, a arquitectura contemporânea deve coexistir com a arquitectura de origem. Defende-se a clareza na distinção entre os tempos de criação sem desrespeitar a linguagem da pré- existência, que nunca deve ser descaracterizada. Assim, a intervenção conseguirá alcançar a harmonia e equilíbrio desejado para o bem do edifício.

61 ADELL, Eduardo Mosquera, *De la Utilidad de la Arquitectura para el Património,* in, Instituto Andaluz del Património Histórico, Cuadernos, Arquitectura y Património, Memoria del Futuro, 1994, p. 20

O edifício moderno não deve sofrer uma transformação integral, porque fica desfigurado. Da mesma forma que, não pode ser reabilitado unicamente na fachada (fachadismo) mantendo apenas a estrutura do que seria uma arquitectura moderna. O processo de reabilitação e reciclagem, passa por uma profunda análise do edifício e da sua envolvente, melhorando-o ao nível dos estandartes de conforto e técnica, mas acima de tudo usufruindo das soluções originais modernas de qualidade que já os integram.

Muitos edifícios, que desde a sua origem sofreram criticas e foram mal aceiteis pela sociedade, após a sua reabilitação ganham a capacidade de se tornarem até objectos de afirmação social. A uma correcta intervenção nos edifícios do Movimento Moderno, confere-lhes a capacidade de serem vistos de novos pontos de vista, num novo contexto, o edifício ganha o valor e o respeito da população. Exemplo deste acontecimento é o que tem acontecido, em Inglaterra, com o chamado Brutalismo reabilitado. Os monolíticos modernos, anteriormente criticados, tornaram-se, contra todas as probabilidades, nos mais recentes monumentos nacionais britânicos. Estes edifícios fazem agora parte da história e estão perfeitamente integrados na cidade.

Aos poucos, também os importantes edifícios (considerados património moderno), que se encontravam abandonados ou extremamente deteriorados são reabilitados. O Sanatorium Zonnestraal (1925), projecto de Jan Duiker e Bernad Bijvoet na Holanda, é um exemplo de restauração e reabilitação numa das mais importantes obras do séc XX.



37. Sanatório de Zonnestraal na primeira metade do séc.XX

Este complexo de três edifícios, onde funcionou o Sanatório de Tuberculosos na Holanda é internacionalmente reconhecido como um ícone do Nieuwe Bouwen School, o braço holandês do Movimento Moderno Internacional. O edifício principal de 1928, continha os locais de tratamento, diagnóstico e de convivência, enquanto os outros dois pavilhões serviam moradias dos doentes.

No final dos anos 60, o complexo começou a mostrar sinais de ruina. Apesar de terem sido muito importantes na altura da sua construção, os edifícios foram abandonados e quase desapareceram no meio da vegetação. A restauração e reabilitação do complexo, foi realizada pelos escritórios Bierman Henket architecten e Wessel de Jonge architecten, terminando em 2009 levou quatro décadas de pesquisa e planeamento.

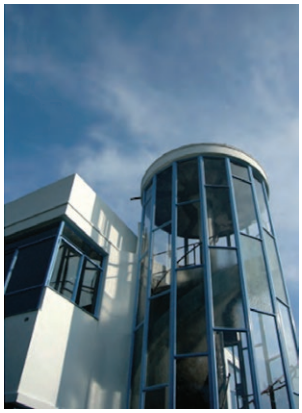


38. Sanatório de Zonnerstraal em abandono, autor desconhecido, 1995.



39. Sanatório de Zonnerstraal em abandono, autor desconhecido, 1995.

O Sanatónio encontrava-se em condições degradantes, existindo partes dos edifícios completamente destruídas, que tiveram de ser meticulosamente reconstruídas, incluindo alguns elementos industriais, que não são fabricados actualmente, tiveram de ser refeitos artesanalmente. A preocupação pelo reconhecimento da importância arquitectónica do edifício e a necessidade da sua restauração e reabilitação resultou numa obra exemplar de boas práticas na gestão da herança do Moderno.



40. Sanatório de Zonnerstraal após intervenção, autor desconhecido, s/d.



41.Sanatório de Zonnerstraal após intervenção, autor desconhecido, s/d.

Hoje, o edifício principal contém diversos serviços de saúde, e os pavilhões ainda continuam em processo de restauração. Esta intervenção, foi contemplada em 2010, como o prémio *Knoll Modernisme Prize*, concedido pelo *The World Monuments Fund*, da UNESCO. Segundo Henry Ng, vice-presidente *The World Monuments Fund,* os arquitectos fizeram uma cuidadosa restauração, ao mesmo tempo que a adaptavam a estratégias do Futuro, o que permite que o projecto tenha uma longa permanência, *desenvolveram soluções práticas e sustentáveis, dentro do que era possível pelo programa do edifício.*

Outro caso de reabilitação de um dos mais elegantes e importantes edifícios do Moderno, é a Fábrica Van Nelle (1929) em Rotterdam. Este edifício, projectado pelos arquitetos Johannes Brinkman e Leendert van der Vlug e com a cooperação de Mart Stam também na Holanda, é considerado, depois da sua reabilitação, um monumento nacional e recentemente considerado pela UNESCO (2014) Património Mundial.



42. Fábrica Van Nelle, vista geral desde o acesso, autor desconhecido, 1929.



43. Fábrica Van Nelle, vista aérea do conjunto, autor desconhecido, 1929.

A arquitectura deste edifício mostra uma clara influência do Construtivismo Russo. Construído com a função de fábrica de café, chá e tabaco, operou como fábrica até 1995. Ao longo do século XX, este edifício causou um forte impacto na arquitectura modernista da Europa. Projectado segundo a premissa de um ambiente de trabalho moderno, transparente e saudável, implantado numa envolvente verde, o seu projecto deu especial importância às condições de trabalho, beneficiando o bem-estar e a produção dos seus trabalhadores. O edifício incluía uma sala de jantar, uma sala de chá, um cinema, biblioteca e instalações desportivas.

Quando surgiu, a fábrica Van Nelle era considerada uma construção bastante evoluída e inovadora. Os pisos dos diferentes

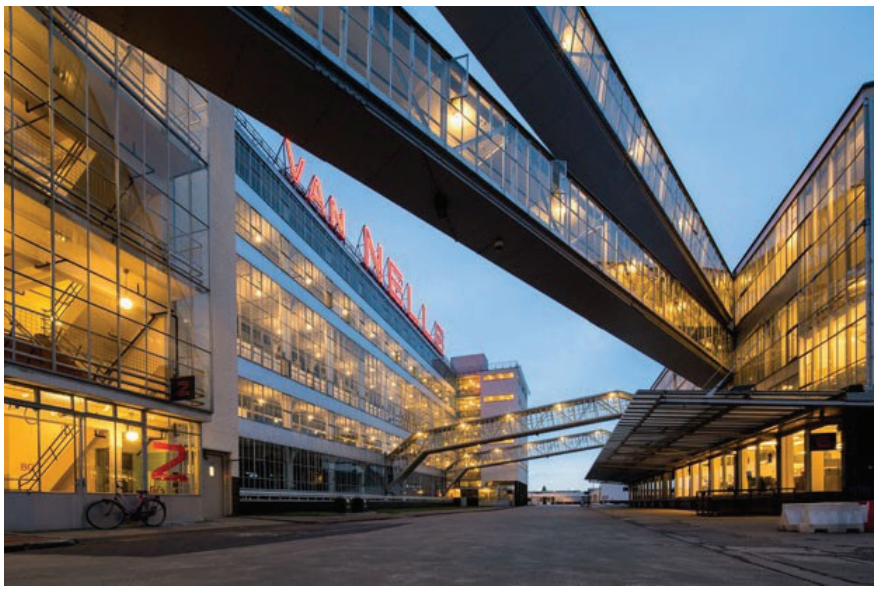
edifícios que constituem a fábrica, estavam ligados por pontes de vidro que cruzavam a rua na diagonal. Eram estas pontes que através de passadeiras automáticas faziam o transporte das matérias-primas de uma fase para a outra do seu processamento. A construção foi feita em betão armado sem paredes portantes, organizando o espaço sob o esquema de planta livre (exigências das máquinas de trabalho), resultando um espaço ritmado por pilares fungiformes, com 6,50m de espaçamento entre eles.



44. Pontes transportadoras, autor desconhecido, 1929.

Esta fábrica manteve a sua arquitectura e estrutura preservada (no estado original), mesmo depois de ter cessado actividade em 1990. Oito anos mais tarde, foi iniciado um programa de completa restauração da fábrica pelo arquitecto Wessel de Jonge, com o intuito de a tornar num edifício Moderno de Património Mundial. Actualmente, encontramos neste espaço escritórios, espaços de trabalho para o sector empresarial e criativo, locais para conferencias, produções teatrais, produções cinematográficas,

entre outras. Parte do antigo espaço de torrefação de café é hoje num salão de eventos. É de louvar este edificio ter-se tornado num local tão vivido e atraente para quem o vive, abrigando dezenas de negócios. Hoje este lugar é conhecido como a Fábrica do Projecto Van Nelle.



45. Fábrica Van Nelle após a intervenção, autor desconhecido, s/d.



46. Fábrica Van Nelle após a intervenção, autor desconhecido, s/d.

3.4 Reutilizar: posição Ecológica e Sustentável

Think globally, act locally.[62]

Nos dias que correm, o aumento da população mundial e as alterações climáticas testemunhadas, evidenciam a urgência em tornar os espaços de vivência mais sustentáveis. A construção, sendo a principal causadora do desequilíbrio ambiental, deve ser abrandada, devendo-se recorrer à utilização dos edifícios que já existem. A necessidade de preservar o que já foi construído está a dar agora lugar à Reutilização.

Reutilizar a herança do Moderno é uma atitude de maior sustentabilidade nas nossas cidades. Mais uma vez, o desafio que se coloca é como lidar com o legado Moderno no contexto de constante alteração da cidade contemporânea, onde se interligam as alterações físicas e funcionais, com os valores sócio-culturais, políticos, entre outros. Vários temas surgem quando analisamos a possibilidade de Reutilização do Moderno, as transformações espaciais e funcionais, a reutilização de materiais e tecnologias, a eficiência energética, o conforto ambiental, principalmente a sustentabilidade social, económica e ambiental.

Actualmente, existem pelo menos quatro razões pelas quais precisamos urgentemente de uma significativa melhoria na eficiência energética da nossa sociedade: o esgotamento iminente dos recursos energéticos fósseis, a necessidade de reduzir drasticamente os problemas ecológicos causados pelos combustíveis, a urgência na contenção das mudanças climáticas

62 BROWER, David; *Friends of the Earth*; 1969.

e os problemas geopolíticos que nascem da incerteza do abastecimento de energia no futuro. No planeta terra, o gasto de energia é dividido em três categorias: construções, transportes e indústria. Infelizmente, a arquitectura e o urbanismo são responsáveis por 75% destes gastos, reflectidos pelas primeiras duas categorias.[63]

A arquitectura moderna, que defendia o término com o desperdício nas decorações artificiais dos estilos anteriores, mostrou-se uma arquitectura de esbanjamento energético. A construção do Moderno, apoiou-se na convicção de que a Natureza era uma identidade infinita capaz de fornecer a energia necessária para a alimentação da produção intensiva da época.

> *(…) o sistema industrial deve contar com mais do que o seu capital artificial, com o seu capital não reintegrável: o da natureza, o grande mito do desenvolvimento infinito desmoronou-se deixando, porém, lugar a um mito igualmente improdutivo: o da crise sem saída.*[64]

Não é por acaso que a ascensão da arquitectura moderna surgiu no desenvolvimento da energia barata (combustíveis fósseis) utilizada para a electricidade e aquecimento dos edifícios, a presença desta energia foi o motor para o desenvolvimento do Moderno. A sociedade contemporânea terá agora de enfrentar o impacto deste movimento, procurando responder aos problemas que foram deixados reutilizando estes edifícios segundo os paradigmas do século XXI.

63 CODY, Brian; *Arcgitecture, Energy and Politics; Join Action in Architecture "Getting Political Again?;* p.49-59.
64 PORTUGHESI, PAOLO; *Depois da Arquitectura Modera*; p. 28.

Para reparar a ruptura dos equilíbrios ecológicos, além de se ter de aumentar a utilização de energias renováveis, a principal questão que deverá ser colocada é como podemos maximizar a eficiência energética. O conceito de *eficiência energética* é muitas vezes mal entendido e confundido com *consumo energético* e *gasto de energia,* sobretudo na área da construção, onde o baixo consumo de energia é muitas vezes confundido com eficiência energética.

A eficiência energética é a relação entre a qualidade do clima interior do edifício e a energia que tem de ser despendida para manter esta temperatura interior. Por consequência quanto menos energia tiver de ser despendida para ser alcançado um nível de conforto dentro do edifício, mais eficiência energética este edifício mostra alcançar.[65]

Nos edifícios modernos, o quadro do consumo energético é normalmente trágico. Comparando uma casa com paredes de pedra e vãos de tamanho proporcional a uma casa com paredes de vidro e sobrado ligeiro, verifica-se que é necessário um décimo da energia para aquecer a casa de pedra em relação à casa de vidro. Claro está que na maioria dos edifícios modernos, as paredes exteriores são maioritariamente em vidro, como exemplo os arranha-céus dos anos 50 que protagonizam ainda hoje um exemplo de edifício difícil de ser superado, próprio para escritórios. Porém, não é só necessário um sistema de aquecimento potente, para alcançarmos um nível de conforto térmico satisfatório nestes edifícios. É requerido igualmente um sistema de iluminação artificial, ventilação e arrefecimento. Num edifício moderno de

65 CODY, Brian; *Arcgitecture, Energy and Politics; Join Action in Architecture "Getting Political Again?;* p.49-59.

escritórios, o sistema de aquecimento representa apenas uma fracção do consumo total de energia. Desta forma, é importante não só considerar a quantidade de energia consumida mas também a sua qualidade, para serem feitas avaliações e serem consideradas alterações em beneficio da sua eficiência energética.

A verdade é que contrariamente ao que acontece nos edifícios anteriores ao Movimento Moderno que duram centenas de anos, consequência da durabilidade dos materiais, um edifício moderno depois de cerca de 50/60 anos já se encontra num estado de degradação avançado. A destruição natural dos materiais como o metal, deu origem a uma arquitectura de efémera juventude, incapaz de envelhecer com dignidade.

Acreditou-se, durante muitos anos, na durabilidade e aplicabilidade de muitos materiais que nasceram da Revolução Industrial. Só anos mais tarde se está a descobrir os efeitos nocivos de alguns desses materiais. O amianto ou a tinta de chumbo foram bastante utilizados nas construções até aos 70. Uma vez que o seu impacto negativo na saúde foi reconhecido, foram retirados dos edifícios muitas vezes sem nenhuma preocupação com a imagem original dos mesmos. Contudo, não são apenas estes materiais que se terão de enfrentar no que toca à construção do Moderno. A inevitável alteração de materiais quer por já não se fabricarem, quer por causarem problemas de saúde, garante algumas dificuldades de actuação na reutilização deste edifícios.

O material de eleição do Movimento Moderno, o betão, apresenta problemas no seu comportamento com os agentes atmosféricos que na época da sua utilização não foram tidos em consideração, comprometendo a herança moderna. A evolução

tecnológica que o betão sofreu ao longo das décadas, permite-lhe actualmente uma maior longevidade, descoberta com base na experimentação. As consequências da não execução de procedimentos, hoje imprescindíveis, como a junção de aditivos, a vibração no interior da cofragem e a supressão de juntas frias, não eram conhecidas ou não estavam devidamente estudadas na época.[66]

O sistema *curtain wall* (fachada cortina), que respondia perfeitamente aos critérios de leveza, economia e rapidez, utilizado principalmente nos arranha-céus, representava a consequência do desenvolvimento tecnológico da época, utilizando materiais como o vidro e o alumínio. Todavia, tal como o betão, foram retiradas algumas lições consequentes da sua aplicação, começando pela desilusão de que é necessário manutenção. O esforço no estudo de problemas ligados a infiltrações, à acumulação de humidade, à contracção e dilatação dos materiais e à pressão exercida pelo vento foi uma preocupação desde cedo.[67] Deste modo, os níveis de exigência foram aumentando e actualmente assume-se que, se for bem executada e devidamente resguardada, a *curtain wall* pode ser um sistema eficaz e duradouro.[68]



47. Mies van der Rohe e a Glass Curtain Wall no edifício 860-880 Lake Shore Drive

A durabilidade das estruturas e dos materiais modernos, nem sempre está presente nos edifícios. Quase sempre, a especificidade funcional e experimentação dos materiais fazem precisamente parte dos seus conceitos originais. Este facto, leva a crer que estes

66 William B. Coney, "Preservation of Historic Concrete: Problems and General Approaches". [www2.cr.nps.gov/tps/briefs/brief15.htm].
67 Os Lake Shore Drive Buildings (1949-51), projectados por Mies van der Rohe, serviram de 'cobaias' em alguns dos primeiros testes feitos em 'curtain walls', nos anos 50, no Coral Gable, um laboratório especializado na Florida.
68 Bruce S. Kaskel, "The metal and glass curtain wall". [http://crm.cr.nps.gov/archive/18-8].

edifícios foram criados sem a intenção de permanecerem por muito tempo activos. Por esse motivo, muitas vezes a estrutura existente é comparada à construção de um novo edifício alegando que o novo edifício seria mais eficiente e mais sustentável.

A pergunta que se coloca é então: Uma vez que estes edifícios são tão problemáticos e causam tantos danos nas cidades contemporâneas, porquê Reutilizá-los e não Demoli-los?

É verdade que a marcada obsolescência destes edifícios promove um forte impulso para construir de novo, porém não será contraditória face ao conceito de sustentabilidade?

A Sustentabilidade é um termo comum na cultura contemporânea, constitui uma preocupação diária da nossa sociedade. Este termo descreve uma atitude, bem como uma abordagem ao desenho da construção e às suas questões funcionais. Segundo Erica Avrami, especialista em preservação histórica dos edifícios, o termo sustentabilidade inclui não só as preocupações operacionais, mas também a sustentabilidade da própria sociedade, isto é, enfatiza os valores sociais e mais inatingíveis.[69]

A noção de lugar e de que um edifício pertence ao lugar, de continuidade cultural e de continuidade histórica, confere aos edifícios a qualidade de fazerem parte funcional do ambiente construído e por si só já é um ponto a favor a serem protegidos. Uma atitude sustentável não se foca em acabar com o passado, mas sim de se sobrepor à entropia. É necessário analisar os efeitos qualitativos das obras que o ser humano conseguiu produzir ao

69 Avrami Erica, *Sustainability and the Built Environment: Forging a Role for Heritage Conservation*, *Conservation Perspectives, The GCI Newsletter* (Spring 2011), p.4-9.

longo do tempo de maneira a compreender onde gastar o capital ambiental para se conseguir superar o que já foi feito.

(*...) a herança e a energia são duas questões legítimas; compartilham essencialmente as mesmas preocupações e procuram a mesma saída: apoiando o desenvolvimento sustentável através da preservação dos recursos naturais e culturais (...)*[70]

No livro *Greenig Modernism* (2010), o arquitecto Carl Stein, olha para várias formas de como os edifícios modernos podem ser adaptados com o fim de se tornarem altamente eficientes energeticamente. Chega através da resolução dos mais variados problemas à conclusão: *Ao mesmo tempo que o Modernismo não oferece, em si mesmo, as ferramentas para a reutilização dos edifícios e preservação histórica, oferece uma apropriada base de trabalho para a aplicação destas ferramentas.*[71]

Stein, no final do seu livro argumenta que não só os materiais, mas também a arte/técnica (do trabalho original) valem a pena serem preservados, pois refletem um tipo diferente de sustentabilidade: *a autenticidade do material original e a arte/técnica que ele representa protagonizam o nível máximo de sustentabilidade simplesmente porque já existem*.

O problema da eficiência energética afecta em grande parte os edifícios de habitação social do pós-guerra. Um caso que vale a pena referir é a *Cité du Lignon* (1963-1971), perto de Genebra,

70 Graf Franz, Marino Giulia, *Recommendations on Improving Energy Consumption in Historic Monuments, Modern and Green: heritage, energy and economy.*

71 Carl Stein, *Greening Modernism: Preservation, Sustainability, and the Modern Movement* (New York, W.W. Norton & Co, 2010), p.81.

projectado por uma equipa de arquitectos liderada por Georges Addor. Este edifício moderno, foi considerado património Moderno em 2009 pela adopção do plano local, dando protecção à escala urbana e recomendando a preservação do sitio e das áreas verdes envolventes. Foi e é reconhecido internacionalmente, desde a sua criação, como um ícone da arquitectura moderna. Le Lignon é um dos maiores e mais ambiciosos projectos de habitação urbana na Suíça. Foi construído sobre uma antiga quinta de cerca de 28 hectares, e como se assemelha a uma enorme parede de 26 a 30 andares de altura (2.780 apartamentos), que serpenteia no terreno, permite oferecer o máximo de radiação solar, com dupla orientação, em cada apartamento.



48. Le Lignon, Calimo, 2011.



49. Le Lignon, Geneva**,** Purchase, The Horace W. Goldsmith Foundation Gift, through Joyce and Robert Menschel, 1995

Confrontados com os novos regulamentos de uso energético na Suíça, foi inevitável uma redução acentuada no consumo de energia na *Cité du Lignon*. Na esperança de fornecer uma análise de dados para futuras intervenções, o trabalho de pesquisa do laboratório TSAM durante 2008-2011, teve como objectivos: a conservação do tecido existente e simultaneamente uma redução no consumo de energia em todo o cantão de Genebra. Esta pesquisa piloto tem sido, actualmente, um meio para desenvolver um método de avaliação, incorporando vários critérios relevantes, que podem definir as formas mais adequadas de intervenção. Em 2013, o Complexo de habitação Le Lignon, recebeu o prémio Europa Nostra 2013, pois introduz um novo instrumento de conservação que pode ser aplicado a uma grande variedade de edifícios de todos os períodos.[72]

Conclui-se, assim, que a antiga abordagem de demolição e reconstrução, de um edifício moderno, já não é a única e só deve ser utilizada em último recurso. As decisões que tomamos são projectadas num futuro que a todos nós pertence, as entidades envolvidas na preservação do ambiente construído (arquitectos, historiadores, conservadores, entre outros) têm um importantíssimo papel a desempenhar e devem mostrar respeito pelo construído, tomando atitudes sustentáveis.

72 http://www.docomomo.com/events?sec=1&id=20 - http://www.europanostra.org/awards/113/.



50. A Frente Ribeirinha. Panorâmica de Almada para Lisboa, autor desconhecido, s/d.

4. O LUGAR DO NÓ OU O NÓ DO LUGAR

O Território possui uma estrutura própria que constitui o sistema inicial de suporte da vida do Homem neste planeta (...) sobre este território, que também teve outros tipos de natureza, como a sua própria natureza selvagem, fomos construindo, pouco a pouco.

João Luís Carrilho da Graça



4.1 Contextualização da área de intervenção



51. Vista aérea de Lisboa atual.

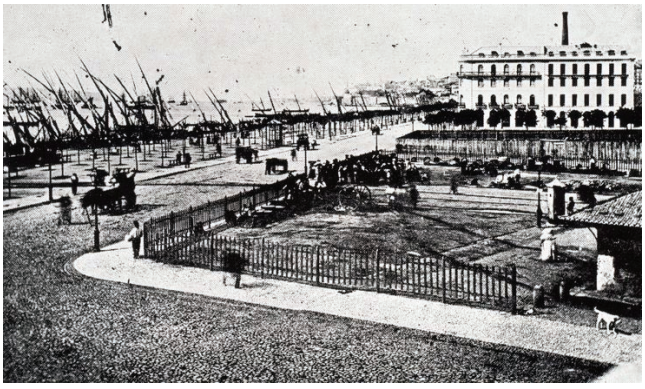
Lisboa e a Frente ribeirinha

Lisboa, a cidade das sete colinas, tomou posse, ao longo dos tempos, das suas encostas e vales que tão singularmente a distinguem. No início da sua formação, a cidade desenvolveu-se através de construções aparentemente sem regra, dado o declive acentuado da implantação e as ruas nas encostas surgiam da intersecção com um eixo principal em espiral que unia o cume da colina à cota mais baixa. Assim sendo, as ruas eram desenhadas consoante o caminho mais curto entre cotas, comportando longas escadarias e rampas inclinadas, ruas estreitas e labirínticas, características das cidades medievais. Não obstante, tirando partido da sua privilegiada localização geográfica, a identidade da cidade está intimamente relacionada com a foz do rio Tejo e a sua frente ribeirinha, nascendo e crescendo com ele.

52. À esquerda: Esquema de evolução da ocupação do território

53. À direita: Ribeira das naus 1875. Autor desconhecido.



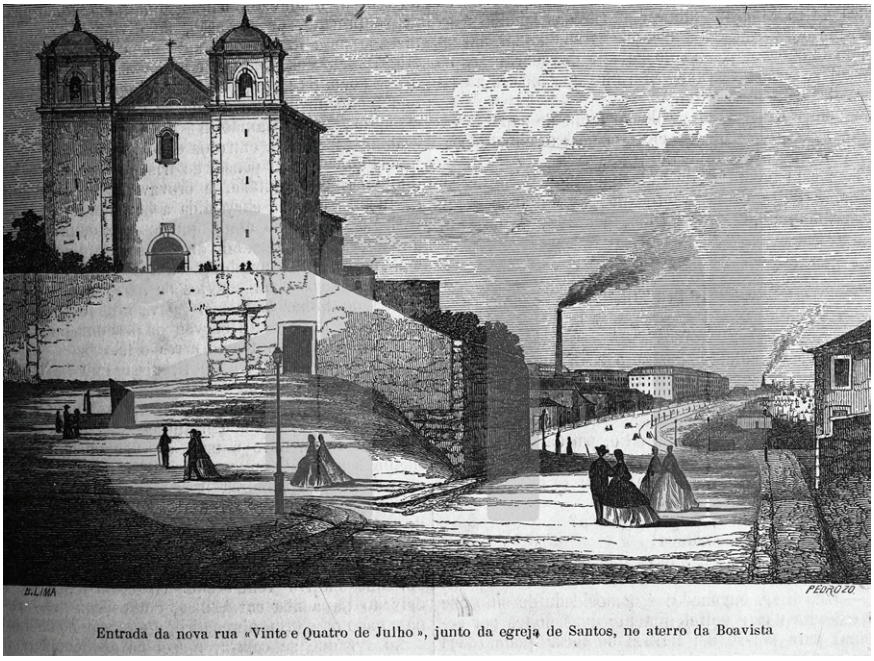


A cidade de hoje sofreu, ao longo de vários séculos, profundas alterações no território. Desde o terramoto de 1755 que destruiu quase por completo a cidade, ao assoreamento natural do rio, às próprias intervenções humanas como a criação de aterros ou à densificação do tecido urbano. Comparada às grandes capitais europeias, Lisboa rendeu-se lentamente ao progresso até meados do Séc. XIX. É com a Revolução Industrial que cresce a vontade, por parte da classe burguesa, de acompanhar as tendências das grandes cidades europeias e transformar a cidade através de reconhecidas melhorias na qualidade urbana, capaz de suportar a expansão que se adivinhava.



54. Extrato da vista e perspetiva da Barra e Costa da Cidade de Lisboa, terramoto do 1º de Novembro de 1755- Terreiro do Paço, Bernardo de Caula, 1763.

Com o objectivo de tornar a cidade internacionalmente conhecida e evoluída, além de terem sido planeadas as infra estruturas básicas como o fornecimento de água e a criação da rede de saneamento, foram postos em prática novos planos urbanísticos gerais: o estudo de grandes infraestruturas como a estrada de circunvalação; a construção dos grandes aterros; a larga Avenida 24 de Julho que une pela marginal o Cais do Sodré a Alcântara; o caminho-de-ferro; a introdução da linha do eléctrico e o grande porto de Lisboa.



55. Entrada da nova rua “Vinte e quatro de Julho”, junto da egreja de Santos , Aterro da Boa Vista, B. Lima, s/d.



56. Avenida 24 de Julho, Joshua Benoliel, 1900.

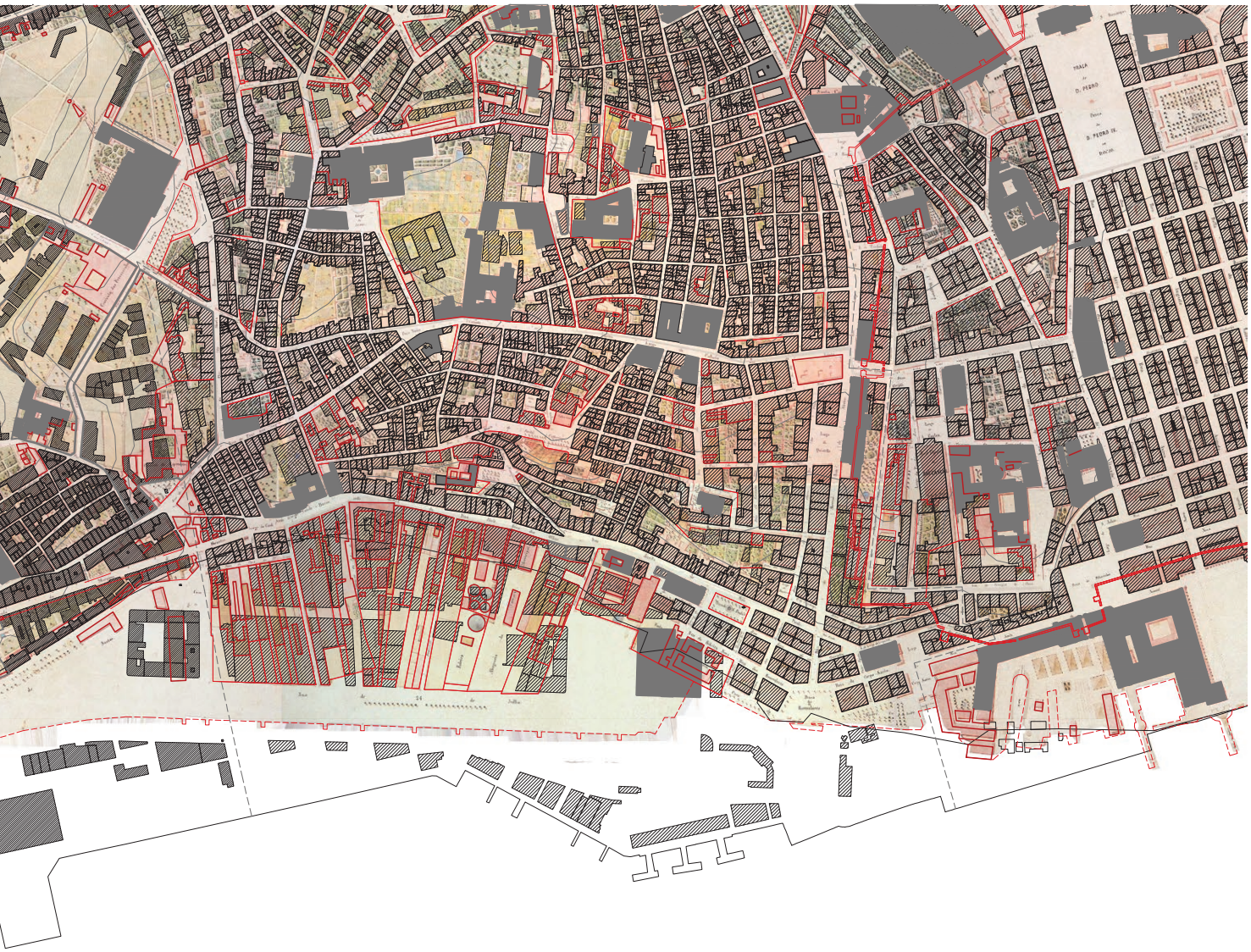


57. Avenida 24 de Julho, Joshua Benoliel, 1900.

O planeamento da cidade, dos finais do Séc. XIX, definia ainda um primeiro anel viário que envolvia o centro de Lisboa e ligava a estação de Santa Apolónia à Doca de Alcântara, interceptando a linha do caminho-de-ferro e as Avenidas da Liberdade e Almirante Reis. Mais tarde, esta "via rápida" foi completada com uma nova ligação entre a Estrela e a Avenida 24 de Julho, através da inauguração da Avenida Infante Santo.

A obra do porto na frente ribeirinha, no final do séc. XIX, marcou expressivamente o período de transformação na cidade e com ele foi criado o grande aterro (fruto da construção sucessiva de vários aterros) entre o Cais do Sodré e Alcântara, palco da nova avenida ribeirinha 24 de Julho. Ao longo da avenida, construíram-se docas, surgiram armazéns e edifícios administrativos do porto de Lisboa, levando este trajecto a ser reconhecido como o mais importante na matriz ocidental e a ser marcado como a nova afirmação no comércio marítimo da capital.





58. MAPA DE SOBREPOSIÇÃO - FILIPE FOLQUE (SEC. XIX) E ACTUALIDADE.



59. Avenida 24 Julho, Cais do Sodré e Mercado da Ribeira. José Manuel da Silva, ínicio do séc XX.

A frente ribeirinha de Lisboa, até finais do Séc. XIX e inicio do Séc. XX, era limitada pelo Largo de Santos (a ocidente) e as Tercenas da Porta da Cruz (a oriente) pois a frente de rio era escarpada e difícil de ser trabalhada. Os aterros, de grande complexidade, construídos na passagem do século XIX para o século XX, foram a solução mais económica de urbanização em relação à cidade consolidada e criaram condições para a construção da linha de comboio, que ligou Lisboa a Cascais, bem como para o desenvolvimento de uma área industrial na zona de Alcântara. Permitiram, ainda, que Lisboa encontrasse a melhor localização para a criação de um porto protegido, essencial na afirmação da cidade. Porém, estas novas infra-estruturas contribuíram também para a ruptura entre a cidade consolidada e o rio, vistas agora como barreiras (o aterro que recebeu a linha de comboio) que condicionam as acessibilidades e que consequentemente retiram identidade aos espaços dai resultantes.

A criação da nova Avenida Infante Santo, projecto urbano da autoria de Alberto Pessoa, permitiu uma melhor ligação física entre a cota alta na Estrela e a cota baixa na frente de rio, cujo traçado ocupava uma linha de vale entre as encostas da Lapa e das Necessidades. A proposta de Alberto Pessoa (1955) para a transformação do que era uma área sobrante entre malhas na cidade consolidada, reagiu-se em parte pelas premissas modernistas da época. O projecto propôs uma clara distinção entre via de tráfego rápido, via de acesso local e zonas verdes públicas, definindo trinta e um lotes de diferentes programas ao longo da avenida. Distinguem-se duas atitudes em cada um dos lados da Infante Santo: a poente, uma banda contínua de edifícios alinhados que rematam a malha existente; do outro cinco blocos isolados e elevados sobre pilotis, colocados perpendicularmente às vias ao longo de uma monumental plataforma. Conforme o edital de 13 de Maio de 1949: *O arruamento em construção, que ligará a Avenida 24 de Julho à Estrela, compreende parte da Rua Tenente Valadim, desde o término da curva do prédio do Estado (Instituto Maternal); parte da Travessa dos Brunos prédios nºs 22 e 24 e, ainda, Rua da Torre da Pólvora* passou a ser a Avenida Infante Santo.[73]

Pouco tempo após a concretização destes planos, a cidade que sempre cresceu ao lado do rio, distanciou-se do Tejo e começou o seu desenvolvimento para o interior (plano de expansão de Ressano Garcia). A construção das grandes avenidas de elevada carga automóvel, a linha de caminho-de-ferro, o porto e os seus armazéns e edifícios administrativos, constituíram uma forte fragmentação do tecido urbano que, apesar da sua importância e necessária construção, afastou a vida urbana das margens do rio.

73 Editorial de 13 de Maio de 1949 *in cm-lisboa.pt*



60. Avenida Infante Santo em construção, autor desconhecido, 1955.



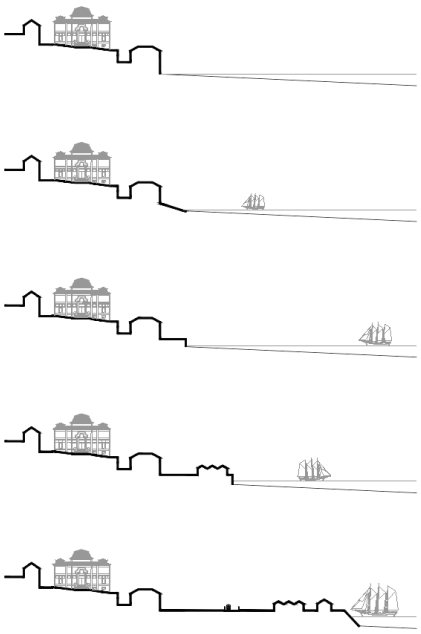
61. Avenida Infante Santo, Blocos residenciais em construção, Judah Benoliel, 1956.

Nos anos 50, a ausência crescente das actividades industriais em Alcântara, assim como a retracção do porto de Lisboa pelo significativo incremento da camionagem, deixaram espaços expectantes e sem ocupação e levaram à vivência num conflito urbano, originado pela degradação e pelo abandono de alguns espaços e edifícios da cidade, como também pela obstrução viária, ferroviária e visual.



62. Avenida Infante Santo, Blocos residenciais em construção, Armando Serôdio, 1958.

A permeabilidade para a encosta tornou-se limitada e os acessos do peão estão muito pouco pensados, o que afasta ainda mais os cidadãos do rio. Apesar de todos estes obstáculos que se desenvolveram no século XX, o rio nunca deixou de ser Lisboa. Ao longo desta frente de cidade encontramos vários elementos que reflectem a sua história e testemunham as várias etapas pelas quais Lisboa passou durante os séculos. Observamos, sem dúvida, uma linha de costa com história, marcada por pontos culturais fortes, desde Belém ao Cais do Sodré, e que comunica com o centro histórico, sem nunca deixar de ser reconhecida como cidade portuária. Porém, muitos edifícios modernos, criados durante estas transformações, impõe-se ao recorte da cidade antiga a partir da Avenida 24 de Julho. Como já foi falado em capítulos anteriores, estes edifícios foram pensados de forma independente à envolvente, sem qualquer relação com o plano urbanístico ou edificado vizinho, segundo ideologias que não valorizavam as pré existências.



63. Esquema evolutivo da margem do rio.

Nos dias de hoje, é evidente o enorme desequilíbrio urbano e falta de identidade, proporcionados por estes edifícios e espaço envolvente, sem que correspondam às características e potencialidades da zona.

Em meados do século XX, numa tentativa de solucionar provisoriamente as ligações urbanas Cidade Consolidada - Rio, começaram a surgir viadutos pré-fabricados, edificados sobre a larga e movimentada Avenida 24 de Julho e a linha dos caminhos-de-ferro. O primeiro viaduto foi construído no seguimento da Avenida de Ceuta e, mais tarde, do da Infante Santo. Contudo, o que tinha sido previsto ser uma solução provisória ainda resiste, à espera de um novo plano urbano que concretize a solução de maneira mais eficaz e mais pensada, no contexto urbanístico e estético.

Para devolver a identidade a esta área da cidade é imprescindível a resolução de várias problemáticas. Desta forma, deve-se atenuar as barreiras que provocaram o afastamento rio-terra e relembrar a importância e simbologia do rio, neste limite de cidade, para a capital. Este processo passa por reabilitar, recuperar e reintegrar as pré-existências, consoante os novos valores contemporâneos, recuperando o contacto e convivência visual com a tão privilegiada frente de rio. Assim, o planeamento deve recair sobre uma revitalização urbana dos espaços devolutos e expectantes mas também sobre os existentes, regenerando os centros urbanos através de mais espaços de vivência de qualidade.

Actualmente, têm sido postas em prática algumas intervenções que apontam para a revitalização e revivência da área. Trabalha-se no sentido da redução de tráfego e aproximação ao peão.

Em curso, apresenta-se um novo plano urbano da Câmara Municipal de Lisboa que desvia o trânsito da Avenida 24 de Julho para ruas interiores e para a avenida de Ceuta em Alcântara, resolvendo alguns nós conflituosos (como é o nó da Avenida Infante Santo) e libertando a circulação no eixo litoral. É ainda proposta a reordenação viária das avenidas com a redução do número de vias e da velocidade estipulada para o circuito automóvel, com a finalidade de diminuir o transporte individual na cidade dando preferência ao colectivo. Felizmente, este plano urbano já apresentou bons resultados no Terreiro do Paço e na Ribeira das Naus, onde é claramente perceptível a diminuição de trafego na zona.

Lisboa reclama a devolução do rio à cidade e aos seus habitantes. No decorrer das últimas décadas valorizou-se a despoluição das águas e da atmosfera para que se pudesse disfrutar do rio numa frente ribeirinha mais humanizada e com funcionalidades variadas, criaram-se espaços de lazer juntos às margens e fizeram-se modificações funcionais nos antigos armazéns e espaços portuários, dando origem a novos comércios e actividades lúdicas.

No troço de Belém e no Terreiro do Paço, a frente ribeirinha já é apreciada pela qualidade urbana e amplitude de vistas que proporciona, o que se torna numa forte atracção turística e acaba por promover o reconhecimento da cidade. Um exemplo de intervenção em Belém foi a construção do novo Museu dos Coches, do Arquitecto Paulo Mendes da Rocha, no qual faz parte do projecto uma ponte pedonal, integrada no edifício, que faz a ligação ao lado do rio atravessando a via rápida e as linhas de caminhos-de-ferro.

Pretende-se criar, pontualmente, passagens como túneis e pontes pedonais com ligações a edifícios de carácter público, como resolução para as acessibilidades à frente ribeirinha. Contudo, também a relação visual com o rio a partir da encosta traz momentos de grande qualidade e enriquecem a cidade na sua vivência. O respirar da cidade, em lugares planeados de vista sobre o Tejo torna-se também numa estratégia de requalificação do espaço urbano, devendo-se aproveitar os espaços devolutos ou expectantes que a cidade já oferece. Assim permite-se a interacção dos habitantes com a cidade e as suas qualidades paisagísticas. Porque o rio faz parte da história da cidade mas também a embeleza de uma forma natural.


Avenida 24 de Julho
Avenida de Brasília
Rua da Junqueira
21
22
23
Área abrangida pelo estudo de reordena
Área em estud
Área verde existente
Área verde proposta
Equipamento existente / Elemento arquitectónico de referência
Equipamento proposto
Área de circulação pedonal
Percurso ciclável existente
Percurso ciclável proposto
Ligação viária proposta
Ligação pedonal proposta
Intervenções Urbanísticas
22 - Plano de Pormenor do Centro de Congressos de Lisboa
23 - Plano de Urbanização de Alcântara
24 - Loteamento Calçada das Necessidades/Infante Santo
25 - Projecto Urbano Frente Ribeirinha - Av. 24 de Julho/Alcântara
26 - Unidade de Execução Interior do Quarteirão dos Marianos
27 - Documento Estratégico da Requalificação do Cais de Santos
Sistema de vistas - ângulos de visão



CÂMARA MUNICPAL DE LISBOA
DIREÇÃO MUNICIPAL DE PLANEAMENTO, REABILITAÇÃO E GESTÃO URBANÍSTICA
DEPARTAMENTO DE PLANEAMENTO E REABILITAÇÃO URBANA
DIVISÃO DE PROJETOS E ESTUDOS URBANOS

PLANO GERAL DE INTERVENÇÕES DA FRENTE RIBEIRINHA DE LISBOA 2013

Proc.º ...

Conceito Urbano Proposto - Alcântara

.../DPUR/2013

UIT Centro Histórico

EM ELABORAÇÃO

1:5.000

03

Julho 2013

Diretor Municipal - Arq.º Jorge Catarino
Diretor de Departamento - Arq.º Paulo Prazeres Pais
Chefe de Divisão - Arq.º Pedro Brilo Dinis

Cartografia de referência propriedade da CML, produzida por Esteréofoto, cobertura aérea de Outubro 1998, sistema de referencia Hayford Gauss Datum 73, atualização parcial em Maio 2010 efetuada por CML/DMPU/DIGC

64. PROJETO DA CML PARA REABILITAÇÃO DE LISBOA. Troço da área em estudo



65. MAPA DAS CENTRALIDADES NAS FREGUESIAS EM ESTUDO SÉC. XVIII



LARGO DA ESPERANÇA

A constituição e toponímia deste bairro, surge da proximidade com o convento da esperança.

PRAIA DA BOAVISTA

ELEVADOR DA BICA

D.Francisco de
enta uma planta
ar, confinando a
s.
por Matias Aires
ficuldade sentida
os do conde de

stador terramoto
grande obra de
mente dos tectos
ssi.
difício alberga o

IGREJA DE SANTOS-O-VELHO

Sobre os vestígios de um presumível templo tardoromano do século IV , dedicado aos santos mártires Veríssimo, Máxima e Júlia, foi edificada nova igreja em 1147.
Mas são as intervenções de 1696 pelo arq. João Antunes - torres sineiras, frontispício e púlpito - e as obras de restauro em 1861 e 1876 que lhe conferiram o perfil que hoje conhecemos.
Na capela-mor profunda, evidencia-se a pedra de armas dos marqueses de Abrantes, os quais cederam o terreno para a construção da capela-mor, ficando com acesso às tribunas laterais da mesma através do seu palácio contíguo ao templo

LARGO DO CONDE BARÃO

No século XVI, junto à praia da Boa Vista foram construídos dois Palácios, o Palácio Alvito e o Palácio Almada Carvalhais.
Na parte frontal ao conjunto formado pelos dois Palácios veio a formar-se um largo irregular que recebeu de forma informal o nome de Largo do Conde Barão.
Em 1804, o nome Largo do Conde Barão passa a ser a designação oficial para aquele espaço, anteriormente conhecido como Rua da Praia da Bica Duarte Belo ou Outeiro da Boa Vista.
À consolidação dos dois Palácios, durante o século XVI, vieram juntar-se arruamentos onde se fixou uma população ligada às actividades marítimas e comerciais.

LARGO DA RUA DE SÃO PAULO

Em meados do século XV e XVI, após a época dos descobrimentos, verificou-se um fluxo de moradores, nomeadamente marinheiros, pescadores, outros marítimos e comerciantes estrangeiros, Este crescimento populacional levou ao afloramento de comércio e ao surgimento de tabernas e bares.
O largo de S.Paulo, surge no lugar da antiga igreja que ficou destruída após o terramoto de 1755, e surge como a centralidade de toda a freguesia, que seguiu a mesma linha construtiva que a baixa pombalina.



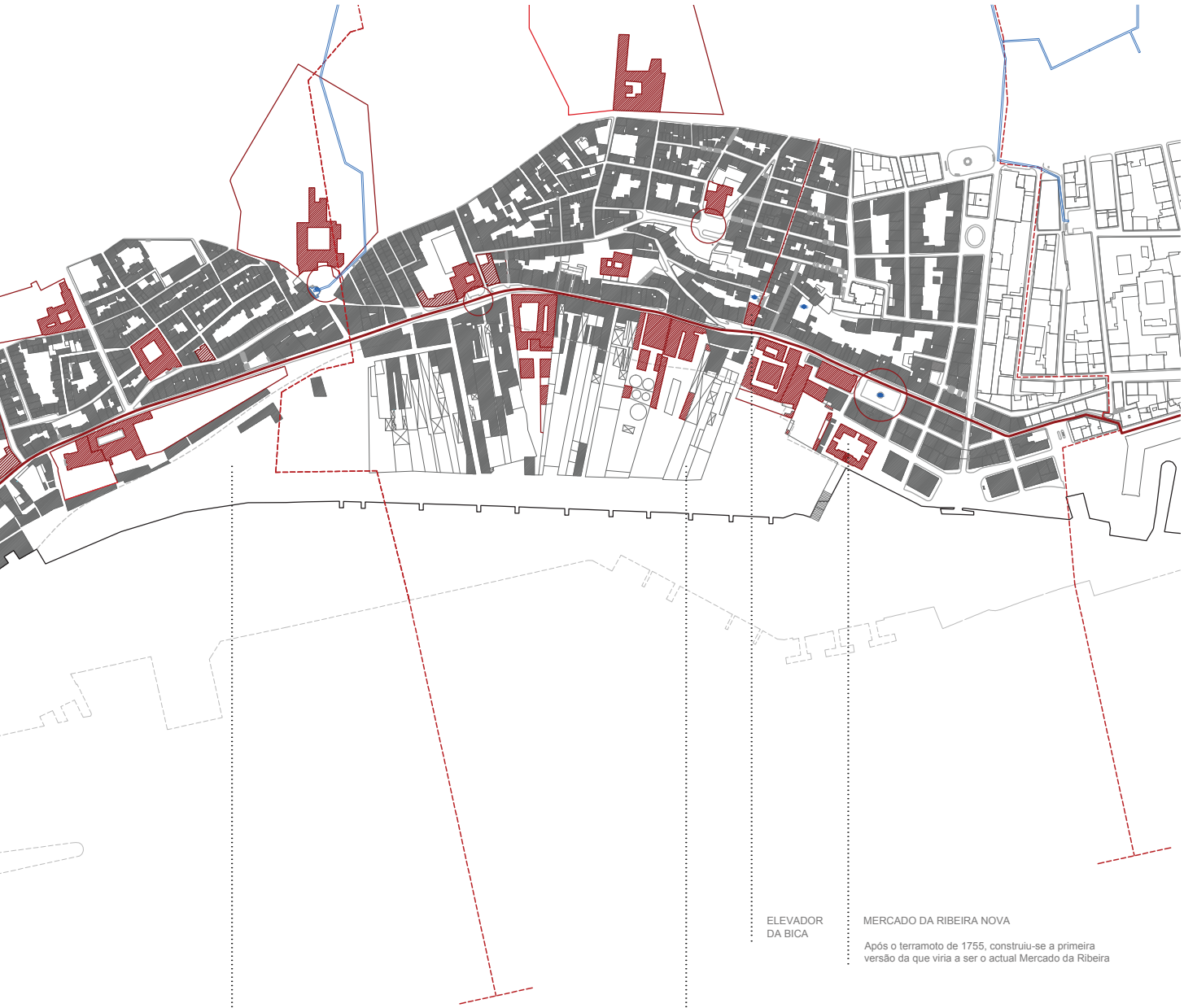
PALÁCIO ALVOR POMBAL

Mandado contruir no XVII pelo D.F
apresenta uma planta com um grand
com o convento das Albertas.
Em 1747 o palacio é adquirido por M
dificuldade sentida em manter a casa p
O palacio saio incólume do devastad
grande obra de requalificação em 17
tratados por Giovanni Rossi.
Desde 1911 até à actualidade o edifici

CHAFARIZ DAS JANELAS VERDES

A construção deste chafariz originou
urbanística com o desenho de uma nov
Construido em 1774, o chafariz das J
portal nobre do palacio Alvor. tradu
barroco.

66. MAPA DAS CENTRALIDADES NAS FREGUESIAS EM ESTUDO SÉC. XIX



ELEVADOR
DA BICA

MERCADO DA RIBEIRA NOVA

Após o terramoto de 1755, construiu-se a primeira versão da que viria a ser o actual Mercado da Ribeira

rancisco de Távora (1° conde de Alvor) de corpo rectangular, confinando a poente

Matias Aires Ramos da Silva Eça, devido à pelos herdeiros do conde de Alvor.
dor terramoto de 1755. veio a sofrer uma 775, nomeadamente dos tectos que foram

o alberga o Museu de Arte Antiga

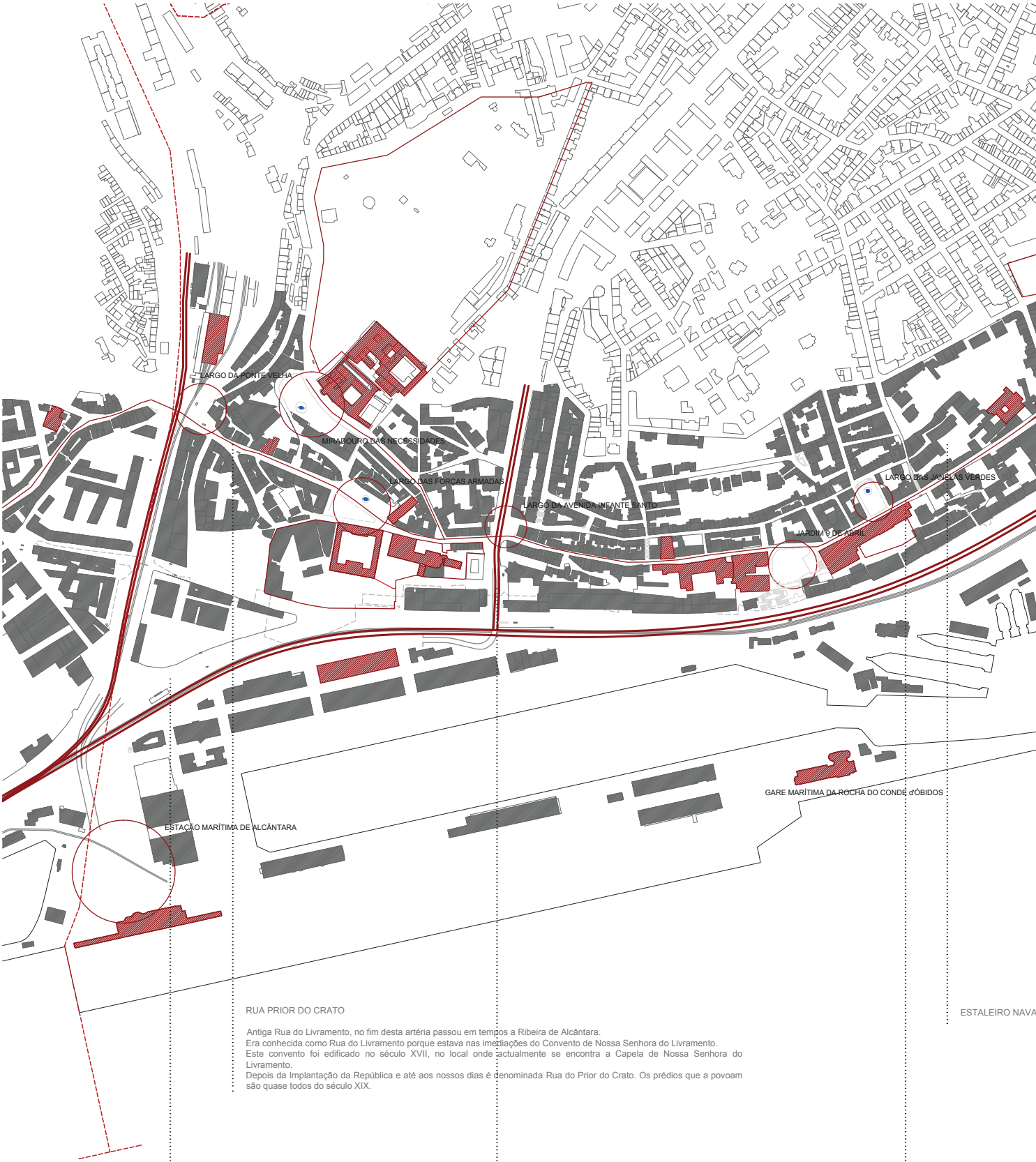
um verdadeiro trabalho de reorganização va praça cronstruida em 1774.
anelas Verdes encontra-se alinhado com o uz uma arquitectura civil de equipamento

PRAIA DA BOAVISTA

Existem referências no século XIV ao papel que a praia de Santos desempenhava no tráfego marítimo, dada a ausência de cais adequados, pois *"por a grande espessura de muitos navios que asi jaziam ante a cidade, como dizemos,iam ante as barcas Dalmadaa aportar a Santos, que he hum grande espaço da cidade, nom podendo marear perantrelles".* (Frenão Lopes, apud Ramos, 1994,p.729)
É a partir do século XV e, sobretudo, XIV que esta zona conhecerá maior desenvolvimento, com a eleição da construção naval como prioridade do Estado e a dinamização de novas áreas de estaleiro, nas praias de Santos e da Boa Vista, que trouxe a progressiva instalação de pescadores, marinheiros e gentes ligadas à construção naval.
Durante esta época, a orla ribeirinha de Lisboa foi sendo remodelada, com sucessivos aterros, construções de estaleiros e ancoradouros, sendo referida uma sucessão de *"tabuleiros ao longo da praia"*, assentes em *"estacas muito juntas, espetadas a maço no mar"* (Góis apud Ramos, 1994, p.724)

ATERRO DA BOAVISTA

A partir do Século XVI, o desenvolvimento desta área de Lisboa encontra-se intimamente ligado à instalação do Paço Real de Santos que, tal como o Paço da Ribeira (Praça do comércio), polarizam definitivamente a cidade para o rio, alargando a estrutura urbana a arrabaldes (arredores) até aí ocupados praticamente apenas por ordens religiosas.
O terramoto de 1755 não provoca grandes danos nesta zona, registando-se apenas alguns estragos no Conventos das Albertas e a queda da abóbada da Igreja de Santos-o-Velho, mas impulsiona um verdadeiro desenvolvimento da zona, com o re-ordenamento urbanístico e a abertura e reestruturação de vias, de que é exemplo a abertura da Calçada Marquês de Abrantes.
O crescente influxo populacional levou, por sua vez, à multiplicação de telheiros e barracões na praia de Santos, que ladeavam com cascos abandonados, conduzindo inevitavelmente ao avanço gradual sobre o rio e à progressiva degradação da orla ribeirinha, cada vez mais utilizada como vazadouro comum.
A partir da primeira metade do século XIX, a freguesia assiste a uma profunda remodelação com a concretização do Aterro. Constituindo um projecto já antigo, datando, pelo menos, do reinado de D.João V, no âmbito de um vago plano para construção de um porto, as obras para a construção do Aterro foram apenas decididas após o surto de cólera-morbos que grassou na Lisboa de 1857, como medida preventiva contra novos focos de epidemia.
Assim eram desquitas as praias de Santos e da Boa Vista, que reuniam despejos e desperdícios entre zonas de estaleiro, telheiros de armazéns e postos de desembarque de carvão e madeira.
Em 1858 o engenheiro José Vitorino Damásio é encarregado de proceder ao aterro da margem desde o Boqueirão da Moeda até à praia de Santos.



RUA PRIOR DO CRATO

Antiga Rua do Livramento, no fim desta artéria passou em tempos a Ribeira de Alcântara.
Era conhecida como Rua do Livramento porque estava nas imediações do Convento de Nossa Senhora do Livramento.
Este convento foi edificado no século XVII, no local onde actualmente se encontra a Capela de Nossa Senhora do Livramento.
Depois da Implantação da República e até aos nossos dias é denominada Rua do Prior do Crato. Os prédios que a povoam são quase todos do século XIX.

ESTALEIRO NAVA

AVENIDA 24 DE JULHO

A 24 de Julho de 1833, D.Miguel e o seu irmão D. Pedro IV confrontam-se defendendo, D.Miguel, por um lado o Absolutismo e o irmão o Liberalismo - Foi a Guerra Civil de 1828 a 1834.
Em 1878, em deliberação da Câmara Municipal foi dada a denominação de Rua 24 de Julho à parte ocidental do aterro que começa na praça D.Luís e termina no Caneiro de Alcântara.

AVENIDA INFANTE SANTO

No início do século XIX este local era chamado Tercenas, antes do aterro era tudo uma orla. o mar banhava o paredão das «TERCENAS» e tudo cheirava a maresia .
Actualmente a avenida Infante Santo é uma das principais arterias de entrada na cidade de Lisboa

RUA DAS JANELAS VERDES

Por volta do sec. XVI, te
maioritariamente à ordem reli
construção que datam essa
hoje se mantem com usos dif

67. MAPA DAS CENTRALIDADES NAS FREGUESIAS EM ESTUDO SÉC. XX



AL DA ROCHA DO CONDE d'ÓBIDOS

S

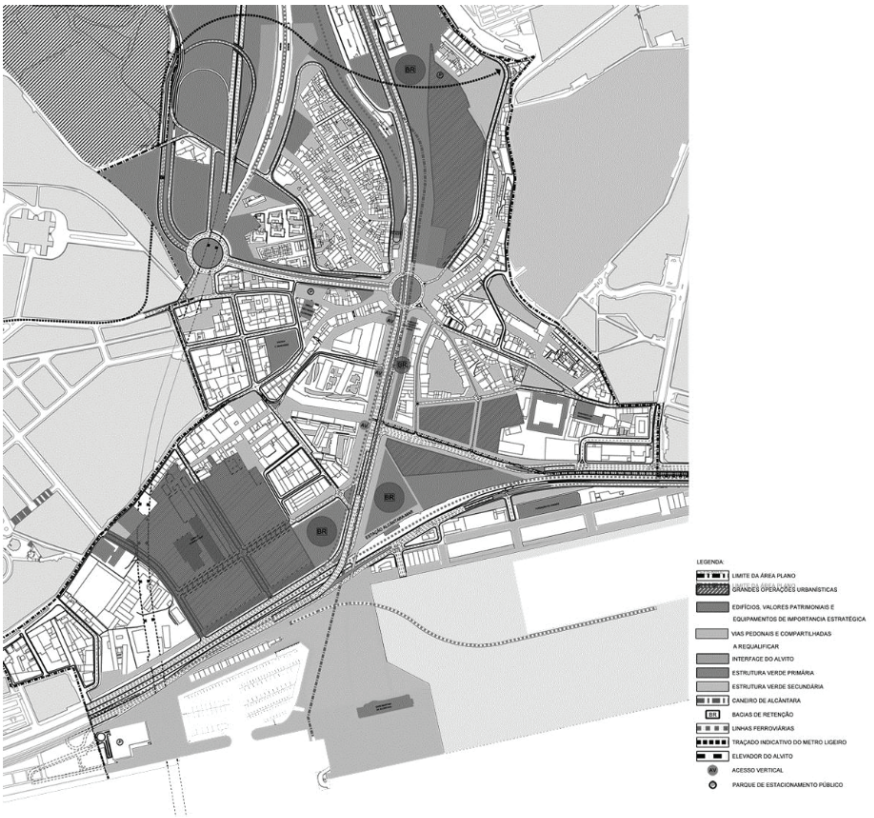
errenos envolventes à rua das janelas verdes pertenciam
giosa das comendadeiras de santiago. Por esse motivo todas as
época foram maioritariamente conventos e palacios que ainda
erentes.

RUA DA BOAVISTA

Tal como acontecia com a rua das janelas verdes, os terrenos envolventes à rua da boavista pertenciam maioritariamente à ordem religiosa das comendadeiras de santiago. Motivo pelo qual esta rua está ocupada maioritariamente pelo convento e igreja de santos-o-velho

RUA DE SÃO PAULO

Em meados do século XV e XVI, após a época dos descobrimentos, verificou-se um fluxo de moradores, nomeadamente marinheiros, pescadores e comerciantes estrangeiros. Este crescimento populacional levou ao afloramento do comércio e ao surgimento de tabernas e bares, tornando a Rua de São Paulo maioritariamente de uso comercial e de serviços, função que actualmente ainda mantém.



68. Plano Urbano Alcântara XXI.

O plano urbano “Alcântara XXI”, também se tornará bastante importante para a revitalização desta área da cidade pois engloba parte das Avenidas Infante Santo e 24 de Julho e ainda a zona do Porto de Lisboa.

Com o ideal de centralizar Alcântara, potenciando toda a zona envolvente e melhorando a articulação da rede de transportes públicos, o arquitecto Manuel Fernandes de Sá elaborou e assinou o Plano Urbano “Alcântara XXI”.

Alcântara é, nos dias de hoje, a consequência das grandes transformações causadas ao longo do tempo, pela ocupação industrial, assim como por todas as alterações geográficas que isso veio implicar, gerando uma nova configuração ao terreno,

sem esquecer a alteração da escala da cidade. Para tal, tornar-se-á imperativo recuperar as velhas áreas industriais, que actualmente se encontram desocupadas.

A área na qual o projecto irá incidir é delimitada da seguinte maneira: a Norte, pela Rua 1º de Maio e a Rua de Alcântara; a Sul, pela linha férrea Lisboa-Cascais; a Nascente, pela Avenida Infante Santo e a Ponte pela travessia do Conde da ponte.

Segundo o relatório da proposta para o Plano Urbano "Alcântara XXI"[74] as metodologias e estratégias do projecto são as seguintes:

1. *Rótula da cidade de Lisboa* *– O Vale de Alcântara constitui um sector da cidade de Lisboa determinante para a concretização de uma nova política de mobilidade que assente numa diminuição da acessibilidade automóvel à Baixa Pombalina e ao centro da cidade.* Esta rótula deverá *ganhar um papel acrescido em termos da rede de interfaces de rebatimento e dissuasão da utilização automóvel no centro da cidade.*

2. *Interface Tripolar* *–Especial relevância para as correspondências propostas entre os transportes urbanos – autocarros e eléctricos – com o comboio e o metro.*

3. *Compacidade Urbana Sustentada* *– Propõe-se uma estratégia de limitada oferta rodoviária (vias e estacionamento) a par de uma excelente conexão do sistema de transportes multimodais, como base para uma compacidade urbanística capaz de gerar uma economia urbana sustentável e ambientalmente menos agressiva.*

4. *Um novo "T" Rodoviário* *– A configuração da rede viária é conseguida pela nova estrutura do "T" deitado em que a Av. da*

74 DE SÁ, Manuel Fernandes - Plano de Urbanização de Alcântara, Proposta do Plano – Julho, 2010 (p.52 a 54).

Índia em ligação directa com a Rua de Cascais/ Av. de Ceuta se deixa entroncar de forma e capacidade limitada com a Av. 24 de Julho, contendo assim a acessibilidade à Baixa Pombalina. A outra grande transformação reside na transferência de grandes quantidades de tráfego da Av. da Índia para a Av. Brasília, através da construção de um novo viaduto sobre o actual caminho-de-ferro, em articulação com outro conjunto de medidas que deverão ser tomadas na zona da inserção da CRIL em Algés.

5. *Menos Tráfego de atravessamento* *– As melhorias passíveis de serem introduzidas no grande nó rodoviário entre a Av. de Ceuta, o Eixo Norte/ Sul-Ponte 25 de Abril e a auto- estrada de Cascais-Av. Duarte Pacheco de entrada no centro da cidade, deverão permitir melhorar as condições de funcionamento do cruzamento de Alcântara que fica aliviado da entrada na Ponte e de tráfego de atravessamento, assim como deverá melhorar as conexões de poente para norte, e ainda as condições de escoamento da zona do Marquês de Pombal em direcção à Ponte e Av. Ceuta, o que trará benefícios para a rede local (eixos Maria Pia e Prior do Crato).*

6. Viabilidade do Terminal de Contentores *– A capacidade disponível na Av. Brasília para poente da zona de Alcântara permite viabilizar o tráfego de pesados destinado ao Terminal de Contentores de Alcântara.*

7. Mais Estacionamento para Residentes *– A resolução do estacionamento de superfície através de um programa de dotação de lugares para residentes – proposta de cinco parques públicos para apoio às áreas residenciais pré-existentes.*

8. Nova Centralidade Terciária *– A dotação de estacionamento privado na nova edificação deverá seguir a evolução adoptada pela revisão do PDM (…) apesar da excelente vocação terciária da zona face à boa acessibilidade metropolitana que terá por transporte público.*

9. *Metro em Alcântara* *– As possibilidades que correspondem à tendência de expansão (…) representam uma boa conexão com a área, gerando novas possibilidades derivadas da interface que é criada na Estrela. O prolongamento daquelas Linhas até à Estrela pode ser uma solução interessante porque sugere uma possibilidade, a longo prazo, de atravessamento do Vale de Alcântara para o Alvito, por exemplo com recurso a uma ferrovia ligeira prolongável mais para Ocidente.*

10. *Qualidade do Espaço Público* *– O novo reordenamento viário e a contenção das soluções de circulação automóvel designadamente do ponto de vista do número de vias a prever, sem comprometimento do desempenho das principais intersecções, permitiu um programa generalizado de alargamento de passeios que viabiliza os principais percursos pedonais e cicláveis previstos em PDM, para além de garantir um ambicioso plano de arborização dos espaços-canal.*

11. *Mais Articulação com Autocarros e Eléctrico* *– O reordenamento viário implica ainda ajustamentos na rede de autocarros e na localização de paragens (…), com vantagens para o desempenho deste transporte público em articulação e complementaridade com os modos ferroviários, designadamente o eléctrico, que vê ampliada a sua extensão de percurso em canal próprio.*

Na tentativa de reestruturar e requalificar a zona industrial da cidade, apresentam-se os onze parâmetros inseridos no PDML que permitem compreender as abordagens-chave a figurar no Plano Urbano "Alcântara XXI". De um ponto de vista geral, interessa ainda fazer referência a aspectos mais genéricos como: o *Estudo Urbanístico de Alcântara que desenvolve as directrizes do PDM em particular na Área de Reconversão Urbanística Mista, pretendendo-se conter a altura dos edifícios a valores inferiores à cércea de*

referência de 25m, estabelecida no PDM; a *Melhoria das ligações da Cidade ao Rio, assegurando uma maior permeabilidade entre a Área de Intervenção e a frente Ribeirinha de Santo Amaro (Docas)*; e a *Reconversão e reabilitação das áreas industriais obsoletas, através da criação de nova malha urbana que, simultaneamente, integre o tecido industrial pré-existente e confira uma imagem de modernidade à área*.

A proposta desenvolvida pelo arquitecto Manuel Fernandes de Sá, e as restantes propostas e intenções para este troço da frente ribeirinha, não só possibilitarão o equilíbrio na transição entre a paisagem e a estrutura urbana, como também permitirá a racionalização do sistema de transportes e o reforço de novas centralidades, de modo a permitir um melhor usufruto destes espaços por parte dos cidadãos.

4.2 **O objecto e o espaço onde se insere: As Problemáticas e a Requalificação**

Nada é impossível a quem pratica a contemplação.
Com ela, tornamo-nos senhores do mundo.
Lao Tsé



69. Fotografia actual, Área de intervenção, tirada pela autora.

A área em intervenção foca-se no cruzamento entre as avenidas Infante Santo e 24 de Julho. Assume-se como uma zona da cidade de Lisboa com necessidades urgentes de intervenção, onde o eixo Norte/Sul e Este/Oeste da cidade têm um ponto em comum.

A Avenida 24 de Julho, caracterizada por armazéns, muros, industrias encerradas e espaços desaproveitados, num dos lados e uma frente ribeirinha de difícil acessibilidade, expectante de novos espaços de lazer para a cidade, do lado oposto, é hoje em dia, uma via rápida que comporta inúmeras barreiras e filtros para a cidade consolidada.

Barreiras como a linha férrea, o viaduto automóvel e a larga Avenida 24 de Julho, consequências do aterro que marca a frente ribeirinha na passagem do séc. XIX para o séc. XX, quebram as acessibilidades entre o rio e a encosta e impõem-se fisicamente, não deixando de marcar o lugar de forma negativa, especialmente a nível visual com a elevada densidade de circulação automóvel e o impacto das infraestruturas viárias. Reunindo a ausência de identidade evidente do local e o confronto desarmonioso entre épocas de construção, estas condições contaminam a envolvente e contribuem para a falta de qualidade do espaço urbano adjacente, que dada a sua localização (o cruzamento entre dois eixos da cidade e a proximidade do rio) tem todas as condições de ser uma referência de qualidade na cidade de Lisboa e por isso um novo ponto de atracção, pensado para o bairro e para a cidade.



















Da esquerda para a direita:

70. Fotografia actual, Avenida 24 de Julho, tirada pela autora.

71. Fotografia actual, Avenida Infante Santo e viaduto, tirada pela autora.

72. Fotografia actual, Rua Tenente Valadim, tirada pela autora.

73. Fotografia actual, Avenida 24 de Julho, tirada pela autora.

74.Fotografia actual, Travessa dos Brunos, tirada pela autora.

75. Fotografia actual, cruzamento da Travessa dos Brunos com a Travessa da Cruz da Rocha , tirada pela autora.

76. Fotografia actual, Travessa da Cruz da Rocha, tirada pela autora.

77. Fotografia actual, traseiras Edificio a intervir, tirada pela autora.

78. Fotografia actual, Calçada da Pampulha e Rua Presidente de Arriaga, tirada pela autora.

79. Fotografia actual, Fachada principal do edifício para a Av. 24 de Julho, tirada pela autora.

FORÇAS	FRAQUEZAS	OPORTUNIDADES	AMEAÇAS
Avaliação Física: .Presença de sistema de transportes públicos, os comboioas da CP linha de caminho de férro Cais do Sodré - Cascais e paragens de autocarros e táxis. .Clima ameno que favorece o uso do espaço público. .Proximidade com o rio. Avaliação Sociocultural: .Zona antiga da cidade. .Lógica e proximidade de bairro na Calçada da Pampulha. .Igreja Paroquial São Francisco de Paula .Proximidade com o Hospital da CUF Infante Santo .Proximidade com o Museo da Arte Antiga e a baixa de Lisboa do lado oriental e a ocidente o Museo do Oriente e o Lx Factory em Alcântara. Avaliação Urbana: .Zona de edifícios de escritórios e de habitação (combinação de diferentes programas) .Desenvolvimento ao nível das infra-estruturas. .Fácil acesso ao centro da cidade.	Avaliação física: .Difícil ligação entre cotas. .Pouca permeabilidade no quarteirão. .Difícil acessibilidade ao rio. .Trânsito viário intenso. .Falta de Identidade. Avaliação Socio cultural: .População envelhecida. .Contraste entre a população residente e a população activa trabaladora na zona. Avaliação Urbana: .Vazios urbanos e espaço público desqualificado. .Edifícios devolutos-Dispensário de Alcântara. .Barreiras física e visual provocadas pelas avenidas 24 de Julho e Infante Santo, Linha de comboio, viaduto e alguns edifícios da avenida 24 de Julho. .Conflito entre o transporte visual, público e fruição do espaço público. .Congestionamento de tráfego. .Baixa provisão de equipamentos de apoio à 3ª idade e ao pré-escolar, bem como as trabalhadores. .Poluição sonora e visual.	Avaliação Física: .A avenida 24 de Julho poderá receber uma ciclovia e pode tornar-se num percurso pedonal de qualidade graças ao terreno ser plano. .As zonas mais elevadas na encosta poderão receber pontualmente espaços de contemplação da paisagem e do rio. Avaliação Sociocultural: .Facilidade da zona de se tornar um ponto de atracção turístico e um novo centro urbano. .Possível Reabilitação do Dispensário de Alcântara num mercado de qualidade. .Capacidade para o desenvolvimento de novos equipamentos e espaços públicos para eventos de âmbito cultural. .Criação de espaços que atraiam a população mais jovem, desde infantários, espaços de estudo, bibliotecas, auditórios, entre outros. .Reabilitação dos edifícios mono-funcionais para edifícios multi-funcionais. Avaliação Urbana: .Reorganização das infra-estruturas viárias, de transporte e consolidação da trama urbana. .Revitalização dos vazios urbanos e espaço público.	Avaliação Física: .Conflitos em compatibilizar as condicionantes impostas pelas infra-estruturas existentes com a estrutura edificada. Avaliação Sociocultural: .Desemprego. .Desequilíbrio na utilização do espaço público diurno e nocturno. .Diminuição na taxa de natalidade. Avaliação Urbana: .Risco de vida para os peões. .Desertificação urbana. .Desequilíbrio na vivencia do espaço público diurno e nocturno. .Abandono e degradação de edifícios .Obsolescência de Edifícios.

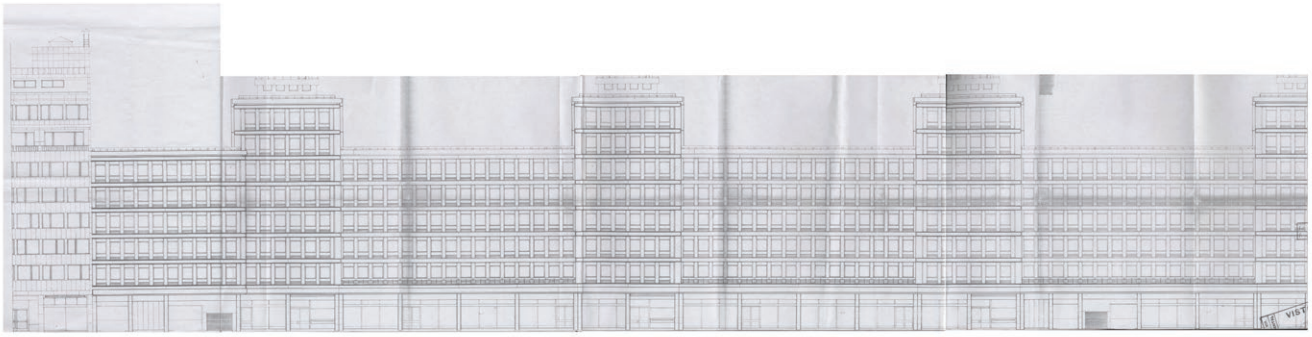
Legenda: Tabela de Análise SWOT

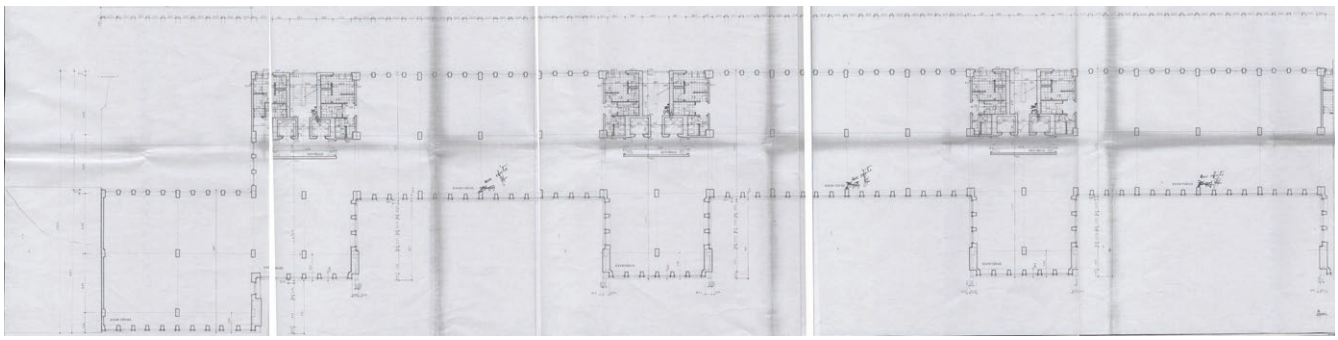
A questão principal do projecto incide no tema da reciclagem de um conjunto Moderno, autónomo e funcional, ligado a um processo de reabilitação da cidade consolidada. Pretende-se propor uma visão prospectiva sobre a área da cidade de Lisboa em contacto com o eixo horizontal que é a Av. 24 de Julho. Neste sentido a partir da análise das problemáticas encontradas no local a intervir, define-se uma estratégia que actuará na área de intervenção evidenciando o cruzamento das avenidas 24 de Julho e Infante Santo e principalmente no edifício escolhido a ser reabilitado.

O edifício escolhido para intervenção, é o edifício de escritórios, pertencente ao ministério da educação, localizado na avenida 24 de Julho. Trata-se de um edificio de escritórios projectado e construído na década de 70 da autoria do Arquitecto Rodrigues Lima, em colaboração com a equipa de arquitectos José Terra da Motta, Aleixo Terra da Motta e Celestino F. Magalhães.

80. Em cima: Alçado original do Edifício. Projecto do Arquitecto Rodrigues Lima, 1973.

81. Em baixo: Planta tipo original do Edifício. Projecto do Arquitecto Rodrigues Lima, 1973.



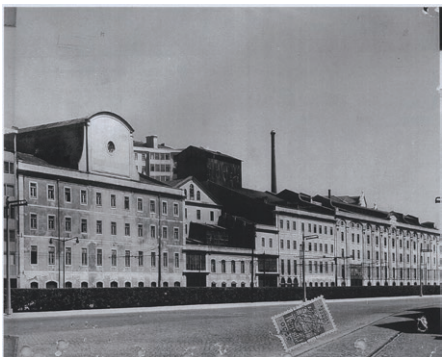


O Arquitecto Rodrigues de Lima, foi um dos mais produtivos arquitectos da década de 40 e 50. Nasceu em Lisboa em 1909, e morreu em 1979. Diplomado pela ESBAL em 1931, foi autor de um impressionante número de edifícios, principalmente de obras oficiais, com destaque para os edifícios prisionais e para os edifícios de tribunais, sendo um dos arquitectos que mais contribuiu para a formação da linguagem arquitectónica dos anos 40 e 50 e, principalmente, pela sua divulgação por todo o país. Rodrigues de Lima foi autor, além do edifício de escritórios da 24 de Julho, de outras obras como o Cinema Cinearte (1938-40), os Pavilhões da Fundação Formação e Conquista e da Independência na Exposição do Mundo Português de 1940, a Cadeia também do autor. O Plano de Urbanização e Bairro dos Pescadores da Ericeira. Co-autor com Fernando Silva no Edifício de Habitação premiado com o Prémio Valmor de 1943, na Avenida Sidónio Pais. O Laboratório Sanitas, nas Amoreiras, Lisboa (1945), Cinema Monumental (1944-50), Cine- teatro Messias (Mealhada), Cine-teatro Micaelense, S. Miguel, Açores (1947-51), Cine-teatro Avenida (Aveiro), Cine-teatro Covilhanense (Covilhã), Cinema Império (Lagos), Edifícios da Polícia Judiciária de Lisboa, Prisão de Caxias, conjunto habitacional em Campo de Ourique (1940), foi também autor de muitos dos edifícios de tribunais que se construíram na época, entre os quais os de Beja (1951), Vila Real (1952) e do Porto, terminado já em 1961, mas que constitui talvez o exemplo mais significativo da sua obra arquitectónica.[75]

Apesar de não ser uma obra de grande destaque da época, o edifício em análise ganha uma forte presença na Avenida 24 de Julho e na área envolvente, não passando despercebido para quem olha a cidade do lado do rio nem para quem contempla o rio da cidade consolidada.

75 PEDREIRINHO, José Manuel, *Dicionário dos Arquitectos Activos em Portugal do Século I à Actualidade,* Porto, Edições Afrontamento, 1994, pp.146, 147.

O edifício de escritórios, é constituído estruturalmente segundo o esquema pilar/viga, sendo o espaço interior em *open space*, ritmado por pilares com cerca de 6m de espaçamento entre eles. O material estrutural é betão armando, ou seja, o tipo de edifício que Mies intitula como *esqueleto e pele*. Contém uma fachada ritmada e regulada por vãos exteriores de 1,30 m por 1,30 cm, de caixilharia de alumínio. Na imagem geral do edifício sobressaem quatro volumes paralelepipédicos e três terraços, unidos por um embasamento de carácter público, onde estão localizadas algumas lojas e instituições bancárias e as quatro entradas ao edifício.



82. Fotografia do Edifício Industrial (sede da Companhia Industrial de Portugal) antes da sua demolição. Autor desconhecido, s/d.

A utilização de pilares em vez de paredes portantes (planta livre), o terraço-jardim, que oferece a possibilidade de aproveitamento da cobertura para zonas de carácter lúdico, o sistema de fachada livre, e a construção maioritária em betão, são características que distinguem este edifício como uma obra com características do Movimento Moderno, ainda que não seja um exemplo significativo do Moderno.



83. Fotografia da Avenida 24 de Julho antes da demolição do Edifício Industrial (sede da Companhia Industrial de Portugal). Autor desconhecido, s/d.

Foi originalmente construído em 1973 como sede da antiga Companhia Industrial de Portugal e Colónias, após a demolição do edifício industrial que desempenhava a mesma função, no mesmo local. Tendo em conta o plano urbano, também de características modernistas, faz parte de uma linha de construção de edifícios, sobre o aterro, edificados em frente da antiga linha da margem ribeirinha.

Hoje em dia, este edifício é utilizado como um edifício de escritórios que pertence ao Ministério da Educação, sabe-se que está em funcionamento e que não está previsto pela Câmara de

Lisboa nenhum plano de reabilitação, porém, marca a frente ribeirinha e o bairro onde está inserido com uma conotação negativa, pois a sua construção actua como uma pesada barreira urbana, dada a sua dimensão (mais de 200 m de frete de rua). Não permite a permeabilidade da cidade consolidada à Av.ª 24 de Julho e consequentemente ao rio, mais ainda, não oferece nenhuma qualidade urbana pela sua imagem e estado de conservação, nem qualidade de vivência tanto para os trabalhadores como para os moradores do bairro. A banda construída em frente do antigo remate da cidade, como já foi referido, é da época do modernismo, não valorizado o existente. A introdução da chamada "regra dos 45º"[76] nesta época, resultou nestes novos alinhamento urbanos, regidos pela cércea dos edifícios e cujos espaços públicos eram o resultado da altura máxima permitida segundo a regra sem terem consciência do ambiente urbano que daí resultaria.

Actualmente consegue-se compreender que a encosta ficou aprisionada por este novos edifícios, constata-se uma colisão entre escalas e épocas constructivas mal planeadas que não a permitem respirar.



84. foto alçado actual do Edíficio, motagem da autora.

76 Art.º 59 do Regulamento Geral das Edificações Urbanas, segundo o qual "a altura de qualquer edificação será fixada de forma que [...] não ultrapasse o limite definido pela linha recta a 45º traçada [...] a partir do alinhamento da edificação fronteira [...]".

No quarteirão onde está inserido o edifício, temos a clara percepção do conflito de épocas e da marcação da antiga frente ribeirinha evidenciada pelas traseiras de um conjunto habitacional cujo traçado morfológico pertence à cidade anterior ao terramoto. Este espaço é agora entendido como as traseiras de edifícios, de um lado existe o edifício de escritórios do século XX pertencente ao ministério da educação, do outro um conjunto habitacional sem qualquer contacto com a Av. 24 de Julho e, consequente, frente de rio. Como limite tanto se pode entender este espaço como algo que separa duas realidades cidade/rio e habitar/trabalhar.



85. Fotografia actual, traseiras do edificio, tirada pela autora.



86. Fotografia actual, traseiras do edificio, tirada pela autora.

Carece-se de um ambiente urbano que ofereça qualidade de vida, mas também um futuro, no qual aspectos de sustentabilidade social, económica e ambiental sejam equilibrados. O racionalismo do modernismo, ao qual corresponde a última época de construção na área de intervenção, evidencia-se no zonamento rigoroso das funções da cidade. Por consequência é mais tarde traduzido na monotonia das zonas residenciais, sobretudo nos períodos diurnos e na desertificação nas zonas centrais da cidade. Criaram-se espaços públicos demasiado indefinidos e sem identidade, o que influenciou negativamente a qualidade de vivência dos seus moradores. Valorizou-se em demasia o automóvel prejudicando o peão. Na área de intervenção, existe demasiado trânsito automóvel, vias largas congestionadas e lugares de estacionamento. A maior parte das ruas na área, está longe de ser um local de encontro, onde é possível socializar.

Segundo o Dicionário de Términos sobre la Ciudad y lo Urbano 40, de 2010 o espaço público é caracterizado por um espaço de encontro e convivência coletiva, de comércio e atividades, e de circulação dos seus utilizadores, condicionado pelo enquadramento urbanístico e social. Atua, assim, como um elemento de interligação urbana, e *mais do que um recetáculo, é o espaço que acrescenta valor à esfera íntima dos indivíduos, é onde se vivencia a forma pública das nossas cidades, são os espaços que podem estimular o heterogéneo e fragmentado tecido urbano e que podem possibilitar a interconexão com o novo meio flutuante contemporâneo. Acredita-se que a concordância entre a arquitetura e o espaço público são a base de novos desenhos e de novos projetos que podem dar resposta à complexa realidade em movimento das nossas cidades.*[77]

77 PRIX, Wolf, *El lugar como haz de fuerzas*. In QUADERNS: Forum internacional, 2. P. 110

A organização do espaço e a sua revitalização é um dos mais significativos impulsores de construção do habitar, interferindo directamente em cada individuo e na sua vivência tanto no espaço público como no privado. Tão importante quanto os edifícios na cidade, são os espaços públicos que existem entre eles. Um espaço público bem resolvido deverá mudar a vida das pessoas que o vivem mas também a imagem da cidade para as pessoas que o conhecem. Precisará de ser desenhado tendo em conta os seus usos, considerando também os seus usuários, para se poder manter e garantir não sendo violado, invadido, abandonado ou ignorado.

Com o reordenamento viário e disciplina do estacionamento automóvel e a redefinição dos perfis das duas avenidas principais da área (av. Infante Santo e av. 24 de julho), de forma a reduzir a intensidade do transito automóvel, a esperança é de que as próprias avenidas integrem espaços públicos de passeio e deixem de ser também elas barreiras urbanas.

Na Avenida Infante Santo pretende-se estabelecer um momento de pausa e devolver à cidade as ligações pedestres que outrora lhe pertenceram, mas que por força das novas(antigas) estruturas viárias foram interrompidas, como o viaduto. Aposta-se no prolongamento da cota acima da Av. Infante Santo até ao encontro da 24 de Julho de modo a criar uma praça-miradouro, oferecendo-se assim, uma nova frente ao Dispensário de Alcântara (de momento devoluto), para o qual se projecta uma reconverção com programa comercial, um mercado bairrista. O espaço intersticial, que hoje se encontra em muito mau estado compreendido entre o edifício do Ministério da Educação e as traseiras do conjunto habitacional da Travessa dos Brunos deverá, segundo o projecto de intervenção, ser redesenhado como uma nova rua que qualifica o lugar e transforma este limite, não numa separação entre duas zonas mas sim na ligação entre elas com vencimento de cotas e harmonia entre os diversos espaços. Pretende-se ainda a ligação desta nova rua do projecto

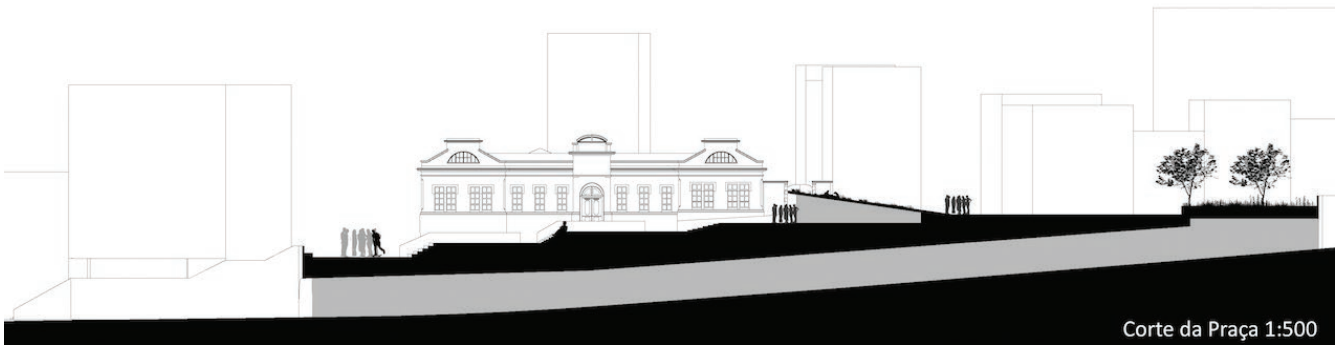
à praça criada por cima da avenida Infante Santo, demarcando e assumindo o muro da antiga linha da margem ribeirinha e devolvendo este antigo traçado à topografia da cidade.



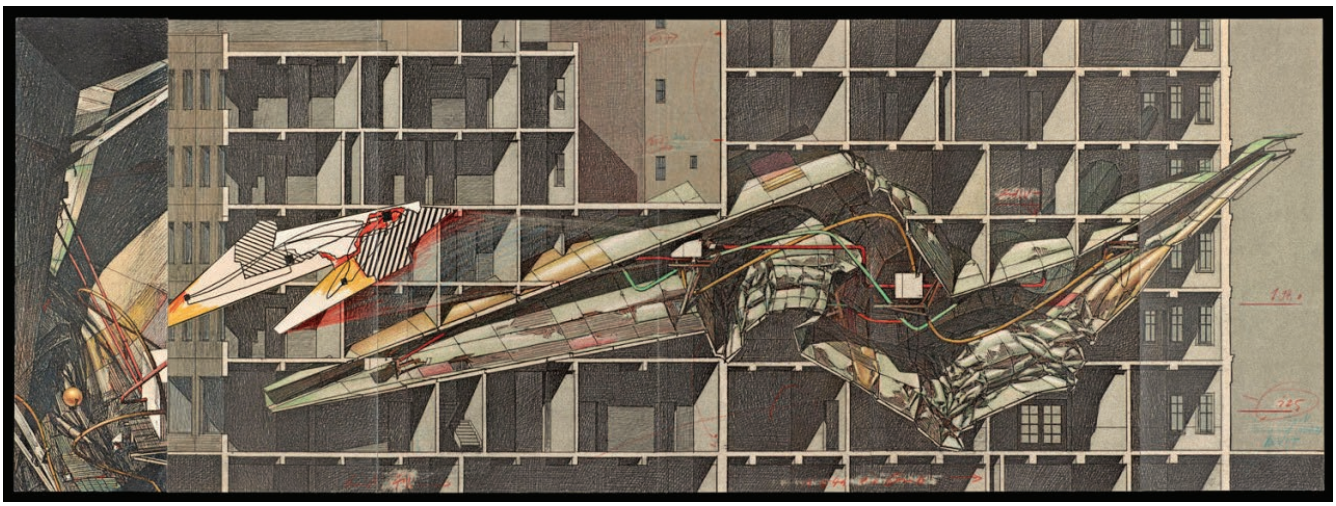
87. Foto actual, descontinuidade urbana causada pela Avenida Infante Santo e o viaduto automóvel. Da autora.

O conceito de espaço público é empregue como elemento identitário e agregador. Espera-se obter com a intervenção, um elemento de coesão territorial, salientando as relações entre os edifícios e o espaço exterior que oferece o carácter de permanência e de circulação, contribuindo para a diversificação e dinamismo no uso do espaço público.

Tendo em conta o edifício a intervir, pretende-se, através da sua Reciclagem, a Revitalização da zona. Desta forma este “novo” edifício, será visto como o elemento qualificador e criador de sinergias na área de intervenção. Através do novo projecto, será possível a ligação física e visual entre a cidade consolidada e a frente ribeirinha, conferindo ao edifício a integração de espaço público. Aspira-se devolver à cidade consolidada a íntima relação com o rio que outrora lhe foi retirada e conferir a esta área da cidade de Lisboa a íntegra qualidade de vivência que merece, visto reunir (como já foi evidenciado) características e oportunidades para tal.



88. Propostas - corte no cruzamento da Avenida 24 de Julho com a Avenida Infante Santo. Esquema da autora.



88. Berlim Zonas Francas- A transformação do Edificio- Desenho de Lebbeus Woods

5. EDIFÍCIO-CIDADE

Um edifício não vive do programa,
vive para o programa, tal como o Homem não vive para respirar,
mas sim porque respira.

Jorge Spencer

5.1 A Origem do conceito de Edifício Híbrido

O tema *Edifícios Híbridos*, comporta diferentes abordagens no percorrer do seu desenvolvimento e, por consequência, são apresentadas posições distintas quanto à definição do conceito de híbrido. Segundo o Dicionário Houaiss da Língua Por*tuguesa (Houaiss, 2002: 1979), híbrido e hibridez têm uma estreita correlação, o híbrido reconhece-se como o cruzamento de espécies diferentes* (podendo ser aplicado a várias categorias) *compostas por elementos diferentes, heteróclitos, despropositados*.

Na sua definição científica, o híbrido surge como um *cruzamento natural ou artificial de indivíduos de espécies diferentes*. A Biologia Molecular leva o conceito de híbrido ao seu expoente máximo, sendo identificado com *determinismos que apoiam os fenómenos de vida e acção humanas*.[76]

Aplicando o conceito aos edifícios, toma-se por edifício híbrido um edifício multifuncional que abarca simultaneamente os domínios publico e privado, adaptando-se às necessidades das cidades contemporâneas.[77] Contudo, hoje em dia, este tipo de edifícios são distinguidos e subdivididos no âmbito do mesmo conceito, segundo a sua tipificação e as suas características, havendo ligeiras diferenças entre eles.

Na arquitectura, esta ideia de híbrido ainda que não denominado desta forma, já existe deste a antiguidade, tanto no contexto da cidade como na própria construção dos edificios. Contudo, apenas ganhou nome e forma no inicio do séc XX, quando a densidade nas cidades admitiu a inevitabilidade da sobreposição de funções.

76 Dictionary of Modern Thought (Bullock, 1990: 398,399).
77 Holl, A. *Foreword to Pamphlet Architecture no. 11: Hybrid Buildings, Princeton Architectural Press*,1985.

Retrocedendo a épocas como a antiguidade clássica, este tipo de organização já era bem visível e necessário. Atendendo a que o principal meio de locomoção na época era o caminhar a pé, os espaços de trabalho, habitação e comércio partilhavam muitas vezes os mesmos edifícios, sobrepostos e sem distinção física de funções. Ao longo dos tempos, a evolução no campo da mobilidade e dos sistemas de defesa, fez com que a cidade rompesse com os seus limites e começasse a dispersar.

O edifício híbrido nasceu, tal como o conceito de cidade, da necessidade de organizar, espacial e politicamente, programas e funções num determinado espaço restrito e densificado. O Arquitecto americano Joseph Fenton, alega que estes edificios surgiram no principio do século XX, segundo a finalidade de revitalizar as cidades americanas e fazer o melhor uso do território.

É no interior da cidade americana que surgem, pela primeira vez, estes organismos complexos, implantados em terrenos de desproporcionado valor do solo. Isto acontece devido à elevada densidade urbana e à rigidez da trama urbana que sugeria a necessidade de criar edifícios que incorporassem múltiplas funções e rentabilizassem o espaço, revitalizando a cidade através das suas características.

No principio do século XX, Nova Iorque, apresenta os primeiros arranha-céus como resultado natural da hiperdensificação. O *mecanismo Otis*, o elevador, surgiu com o grande emancipador dos arranha-céus, garantindo a profecia: *(...)quanto mais alto ele vai, mais indesejáveis são as circunstâncias que ele deixa para trás(...)* e *Quanto maior o número de andares empilhados ao redor do poço, mais espontaneamente eles de solidificam numa única forma*.[78]

78 Koolhaas, Rem; *Delirious New York*; p.106.



90. Downtown Athletic Club.
In - This is hybrid, pag. 15

O facto de terem sido proporcionadas várias circunstâncias, importantes na época (Revolução Industrial), como a invenção do elevador, a estrutura em aço, a congestão urbana e a intrínseca exuberância da cidade, Nova Iorque começou a maximizar o valor dos terrenos, multiplicando, sem limite, a área de cada quarteirão em direção ao céu e somando ainda a possibilidade de criar mundos diferentes em cada piso de cada edifício.

A possibilidade oferecida pelos arranha-céus, e a dificuldade para preencher as novas torres com uma única utilização, abre portas a uma nova categoria urbana, em que cada edifício pode ser visto não como uma multiplicação sistemática de pisos iguais mas sim como um contentor multifuncional, isto é, o edifício híbrido mais perto de como o conhecemos actualmente.

O edifício utilizado por Rem Koolhas em *Delirious New York*, como exemplo desta nova categoria urbana, o arranha-céus multifuncional*, foi o Downtown Athetic Club* (1930) dos arquitectos Starret e Van Vleck. Foi um dos edifícios que comportou esta nova capacidade dos arranha-céus, representando-se como um pequeno rectângulo inserido na rectícula de Manhattan, com 38 pisos de altura. A sua imagem exterior, não o denunciava no conjunto de arranha-céus convencionais que o cercavam. Porém, este edifício continha em si mesmo realidades tão díspares como salas para Squash, no 4ºpiso, Campo de Golfe Interior, no 7ºpiso, Massagens e Barbearia, no 9º piso, Piscinas em salas com triplo pé-direito, do 11 ao 13º,piso, Restaurantes, nos 15º e 18º pisos, e, do 20º ao 35º pisos, o Clube tinha ainda 15 andares de quartos.

O Downtown Athletic Club, revelou as potencialidades revolucionárias do arranha-céus na implementação da multifuncionalidade programática, tornando-se numa *máquina para gerar e intensificar formas desejáveis de contacto humano*. [79]

Em 1916, a Lei do Zonamento de Nova Iorque e a Crise Económica Americana de 1929 estagnaram a evolução dos edifícios híbridos. Depois da implantação da lei, ficou limitada a sobreposição de usos funcionais, considerados incompatíveis, em certas zonas da cidade apontadas como bairros estritamente residenciais. Foram regulados os usos, a altura e o volume dos novos edifícios, com a intenção de ordenar a cidade, assim como privilegiar condições de salubridade. A construção massiva de arranha-céus, assumiu proporções tais que as auto- descredibilizaram. A dimensão dos edifícios causava a deterioração financeira e ambiental das áreas envolventes. A enorme sombra que projectavam sobre os edifícios que os circundassem desvalorizava bastante os restantes edifícios. A Lei do Zonamento veio regrar estas novas construções.

A Lei de Zoneamento de 1916 traça sobre cada terreno ou quarteirão da superfície de Manhattan um invólucro imaginário que define as alturas máximas permitidas para a construção. (...) o processo de mera multiplicação pode avançar até determinada altura; a partir dela, o edifício deve se estreitar em relação à linha do terreno, conseguindo um certo ângulo, para não impedir a entrada de luz nas ruas.(...) Portanto, se corresponder a 25% da área do terreno , uma torre pode alcançar alturas

79 Koolhaas, Rem; *Delirious New York*; p.180.

ilimitadas. A última cláusula incentiva a tendência de uma única estrutura conquistar a maior área possível, isto é, um quarteirão inteiro, a fim de que os 25% que constituem a torre sejam os maiores (e mais lucrativos) possíveis.[80]

A pesar de ainda não se pronunciar em híbrido, o arquitecto americano Raymond Hood desenvolveu nos anos 30 a ideia de combinar escritórios de trabalho, apartamentos, comércio, hotéis e teatros num único volume maciço, para que as actividades do quotidiano fossem aglutinadas numa só estrutura. Koolhas denominou esta intenção de premonição de Hood: *Todos o homens de negócios da cidade devem ter percebido a enorme vantagem que seria viver no edifício do seu escritório de trabalho.*[81] Mais tarde, anos 60, a segregação de usos que se assistia em Nova Iorque e nas grandes cidades norte americanas, que dava valor aos edifícios monofuncionais, foi abandonada pois o resultado da lei do Zonamento mostrou-se desastroso.

o Os edifícios monofuncionais nos centros urbanos eram direcionados na maioria ao trabalho (escritórios), estando activos apenas um terço do dia. O resultado desta inactividade, foi a destruição do tecido comercial e a deterioração da zona. Depois de observar o processo de decadência durante vinte anos, a normativa da zona central de Manhattan voltou a promover usos mistos. Assistiu-se ao aumento do interesse no edifício híbrido. Segundo o crítico inglês Reyner Banham (1964), este período tomou a designação de "*Era das mega-estruturas"*, na qual a figura do arquitecto assume a total responsabilidade pela cidade.

80 KOOLHAAS, Rem; "*Delirious New York*", 1978; p.134-136.
81 KOOLHAAS, Rem; "*Delirious New York*"; p.202.

The Galleria em Nova Iorque (1975), do arquitecto David Specter, foi o primeiro edifício Híbrido construído segundo a nova regulamentação, que exigia a introdução de galerias comerciais no piso térreo e de grandes átrios (espaço público). A introdução da habitação, obrigou a alterações estruturais no arranha-céus tradicional de escritórios: pisos técnicos intermédios, vestíbulos separados e circulações verticais fragmentadas.



91. The Galleria

Começou a valorizar-se a complexidade das relações humanas e a intenção de criar espaços públicos de convívio. Tomou-se a cidade como um organismo vivo de grande complexidade que não podia ser resolvida de uma só maneira. Robert Venturi em *Complexidade e Contradição na Arquitectura,* defendeu a conexão da arquitectura com a cidade e o seu habitante assim como a ambiguidade experiencial e programática:

(...) uma arquitectura complexa e contraditória baseada na riqueza e ambiguidade da experiência que procurava a *(...) riqueza de significado de uma arquitectura que materializasse a difícil unidade da inclusão em vez da fácil unidade da exclusão. Mais não é menos*[82].

Atualmente, o aumento do valor dos terrenos, aliado ao abandono das ideais de segregação funcional, assim como os avanços nas tecnologias ambientais, promovem a mistura de funções, numa tentativa de dinamizar a cidade e os edifícios híbridos começam a ser olhados como uma oportunidade.

82 VENTURI, Robert; *Complexidad y contradiccion en la arquitectura*; pag. 16.

5.2 O Híbrido não é um Condensador Social

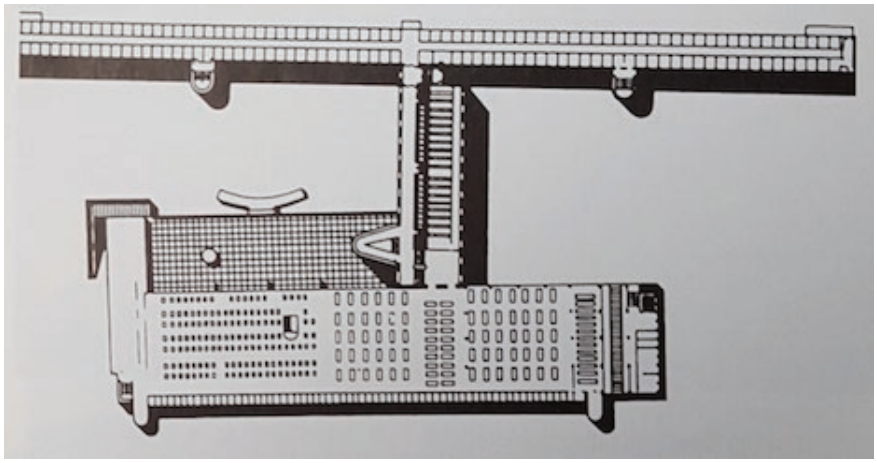
No inicio do século XX, durante o tempo em que Joseph Fenton na América estudava o nascimento dos *Edifícios Híbridos*, o movimento construtivista soviético criava o *Condensador Social*. A procura por modelos capazes de economizar recursos, pós Revolução Industrial, fez com que surgissem estes dois modelos arquitectónicos capazes de agregar usos mistos. No entanto, o condensador social, que à primeira vista parece ser o antecessor do híbrido, na verdade é o seu oposto e logicamente não devem ser confundidos.

O *Condensador Social*, foi desenvolvido durante o Movimento Moderno, na recém-criada União Soviética, onde havia a disponibilidade total de terras e a necessidade de habitação era urgente. O arquitecto construtivista Moisei Ginzburg, autor da obra Narkomfin[83], em 1928 descreveu este tipo de construção como um *(...) edifício desenhado para transformar as relações sociais entre os homens nos três âmbitos do novo estado socialista: a habitação colectiva, o ócio e a fábrica* (Benevolo, 1977). Segundo Aurora Férnandez Per[84] o condensador social, é um edifício colectivo constituído por unidades habitacionais, reduzidas ao espaço mínimo que cumpa a sua função, em que as funções "menos privadas" de cada habitação como cozinha, lavandaria, biblioteca, cantina, sala de estar, ginásio, jardim infantil, entre outras, são exteriores às unidades habitacionais e são colectivas. Apesar de parte dessas funções poder, actualmente, apresentar

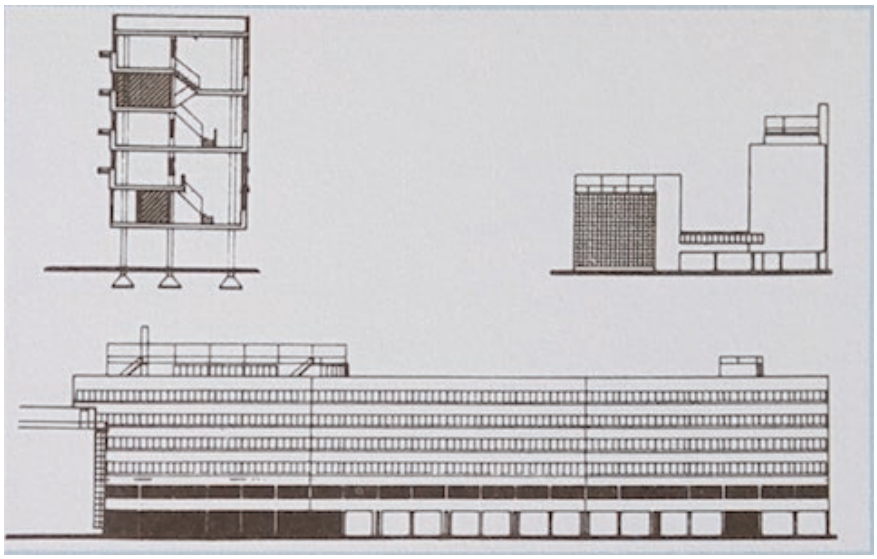
83 O edifício Narkomfin foi construído para os trabalhadores do Comisariado de Finanças em Moscovo. O projecto de Ginzburg e Milinis, foi o resultado de investigações encomendadas pelo estado de uma tipologia standart de habitação social.

84 Férnandez Aurora Per e Javier Mozas, são responsáveis pela vasta pesquisa e publicações sobre habitação colectiva, densidade, usos mistos e espaço público.

um carácter público, a inovação ideológica deste tipo de edifícios seria colectivizar todas as funções domésticas de uma habitação, reduzindo o espaço íntimo ao mínimo. Os acessos às unidades habitacionais dos edifícios eram feitos por ruas interiores e os espaços públicos exteriores eram previstos para a cobertura e planta térrea livre.



92. Narkomfin - Habitação comunitária para estudantes do Instituto Têxtil. Planta original do inicio dos anos 30.



93. Corte e alçados Narkomfin.

Por Edificio Híbrido, segundo Steven Holl, entende-se *a estrutura "anti-tipológica" capaz de aglutinar funções díspares associadas às actividades humanas, tal como um organismo vivo*

que incorpora funções vitais da cidade e colabora *com ela*[85]. Um Híbrido pode abarcar categorias programáticas como a habitação, hotelaria, educação, cultura e sociedade, saúde, comércio, actividades laborais, espaço público, entre outras.

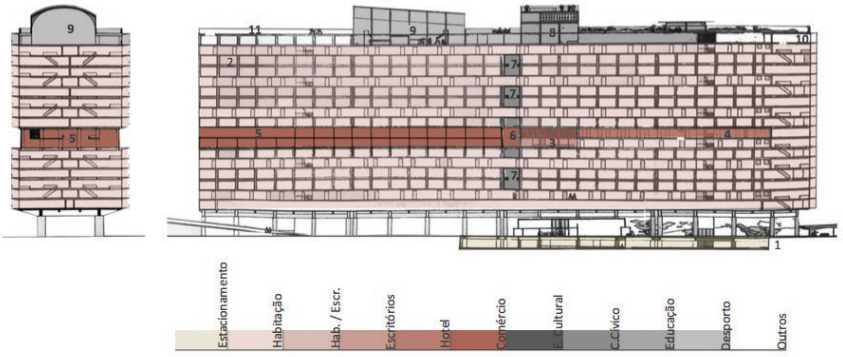
Analogamente à máquina de habitar ou condensador social modernista, estes edifícios são uma máquina para gerar e intensificar formas desejáveis de relação humana.[86]

Uma das grandes diferenças entre estes dois modelos arquitectónicos está na sua origem, enquanto que o Condensador Social nasceu do Estado, como uma manifestação ideológica em forma de arquitectura, resultado do pensamento funcional construtivista, o Híbrido é o resultado do sistema capitalista, a partir de especulações de rentabilidade. O condensador foi criado para responder a uma comunidade específica, normalmente aos moradores ou aos trabalhadores e segundo a ideologia moderna, encontra-se isolado de outros edifícios que não correspondam à mesma função. Por outro lado, o Híbrido foi criado para receber a cidade, cuja implantação está adaptada à trama densa da cidade, e favorece o contacto com o desconhecido, intensificando o uso do solo e densificando as relações entre o maior número possível de habitantes fora do espaço doméstico. O Híbrido deixa por tanto margem para a indeterminação, contrariamente ao controle imposto pelo condensador que se foca apenas na esfera do espaço privado.

A Unité d'habitation (1947-1953) de Le Corbusier é um condensador social que muitas vezes é confundido com um

85 FENTON, Joseph, *Hybrid Buildings". Pamphlet Architecture*, *cit. in* Fenton, 1985 pág. 5
86 KOOLHAS, Rem; *Delirious New York*; 1978.

híbrido, por nela se poder encontrar programas semelhantes ao híbrido. Este modelo, que foi copiado pelos seguidores de Le Corbusier, contém além dos apartamentos de habitação mínima, um hotel com restaurante, uma livraria e escritórios, e um terraço com ginásio desportivo e academia de ginástica, escola infantil e creche. O conceito do edifício seria de criar um modelo que possuísse os elementos mínimos que fazem parte de uma cidade, tendo origem num programa de reconstrução do governo francês.



94. *Unitè d'Habitation* - Análise da organização functional.

A diferença entre a Unité d'habitation e o edifício híbrido reside no facto de não estar pensado para criar intensidade e vitalidade na cidade, mas sim para conseguir um edifício autossuficiente que se possa isolar da cidade convencional. Contrariamente, o Híbrido tem a capacidade de ser tão diverso como uma cidade, tendo em conta a variedade programática e os horários, atraindo fluxos de usuários externos e fazendo parte da densidade da malha urbana. O facto de um edifício ser considerado híbrido não se foca apenas na diversidade programática, mas tem que ver também com a iniciativa, o investimento e a gestão que é feita do edifício.

A construção de novos condensadores sociais acabou assim que os ideais modernistas foram descredibilizados. As dom-komuna (habitação social) foram negadas pelos próprios habitantes desejosos de uma maior íntimidade e pelos próprios dirigentes pois mostravam ser estruturas inadequadas para a tecnologia da época. Nos últimos 80 anos os condensadores têm sofrido algumas derrotas e muitos estão em risco de desaparecerem, a maioria devido ao programa enclaustrar a vida dos seu usuários que não se adapta à sociedade vigente.

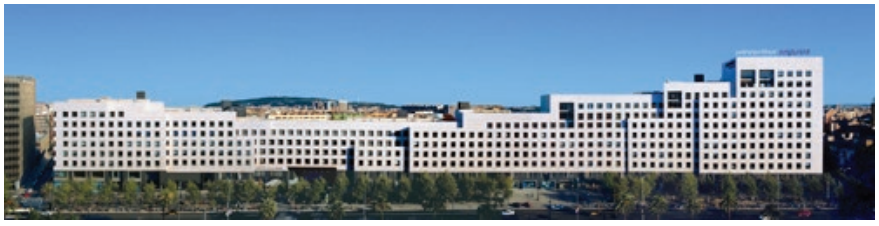
Contrariamente, o edifício híbrido volta no século XXI à cidade americana como o seu salvador, como exemplo o Museum Plaza do atelier de arquitectos Rex em Louisville, Kentucky. O seu sucesso deve-se ao facto de não ser um protótipo disciplinar, mas sim uma concentração de interesses, não se basear na tradição mas no futuro. Conquistou ainda a Àsia e a Europa mostrando-se como um exemplo de edifício de longa longevidade.



95. Museum Plaza do atelier de arquitectos Rex em Louisville.



96. Linked Hybrid, Steven Holl Architects, em Beijing, China.



97. Edifício *L'Illa Diagonal,* em Barcelona, Espanha, 1986-93. Arq. Moneo e Solà-Morales.

5.3 O Híbrido e a cidade contemporânea

O conceito de Edifício Híbrido, tem vindo a suscitar cada vez mais interesse e curiosidade na realidade contemporânea. O participação deste edifícios nas cidades da actualidade, vai muito além das exigências nas condições habitacionais ou de equipamentos e serviços públicos contribuindo não só com as actividades necessárias ao seu funcionamento, mas também com espaços de vivencia urbana, servindo como elo de ligação entre a cidade e a sua comunidade. Faz parte das intenções do edifício híbrido conseguir conciliar a versatilidade programática, a espaços inesperados e diversos que promovem a convivência dos seus usuários.

O edifício híbrido contemporâneo deve atender às características do seu lugar de inserção na trama da cidade, respondendo às necessidades da área envolvente. Como a combinação programática e a formalização exterior é sempre diferente dependendo do seu criador, cada edifício torna-se único e marcante na cidade. No entanto, não podem ser esquecidas as características inerentes[87], que definem este tipo de edifícios:

Personalidade

O edifício híbrido é livre de modelos predefinidos ou de ideologias às quais tem de obedecer. A sua personalidade caracteriza-se por ser uma criação individual do arquitecto, resume-se como uma celebração da complexidade, da diversidade e da variedade de programas. O híbrido concilia a organização formal ao inesperado, procurando gerar relações de intimidade variadas, não programadas e em constante mudança tal como um organismo vivo.

87 PER, Aurora Fernández; MOZAS, Javier; ARPA, Javier; *This is Hybrid- An analysis of mixed-use buildings by a+t;* 2011, p. 42-45.

Sociabilidade

Um edifício que nunca encerra, 24 horas de funcionamento. O edifício híbrido dá uma enorme importância à sociabilidade, confrontando constantemente o público e o privado. Nestes edifícios tanto se consegue a privacidade e intimidade, característica da vida privada, como a sociabilidade associada à vida pública, possibilitando assim a interacção da experiência do privado com a do mundo exterior.

Permeabilidade

A permeabilidade ou porosidade urbana é um objectivo dos grandes edifícios híbridos. Desta forma, conseguem espaços públicos agradáveis aos pedestres e é facilitada a utilização dos programas públicos e privados. A envolvente destes edifícios ganha ainda com a sua construção, maior segurança pela sua "não desertificação" em qualquer fase do dia. A preferência pelos espaços públicos e zonas pedonais, fazem com que o automóvel deixe de ser tão necessário na cidade contemporânea que já é tão densa.

Forma

O edifício híbrido pode ser entendido como uma antítese do edifício do movimento moderno, onde até a forma já não segue a função e marca a diferença. O mesmo espaço pode ser ocupado por actividades distintas e o efeito do inesperado e da constante mutação são o que dão vida aos espaços. As múltiplas funções podem organizar-se verticalmente, horizontalmente ou mesmo intercaladas seccionalmente e em planta. Os cortes/ secções têm prioridade sobre a planta e devem representar a dinâmica do edifício, revelando a diagonal e a verticalidade como novas experiências espaciais do século XXI, e não a prespectiva linear como no modernismo.

É caracterizado por uma Arquitectura sustentável (utilizam energia geotérmica e solas, reciclagem da água e vegetação que produz microclimas) condições da sociedade contemporânea e é permitida a inovação nos conceitos constructivos/formais, onde a flexibilidade é palavra chave.

Programa

Este tipo de edifícios foi criado nas e para as cidades do séc XXI. O programa é o que mais incita a sua criação, prevalecendo a mistura de usos, preparados para acolher as actividades prevista e imprevistas da cidade, em tempos distintos, e muitas vez num mesmo espaço. O híbrido consegue relacionar no mesmo edifício habitação, trabalho, lazer, actividades culturais e ainda espaço público (como ruas e praças).

Escala

A escala de um híbrido difere da de um edifício monofuncional urbano. São naturalmente identificados como supermassas, megaestruturas, edifício-cidade, entre outros. São edifícios marcantes, pois albergam múltiplos programas e podem desenvolver-se em altura ou na horizontal, consoante as limitações da ocupação do terreno.

Inserção no tecido urbano

Como já foi referido, o híbrido vive da cidade e para a cidade, e por isso tanto constrói cidade no seu exterior como no seu interior. Está completamente inserido no tecido urbano, dialogando com a envolvente. Normalmente é construído em envolventes densas com limitações de ocupação e surge para proporcionar melhores condições na vida dos habitantes e revitalizar a envolvente.

A primeira catalogação dos edifícios híbridos foi realizada por Fenton (1985), no seu livro *Hybrid Building.* Fenton classifica-os em três grupos distintos de acordo com a sua relação formal e funcional com o contexto envolvente: os ***Híbridos no tecido***, a sua forma adapta-se ao tecido urbano e às suas condicionantes, o programa não ganha expressão no exterior do edifício; os ***Híbridos por enxerto***, cada programa é separado e formalizado por volumes distintos que se intersectam, apresentando uma forte expressão formal no exterior edificado; e os ***Híbridos monolíticos***, os diferentes programas encontram-se no interior de um único volume que não apresenta tanta versatilidade formal.

Fenton elabora uma catalogação do híbrido da época, direcionada sobretudo à formalização final de estratégias de design. Actualmente, esta classificação não poderia ser tão sintetizada, havendo características fulcrais do híbrido que não foram exploradas na pesquisa do arquitecto.

Martin Musiatowicz (2008) no seu texto "*Vigor híbrido y la arte de mesclar"*[88] acrescenta cinco novas classificações do Híbrido:

***Híbrido compacto* -** A organização interior não é perceptível pelo exterior. Esta abordagem permite a independência entre a imagem externa e a sua organização programática e pode caracterizar tanto um edifício de grande escala como de pequena escala. Como é o caso do Híbrido L'illa Diagonal em Barcelona.

Híbrido como "cidade dentro de cidade"- Aglutina funções de uma cidade inteira, podendo mesmo estar afastado dos centros urbanos, sendo auto-suficiente; São um tipo de edifício

88 Musiatowicz, M, *Vigor híbrido y la arte de mesclar,* in Aurora Fernandez Per, Javier Mozas (ed.) *Hybrids I: high-rise mixed-use buildings*, a+t ediciones, Vitoria-Gasteiz, Spain, p. 4-1

que está a conquistar o Médio Oriente e a Ásia-Pacifico. Quando o território circundante é um ambiente hostil como um deserto, estes edifícios apresentam um espaço protegido para os seus habitantes. Existem muitos projectos de híbridos cidades dentro de cidades, como o OMA Hyperbuilding ou utopias como a Sky City 100. Mais recentemente, e em construção, temos o híbrido de Steven Holl em Shenzhen e Pequim.



98. Sky City 100, Changsha, China.

Híbridos como "fusão estrutural"- são a consequência da complexidade estrutural imposta pelos edifícios de grande altura, podem resultar na fusão de tipologias estruturais distintas ou na descentralização dos núcleos estruturais. Geralmente, surge como um agrupamento de torres que se intersectam e formam um único sistema como é o caso do Híbrido Praça Museum, em Louisville, do atelier REX, contudo resultam em projectos economicamente inviáveis.

Híbridos por "justaposição de secções e indeterminação espacial"- Redução programática especifica das edificações, aumentando o seu nível de incerteza e levando à sobreposição

de programas no mesmo espaço. Segundo Koolhaas, a planta era a protagonista quando apareceram os arranha-céus, hoje o papel principal pertence aos cortes e às perspectivas feitas pelos programas gráficos tridimensionais. O resultado do empilhamento de plantas, está a dar lugar à distribuição do mesmo programa em diferentes níveis, como nos projetos da OMA para a Biblioteca de Jussieu e da Biblioteca Pública de Seattle que, embora não combinem diferentes usos urbanos no interior, abrigam uma certa programação híbrida.



99. Biblioteca Central de Seattle / OMA + LMN

Híbridos como "paisagens integradas"- Incorporação de espaços públicos colectivos no edifício, adicionando-os à sua estrutura de modo a que tanto o espaço público como a paisagem

se “hibridizem” com os restantes usos urbanos. Como exemplo, o edifício Scala, do escritório BIG em Copenhague que mistura a fachada do prédio com a rua e a praça adjacentes através de diversos terraços na fachada, o que torna a pele do edifício uma continuidade do espaço público.



100. Edificio Scala, BIG em Copenhague

O edifício híbrido na cidade contemporânea procura responder às vontades da sociedade actual. Com a intensão de se compreender as alterações dos comportamentos sociais face ao contexto urbano, apesar de ter sido um estudo do final dos anos 60, o artigo de Chistopher Alexander *A city is not a Tree* (1996),[89] revela-se ainda bastante actual. No seu artigo, Alexander faz a distinção entre as cidades “naturais”, de crescimento espontâneo (lógica da cidade tradicional), e as “artificiais”, elaboradas a partir de planos urbanos predominantemente modernos. Como foi

89 Christopher Alexander, *A city is not a Tree in* Design. Londres: Council of Industrial Design, no206, 1966

referido em capítulos anteriores, Chistopher Alexander, conclui que quando uma cidade possui um esquema de organização em árvore como é a lógica da cidade moderna, a rigidez e disciplina passam a existir na cidade e nos seu habitantes e apesar da ordenação do esquema mental que oferece, não exprime a estrutura das cidades que necessitamos. Na nossa sociedade não existem grupos fechados ou isolados como nos sugere a segregação do esquema em árvore, mas sim sobreposições e intercepções de relacionamentos diversificados. É importante para uma sociedade equilibrada, a procura de espaços flexíveis que se possam adaptar ao aparecimento de novos programas e tecnologias e, portanto à evolução. Deste modo, o híbrido surge na cidade contemporânea como uma resolução da malha urbana e das suas carências. Ao mesmo tempo que sobrepõe diferentes usos num mesmo espaço, oferece espaços propícios ao convívio, actividades culturais ou sociais e mostra-se uma estrutura capaz se adaptar às exigências evolutivas socio-funcionais.

O sociólogo e historiador norte-americano Richard Sennett definiu um cosmopolita como alguém que se movimenta confortavelmente na diversidade, que se sente em casa em situações que não lhe são familiares. Assim sendo, os híbridos, são edifícios cosmopolitas.[90]

Nos últimos anos, o desenvolvimento do Híbrido tem aumentado por todo o mundo, em grande parte por factores económicos e políticos. Na China e no Médio Oriente, assiste-se a um forte desenvolvimento no sector imobiliário, causado pelo crescimento económico. Os investidores, estão cada vez mais

90 PER, Aurora Fernández; MOZAS, Javier; ARPA, Javier; *This is Hybrid- An analysis of mixed-use buildings by a+t;* 2011, p. 42.

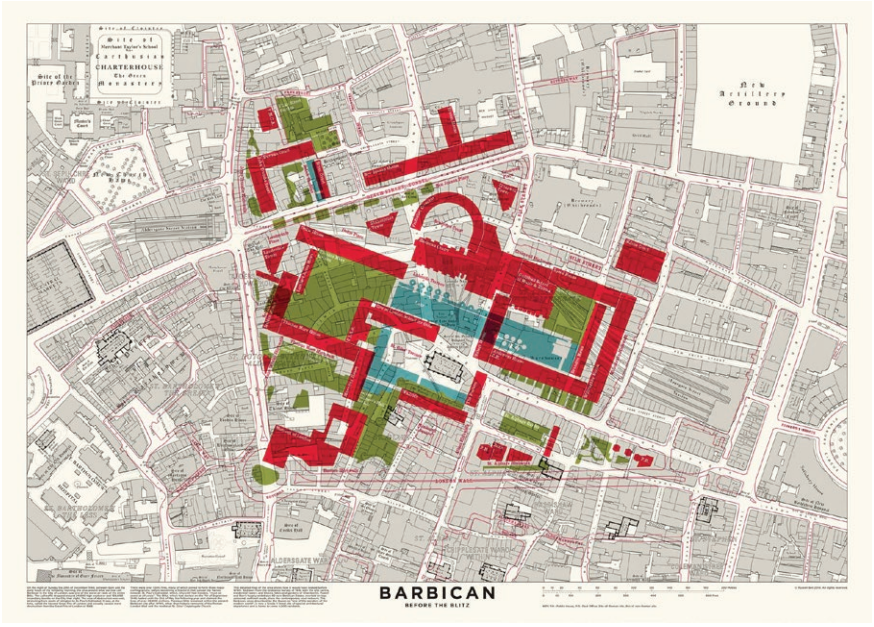
interessados em maximizar as áreas construídas, procurando o melhor aproveitamento dos terrenos através da concentração multi-programática. Noutros casos, a escassez de terreno para construção, a subida dos preços e a necessidade de desenvolver novos modelos de uso do solo urbano, torna o Híbrido numa oportunidade de regeneração dos centros urbanos. Há ainda casos, como no deserto, que a intensificação criada pela mistura de usos e do conjunto de funções públicas e privada presentes no edifício híbrido, proporciona a vida longe dos centros urbanos.

Os Híbrido são edifícios que se adaptam a qualquer local que necessite de receber a energia inerente da sociedade contemporânea. Vê-se ainda este tipo de edifícios, como resolução da maior parte dos ambientes urbanos, sobre a forma de Reciclagem de outros edifícios e da consequente Reabilitação urbana.

5.4 Casos de Estudo

Complexo Barbican, Londres

Na Europa, após a Segunda Guerra Mundial (1939-45), foi utilizado o conceito de edifício Híbrido, para a Reabilitação de edifícios antigos, bem como Requalificação e Regeneração de territórios destruídos pela Guerra. Situado em Londres, o complexo Barbican é uma das maiores referências no estudo aos edifícios multifuncionais. No ano de 1951, o terreno onde está situado era, acima de tudo, uma zona de trabalho na qual apenas 1% dos trabalhadores residia.



101. Mapa do Complexo Barbican antes dos bombardeamentos.

Foi no seguimento da visão utópica de transformar esse terreno que havia sido devastado pelos bombardeamentos da Segunda Guerra Mundial, que a ideia do complexo Barbican surgiu, pelos arquitectos Peter Chamberlin, Geoffry Powel e Christof Bom (consideravelmente influenciados pelas ideias de Le Corbusier e, em particular, pela sua Unité d'Habitation). Na época, o centro

de Londres tinha sofrido um intenso despovoamento e, em 1957, como reacção a esse facto é tomada a decisão de erguer o complexo residencial com 140.000 m2 e com a clara intenção de requalificar uma parte central da cidade.

Vinte e cinco anos depois, aquando a inauguração, a Rainha declara estar diante de *uma das maravilhas modernas do mundo*. O Barbican torna-se, assim, num local internacionalmente reconhecido e assume uma importância estratosférica dada a sua escala, coesão e ambição. É actualmente considerado, o maior centro de artes e conferências da Europa e um fiel exemplo da arquitectura Brutalista. Um espaço deslumbrante, inserido na paisagem urbana, foi considerada uma das mais importantes obras arquitectónicas do século XX. Dedicado à arte, ao teatro e a eventos comerciais, compreende o espaço habitacional de 6.500 residentes, a City of London Corporation, a incorporação de residências universitárias com duzentos quartos, instalações para a City of London School for Girls e a Guildhall School of Music and Drama, uma sala de concertos, uma galeria de arte, um teatro, um estúdio de cinema, uma biblioteca, variadas lojas, restaurantes e cafés e parques de estacionamento com capacidade para 2.500 automóveis. De modo a proteger o ambiente, longe do tráfego e do barulho, os automóveis não têm acesso ao quarteirão e a circulação pedestre acontece através das ruas elevadas. Os terraços em torno das habitações, deram lugar a jardins privados e com todas estas características conseguiu-se privilegiar um ambiente calmo e harmonioso.

Criar e desenvolver um novo ponto central numa área restrita do centro de Londres, foi a estratégia implementada, procurando uma nova face urbana reabilitada que atraísse residentes para a cidade de Londres. Actualmente, o Barbican assume uma dimensão histórica assinalável e distingue-se como ícone da

herança moderna. Com uma comunicação directa entre o próprio edifício e o espaço público, estamos perante um edifício impulsionador desta área de Londres e não apenas um contentos de programas, que recebe funções urbanas no próprio complexo.



102. Construção do Complexo Barbican, autor desconhecido, s/d.



103. Vista aérea do Complexo Barbican, autor desconhecido, s/d.



104. Fotografia actual Barbican, autos desconhecido, s/d.



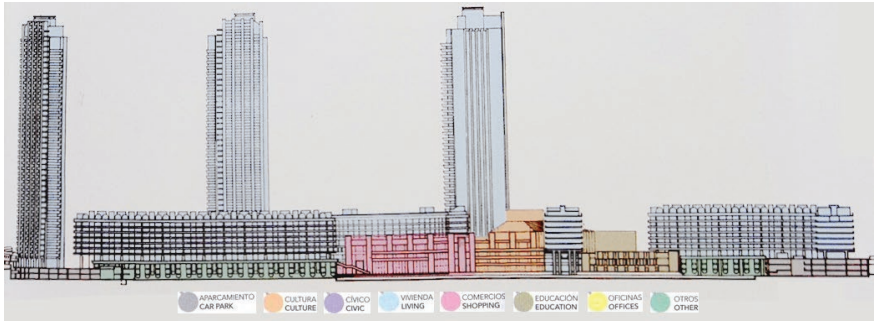
105. Fotografia actual Barbican, autos desconhecido, s/d.



106. Fotografia actual Barbican, autos desconhecido, s/d.



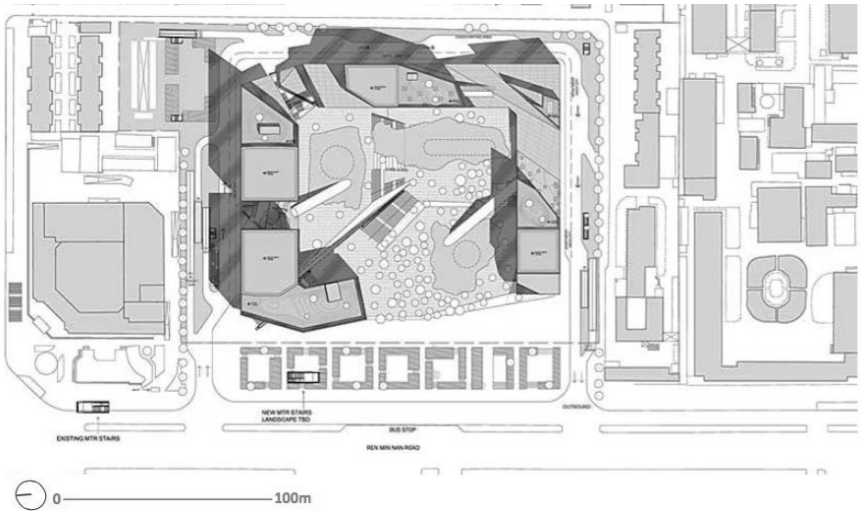
107 Fotografia actual Barbican, autos desconhecido, s/d.



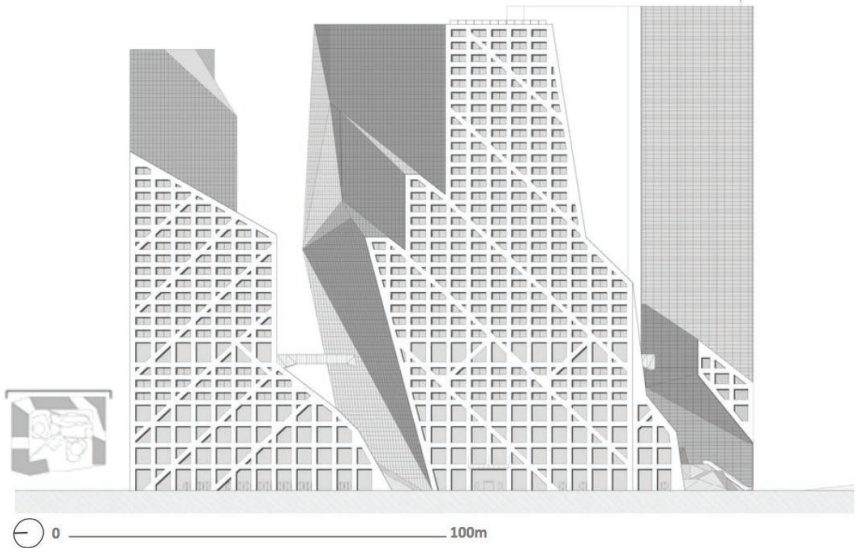
108. Corte esquemático da organização programática.

Sliced Porosity Block, Chengdu

A cidade de Chengdu ocupa o 67º lugar da escala, com uma população de 11 milhões de habitantes e cerca de 900 por km². O seu inegável elevado número populacional, tem vindo a influenciar a edificação de grandes edifícios híbridos com programas residenciais e públicos.



109. Planta da Cobertura, Sliced Porosity Block.



110. Alçado Poente, Sliced Porosity Block.

Nesta mesma cidade gigante e, mais concretamente, a sul do cruzamento de duas das suas principais ruas (a First Ring Road e a Renmin Nan Road), localiza-se o edifício híbrido Sliced Porosity Block , obra do arquitecto Steven Holl.

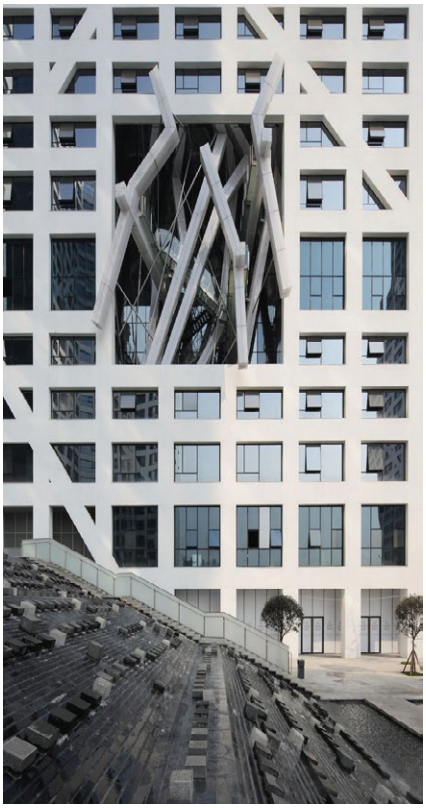
Tendo como materiais predominantes o betão branco pré-fabricado e o vidro, a construção deste edifício de escala monumental foi iniciada em 2007 e só terminou em 2012, devido à complexidade programática e estrutural. Com uma área de 3,3 hectares, procura atender às necessidades funcionais que foram exigidas, incorporando um programa que pode ser isolado, funcionando autonomamente, como que se de uma pequena cidade se tratasse. Incluí programas de habituação, hotel, vasto comércio, escritório, espaços culturais e cívicos e ainda espaços públicos de qualidade.



111. Fotografia actual, conjunto Sliced Porosity Block, autor desconhecido, s/d.



112. Fotografia actual, conjunto Sliced Porosity Block, autor desconhecido, s/d.



113. SPACE OF LIGHT, espaço inspirado na obra de *Lebbeus Woods.*

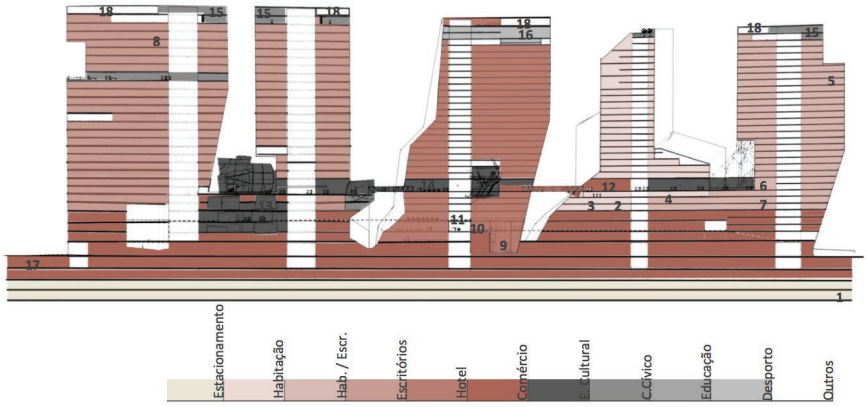
Com uma permeabilidade pedonal assinalável no atravessamento do edifício ao nível so piso térreo, faculta uma ligação directa a toda a zona envolvente e promove a ligação a espaços de convívio. Os acessos a transportes públicos de superfície também foram tidos em conta, por intermédio das conexões com a linha do metropolitano, tendo sido necessário desenvolver intra-estruturas capazes de melhorar e desenvolver significativamente a mobilidade, dada a sua imponente presença no cruzamento de duas das maiores vias de Chengdu. Somando a isso, detalhes que fazem a diferença como o de refrescar o ambiente de forma económica, através da água das fontes no exterior (água reciclada proveniente da chuva), coberturas verdes, ou os 400 poços geométricos que abastecem o sistema de climatização que alimenta todo o edifício.

Como consequência da procura da rentabilização máxima do solo, por parte dos promotores do projecto, surgem elevados índices de ocupação e de utilização que estão em sintonia com as exigências funcionais da cidade, atendendo ao espaço territorial



114. Fotografia actual, espaço público central Sliced Porosity Block, autor desconhecido, s/d.

disponível para construção. Estamos perante um projecto de enorme dimensão que assegura um excelente impacto ao nível da conectividade urbana e restante interacção do Edificio- Cidade para com a cidade de Chengdu. Distingue-se pela sua materialidade e expressão formal e pela incorporação de programas dinâmicos que confrontam o público e o privado.



115. Corte esquemático da organização funcional, Sliced Porosity Block.

Reflexão sobre os casos de estudo

A escolha e investigação destes dois casos de estudo recaiu sobre a procura de dois edifícios Híbridos distintos que se completassem, como exemplo, para as intenções do projecto proposto. Desta forma, o complexo Barbican em Londres dos arquitectos Peter Chamberlin, Geoffry Powel e Christof Bom, representa a Regeneração de um território a partir do edifício, a criação de um Híbrido na arquitectura Moderna e, principalmente, a diversidade programática e ligação desses programas com o espaço público. Por outro lado, a eleição do Híbrido de Steven Holl, Sliced Porosity Block, em Chengdu, revela a importância dos edifícios Híbridos na sociedade actual e neste caso num contexto não europeu. Como já foi referido, Steven Holl, juntamente com Joseph Fenton, foi um dos arquitectos que mais contribuiu para o estudo dos edifícios Híbridos, pelo que, a selecção de um projecto seu mostrou-se pertinente. Sendo um exemplo bastante recente (2012) destes edifícios, permitiu verificar aptidões de combinação e complexidade programática.

Com a análise de ambos os exemplos, pode-se concluir que o equilíbrio entre programas que incorporam actividades de uso público e programas que admitem principalmente uso privado, viabiliza a dinâmica social e urbana, com a movimentação de fluxos populacionais, quebrando as rotinas que muitas vezes desvalorizam o edifíciou e/ou a área envolvente. A flexibilidade dos espaços, com a possibilidade de diversos modos de apropriação espacial e de actividades, facilita essas dinâmicas do edifício e por consequência do espaço urbano. Bem como, a permeabilidade do edifício, principalmente ao nível do piso térreo. Assim, o enriquecimento urbano, é conferido tanto pelo contributo funcional dos programas e serviços disponibilizados, como

também, pelas interacções e fluidez do espaço de circulação.

Por fim, conclui-se que as proporções programáticas aleadas à multiplicidade de espaços destinados ao convívio, actividades cívicas, interactivas e culturais, contribuem para o enriquecimento cultural, compreensão da cidade e uma intensidade de utilização funcional do espaço urbano, beneficiando não só os habitantes da cidade, como a própria cidade e o edifício como objecto.

5.5 **A Arquitectura do Programa**

Onde há uma vontade forte não pode haver grandes dificuldades.

Niccolo Maquieavel

A proposta de intervenção que se pretende realizar no Edifício de Escritórios da Av. 24 de Julho tem como principal objetivo a Requalificação da área envolvente (atualmente fragmentada e sem identidade) e, consequentemente, a Reciclagem do edifício na sua condição física e programática. Caracterizada por uma topografia irregular e diversificada, composta por colinas, vales e encostas, esta zona da cidade de Lisboa é bastante rica do ponto de vista morfológico. Contudo, estas irregularidades podem ser vistas como obstáculos à continuidade urbana, tornando difícil a conexão e homogeneidade entre áreas com características morfológicas distintas.

O edifício em estudo tem implantação no aterro (datado entre o séc. XIX e o séc. XX) e constrói a frente da Av. 24 de Julho. Porém, a sua fachada traseira faz fronteira com a antiga linha de costa e com uma das encostas da cidade (anterior ao séc. XIX). Devido a esse interstício entre as duas épocas construtivas, trata-se de um espaço fragmentado, indefinido, inativo no que toca a vivências urbanas e, apesar de ser a cobertura de uma parte do edifício Modernista em estudo, apresenta-se como um grande vazio descuidado. Vê-se este espaço intersticial como desqualificador, tanto do edifício, como da envolvente. Assim, acresce uma especial atenção no projecto em reintegrar e reincorporá-lo na malha urbana consolidada, de modo a ser articulado com o Edifício de escritórios, bem como com as ruas envolventes.

Este “não lugar”, até agora esquecido e pouco assumido, passará a ser uma a extensão da Rua Tenente Valadim, recuperando a união fictícia da antiga linha de costa. É fundamental que este espaço seja entendido como uma oportunidade de revitalização e de regeneração do espaço público, com o objetivo de fomentar o encontro social e tornar-se numa área ampla, abrigada, sem conflitos de tráfego nem de estacionamento e, acima de tudo, disponível e nova na cidade. A requalificação das ruas envolventes e deste novo espaço da cidade deverá evidenciar e fortalecer as relações entre o edificado e o espaço público exterior. O prolongamento das atividades do edifício para o exterior será proporcionada pelo planeamento deste local, pretendendo-se, também, conferir um novo dinamismo urbano à área.

Os processos de requalificação e/ou reconversão constituem uma importante ferramenta de abordagem aos problemas com que se defronta a cidade de Lisboa. Considerando o edifício a intervir, existe, face à evolução temporal e social, uma necessidade de actualização da sua imagem e programática, como uma espécie de metamorfose que acompanha o ritmo da evolução da cidade. O conceito de requalificação está associado a uma melhoria da qualidade global do edifício e consiste na qualificação de uma estrutura decadente, em situação de degradação física e sem qualidade de vivência. As operações de requalificação estão ligadas à melhoria dos níveis de desempenho e às necessidades dos utilizadores, bem como às exigências do programa que suportam. No que respeita ao conceito de Reconversão tem-se em vista os princípios de adequação e eficácia funcional, assim como a adaptação estética do edifício. Trata-se de qualificar funcionalmente um edifício que, embora

seja, no momento, funcional, necessita de melhorias tanto ao nível da sua inserção física na cidade, como na sua inserção na vida dos habitantes da mesma. Envolve uma transformação formal e a reconfiguração do edifício, sem a alteração da estrutura base que o define.

O planeamento urbano contemporâneo foca-se no regresso a um modelo de cidade mais próximo do sistema tradicional, no qual o escritório, a habitação, as zonas de lazer, o comércio, entre outras, estão fisicamente próximos e acessíveis, evitando que os seus habitantes tenham de recorrer à deslocação automóvel para satisfazerem as necessidades do quotidiano. A reconversão deste edifício num edifício híbrido - edifício multifuncional que oferece a capacidade de incorporar várias categorias de usos urbanos e, acima de tudo, de se adaptar aos mais variados contextos e densidades urbanas - é vista como a oportunidade de transformar um edifício, hoje em dia, deprimido, num elemento regenerador, atractivo e diverso. Espera-se que o próprio edifício valorize (por via das cumplicidades que estabelecerá com a cidade) e sirva directamente a população e os seus utentes. Deste modo, propõe-se que o interior do edifício receba usos versáteis e que os espaços criados sejam flexíveis e inesperados por parte de quem o viva. Prevê-se, também, a flexibilidade de uso (através de uma solução que garanta a sua utilização nas mais diversas configurações espaciais), a flexibilidade temporal (através de uma solução que certifique a utilização em futuros cenários de organização espacial) e, ainda, a adaptação à evolução tecnológica com a introdução de energias renováveis, por exemplo.

Existe um desejo declarado de introduzir novos programas nesta contrução Modernista e melhorar as ligações

urbanas através do Edifício, superando a actual barreira arquitectónica que o caracteriza. Há, no presente projeto, semelhanças com o caso de estudo Complexo Barbican, em Londres, já que toda a dinâmica pretendida para a revitalização urbana no edifício se fará através da reformulação do piso térreo, estabelecendo a ligação entre a Av. 24 de Julho e as traseiras (que sofreram a reconfiguração para um novo espaço público). É proposto um programa de actividade laboral e de lazer associado ao tema da educação, procurando-se constituir um pólo que englobe tanto as funções dos escritórios do Ministério da Educação (utilização actual), como também escritórios de trabalho colectivo *coworking*, um auditório e espaço expositivo, uma biblioteca, salas de estudo para os mais jovens, salas de actividades para a população idosa, comércio em contacto com a Av. 24 de Julho, restaurantes, cafetarias, uma creche, ginásio, um hostel e actividades lúdicas na cobertura (como cinema ao ar livre e um campo desportivo).

Com toda esta polivalência, o edifício será entendido como um conjunto de equipamentos capaz de se afirmar como um local de trabalho, um lugar de produção e lazer para toda a comunidade, um lugar com actividades lúdicas para os mais jovens e, ainda, de habitação temporária. Através deste espaço colectivo de permanência, em funcionamento durante as 24 horas do dia, será atribuída uma nova identidade ao bairro. Para além da reformulação programática e espacial, procurar-se-á, com esta intervenção, incluir este edifício na resolução de algumas problemáticas urbanas identificadas previamente através da análise do local. Desta forma, é imperativo conferir-lhe uma maior permeabilidade, tanto física como

visual. Assim - e para que seja possível o seu atravessamento e que se torne evidente a ligação da cidade ao rio - serão abertos dois vazios transversais ao edifício que terão como propósito a ligação entre a cota da Av. 24 de Julho e a cidade da encosta.

A reconversão dos terraços do edifício, já existentes em esplanadas, jardins e espaços de convívio capazes de receber concertos, *performances*, cinema, teatro e outros eventos deverá passar uma nova imagem do edifício, que luzirá, principalmente, como mais convidativo. No geral, apresentar-se-á como um edifício dinâmico, que pensa no bem-estar dos seus habitantes (tanto os de longa como os de curta permanência) e que privilegia o convívio. Procura-se, com estas intervenções, atrair indivíduos de diferentes faixas etárias e devolver ao local a estima por parte dos seus habitantes. A imagem exterior do Edifício, assim como a sua estrutura original, deverão sofrer pequenas alterações. A proposta intenta, contudo, preservar a integridade arquitectónica pré-existente, sem esquecer a memória do Edifício original. Além dos vazios criados para conferir permeabilidade ao edifício e fazer a ligação urbana entre cotas, a fachada será uniformizada tendo em conta os materiais de revestimento, na tentativa de salientar a métrica de vãos do edifício, assumida como a sua imagem de marca.

Todos os espaços da edificação tirarão partido, sempre que possível, da paisagem do rio e da frente ribeirinha, através de uma fachada predominantemente transparente e dos terraços habitados. Será nos terraços públicos do último piso do edifício que se poderá desfrutar de uma vista deslumbrante sobre o Tejo.

Este edifício será encarado não como uma construção estática (que sirva apenas ao seu uso interno predestinado) mas sim como uma obra dinâmica, apta a reunir várias funções, públicas e privadas, num mesmo objeto e que resolva as questões do planeamento urbano, integrando-se na malha do tecido existente. Acredita-se que contaminará positivamente o ambiente dentro e fora do edifício, enquanto núcleo irradiante de cultura, lazer e de encontro social.

Terminada que está uma época em que se julgou que a cidade cresceria indefinidamente e teria uma capacidade de renovação radical, voltou-se a aceitar que é a cidade que se herda que se vai voltar a reinterpretar, depositando ou removendo partes de si. Nessa medida, o mais natural é que a cidade no futuro não seja mais do que a do presente reinterpretada, subtraída de alguns elementos ou acrescida de outros, mas definitivamente alterada.[91]

91 COELHO, Carlos Dias, *Cadernos de Morfologia Urbana: Os elementos Urbanos Vol.- I*, Lisboa: Argumentum, 2013.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Declaro que chegou a hora da arquitectura reconhecer a sua natureza, compreender que deriva da vida e que tem como objectivo a vida como hoje a vivemos. De ser, portanto, uma coisa inteiramente humana. Se vivermos com personalidade a beleza, a arquitectura torna-se na necessária interpretação da nossa vida... Sim, a interpretação da vida: esta é a verdadeira tarefa da arquitectura, pois os edifícios são feitos para se viver neles. Para se viver neles com felicidade. São construídos para acrescentar o prazer de viver.[92]

Desde a sua formação em perfeita comunhão com o rio, a cidade de Lisboa tem assistido a um progressivo desencanto pela sua frente ribeirinha, motivado por razões históricas, sociais e económicas. Durante o final do séc. XIX e inícios do séc. XX, as procuras funcionais sobre a estrutura urbana, que obrigaram à intervenção no território, resultaram, muitas vezes, na alteração do ritmo e da escala das transformações sobre a cidade consolidada. Em consequência da fraca qualidade dessas operações, surgiram graves problemas urbanos que levaram ao afastamento entre a cidade e o rio, assim como ao desenvolvimento de espaços degradados e abandonados que, ainda hoje, prejudicam a saúde da cidade.

A Revolução Industrial e as ideias Modernistas que daí resultaram fomentaram uma aceleração na cidade que dificultou a permanência da cidade existente, tendo em conta a sua forma e a sua organização. Em Lisboa, apesar de as trocas comerciais terem lugar no centro da cidade, para que a produção se pudesse desenvolver foi necessário

92 *ZEVI, Bruno; História da Arquitectura Moderna;* Lisboa: Arcádia, 1978, p.426

que as indústrias se localizassem em locais com área disponível e que, simultaneamente, se encontrassem próximas do centro da cidade. Após terem sido criados os aterros, o troço da frente ribeirinha em estudo destinava-se à implantação de polígonos industriais (em Alcântara), do porto da cidade e da Av. 24 de Julho. Ainda que de uma forma pouco assumida, assistiu-se, nesta área, ao zonamento do uso do solo, pela distinção das áreas de trabalho e áreas residenciais, o que tornou claro o divórcio *rio-cidade* e a consequente falta de qualidade urbana.

A debilitada identidade da zona tornou-se no mote para a intervenção que se propõe, resultante, por sua vez, de um processo individual de investigação que alude aos processos de operação no e com o construído. Acredita-se que, em grande parte, a melhoria das cidades contemporâneas incide na reabilitação e reutilização do património existente. Se no último século pouco se considerou as pré-existências, actualmente a cidade volta-se para si mesma e encara o existente como ponto de partida para o futuro. Deste modo, propõe-se, para o Nó da Av. Infante Santo com a Av. 24 de Julho, a reabilitação urbana, através da reciclagem de um Edifício Moderno que marca a área pela sua dimensão e consequente barreira urbana. Este plano de transformação da cidade deseja integrar e articular a cidade antiga com a cidade actual, abrindo caminho para novas realidades futuras. Neste contexto, é de extrema importância o respeito pelo herdado, apesar de se defender as intervenções que tencionam responder às necessidades actuais da cidade contemporânea.

Reconhece-se que o Movimento Moderno teve bastante importância na história da Arquitectura, pela inovação que representou, tanto no âmbito da construção, como na nova concepção sobre o tempo e o espaço e, sobretudo, na abertura de novas perspectivas para o futuro. É por esse motivo que merece ser

protegido e continuar a fazer parte das cidades contemporâneas. Contudo, a herança da Arquitectura do Moderno revela-se problemática pelo facto de vários dos seus revolucionários edifícios passarem, actualmente, por diversas dificuldades, estando sujeitos à desfiguração, decadência, obsolescência abandono e até demolição. A falta de reconhecimento da Arquitectura Moderna por parte da sociedade contemporânea (com a excepção de alguns ícones), as dificuldades técnicas na sua conservação, os escassos trabalhos de pesquisa neste campo e a sua consequente falta de protecção já levaram à perda de algumas obras de extrema importância para o Movimento Moderno.

Tendo em conta o edifício a intervir, aposta-se na sua reciclagem através da reconversão programática num edifício híbrido. A alteração programática de um edifício monofuncional de escritórios para um edifício multifuncional, com a capacidade de se adaptar aos acontecimentos sociais, económicos e políticos, permitirá potenciar novas experiências, ligadas à regeneração desta área da cidade, bem como a requalificação dos espaços públicos. Este "novo" edifício deverá apostar numa atitude sustentável de reabilitação e funcionará como impulsionador, tornando a zona num novo ponto de interesse público de Lisboa.

Pretende-se que o desejo de transformação desta área para o bem comum da cidade contribua para uma maior consciencialização sobre a necessidade de transformação de todas as áreas "maltratadas" da frente ribeirinha e sobre as suas potencialidades na interpretação de espaços públicos de qualidade. Por fim, apela-se à atenção da sociedade contemporânea para este tipo de intervenções no território e desenvolve-se a reflexão de que as cidades do futuro já estão construídas, embora os seus edifícios devam ter a capacidade de acompanhar a evolução.

7 - FONTES DOCUMENTAIS

FRANÇA, José Augusto, *"A arte em Portugal no século XX (1911-161)",* Venda Nova, Bertrand Editora, 1974 (2ª ed. 1985, 3ª ed. 1991).

GRACIA, Francisco de, *"Construir en lo Construido. La arquitectura como modificacion"*, Editorial Nerea, S/L, 2001 [1992].

HEATHCOTE, David, "*Barbican - Penthouse over the city"*, John Willey & Sons, 2004.

KOOLHAAS, Rem, "*Delirious New York*", 1ª Edição. United Kingdom: Thames and Hudson, 1978.

LAMAS, José M. Ressano Garcia, *"Morfologia Urbana e Desenho da Cidade"*, 2ªedição, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e a Tecnologia, Ministério de Ciência e da Tecnologia, 2000.

LE CORBUSIER, "*Vers une Architecture*", Paris : Flammarion, 1995.

MONTANER, Josep Maria, "*Crítica y arquitectura"*, Barcelona: Gustavo Gili, 2002.

MONTANER, Josep Maria, *"Después del movimiento moderno – arquitectura de la segunda mitad del siglo XX*", Barcelona: Gustavo Gili, 1993.

PER, Aurora Fernández; **MOZAS**, Javier; **ARPA**, Javier – *"This is Hybrid _ An analysis of mixed-use building"*. a+t, 2011.

PER, Aurora Fernández; **ARPA**, Javier - *"*Hybrids II- Low-Rise mixed-use buildings*". a+t architecture+ tecnology*, no 32. Vitoria-Gasteiz: a+t architecture publishers, 2008.

PORTAS, Nuno, "A evolução da arquitectura moderna portuguesa: uma interpretação", in História da arquitectura moderna, vol. 2, Lisboa: Arcádia, 1973.

PORTAS, Nuno, "*Arquitectura Moderna em Portugal*", in ZEVI, Bruno, *História da Arquitectura Moderna*, 1973.

PORTOGHESI, Paolo, *"Depois da Arquitectura Moderna",* Roma, Edições 70, 1985.

ROSSI, Aldo, *"A Arquitectura da Cidade"*, trad.10ª edição, Lisboa, editorial COSMOS, 2001 [1966].

SOARES, J.L.B., *"Ordenamento e Planeamento do Território no Contexto Metropolitano"*, Atlas da Área Metropolitana de Lisboa, Coordenada por José António Tenedório, Capítulo XII: pp 247-291, ISBN 972-98655-7-4, 2003.

SOLA-MORALES y **RUBIÓ**, Manuel de, *"Las Formas de Crecimiento Urbano"*, Ed. UPC, Barcelona, 1997.

TÁVORA, Fernando, "*Da organização do espaço*", Porto: FAUP publicações, 1996.

TOSTÕES, Ana, "*Arquitectura portuguesa do século XX"*, in História da Arte portuguesa, vol.3, Círculo de Leitores, 1995.

TOSTÕES, Ana, "*Os Verdes Anos na arquitectura portuguesa dos anos 50"*, Porto: publicações Faup, 1997.

TOSTÕES, Ana, "*Tradição e Modernidade ou tradição moderna"*, in *Arquitectura Portuguesa Contemporânea 1991-2001*, Porto: Edições ASA, 2001.

TOUSSAINT, Michel, "*Guia de Arquitectura Lisboa"*; Lisboa: edição Associação dos Arquitectos Portugueses, Sociedade Lisboa 94 e F.A.U.T.L.; 1994.

VENTURI, Robert, "*Complexidade e Contradição em Arquitectura"*, trad. Álvaro Cabral, 2ª ed., São Paulo: Martins Fontes, 2004.

ZEVI, Bruno, "*Storia dell' architettura moderna : dalle origini al 1950",* Torino, Giulio Einaudi, 1961.

· Revistas e jornais

AGUIAR, José, *Reabilitação Urbana: Problemas e oportunidades,* Município de Guimarães

DURÃO, Víctor, C.M.*, Análise urbana de territórios construídos: Os aterros na Baixa e na Frente Ribeirinha de Lisboa, Portuga*l, Lisboa: Revista da Gestão Costeira Integrada 12(1):17-30, 2012

FIGUEIRA, Jorge, "A face azul do Moderno", in Jornal dos Arquitectos, no 203, Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2001.

MARTINS, João Paulo, "Quando Portugal queria ser moderno", in Jornal dos Arquitectos, no207, Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2002.

TOSTÕES, Ana, "Afirmação, questionamento e contestação do paradigma moderno", in Jornal dos Arquitectos, no211, Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2003.

TOSTÕES, Ana, "Congresso de 48 e ruptura moderna", in Jornal dos Arquitectos, no186, Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 1998.

TOSTÕES, Ana, "Portugal: arquitectura do século XX", in Jornal dos Arquitectos, no185, Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 1998.

TOUSSAINT, Michel, *Para a revisão do século XX,* in Jornal Arquitectos, Ano 5, n.o, 51-52, Novembro 1986, p.11-12

VIEIRA, Siza, "Six textes, Pharmacie Moderne", in L'architecture d'Aujourd'hui, no278, Paris, 1991.

.Documentos

AGUIAR, José; **PACHECO**, Pedro, *"LISBOA: um Bairro um Centro – Construir no (e com) o Construído – Novos serviços de Comunidade: Novas Centralidades"*, Lisboa: FA UL, 2014.

DE SÁ, Manuel Fernandes. Lda - Relatório da Proposta do plano "Alcântara XXI", 2010.

· Cartas

Carta de Atenas, 1934 _ in Arquitectura, no20 a 32.
Carta de Atenas, 1931 _ [www.apti.org] : [www.gecorpa.pt]
Carta de Veneza, 1964 _ [www.apti.org] : [www.gecorpa.pt]
Carta de Cracóvia 2000 _ in Monumentos, no16.

· Internet: artigos

ALEXANDRE, Armanda, **"***Reutilizar a arquitetura modernista é apostar na sustentabilidade",* in Público, 15.04.2015. http://www.oje.pt/reutilizar-a-arquitetura-modernista-e-apostar-na-sustentabilidade/

MILHEIRO, Ana Vaz, "*O património do modernismo*", in Público, 05.05.1998. *www.instituto-camoes.pt/arquivos/artes/patrmodernsm.htm*

· Internet: organizações

. Council of Europe
www.coe.int
. Docomomo
www.docomomo.com (Docomomo Internacional)
. ICOMOS (International Council on Monuments and Sites) www.icomos.org
. Le Corbusier www.fondationlecorbusier.asso.fr


IT'S A NEW GENERATION

ANEXOS

Anexos I Complementos

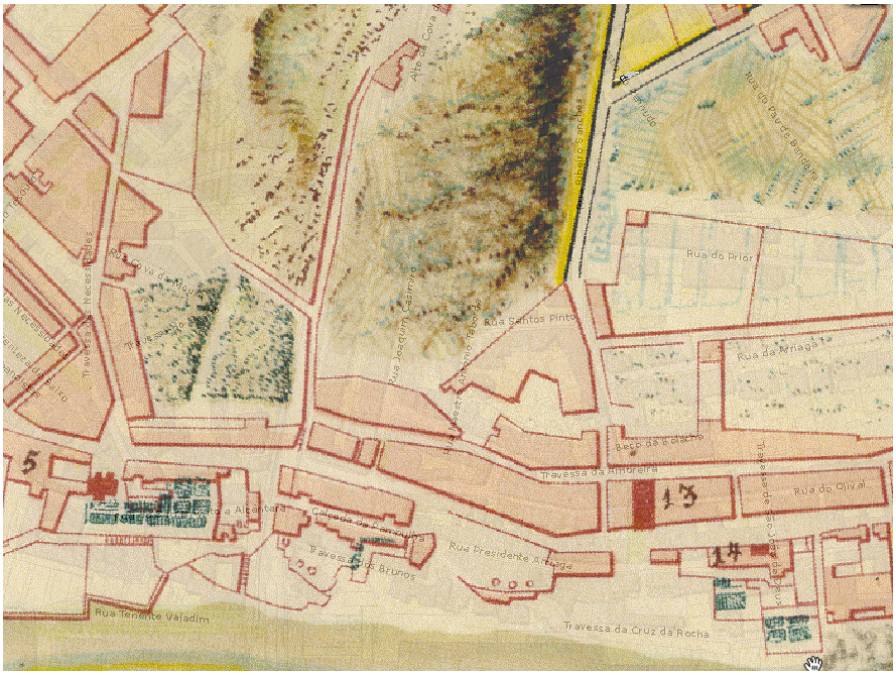
Anexos II Processo de Trabalho

Anexos III Peças Desenhadas

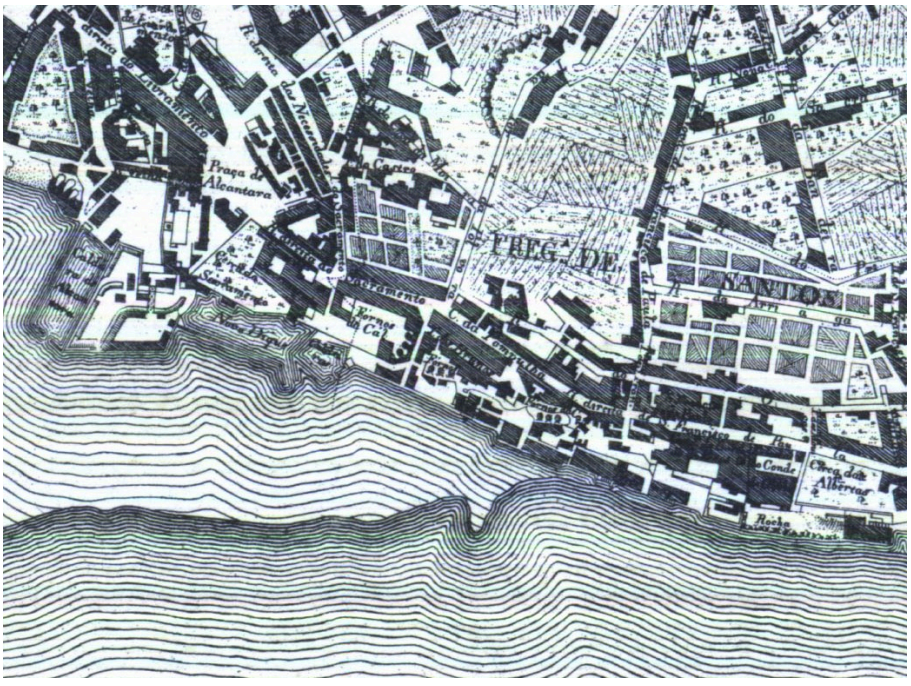
I. Complementos

Evolução da área de intervenção

1780- Planta Topografica de Lisboa
Já se encontrava bem demarcada a Calçada da Pampulha e já existia a Igreja e o Convento. Encontra-se vários acessos à praia fluvial.

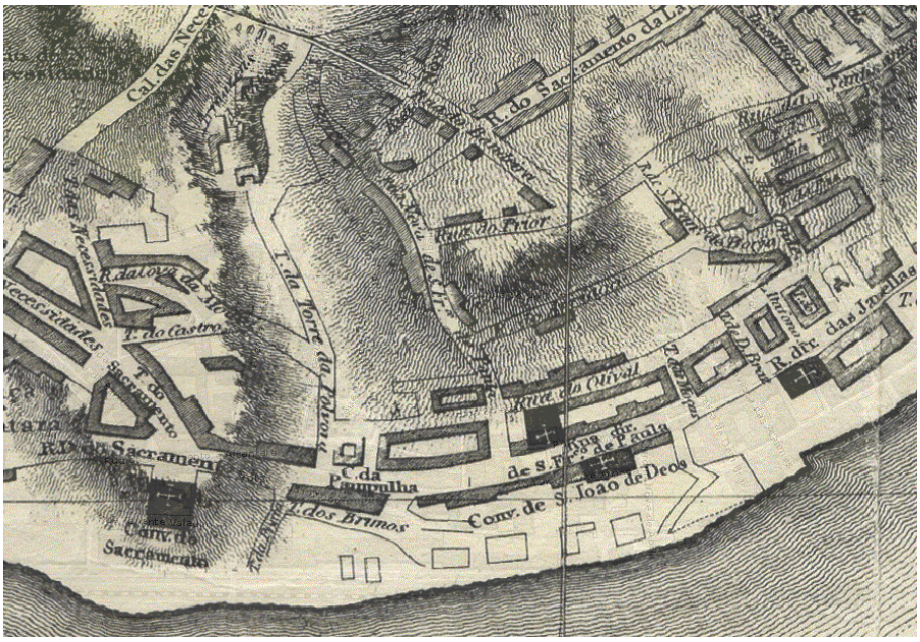


1807
O terreno actual da Av. Infante Santo dava lugar à antiga Travessa da Torre da Pólvora, que ligava a frente de rio ao Armazém da Pólvora.



1812- Mapa do Duque Wellington

Quase todas as ruas tinham a denominação actual excepto as Avenidas Infante Santo e 24 de Julho, pois ainda não existiam.



1844

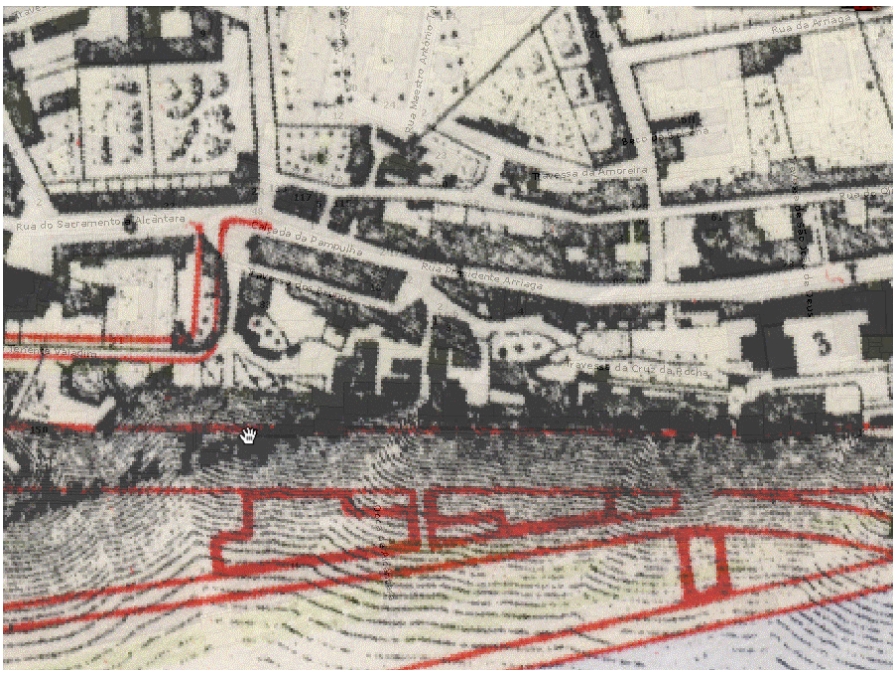
Os terrenos correspondentes ao local do edifício em estudo mostram um edifício junto ao rio, no final da Travessa da Torre da Pólvora que se assemelha a uma fábrica.



1856/58- Mapa Filipe Folke
Pelo desenho urbano, a escala e em comparação com o contexto envolvente, sugere uma fábrica efectivamente.

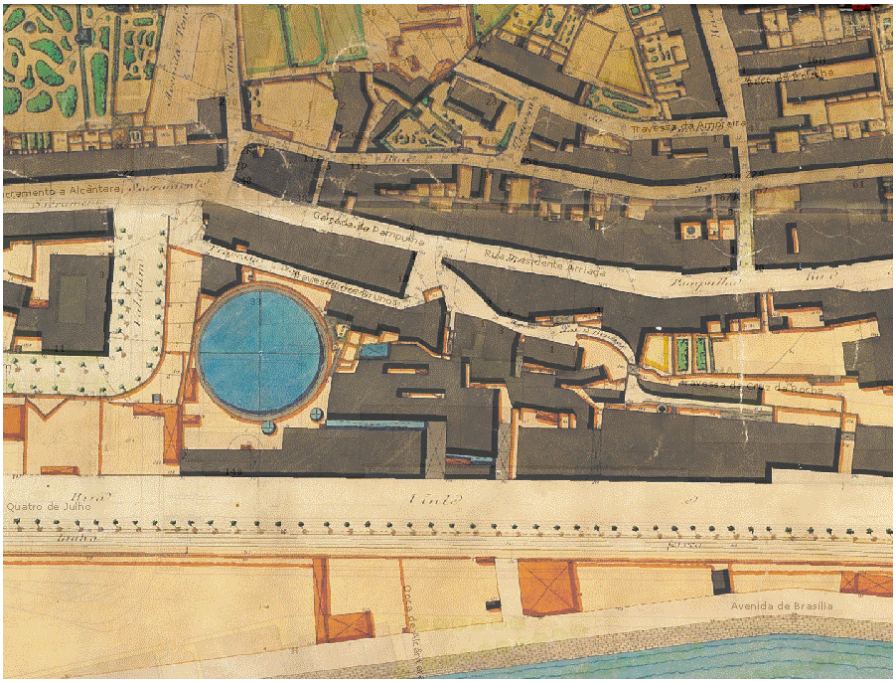


1871- Planta CML
Plano do novo aterro, que corresponde nesta época aos terrenos do porto de Lisboa. Neste mapa, já se encontra prevista a Avenida 24 de Julho.



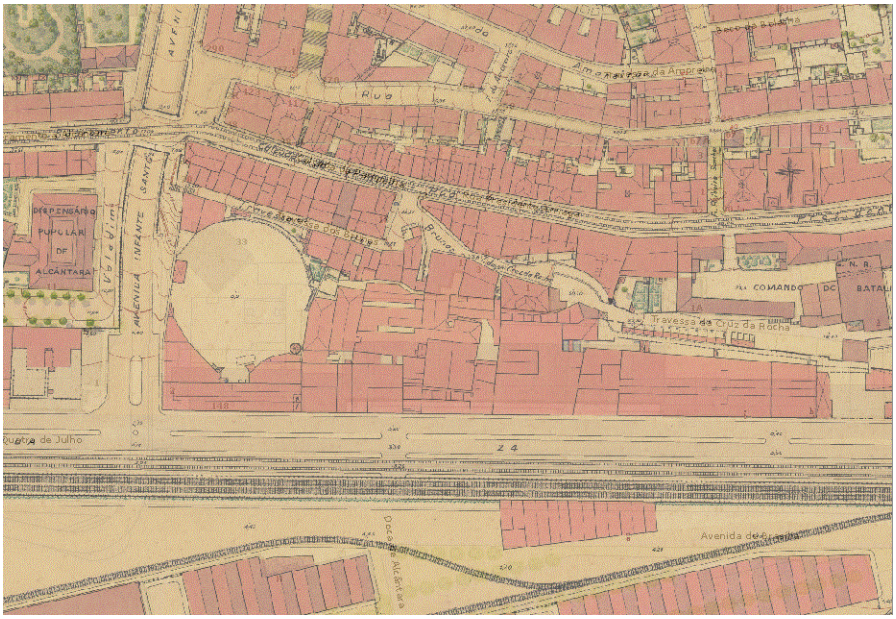
1911- Mapa Silva Pinto

Após a construção do aterro, ainda está presente uma construção fabril, contudo nota-se que houveram grandes alterações urbanas. Já se pode encontrar o Dispensário de Alcântara, a nova Av. 24 de Julho e a Rua Tenente Valadim.



1950

Nasce a Avenida Infante Santo, os armazéns fabris do terreno em estudo pertencem à Companhia Industrial de Portugal e Colónias. Quase toda a construção envolvente se apresenta como a podemos encontrar actualmente excepto o terreno dos edifícios de escritórios.



1970/83

O actual edifício de escritórios do Ministério da Educação já se encontrava construído, apenas fica a faltar o edifício de telemarketing implantado na Travessa dos Brunos.



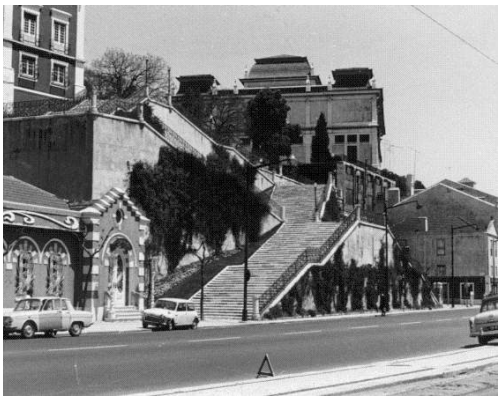
Foto aérea actual



Fotos antigas dos edifícios envolventes








TORRALTA
TORRALTA
TORRALTA

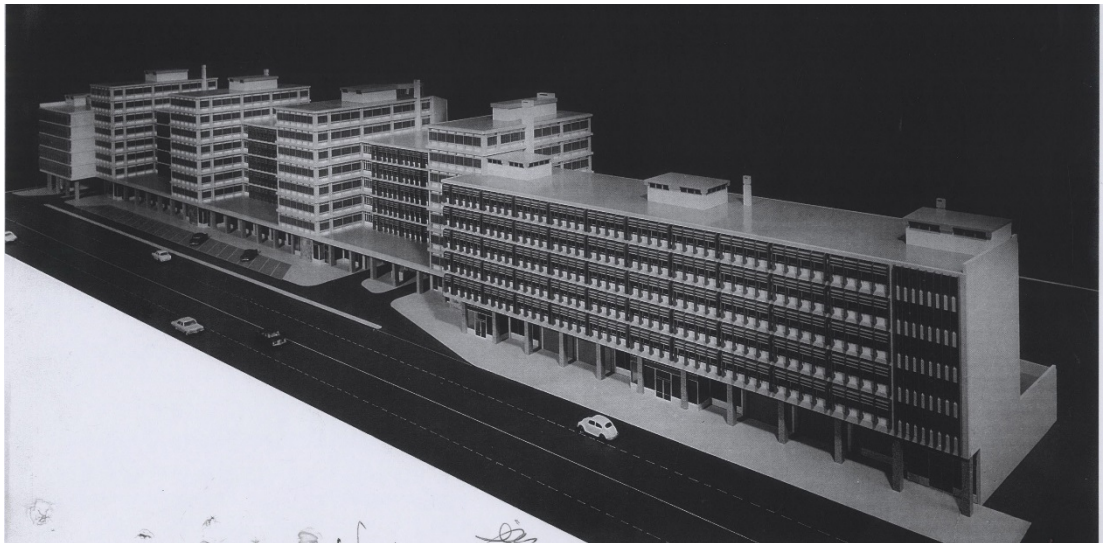


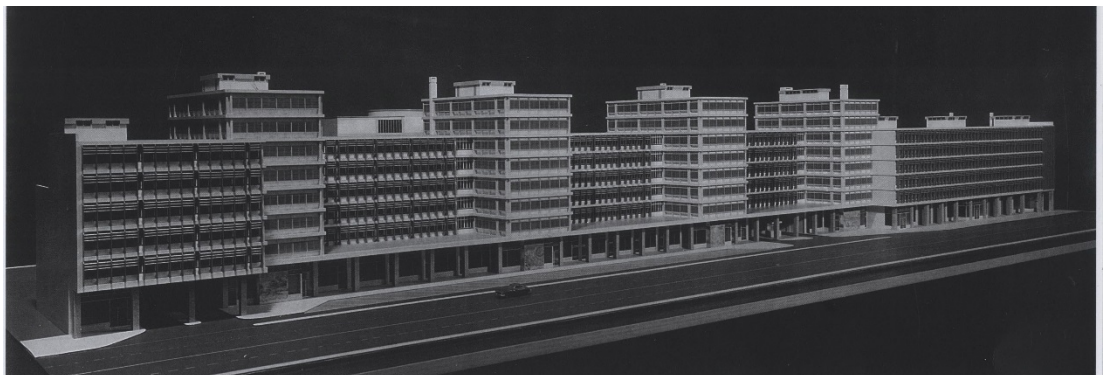


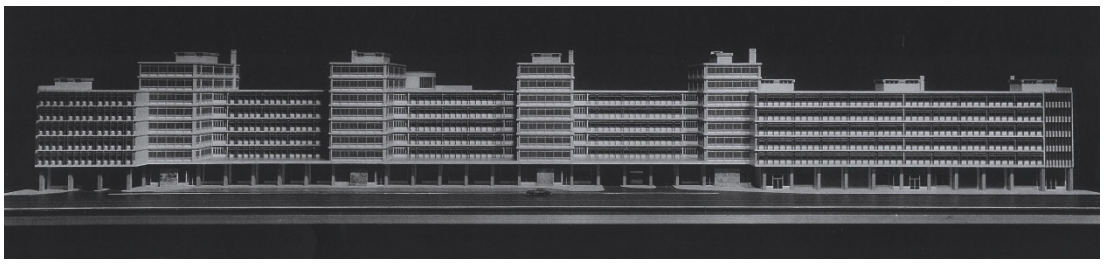


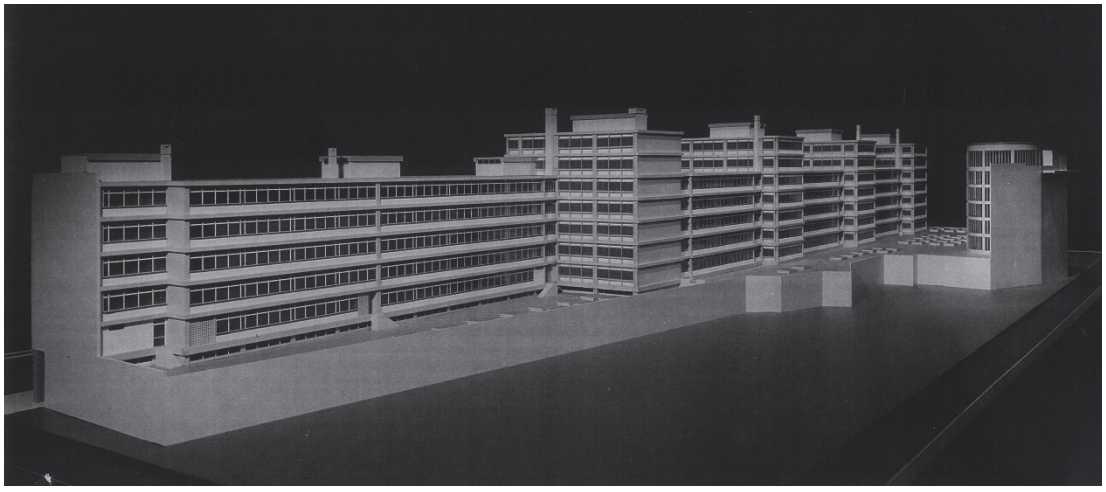

CUF
Folha 68
Processo N. 24012/66

Maquete de proposta anterior ao projecto final do edifício









Certidão da obra

C. M. L.
Direcção dos Serviços Jurídicos e Contencioso
1.ª Repartição
DE EXPEDIENTE
22 ABR. 1976
Registado sob o N.º 1014
Destino: Direcção dos Serviços de

Nos termos da Lei não é permitido aumentar o número de linhas deste papel ou escrever nas suas margens.

IMPOSTO DO SELO 10$00

Folha Proc. 10014 /976

Arquive-se
Em virtude da informação de fls. 5
(Por delegação do D. S. C. C. Despacho de
D. M., n.º 12-61
Em 9/8/1977
O chefe da Repartição Central

Exmº. Senhor Presidente da Câmara
Municipal do Concelho de
L I S B O A

A COMPANHIA INDUSTRIAL DE PORTUGAL E COLÓNIAS, sociedade anónima de responsabilidade limitada, com sede na Rua Jardim do Tabaco, nº. 74, Lisboa, requer a V. Exª. se digne mandar passar-lhe CERTIDÃO, em referência ao prédio - obra nº. 58 696 - sito na Avenida 24 de Julho, nºs. 134 a 134-E, 136 a 136-B, 138 a 138-D, 140 a 140-B e 142 a 142-F, onde conste:

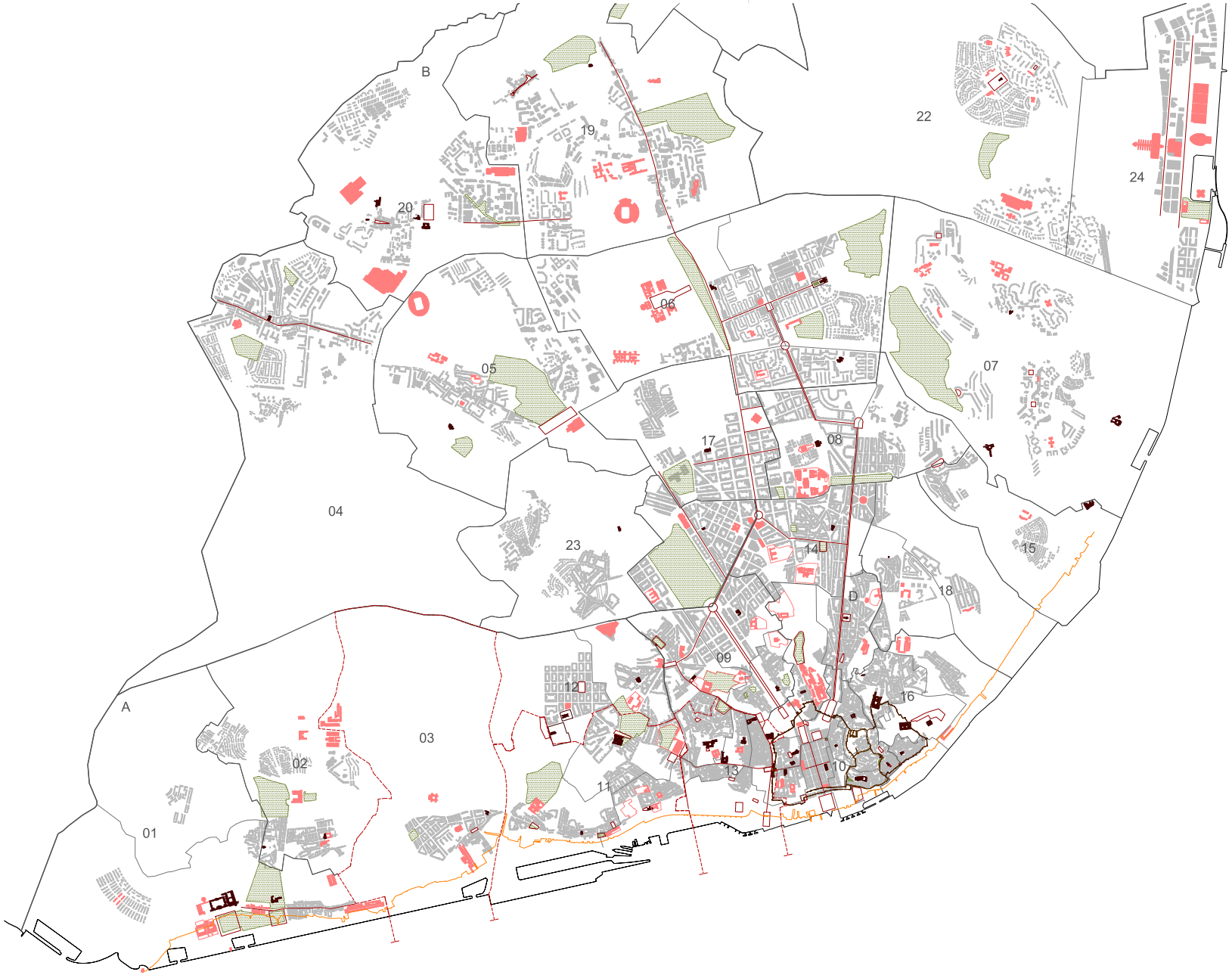
1. o teor do presente requerimento;
2. que o mesmo prédio confronta com a Travessa dos Brunos e com a Travessa da Cruz da Rocha, determinando-se ainda os lados correspondentes às confrontações com estas artérias;
3. que foi eliminado o nº. 3 de policia da Travessa dos Brunos que dava serventia também a um dos prédios mencionados com entrada também pelo corredor com o antigo nº. 140 da Avenida 24 de Julho; e
4. que ao referido prédio - obra nº. 58 696 - não foram atribuidos quaisquer números de policia para as mencionadas Travessa dos Brunos e Travessa da Cruz da Rocha.

A certidão requerida destina-se a instruir processo de registo na respectiva Conservatória Predial.

Análise de Lisboa e da zona de intervenção feita em turma MiArq, 5ºB, 2013/2014.



MAPA DA TOPOGRAFIA E HIDROLOGIA DA CIDADE DE LISBOA



A _ ZONA ADMINISTRATIVA OCIDENTAL

01 BELÉM
- SÃO FRANCISCO XAVIER
- STA MARIA DE BELÉM

02 AJUDA

03 ALCÂNTARA

11 ESTRELA
- LAPA
- SANTOS
- PRAZERES

12 SANTO ANTÓNIO
- SANTO CONDESTÁVEL
- STA ISABEL

B _ ZONA ADMINISTRATIVA NORTE

04 BENFICA

05 S.DOMINGOS DE BENFICA

06 ALVALADE
- CAMPO GRANDE
- SÃO JOÃO DE BRITO
- ALVALADE

17 AVENIDAS NOVAS
- SÃO SEBASTIÃO DA PEDREIRA
- NOSSA SRA. DE FÁTIMA

19 LUMIAR

20 CARNIDE

21 SANTA CLARA
- CHARNECA
- AMEIXOEIRA

23 CAMPOLIDE

C _ ZONA ADMINISTRATIVA ORIENTAL

07 MARVILA

08 AREEIRO
- ALTO DA PINA
- SÃO JOÃO DE DEUS

14 ARROIOS
- ANJOS
- PENA
- S.JORGE E ARROIOS

15 BEATO

18 PENHA DE FRANÇA
- SÃO JOÃO
- PENHA DE FRANÇA

22 OLIVAIS

24 PARQUE DAS NAÇÕES

D _ ZONA ADMINISTRATIVA SUL

09 SANTO ANTÓNIO
- S.MAMEDE
- S.JOSÉ
- CORAÇÃO DE JESUS

10 SANTA MARIA MAIOR
- MARTIRES
- SACRAMENTO
- S.NICOLAU
- MADALENA
- SANTA JUSTA
- SÉ
- SANTIAGO
- S.CRISTOVÃO E S.LOURENÇO
- CASTELO
- SOCORRO
- S.MIGUEL
- S.ESTEVÃO

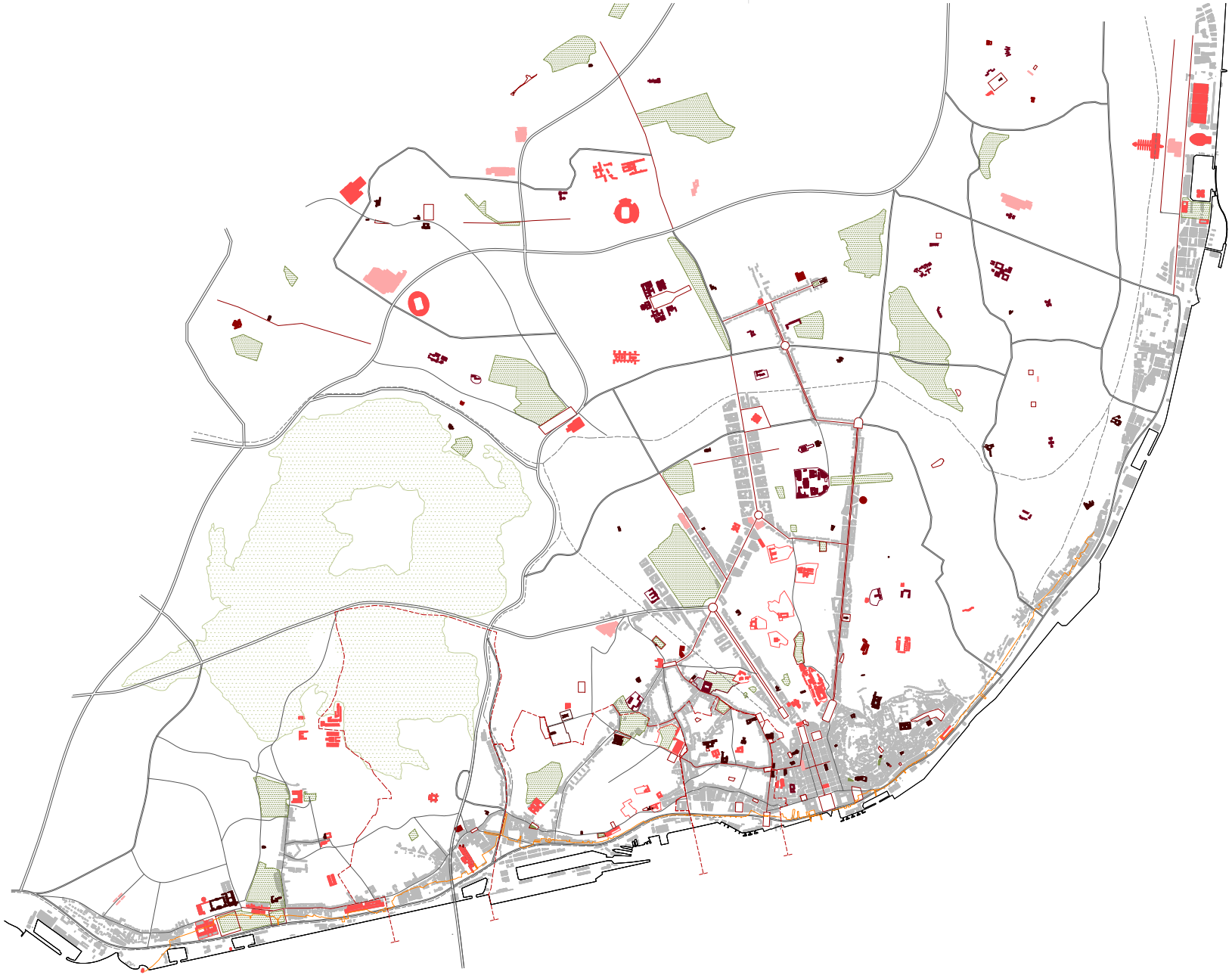
13 MISERICÓRDIA
- MERCÊS
- S.CATARINA
- ENCARNAÇÃO
- S.PAULO

16 SÃO VICENTE
- SÃO VICENTE
- GRAÇA
- S.ENGRÁCIA

0 1 2km

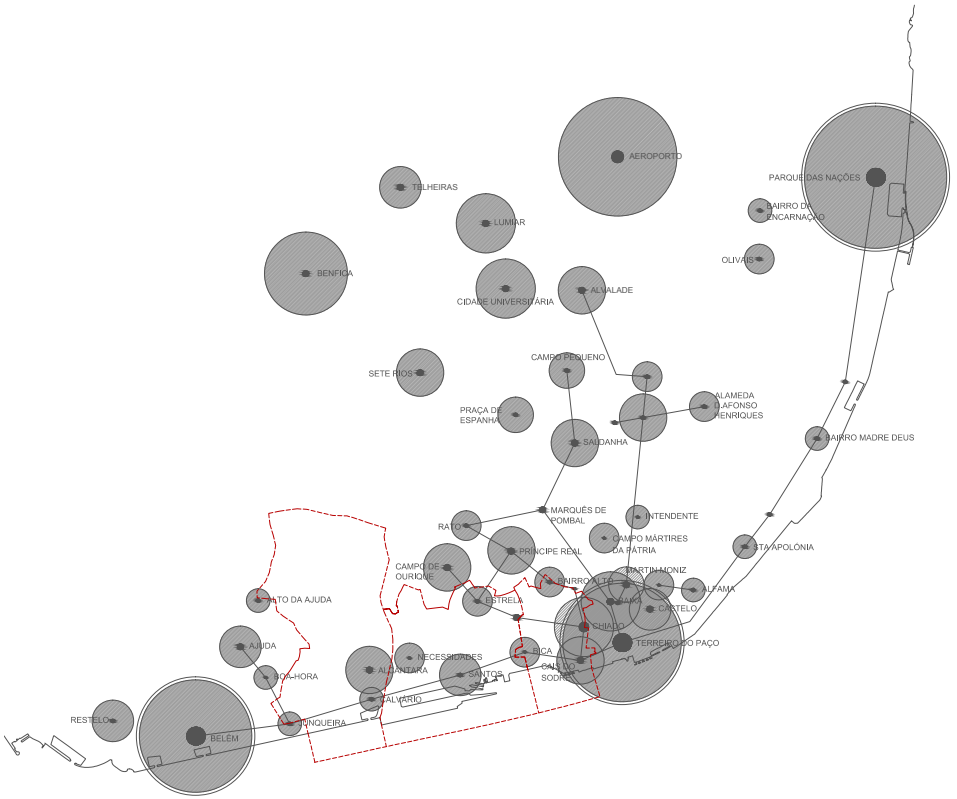
EQUIPAMENTOS | EDIFÍCIOS RELIGIOSOS | PRAÇAS/EIXOS | JARDINS | FREGUESIAS EM ESTUDO | COSTA ACTUAL | COSTA ANTIGA | FREGUESIAS ANTIGAS | FREGUESIAS ACTUAIS | CERCA ROMANA | CERCA FERNANDINA

MAPA DAS FREGUESIAS DA CIDADE DE LISBOA: LIMITES E DISTRIBUIÇÃO



MAPA DE CENTRALIDADES DA CIDADE DE LISBOA

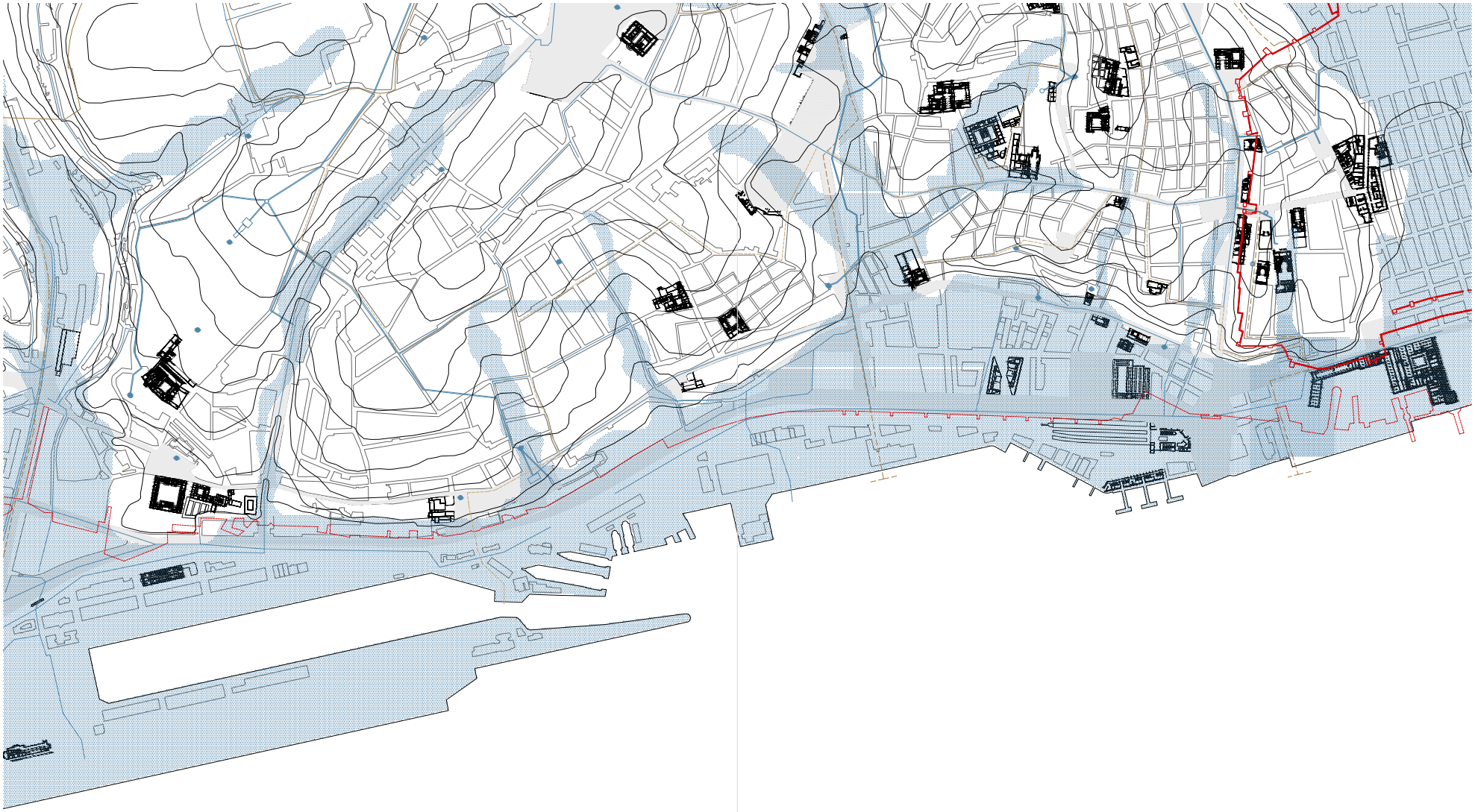




0 1 2km

COSTA ACTUAL | COSTA ANTIGA | ANTIGO EIXO RIBEIRINHO | FREGUESIAS EM ESTUDO

MORFOLOGIA E EIXOS DISTRIBUTIVOS DA CIDADE DE LISBOA / FOCOS DE CENTRALIDADES NA CIDADE DE LISBOA



PLANTA DE TOPOGRAFIA E HIDROGRAFIA

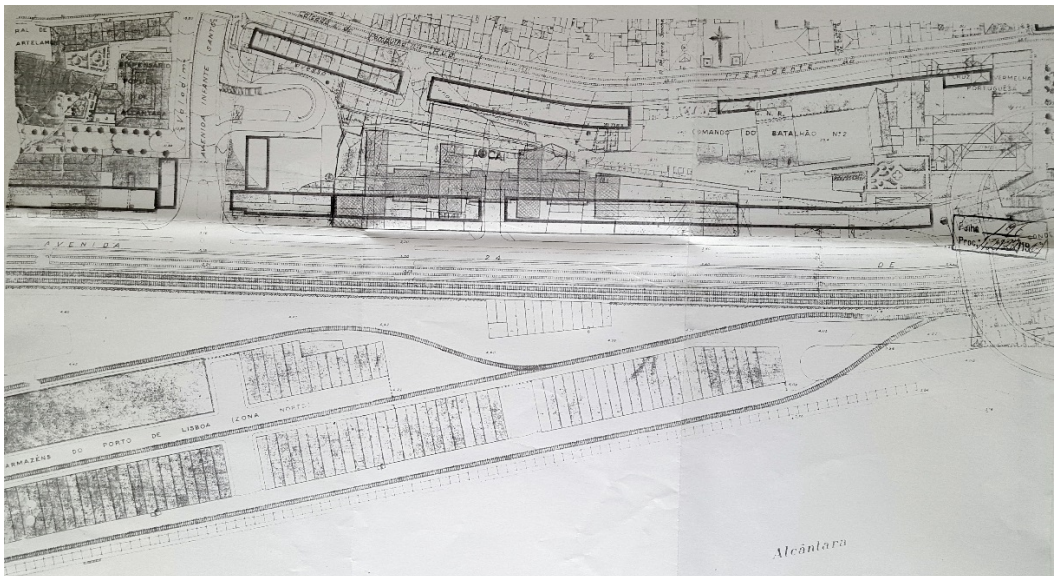


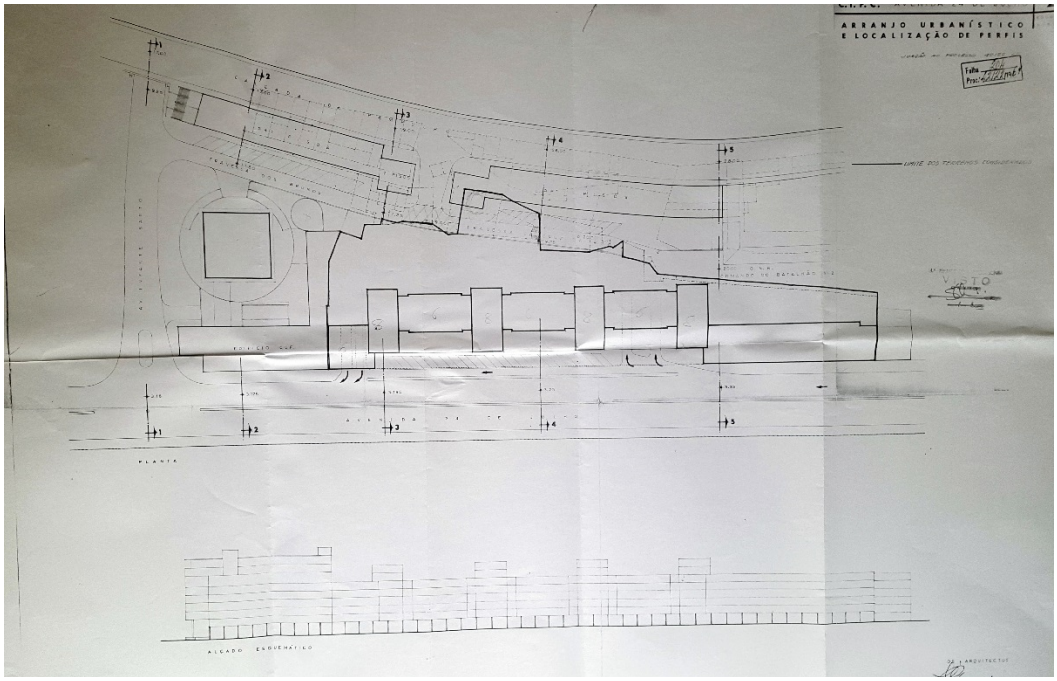
0 100 250 500 M

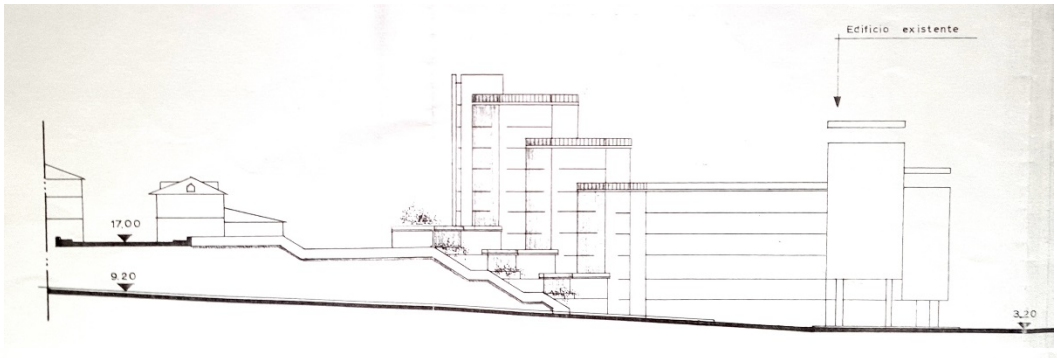
EDIFÍCIOS NOTÁVEIS | ÁREAS VERDES | COSTA ANTIGA SÉC. XVIII | FREGUESIAS ANTIGAS | FREGUESIAS ACTUAIS | CERCA FERNANDINA | 1 CONDE BARÃO | 2 TERCENAS DO MARQUÊS | 3 QUARTEIRÃO DOS MARIANOS | 4 MUSEU DE ARTE ANTIGA | 5 ROCHA CONDE D'ÓBIDOS | 6 TAPADA DAS NECESSIDADES | 7 ALCÂNTARA

MAPA DE LOCALIZAÇÃO DAS ÁREAS DE TRABALHO

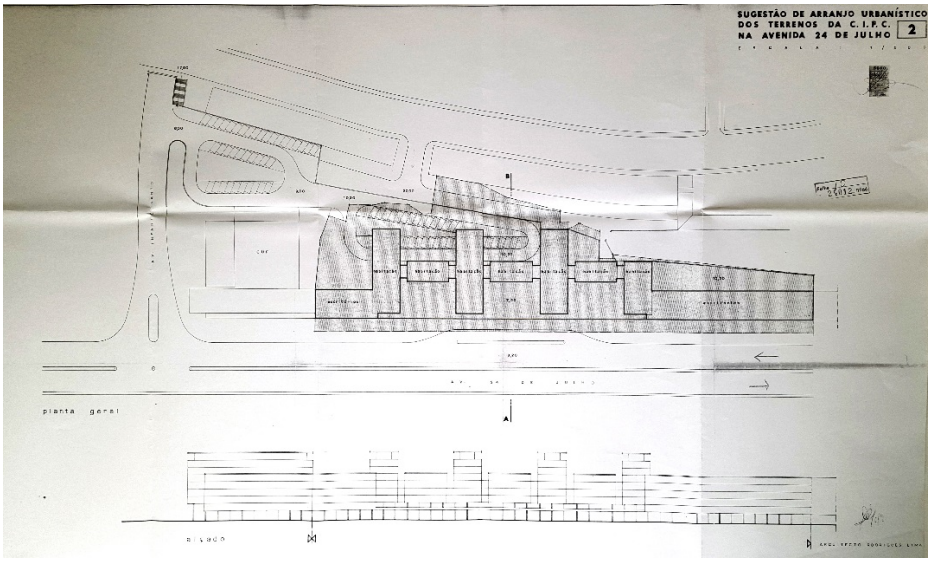
Propostas e estudos para a área de intervenção antes da construção do edifício existente

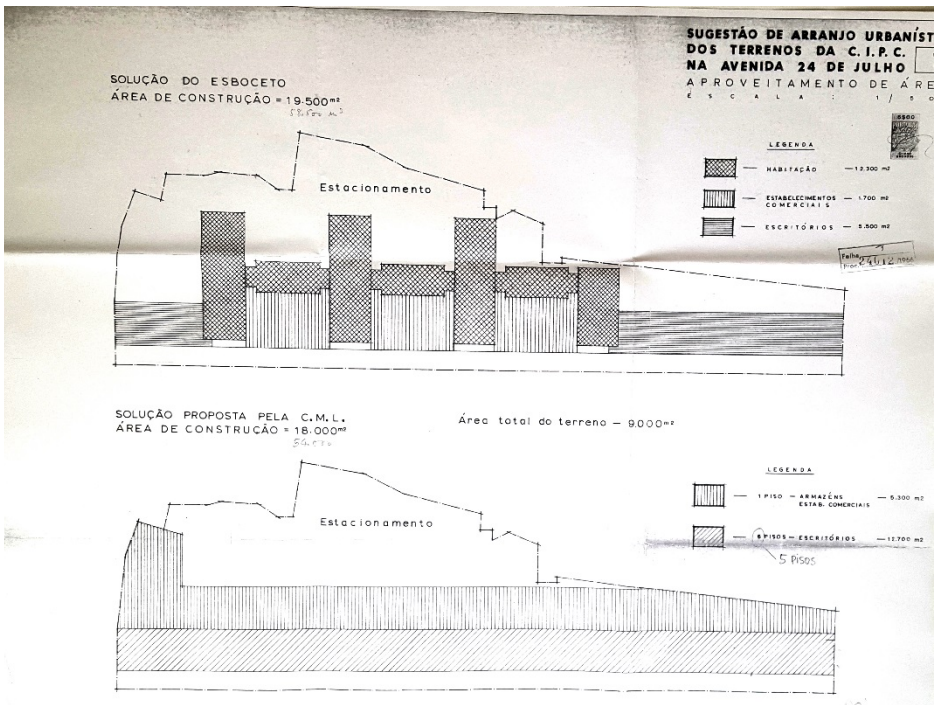


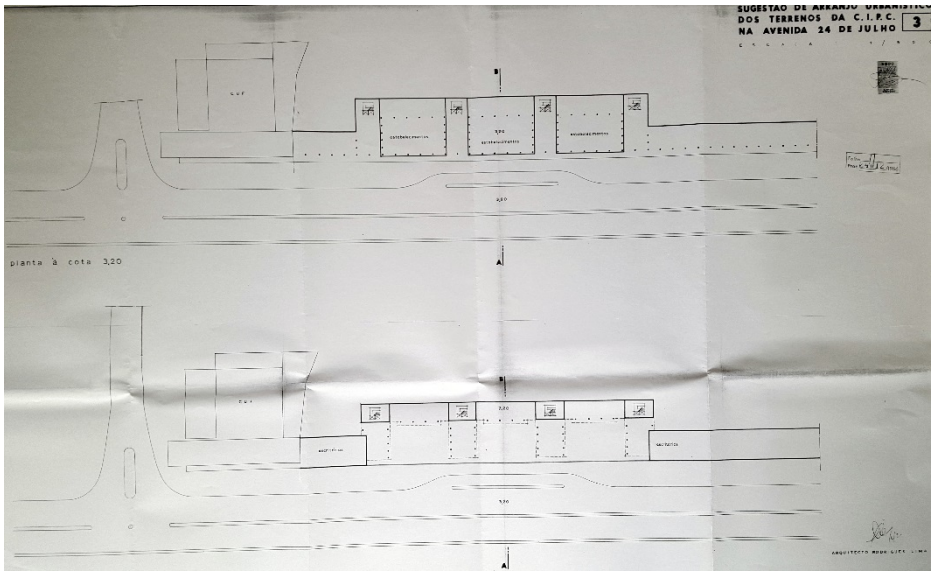


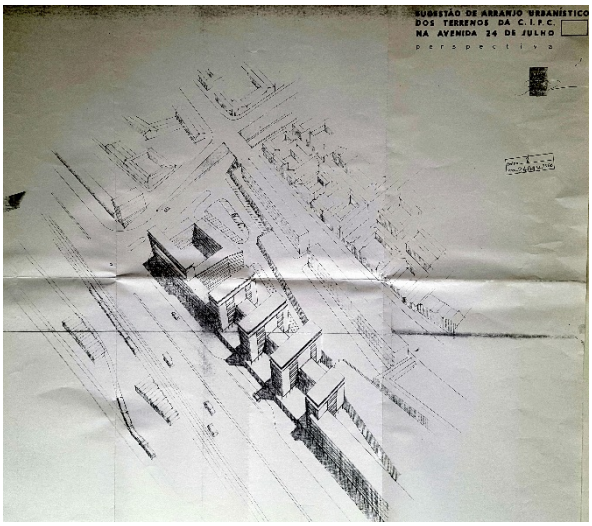


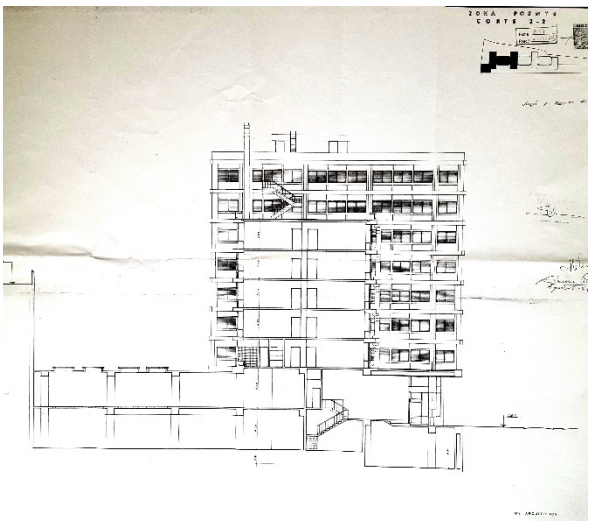
ALÇADO

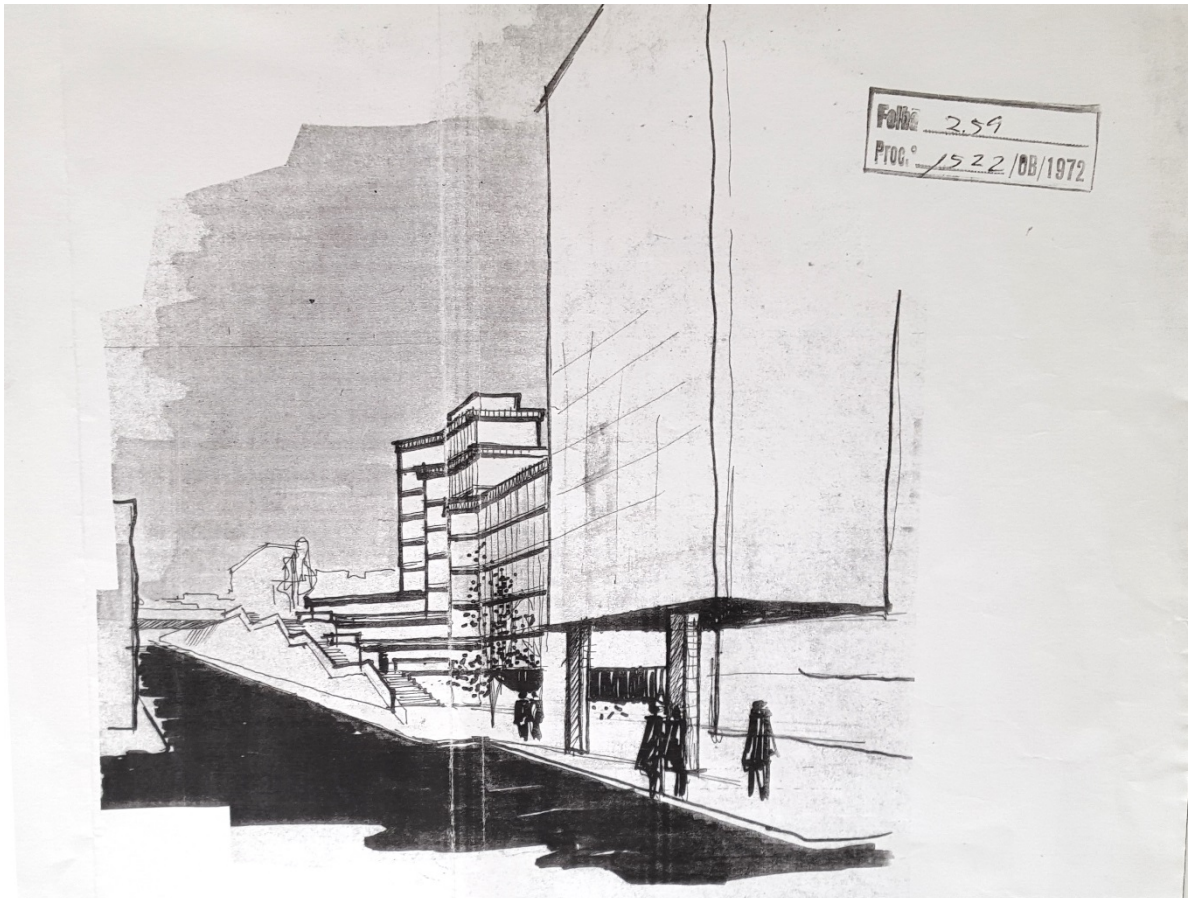

SUGESTÃO DE ARRANJO URBANÍSTICO
DOS TERRENOS DA C.I.P.C.
NA AVENIDA 24 DE JULHO
2
planta geral


SUGESTÃO DE ARRANJO URBANÍST
DOS TERRENOS DA C.I.P.C.
NA AVENIDA 24 DE JULHO
APROVEITAMENTO DE ÁRE
ESCALA : 1/5
LEGENDA
HABITAÇÃO — 12.300 m2
ESTABELECIMENTOS COMERCIAIS — 1.700 m2
ESCRITÓRIOS — 5.500 m2
SOLUÇÃO DO ESBOCETO
ÁREA DE CONSTRUÇÃO = 19.500m2
Estacionamento
SOLUÇÃO PROPOSTA PELA C.M.L.
ÁREA DE CONSTRUÇÃO = 18.000m2
Área total do terreno — 9.000m2
Estacionamento
LEGENDA
1 PISO — ARMAZÉNS ESTAB. COMERCIAIS — 6.300 m2
5 PISOS — ESCRITÓRIOS — 12.700 m2
5 PISOS


SUGESTÃO DE ARRANJO URBANÍSTICO
DOS TERRENOS DA C.I.P.C.
NA AVENIDA 24 DE JULHO
3
planta à cota 3,20







Folha 259
Proc.º 1522/OB/1972

Aprovado por S. Ex.ª o Presidente em 5-2-71 através do Proc. Priv. Nº 9.2. 14/4ª/U/71

C.M.L. D.S.U. 4ª REPARTIÇÃO -

Arquivo N.º 13.896

Desenhou: Pinheiro

Assunto: ESTUDO DE REMATE DA ZONA NASCENTE DA AV. INFANTE SANTO, ENTRE A AV. 24 DE JULHO E A TRAVESSA DOS BRUNOS

Desenho N.º 2

Projectou:

O Arq. chefe: 4/2/71

Designação: ALÇADO E PRESPECTIVA

Escala 1:500

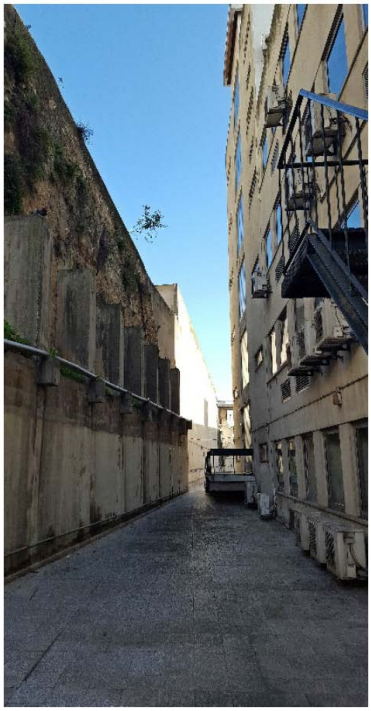
Visto | Substituto | Substituído em

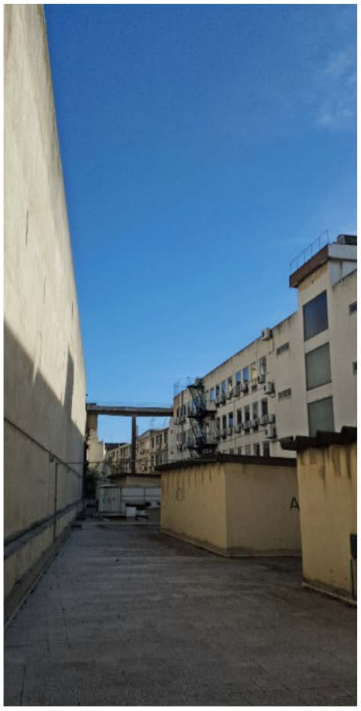
Fotos do existente







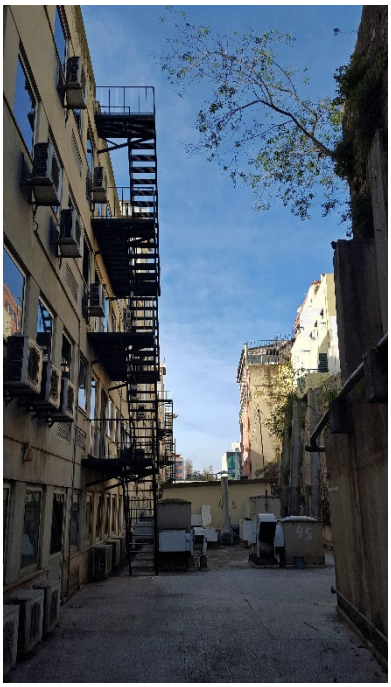


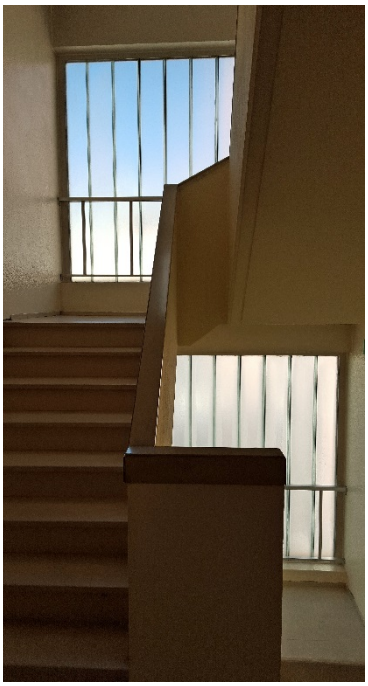


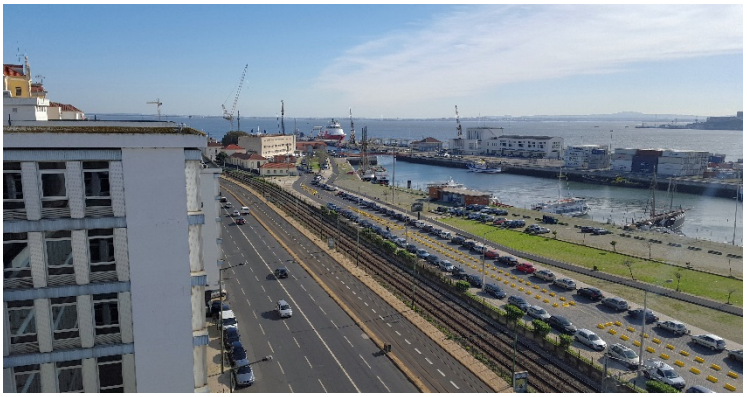
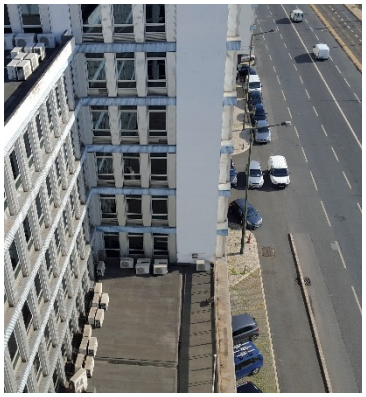






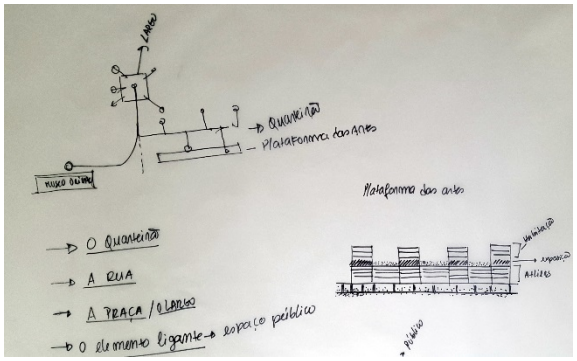


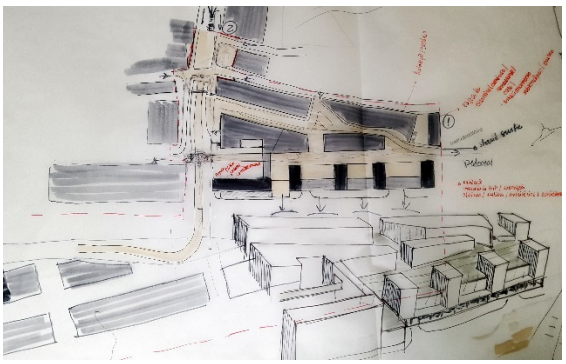


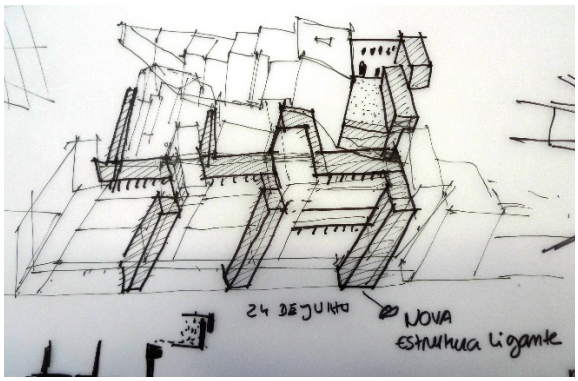




II. Processo de Trabalho

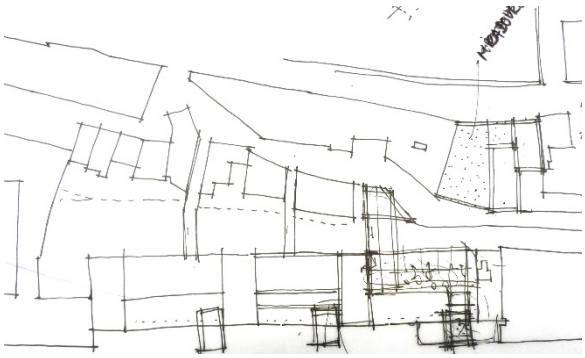
Esquiços da proposta



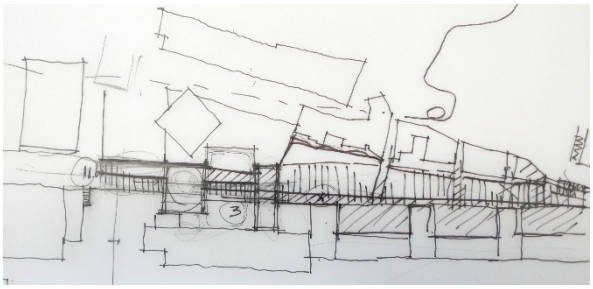




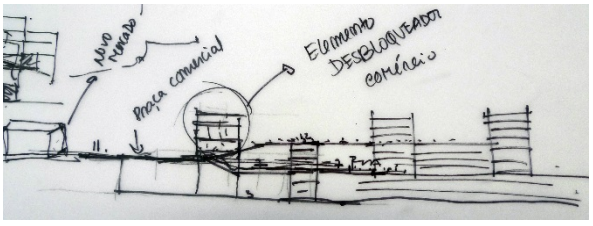


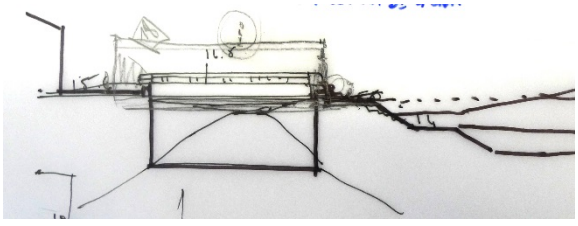


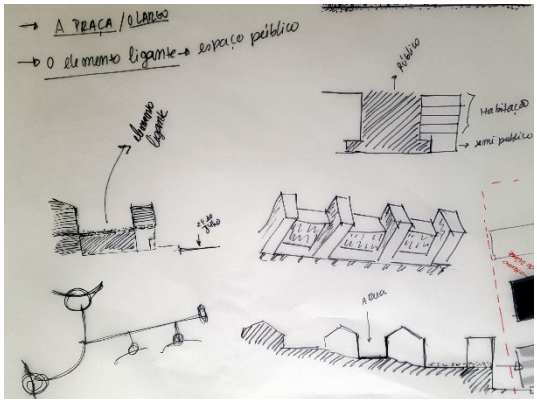








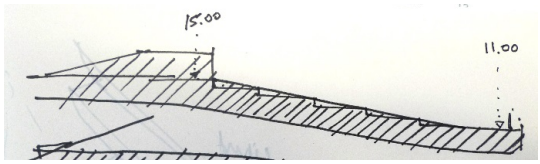



A PRAÇA / O LARGO
O elemento ligante → espaço público
Habitação
semi público
A rua

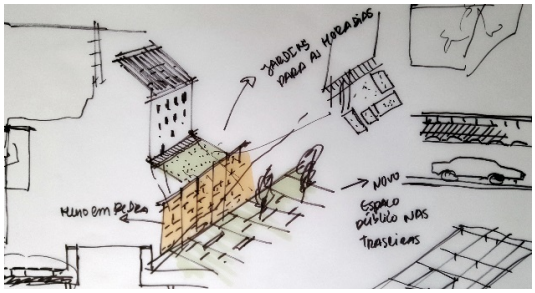

EQUIPAMENTO – BAIRRO
(JARDIM DE INFÂNCIA)

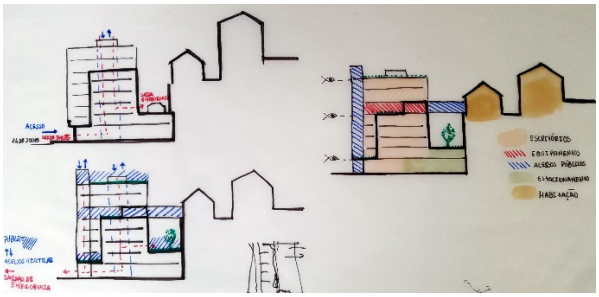


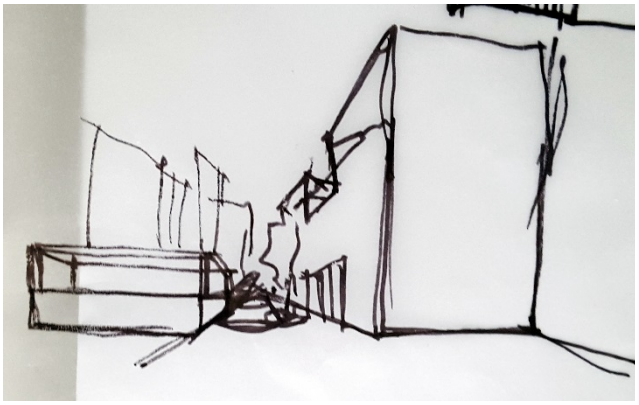

MIRADOURO

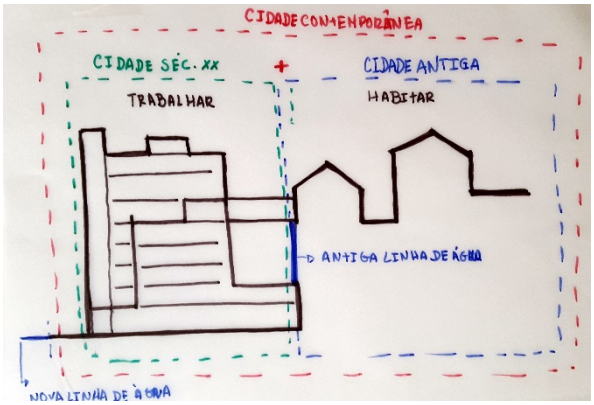

15.00
11.00

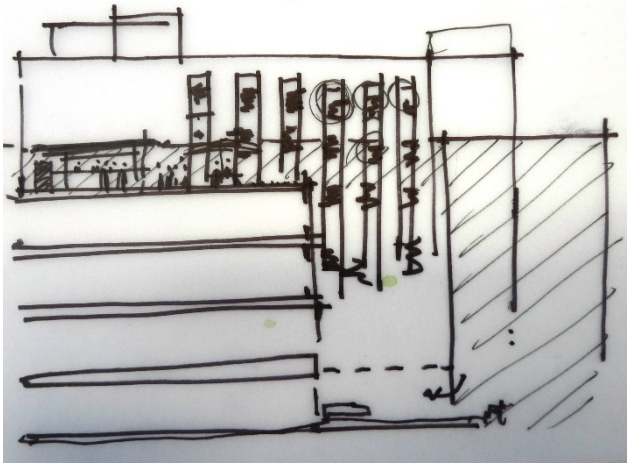


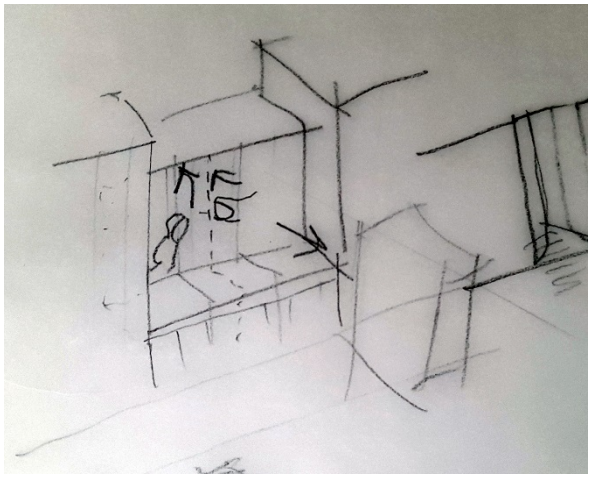

MURO EM PEDRA
NOVO
ESPAÇO PÚBLICO NOS TRASEIROS

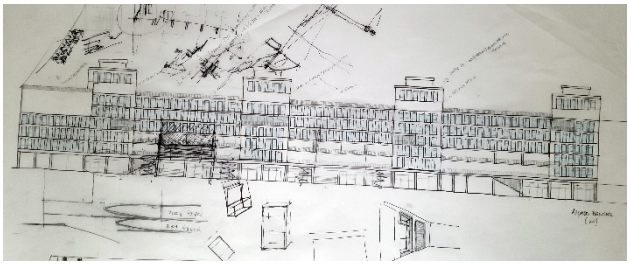

ESCRITÓRIOS
ESTACIONAMENTO
ACESSO PÚBLICOS
ESTACIONAMENTO
HABITAÇÃO

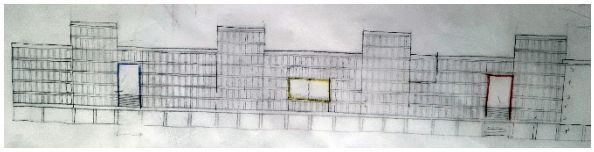


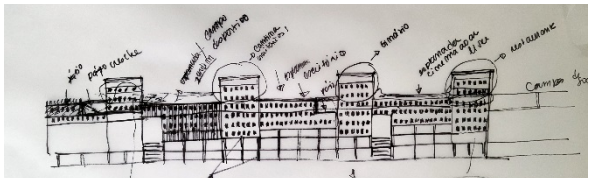

CIDADE CONTEMPORÂNEA
CIDADE SÉC. XX
+
CIDADE ANTIGA
TRABALHAR
HABITAR
ANTIGA LINHA DE ÁGUA
NOVA LINHA DE ÁGUA

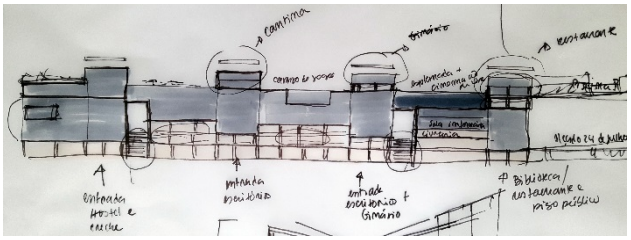


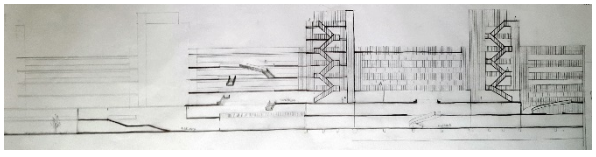


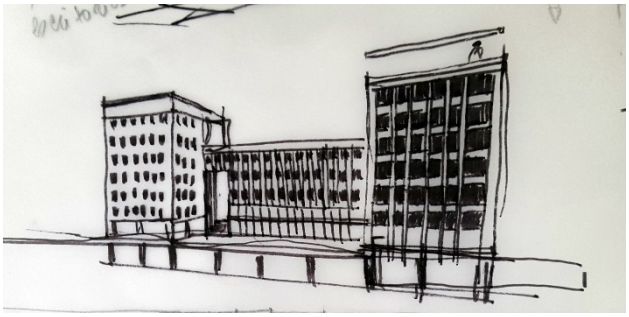


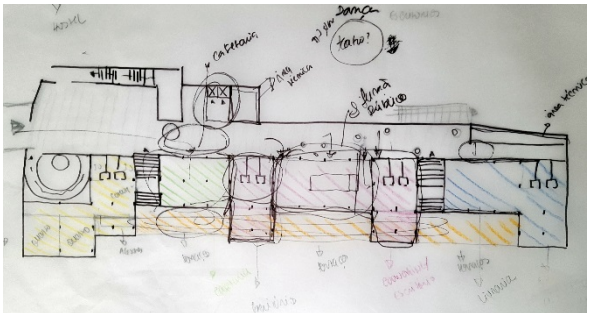


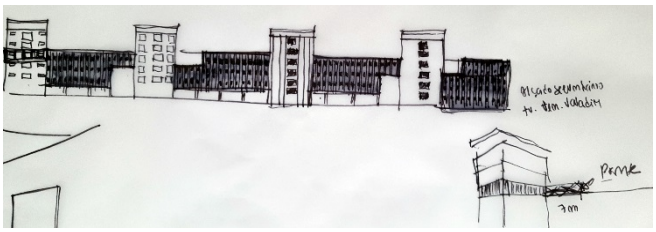






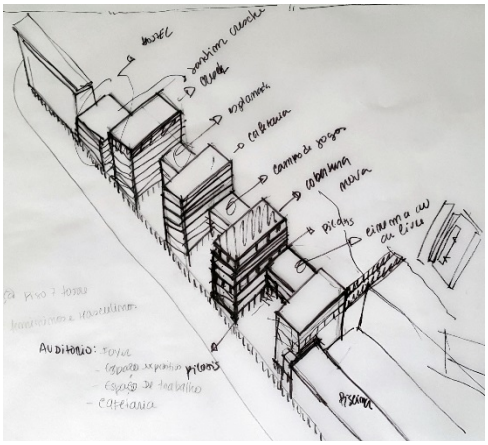


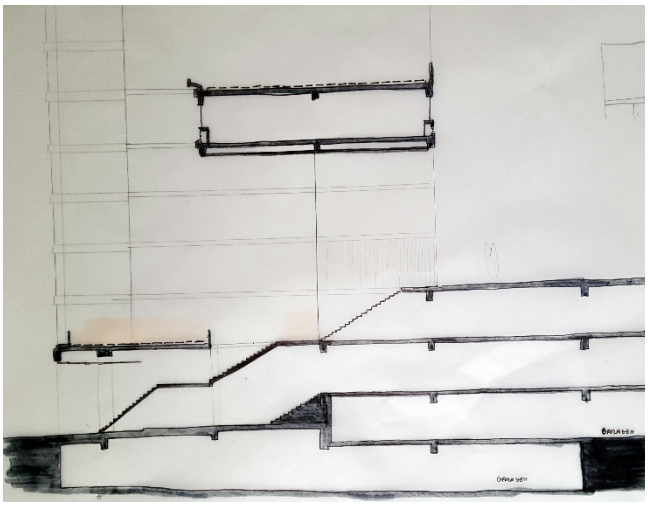


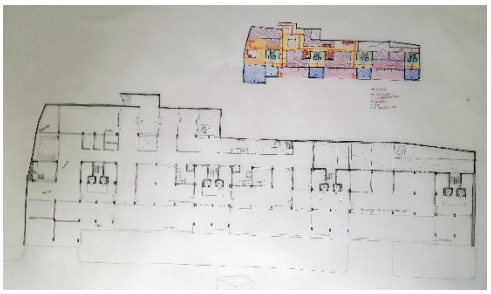


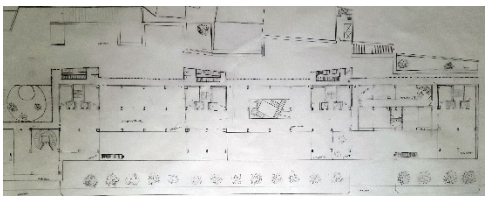




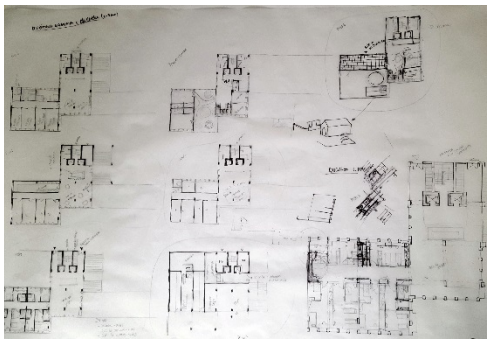

AUDITORIO:

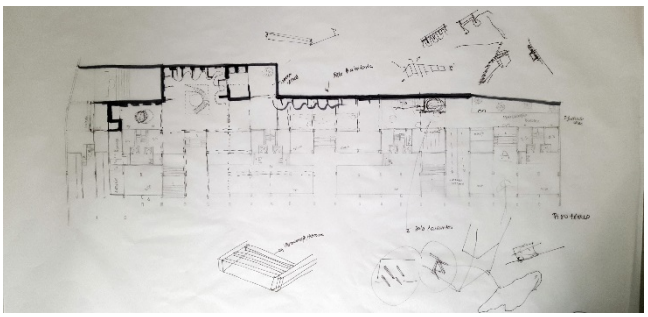


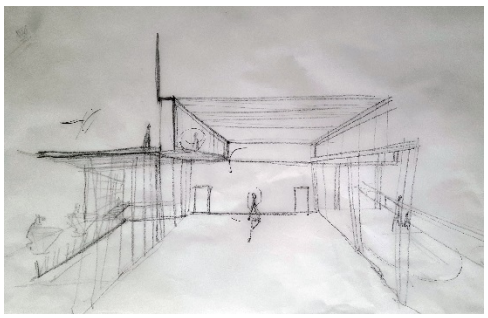


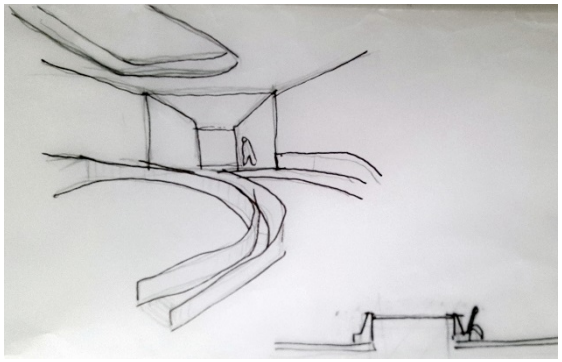


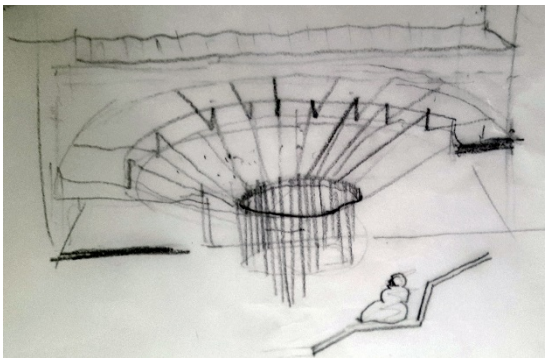


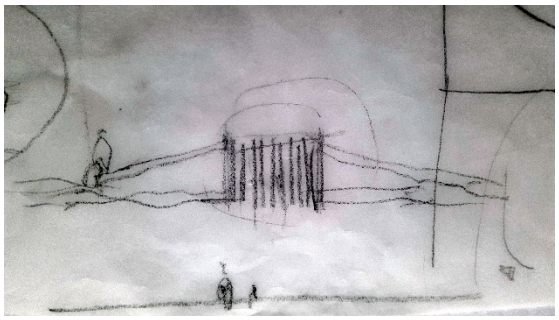


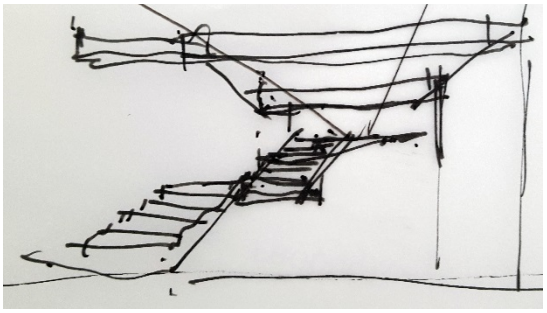


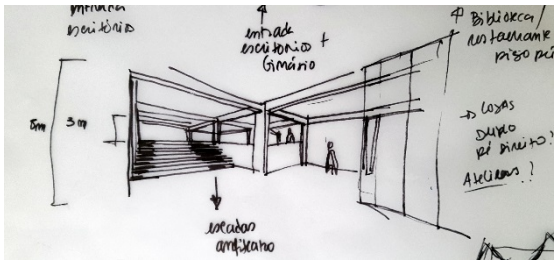


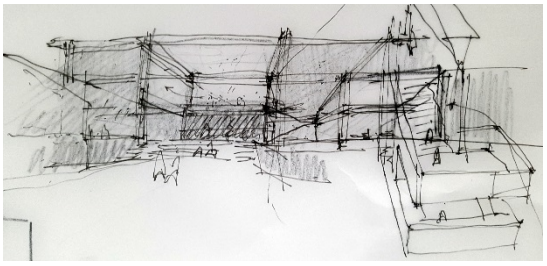


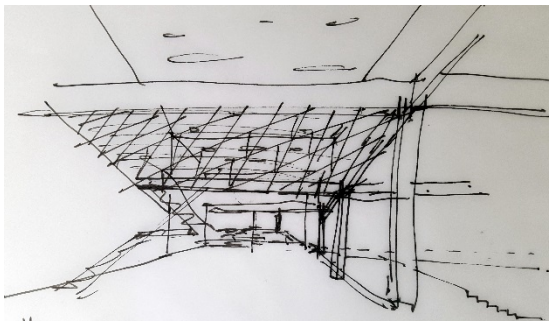




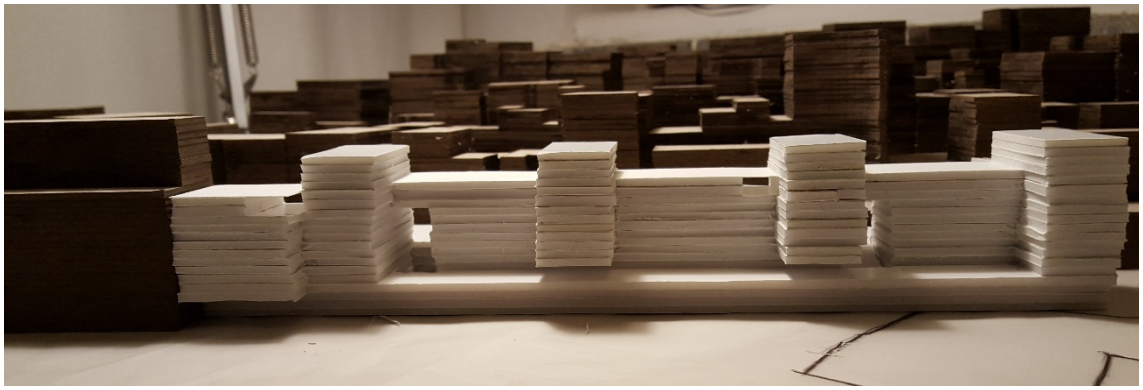



escritórios
entrada
escritorios +
Ginásio
Biblioteca/
restaurante
piso pé
5m
3m
→ Lojas
Duplo
pé direito?
Ateliers?
escadas
anfiteatro

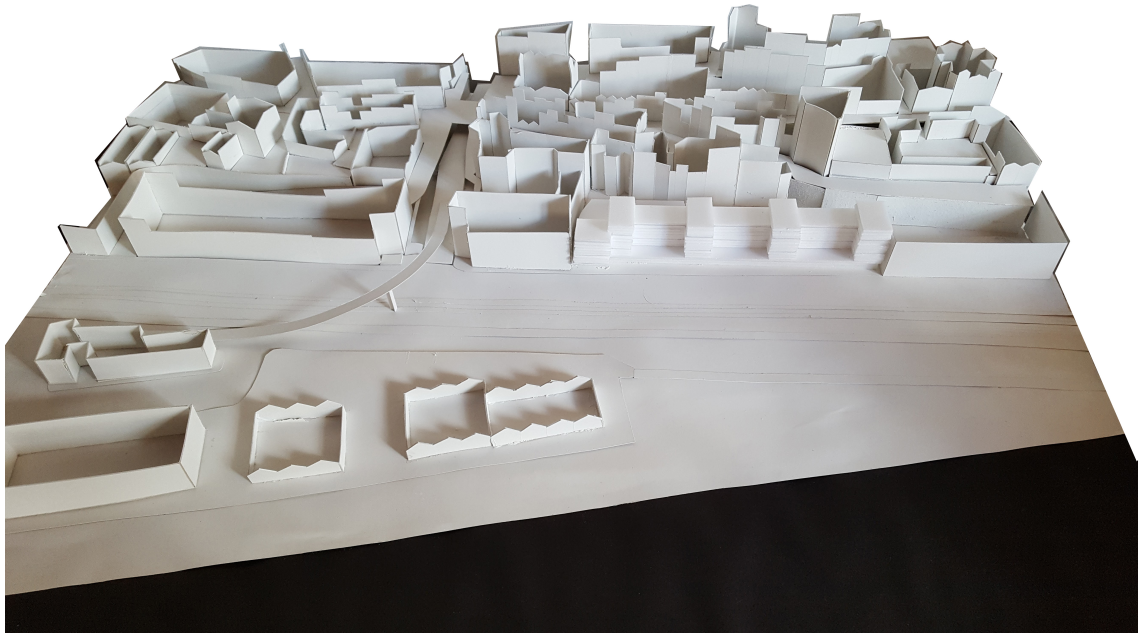




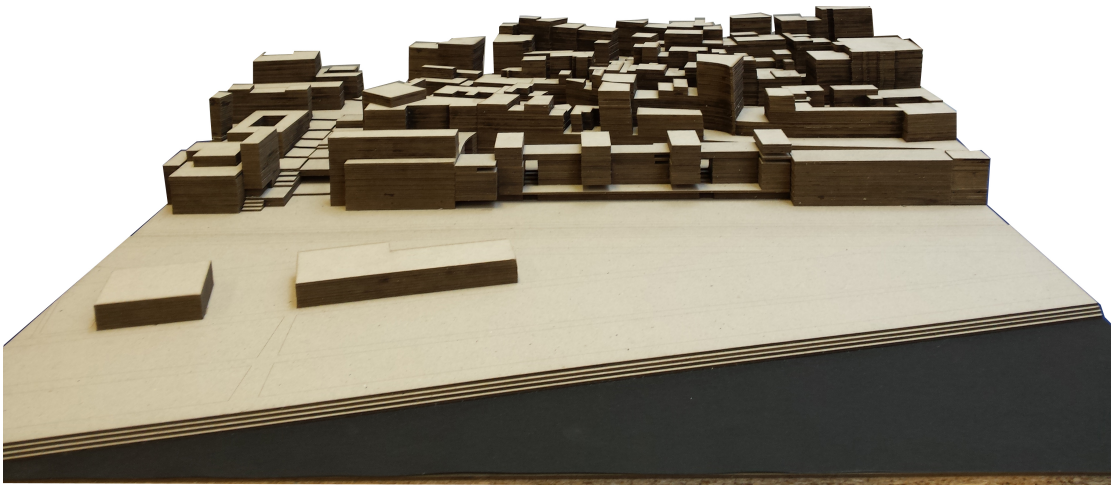
Maquetes de estudo







Maquetes Finais

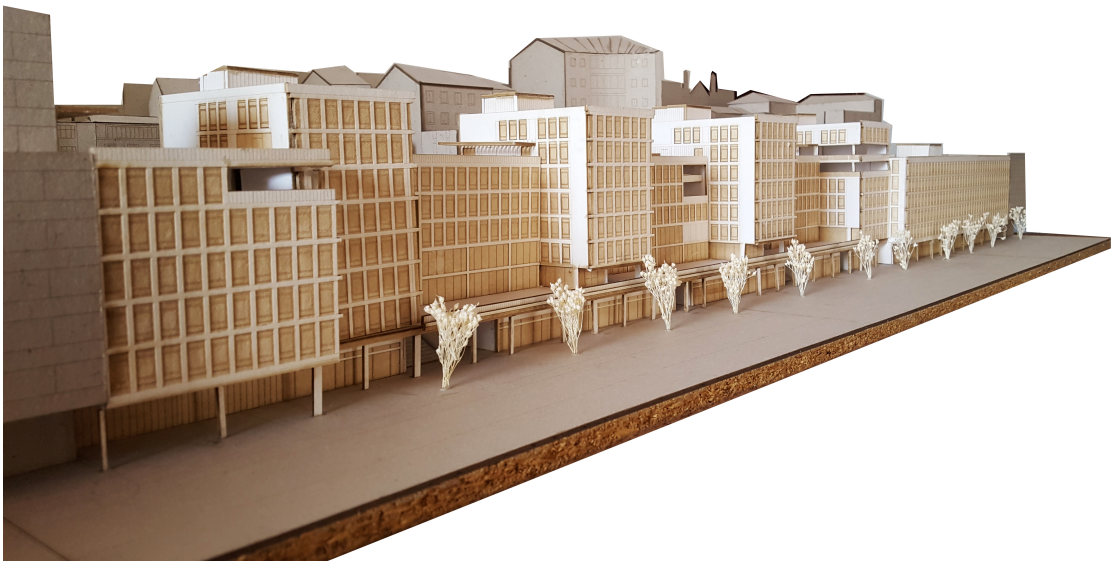


Maquete 1:500



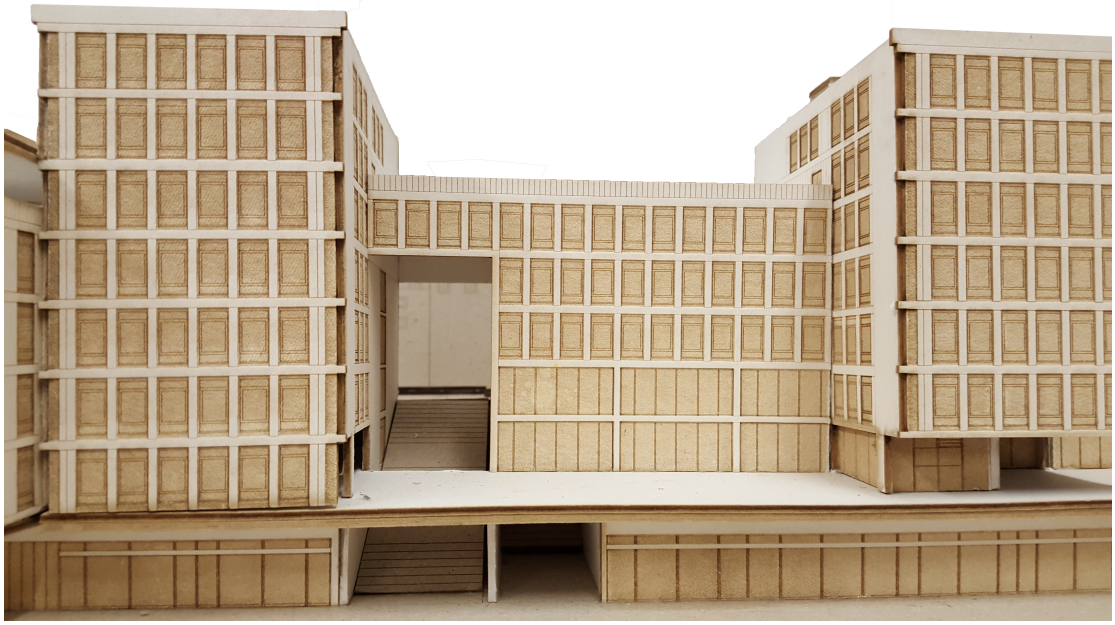
Maquete 1:200









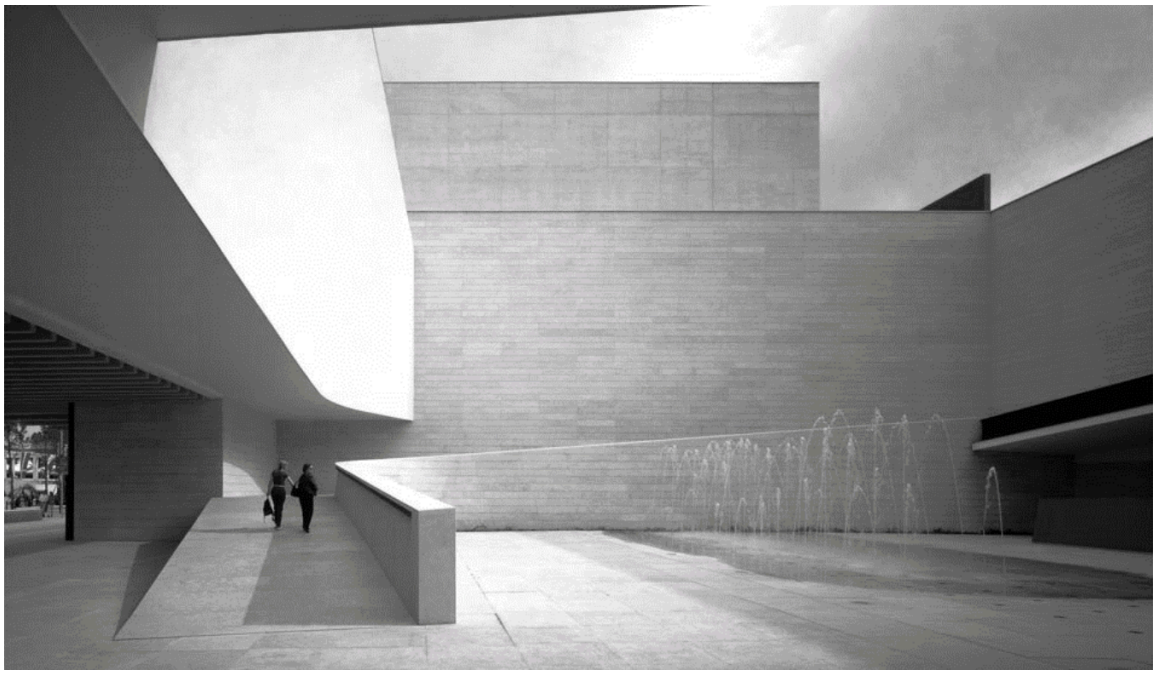




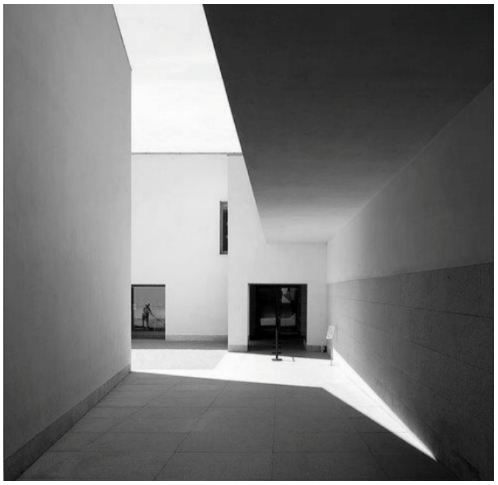




Referências









Em cima:
Pavilhão do Conhecimento
Lisboa, Portugal, 1999
Carrilho da Graça

No meio à esquerda:
Pavilhão do

No meio à direita:
Fundação de Serralves
Porto, Portugal, 1999
Álvaro Siza Vieira

Em baixo:
Concurso para Escola de Música.
Imagem alusiva ao









Em cima:
Biblioteca e Mediateca Dalarna
Suécia, 2014

No meio:
The New Stuttgart City Library
Stuttgart, Alemanha, 2011
YI Architects

Em baixo à direita:
Daegu Gosan Public
Library
Daegu, South Korea, 2012
Gorka Blas











Em cima à esquerda:
MoMA – Após a expansão e modernização do Museu
Nova Iorque, Estados Unidos, 1929
Yoshio Taniguchi

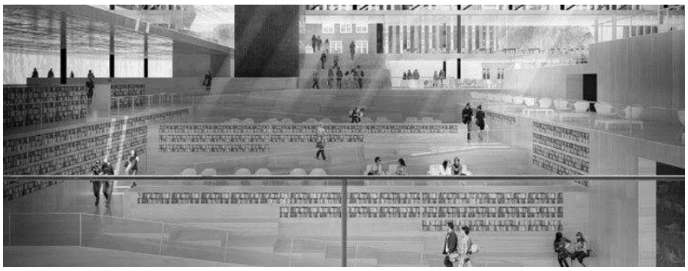
Em cima à direita:
Biblioteca Municipal
Viana do Castelo, 2000
Álvaro Siza

De cima para baixo:
SESC Pompeia
São Paulo, Brasil, 1982
Lina Bo Bardi

Caja General de Ahorros
Granada, 1999
Alberto Campo Baeza

Moradia em Monção
Portugal, 2014



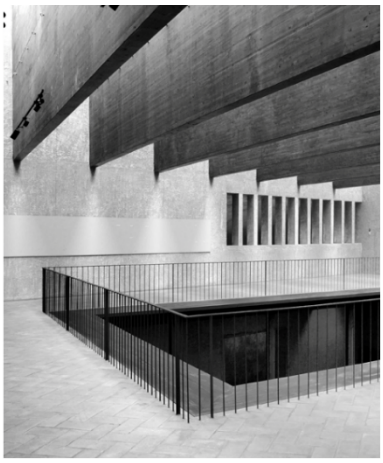




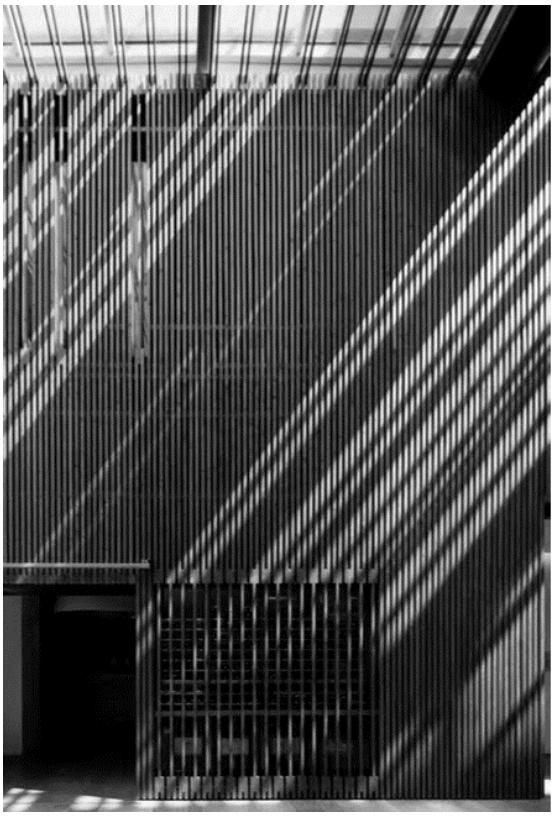
Em cima e no meio:
Knowledge and Cultural Square – proposta vencedora
Kongsberg, Noruega, 2012

Em baixo:
Palacio del Condestable
Pamplona, 2008
Tabuenca & Leache













Hotel Inspira, Santa Marta, Lisboa
Promontório

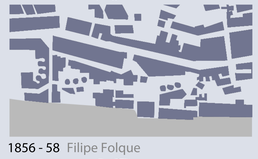
III. Peças Desenhadas

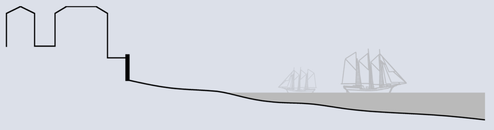
P1

ESTRATÉGIA URBANA | ESCALA 1/2500

1. Alteração do perfil da Av.24 de Julho
2. Reformulação do viaduto de Alcântara com passeio pedonal
3. Edifício Híbrido com estacionamento e restauração
4. Jardim Público
5. Melhoramento do passeio ribeirinho
6. Novo Hospital CUF + Espaço público
7. Estação Alcântara Mar
8. Espaço público/Jardim
9. Complexo habitacional de residências assistidas
10. Criação de uma praça de escala barrial + comércio e restauração
11. Criação da rotunda de Alcântara XXI
12. Abertura de rua pedonal
13. Reabilitação de edifício para biblioteca e salas de estudo de apoio
14. Reabilitação de edificado habitacional
15. Reformulação do viaduto da Av.Infante Santo com passeio pedonal
16. Implementação de nova Boulevard - Av. Infante Santo
17. Reconversão do antigo edifício da CUF Infante Santo em habitação
18. Reabilitação de edifícios com comércio e melhoramento do espaço público adjacente
19. Criação de praça + estacionamento integrado
20. Passeio pedonal / Miradouro
21. Espaço público/ Miradouro
22. Implementação de nova Boulevard - Av. 24 de Julho
23. Criação de estacionamento subterrâneo
24. Restaurante - Miradouro
25. Passagem de nível
26. Reabilitação das Tercenas e reestruturação do espaço público
27. Praça + Café/Esplanada
28. Espaço público de transição - Miradouro + Restauração
29. Requalificação do Jardim de Santos
30. Equipamento âncora da zona ribeirinha, através de ponte pedonal
31. Criação de espaço público ajardinado
32. Equipamento hoteleiro
33. Alteração da pavimentação
34. Melhoramento da Praça de Santos
35. Rua pedonal + comércio
36. Praça Miradouro com estacionamento incorporado + comércio
37. Estacionamento
38. Anfiteatro de cinema ao ar livre
39. Restauração + Bares
40. Reabilitação do edificado para residência de estudantes
41. Reconversão da Fábrica do Aço
42. Habitação + Comércio
43. Reabilitação do Palácio Conde Barão para biblioteca
44. Requalificação do Jardim do Cais do Spdré
45. Extensão da proposta urbanística da frente ribeirinha
46. Estação Fluvial
47. Cafés/Comércio
48. Restauração
49. Comércio
50. Piscinas Públicas Exteriores
51. Equipamento de apoio às piscinas do exterior
52. Equipamento desportivo / Piscinas públicas interiores
53. Campos desportivos
54. Pavilhão desportivo
55. Academia de Dança
56. Ginásio
57. Cafés / Bares
58. Discoteca Urban Beach
59. Edifício âncora de comércio + cafetaria + miradouro
60. Reestruturação do passeio ribeirinho com ciclovia e passeio de corrida
61. Escola Naval / Clube Náutico
62. Área do Porto de Lisboa

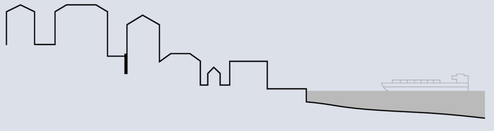
1780 Planta topográfica de Lisboa





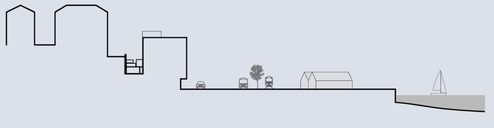
1856 - 58 Filipe Folque





1970 - 83 Planta topográfica de Lisboa





Intervenção





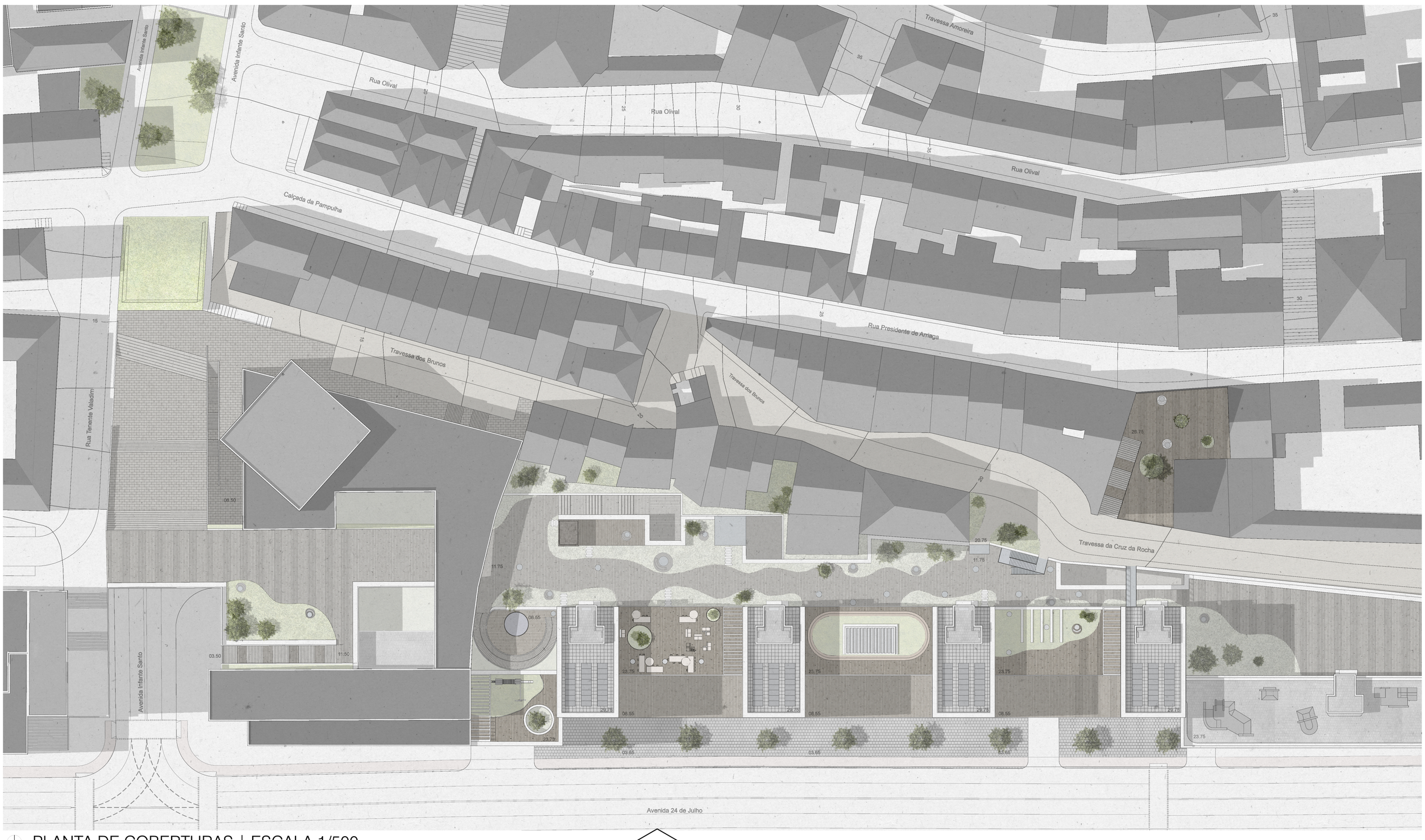
RECICLAR O MODERNO PARA REABILITAR O URBANO

Um Edifício Híbrido para nova identidade do Nó da Infante Santo

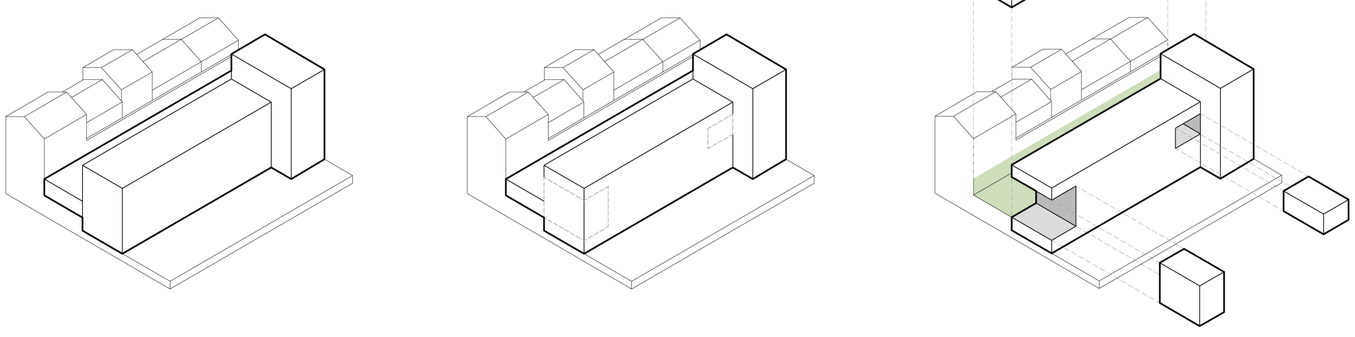
Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa | Catarina Lynce

Equipa de Orientação: Doutor Arquitecto José Aguiar | Arquitecto Carlos Macedo

ORTOFOTOMAPA DO ACTUAL | ESCALA 1/500



PLANTA DE COBERTURAS | ESCALA 1/500

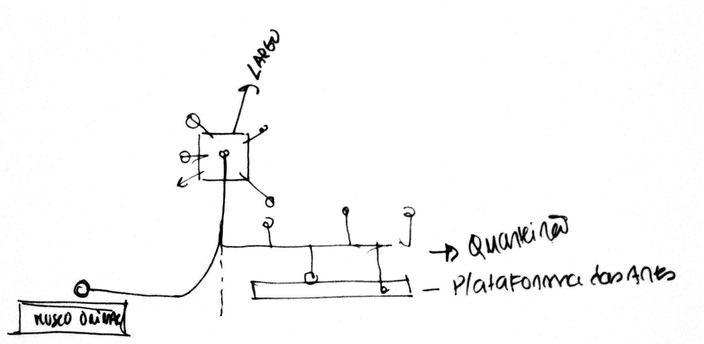


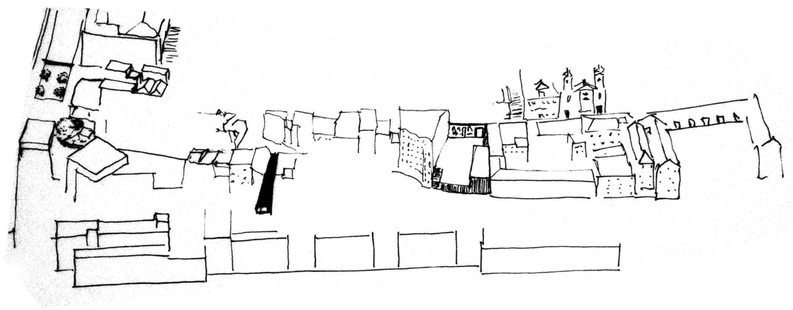
Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa | Catarina Lynce
Equipa de Orientação: Doutor Arquitecto José Aguiar | Arquitecto Carlos Macedo

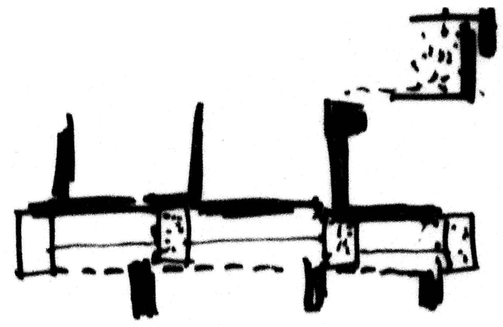
RECICLAR O MODERNO PARA
REABILITAR O URBANO

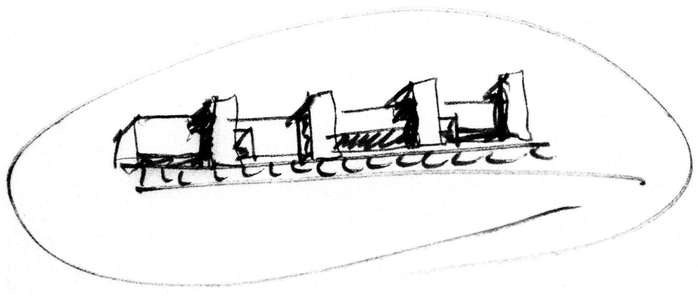
Um Edifício Híbrido para nova
identidade do Nó da Infante Santo

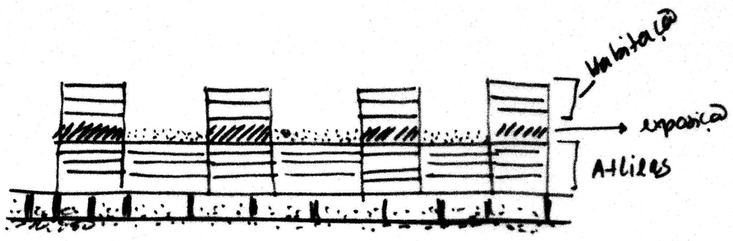
P3

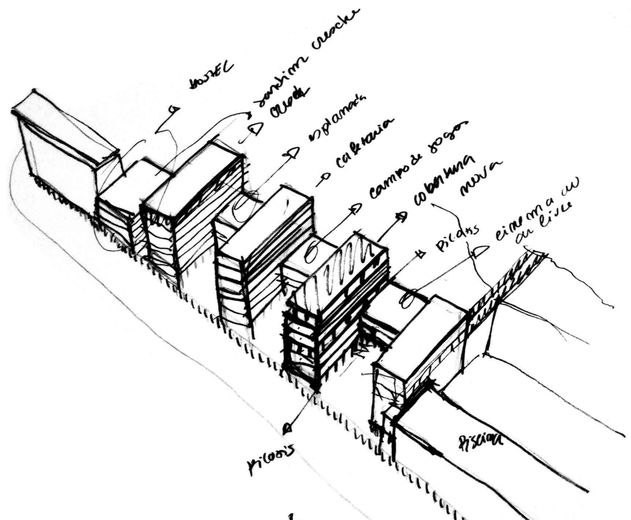


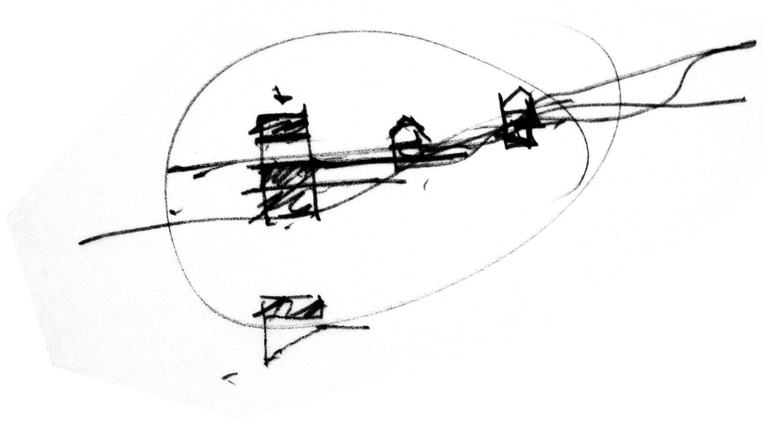


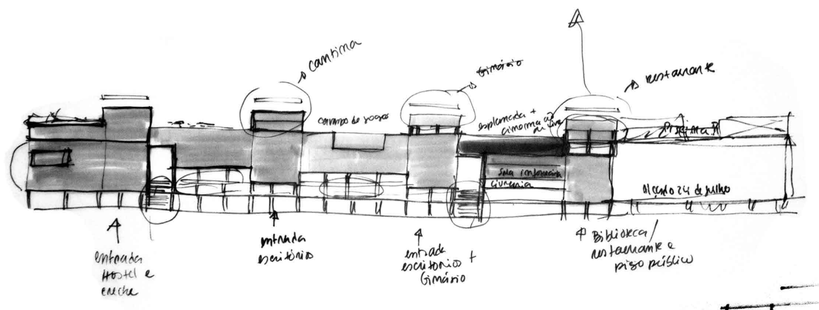


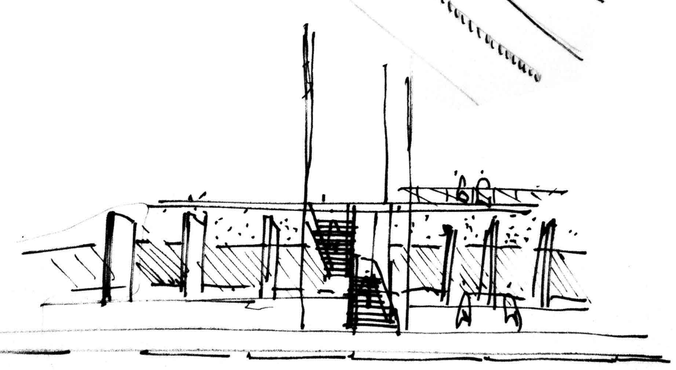


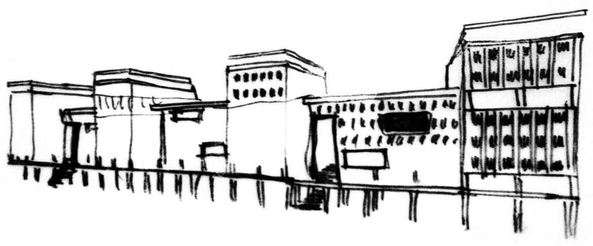


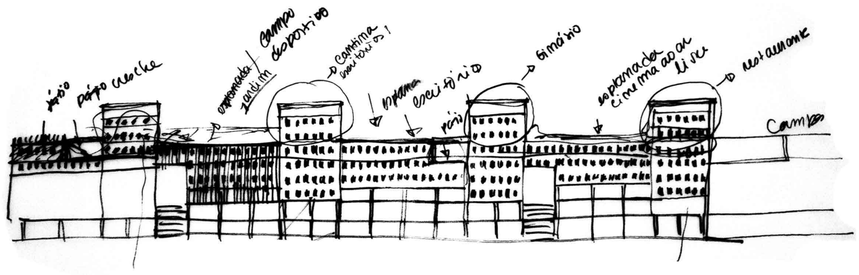


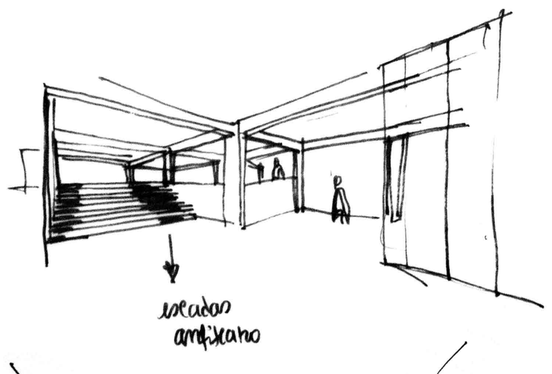








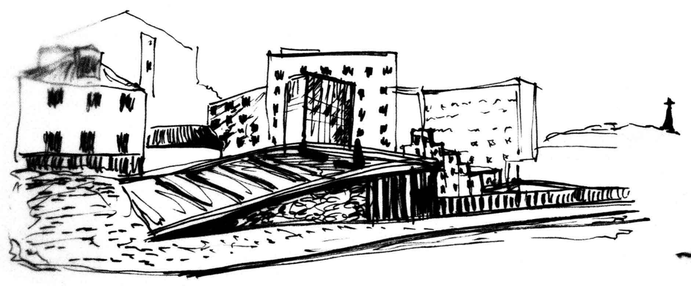


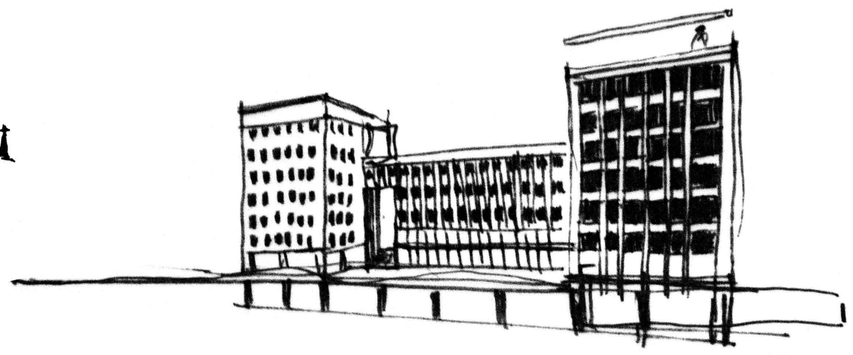


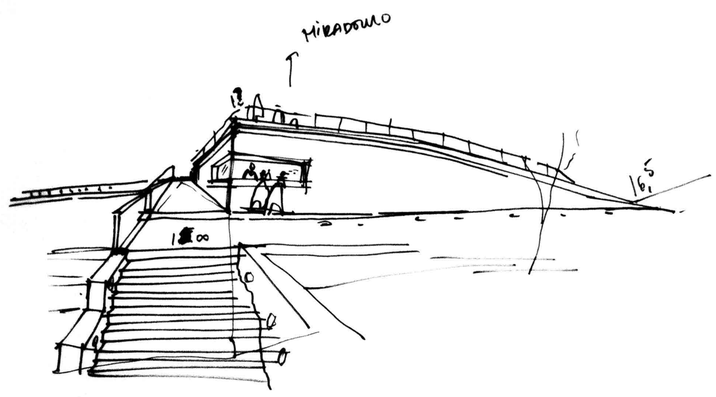




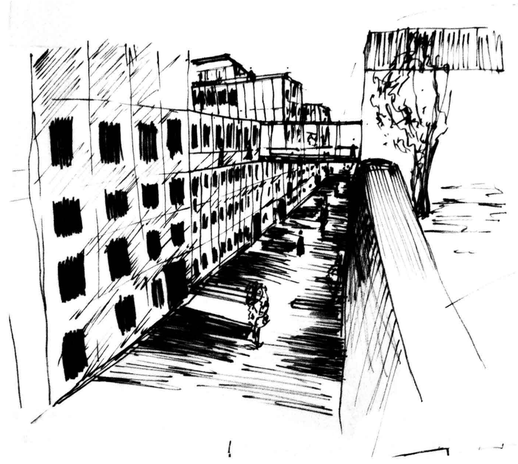
EQUIPAMENTO – BAIRRO
(JARDIM DE INFANCIA)

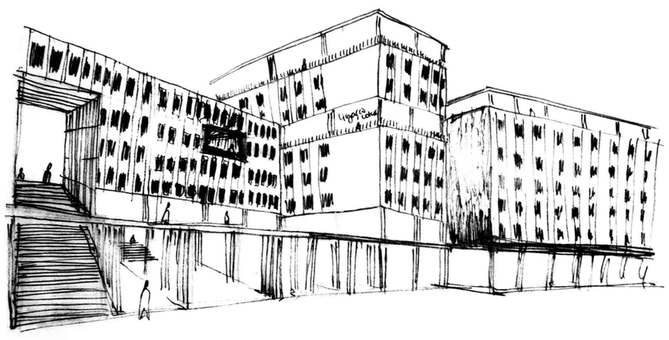












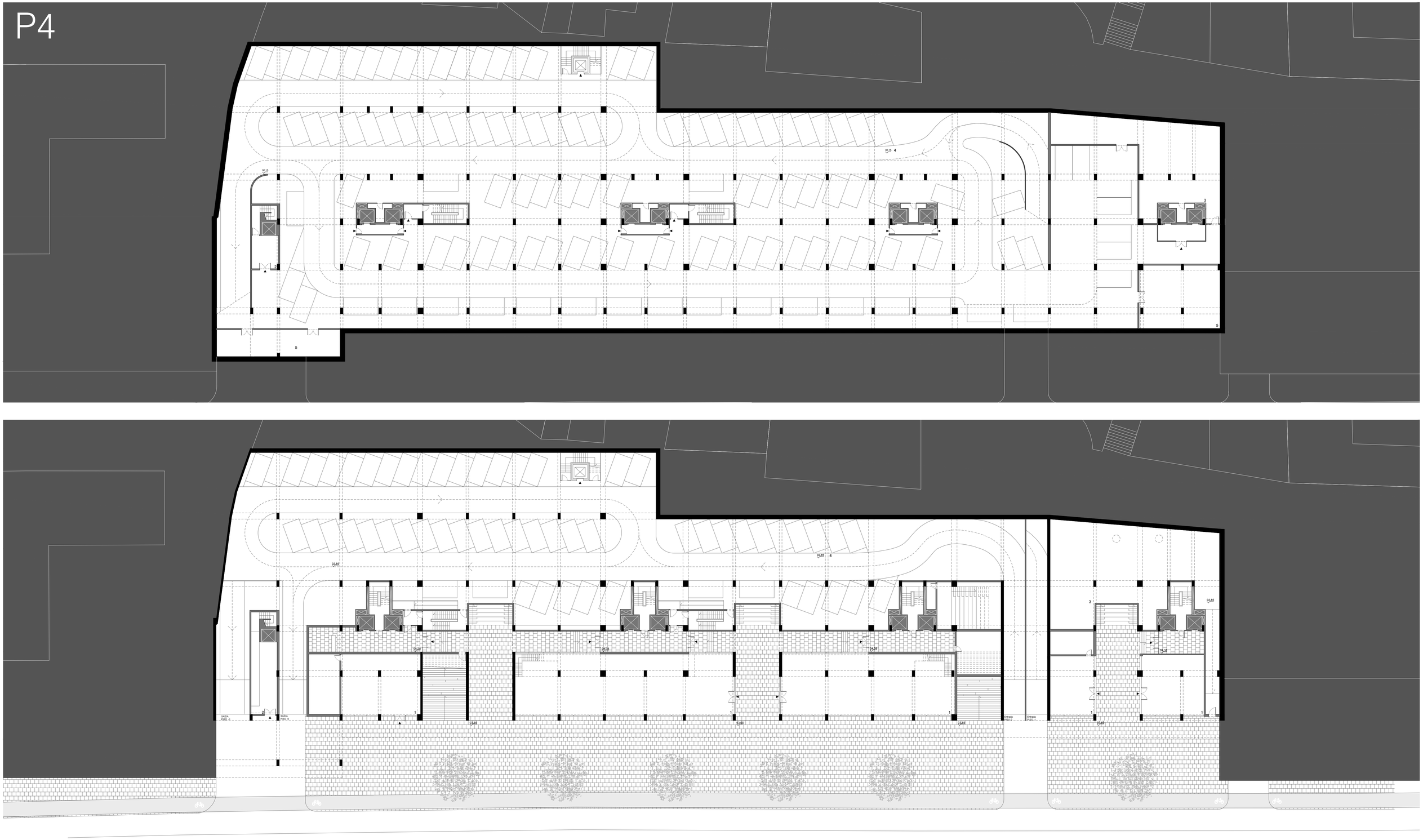
Esquiços (processo)

Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa | Catarina Lynce
Equipa de Orientação: Doutor Arquitecto José Aguiar | Arquitecto Carlos Macedo

RECICLAR O MODERNO PARA
REABILITAR O URBANO

Um Edifício Híbrido para nova
identidade do Nó da Infante Santo

P4



PLANTA PISO -1 E PISO 0 | ESCALA 1/250

PROGRAMA:
1 - serviços e comércio
2 - controlo estacionamento
3 - armazém
4 - estacionamento
5 - área técnica

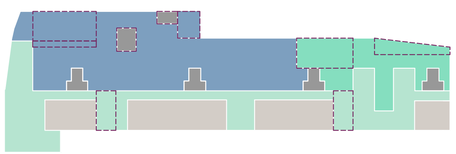
RECICLAR O MODERNO PARA
REABILITAR O URBANO
Um Edifício Híbrido para nova identidade do Nó da Infante Santo

Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa | Catarina Lynce

Equipa de Orientação: Doutor Arquitecto José Aguiar | Arquitecto Carlos Macedo

P5

PLANTA PISO INTERMÉDIO | ESCALA 1/200



PROGRAMA:
1 - comércio e serviços
2 - posto de controlo estacionamento
3 - sala de convívio e de refeições
4 - ateliers
5 - camarins
6 - auditório
7- entrada de serviço auditório
8 - espaço expositivo
9 - i.s.
10 - armazém
11 - pequeno auditório
12 - biblioteca piso crianças
13 - sofá dos contos
14 - pátio

Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa | Catarina Lynce

Equipa de Orientação: Doutor Arquitecto José Aguiar | Arquitecto Carlos Macedo

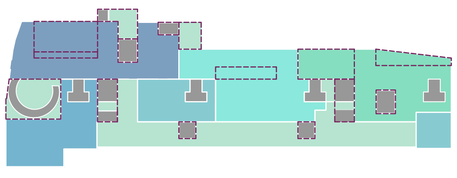
RECICLAR O MODERNO PARA REABILITAR O URBANO

Um Edifício Híbrido para nova identidade do Nó da Infante Santo

P6

PLANTA PISO 1 | ESCALA 1/200

exposição
residência
restauração
desporto
biblioteca
circulação vertical
lazer
vazios



PROGRAMA:
1 - quartos
2 - lavandaria e armazém
3 - sala de convívio e de refeições
4 - i.s.
5 - cozinha
6 - auditório
7- espaço espositivo
8 - cafetaria
9 - cozinha
10 - vestiários e àrea de serviço
11 - esplanada
12 - sauna e banho turco
13 - vestiários
14 - sala multiusos
15 - sala de repouso
16 - biblioteca
17 - espaço de estar
18 - armazém
19 - auditório
20 - vestiários

Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa | Catarina Lynce

Equipa de Orientação: Doutor Arquitecto José Aguiar | Arquitecto Carlos Macedo

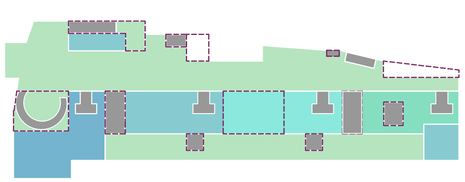
RECICLAR O MODERNO PARA REABILITAR O URBANO

Um Edifício Híbrido para nova identidade do Nó da Infante Santo

P7

PLANTA PISO 2 | ESCALA 1/200

exposição
residência
restauração
desporto
biblioteca
circulação vertical
lazer
vazios



PROGRAMA:
1 - quartos
2 - cozinha residência
3 - sala de convívio e de refeições
4 - entrada residência de estudantes
5 - entrada piso 1
6 - esplanada
7 - cozinha
8 - cafetaria
9 - restaurante
10 - vestiários e área de serviço
11 - i.s.
12 - administração
13 - balneários
14 - biblioteca
15 - sala de estudo
16 - entrada salas multiusos

Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa | Catarina Lynce

Equipa de Orientação: Doutor Arquitecto José Aguiar | Arquitecto Carlos Macedo

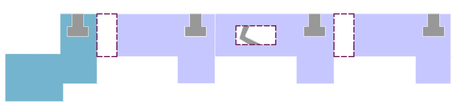
RECICLAR O MODERNO PARA REABILITAR O URBANO

Um Edifício Híbrido para nova identidade do Nó da Infante Santo

P8

PLANTA PISO 3 | ESCALA 1/200

residência
escritórios
circulação vertical
vazios



PROGRAMA:
1 - quartos
2 - sala de convívio e de refeições
3 - i.s.
4 - cozinha
5 - escritórios
6 - gabinete direcção
7- sala de reunião
8 - copa
9 - i.s.

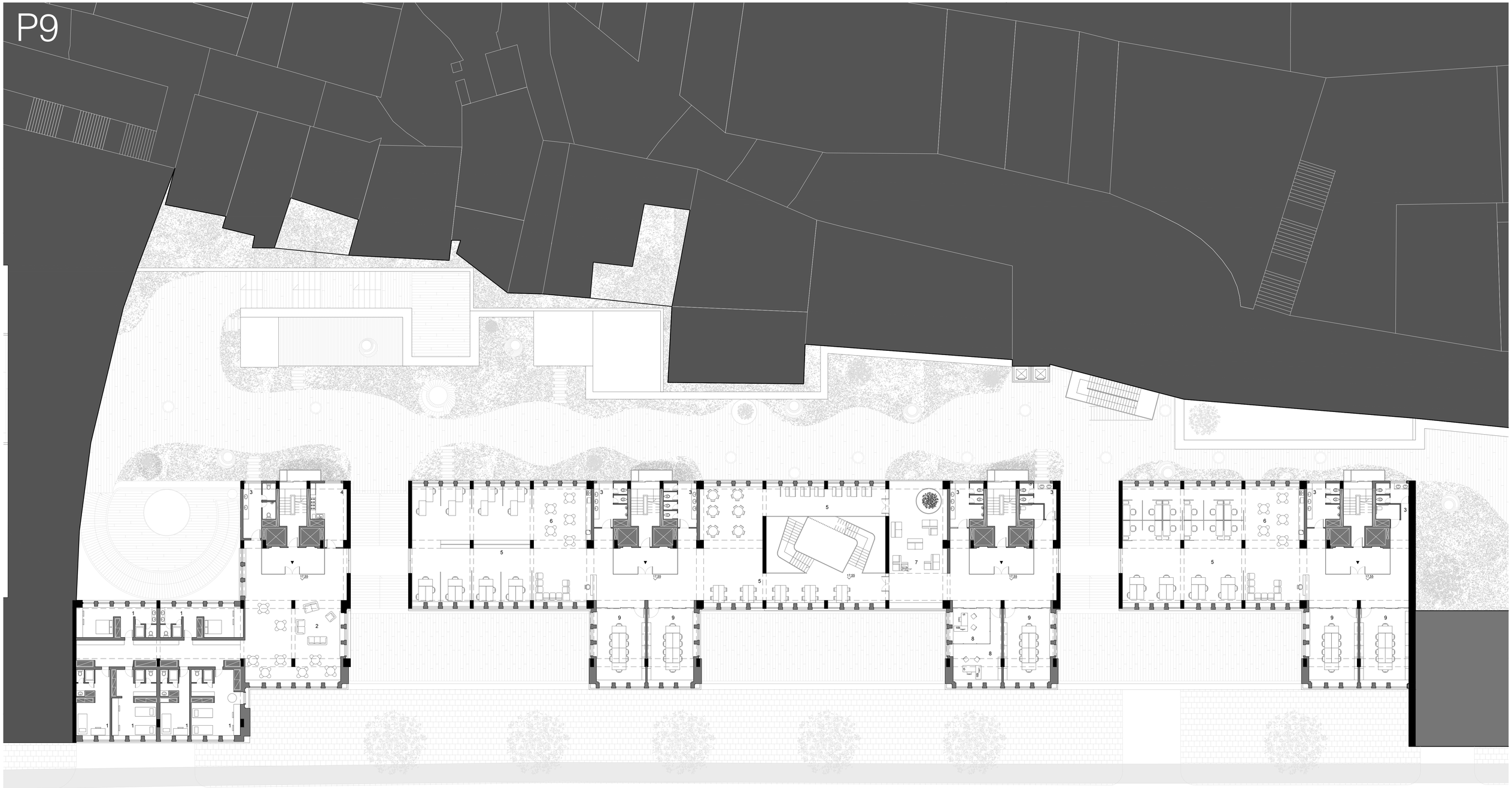
Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa | Catarina Lynce

Equipa de Orientação: Doutor Arquitecto José Aguiar | Arquitecto Carlos Macedo

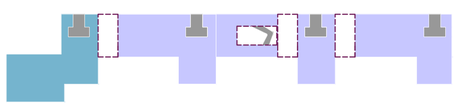
RECICLAR O MODERNO PARA REABILITAR O URBANO

Um Edifício Híbrido para nova identidade do Nó da Infante Santo

P9



PLANTA PISO 4 | ESCALA 1/200



residência
escritórios
lazer
circulação vertical
vazios

PROGRAMA:
1 - quartos
2 - sala de convívio e de refeições
3 - i.s.
4 - cozinha
5 - escritórios
6 - copa
7 - espaço de convívio
8 - gabinete direcção
9 - sala de reunião

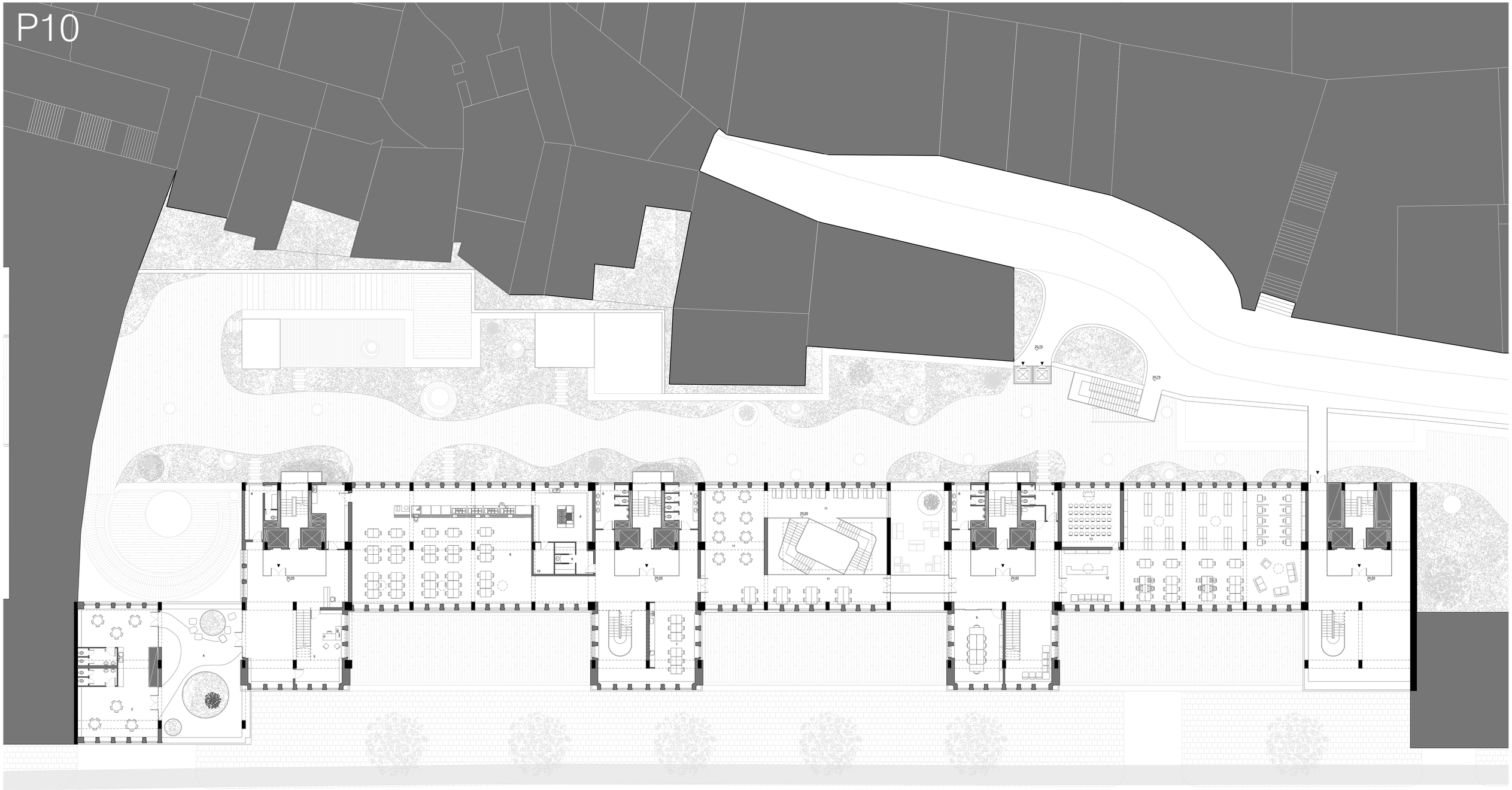
Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa | Catarina Lynce

Equipa de Orientação: Doutor Arquitecto José Aguiar | Arquitecto Carlos Macedo

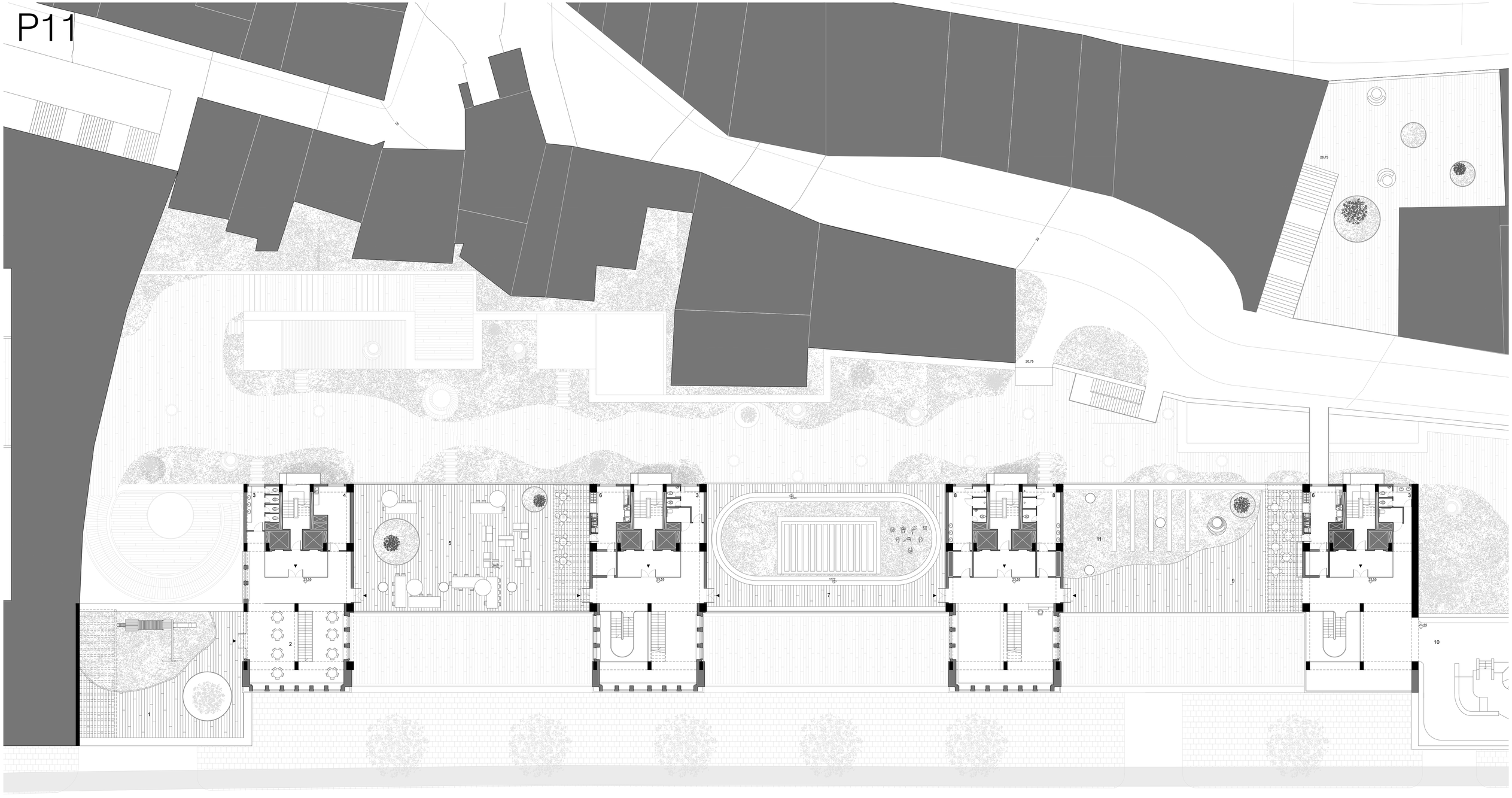
RECICLAR O MODERNO PARA REABILITAR O URBANO

Um Edifício Híbrido para nova identidade do Nó da Infante Santo

P10

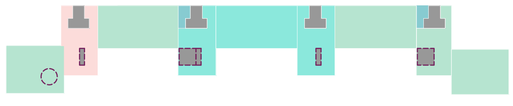

20,75
20,75
20,55
20,55
20,55

P11



PLANTA PISO 6 | ESCALA 1/200

Infantário
restauração
desporto
lazer
circulação vertical
vazios



PROGRAMA:
1 - jardim de infância
2 - sala de refeições
3 - i.s.
4 - copa
5 - esplanada
6 - copa cafetaria
7 - pista de atletismo e espaço desportivo
8 - balneário
9 - esplanada
10 - skate park
11 - cinema ao ar livre

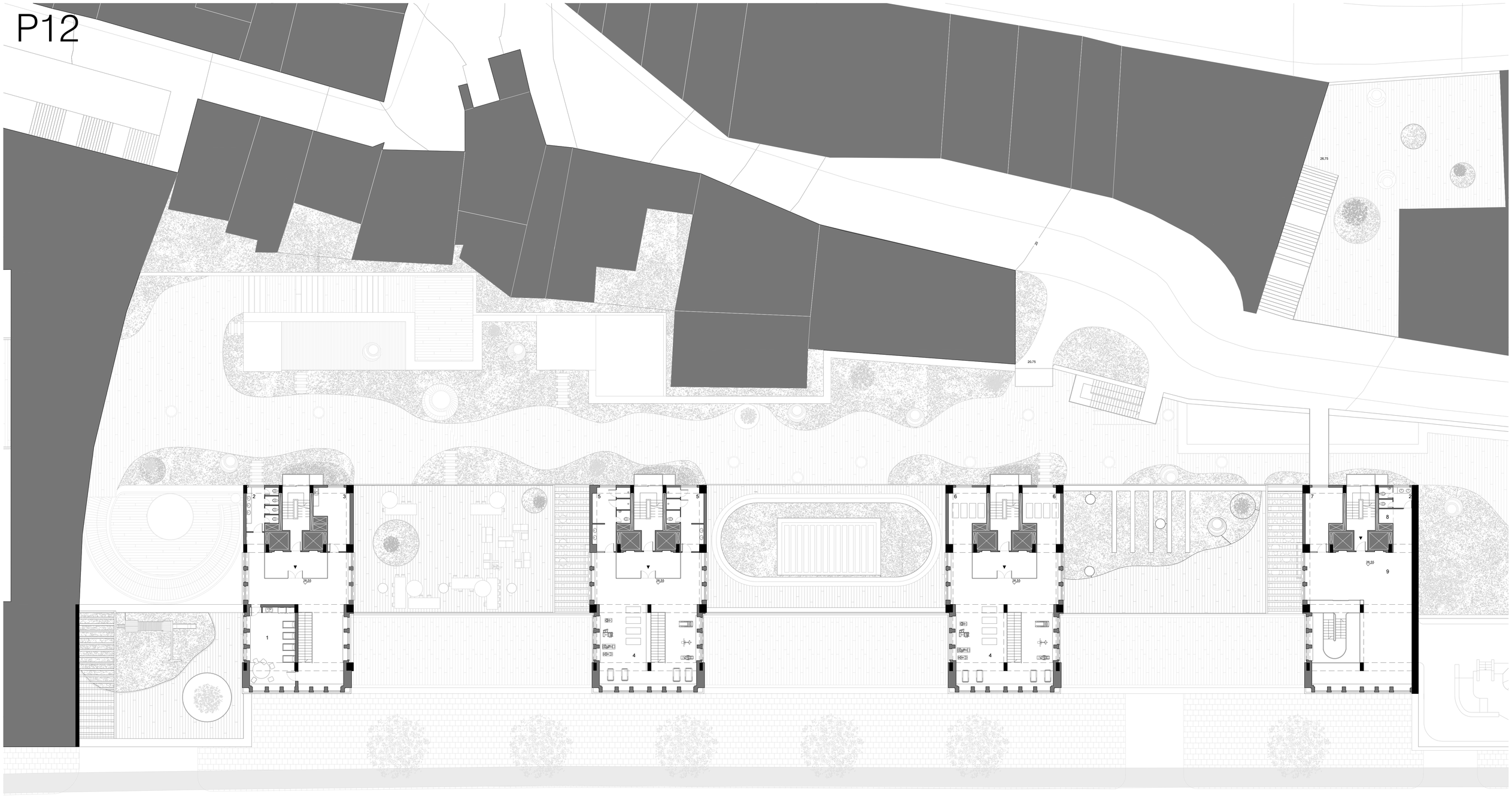
Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa | Catarina Lynce

Equipa de Orientação: Doutor Arquitecto José Aguiar | Arquitecto Carlos Macedo

RECICLAR O MODERNO PARA REABILITAR O URBANO

Um Edifício Híbrido para nova identidade do Nó da Infante Santo

P12



PLANTA PISO 7 | ESCALA 1/200

Infantário
desporto
comércio
circulação vertical
vazios

PROGRAMA:
1 - berçário
2 - i.s.
3 - copa
4 - ginásio
5 - balneário
6 - sala de grupo
7 - armazém
8 - provador
9 - loja de desporto

Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa | Catarina Lynce

Equipa de Orientação: Doutor Arquitecto José Aguiar | Arquitecto Carlos Macedo

RECICLAR O MODERNO PARA REABILITAR O URBANO

Um Edifício Híbrido para nova identidade do Nó da Infante Santo

P13



PLANTA DE COBERTURAS | ESCALA 1/200

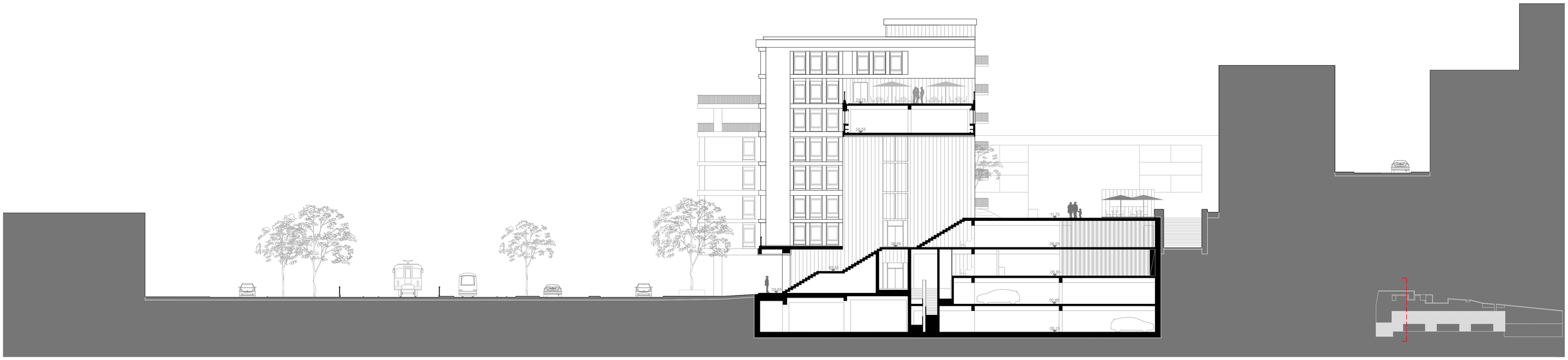
RECICLAR O MODERNO PARA REABILITAR O URBANO

Um Edifício Híbrido para nova identidade do Nó da Infante Santo

Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa | Catarina Lynce

Equipa de Orientação: Doutor Arquitecto José Aguiar | Arquitecto Carlos Macedo

P14





CORTES | ESCALA 1/200

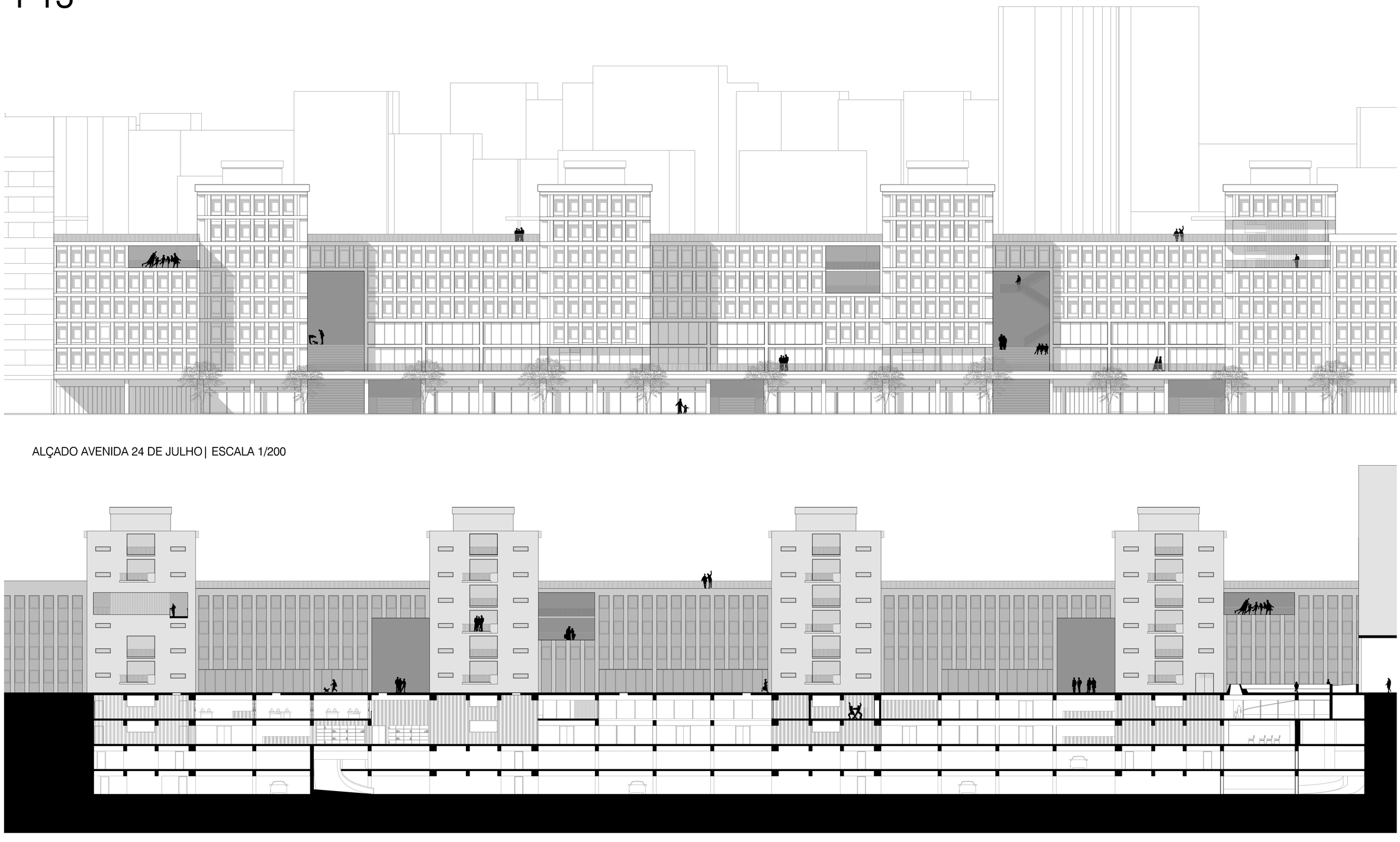
RECICLAR O MODERNO PARA
REABILITAR O URBANO

Um Edifício Híbrido para nova
identidade do Nó da Infante Santo

Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa | Catarina Lynce

Equipa de Orientação: Doutor Arquitecto José Aguiar | Arquitecto Carlos Macedo

P15



ALÇADO AVENIDA 24 DE JULHO| ESCALA 1/200

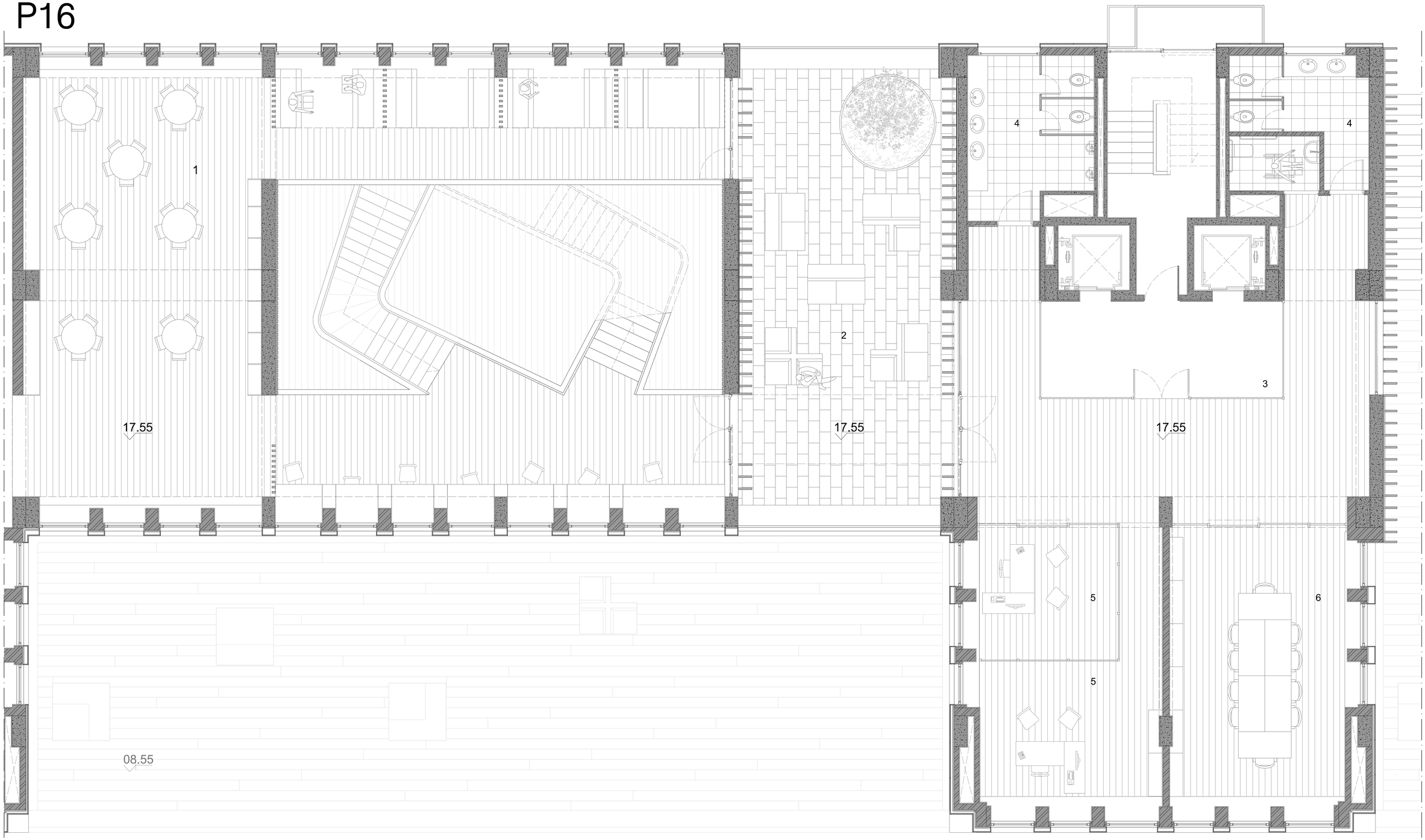
ALÇADO RUA TENENTE VALADIM| ESCALA 1/200

RECICLAR O MODERNO PARA
REABILITAR O URBANO
Um Edifício Híbrido para nova
identidade do Nó da Infante Santo

Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa | Catarina Lynce

Equipa de Orientação: Doutor Arquitecto José Aguiar | Arquitecto Carlos Macedo

P16



PLANTA PISO 4 | ESCALA 1/50

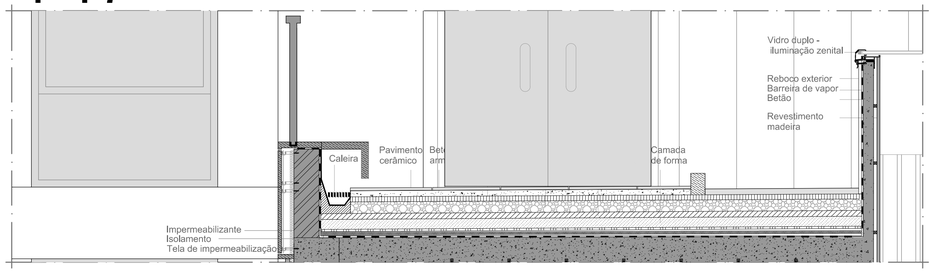
LEGENDA:
1 - escritórios open space
2 - espaço de convívio exterior
3 - núcleo de acessos verticais
4 - i.s.
5 - gabinete direcção
6 - sala de reunião

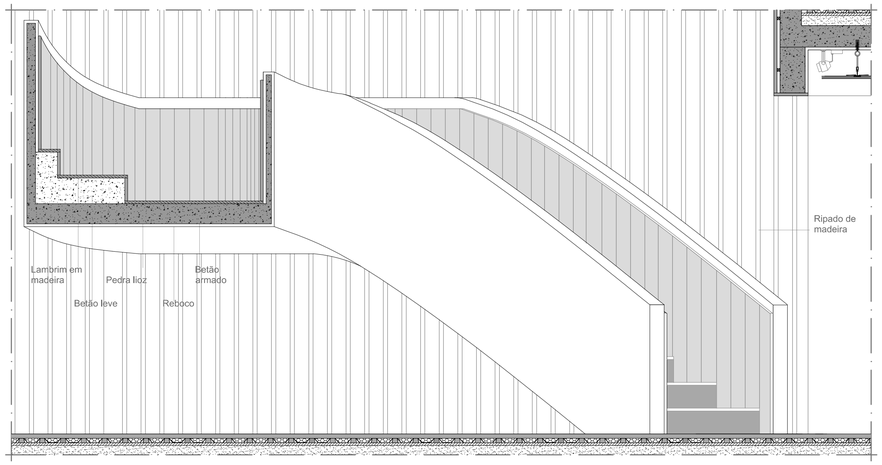
RECICLAR O MODERNO PARA
REABILITAR O URBANO
Um Edifício Híbrido para nova
identidade do Nó da Infante Santo

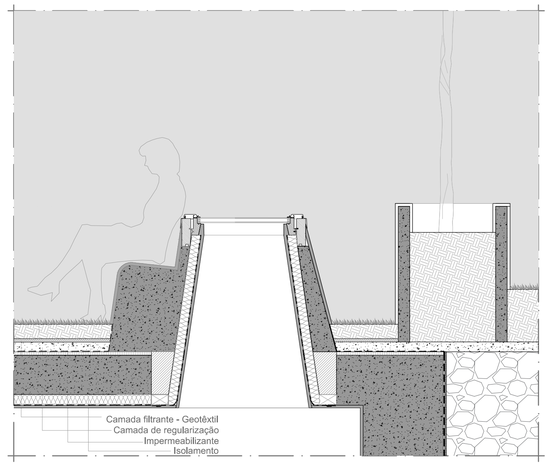
Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa | Catarina Lynce

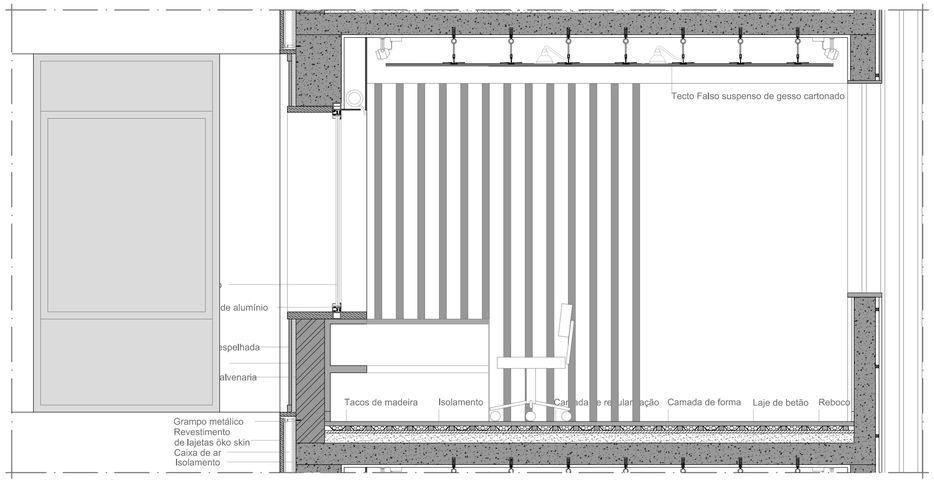
Equipa de Orientação: Doutor Arquitecto José Aguiar | Arquitecto Carlos Macedo

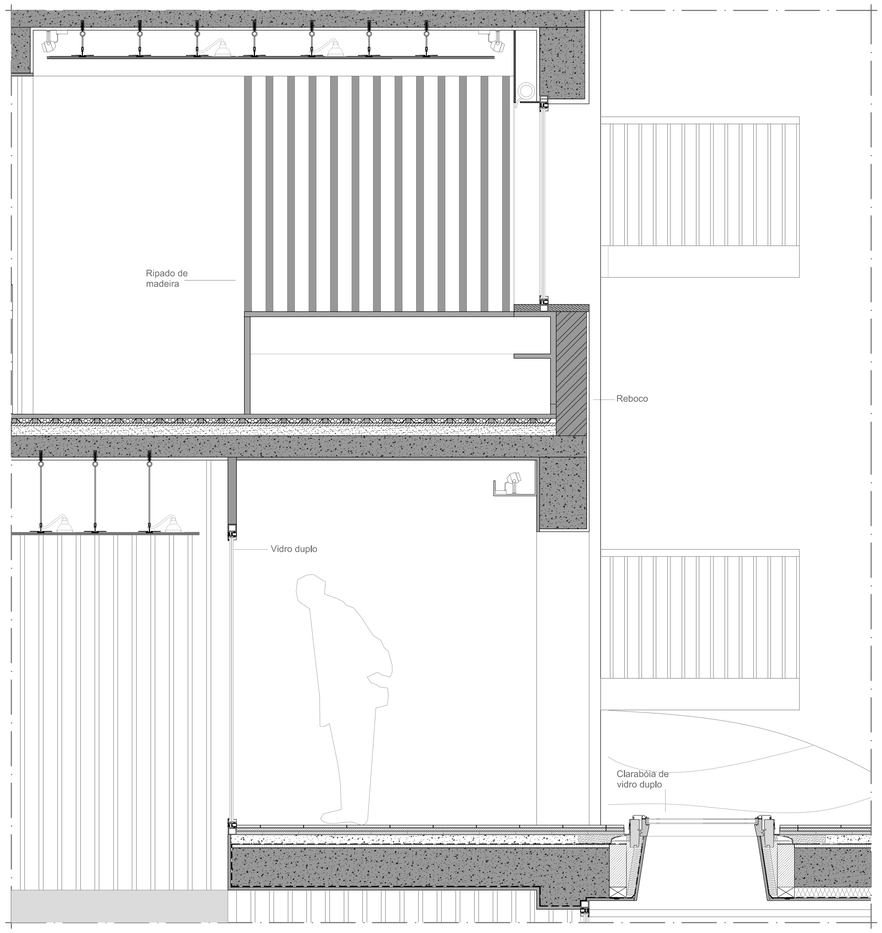
P17

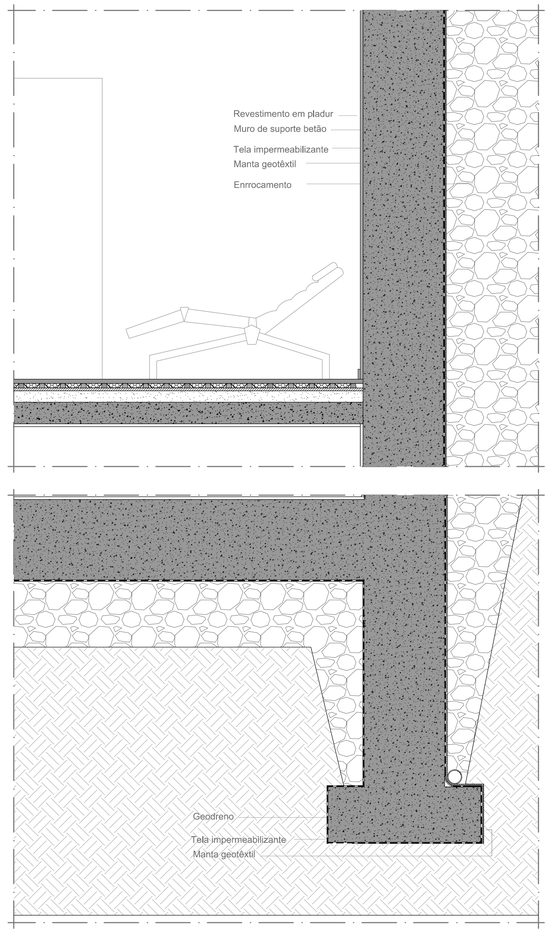


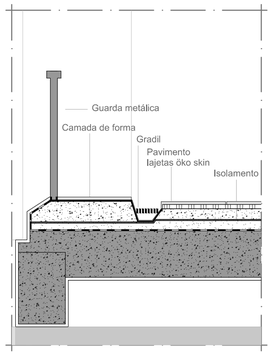


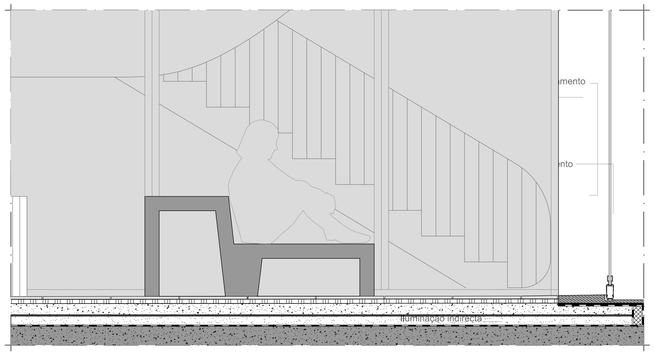


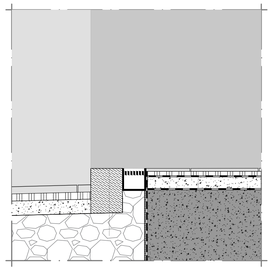


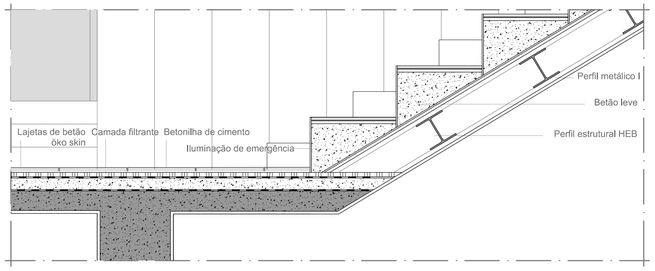












DESTALHES CONSTRUCTIVOS | ESCALA 1/20

Revestimento exterior:
As lajetas öko skin utilizadas tanto na fachada como nos pavimentos exteriores do edifício, são formadas por um material natural composto de fibra de vridro e de betão que tem a aparência das comuns lajetas de betão pré-fabricado. Estas mesmas lajetas, são de fácil e flexível aplicação, podendo ser utilizadas em superfícies de grande e pequena escala. Requeendo uma manutenção mínima e apresentando uma materialidade sustentável, as lajetas öko skin também têm como característica serem resistentes ao fogo e poderem ser adquiridas em diferentes tonalidades. Desta forma, aparenta ser um material adequado para revestir o edifício que, aliado ao isolamento pelo exterior (com caixa de ar, caixilharia de alumínio e vidro duplo) torna-o mais eficiente do ponto de vista energético.

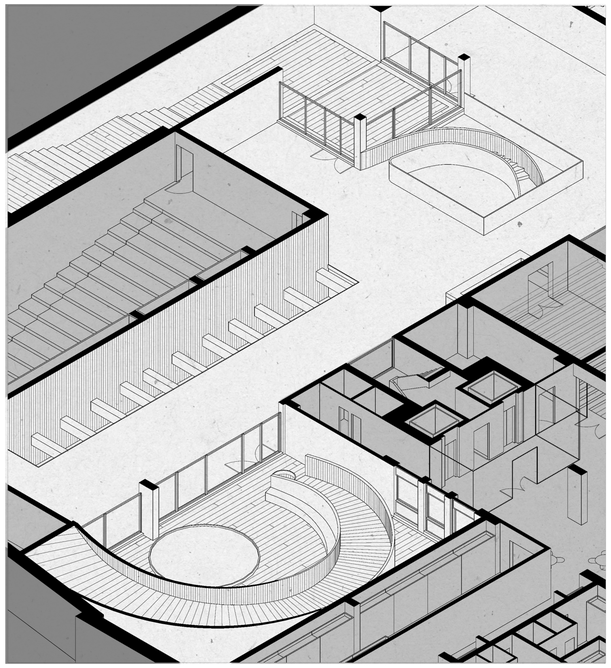
Ritmo vertical:
As grandes intervenções no edifício a nível estrutural (subtracções) são marcadas de forma singular, através de grandes lâminas metálicas em forma de pórtico(no exterior) e por paredes portantes de betão revestidas com painéis ripados de madeira (no interior).

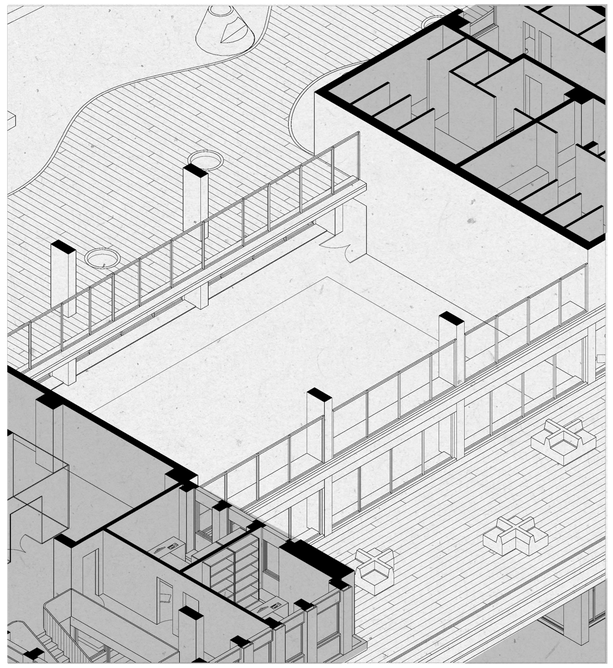
Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa | Catarina Lynce

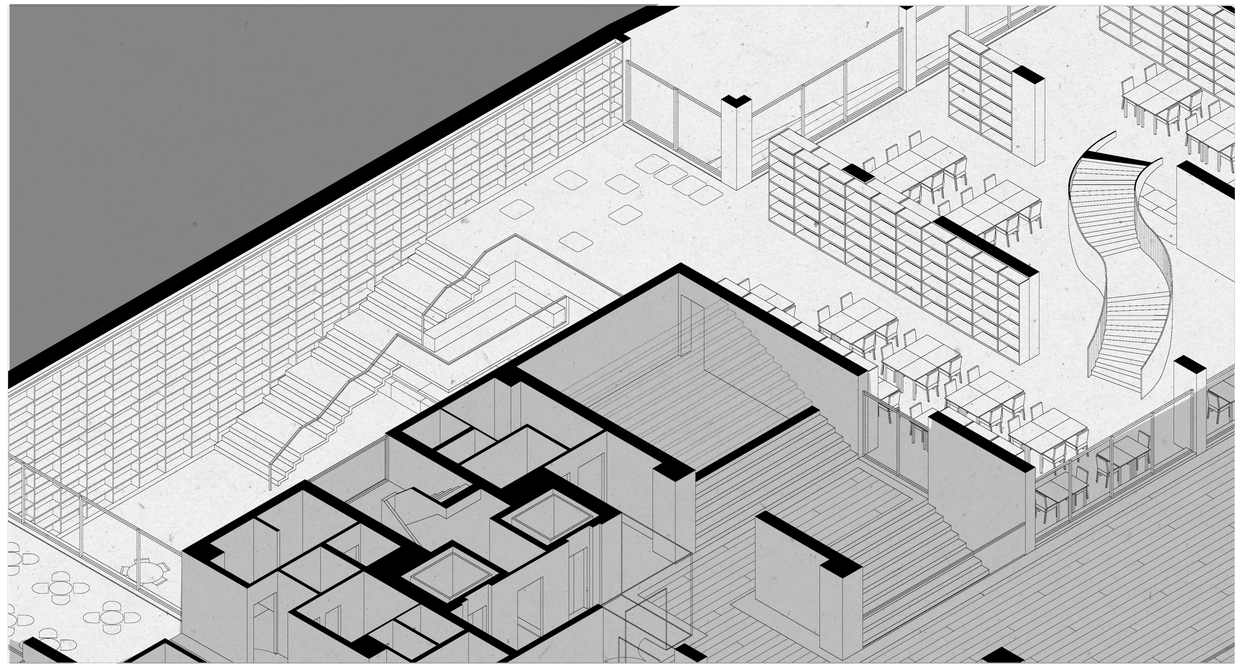
Equipa de Orientação: Doutor Arquitecto José Aguiar | Arquitecto Carlos Macedo

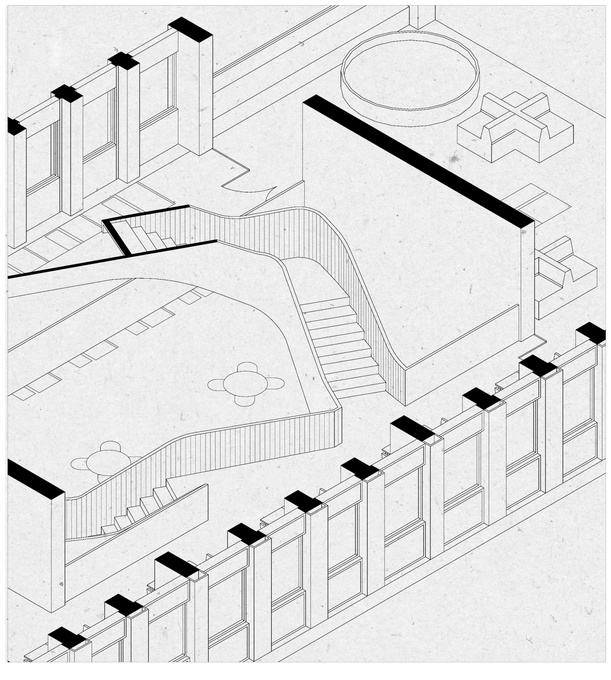
RECICLAR O MODERNO PARA
REABILITAR O URBANO

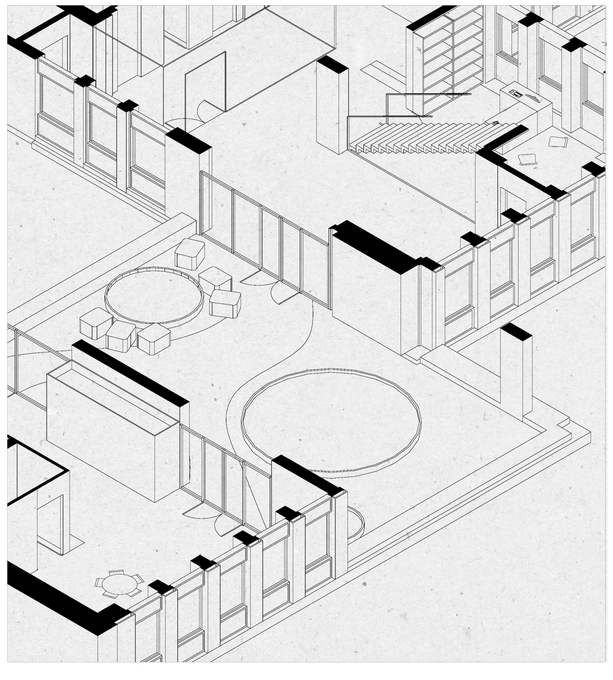
Um Edifício Híbrido para nova identidade do Nó da Infante Santo







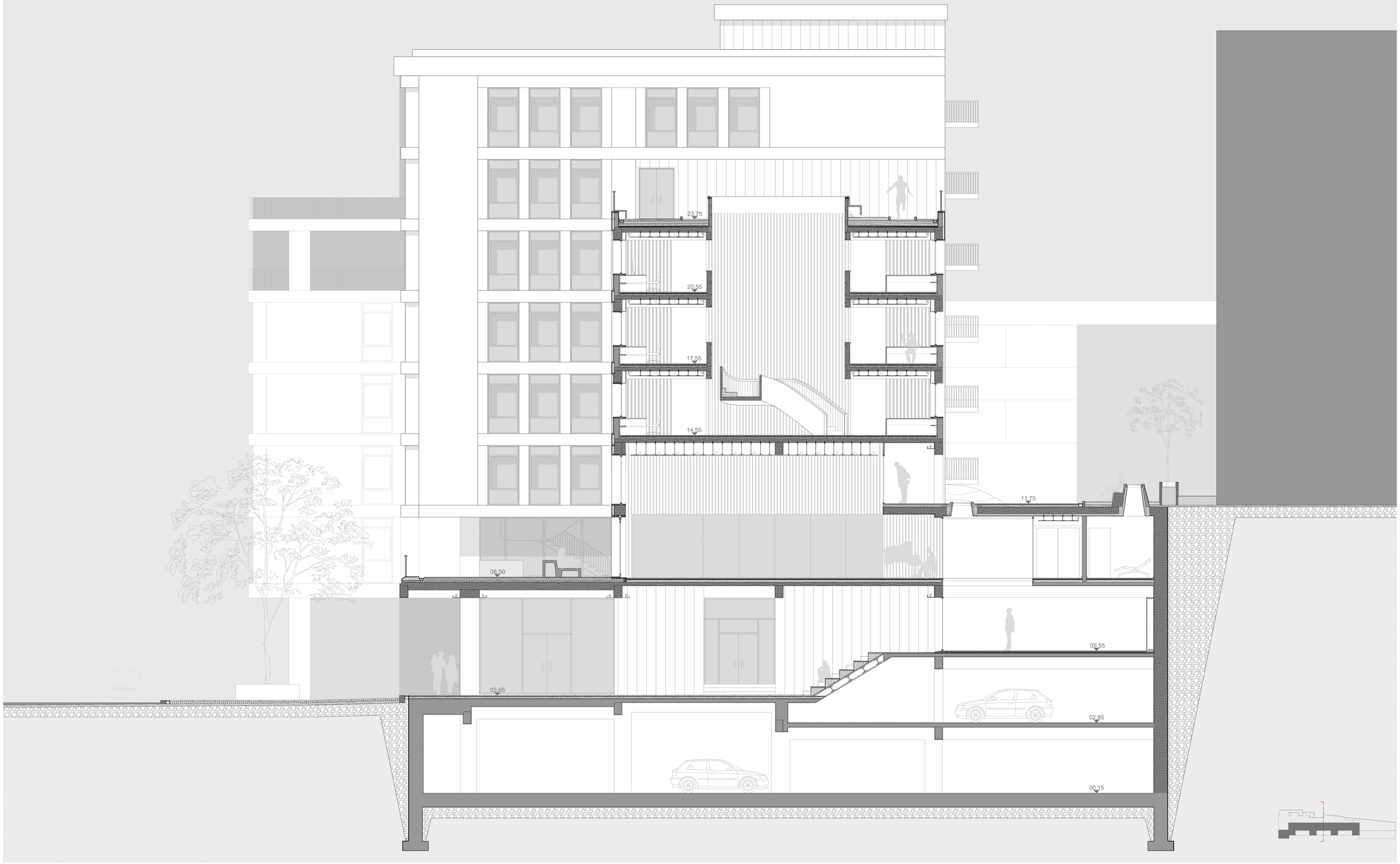






AMBIENTES PROPOSTOS

P19



Corte | ESCALA 1/50

RECICLAR O MODERNO PARA
REABILITAR O URBANO
Um Edifício Híbrido para nova
identidade do Nó da Infante Santo

Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa | Catarina Lynce

Equipa de Orientação: Doutor Arquitecto José Aguiar | Arquitecto Carlos Macedo

AXONOMETRIA

Piso 7
1 Berçário
2 Balneários
3 Ginásio
4 Loja desportiva de apoio ao Skate Park

Piso 6
5 Jardim infantil
6 Esplanada cafetaria cobertura
7 Pista de atletismo e cobertura ajardinada
8 Balneários
9 Cinema ao ar livre
10 Parque urbano - Skate Park

Piso 5
11 Jardim infantil
12 Cantina trabalhadores
13 Escritórios e espaços de trabalho open space
14 Centro de documentação
15 Ligação em ponte com a Travessa da Cruz da Rocha

Piso 4
16 Residência de estudantes
17 Escritórios e espaços de trabalho open space
18 Sala de reuniões

Piso 3
19 Residência de estudantes
20 Escritórios e espaços de trabalho open space
21 Sala de reuniões

Piso 2
22 Residência de estudantes
23 Cafetaria com esplanada
24 Restaurante
25 Balneários salas multi-usos
26 Biblioteca piso tecnológico
27 Sala de estudo
28 Acessos urbanos

Piso 1
29 Residência de estudantes
30 Auditório espaço expositivo
31 Espaço expositivo
32 Cafetaria
33 Esplanada terraços
34 Spa (sauna, banho turco e sala de massagens)
35 Sala multi-usos (dança, ginástica, música)
36 Biblioteca sala de leitura

Piso 0 e Sobreloja
37 Comércio e serviços
38 Ateliers de trabalho
39 Camarins
40 Auditório
41 Espaço expositivo
42 Biblioteca (piso infantil)

Piso -1
43 Controlo de estacionamento
44 Armazém
45 Estacionamento
46 Área técnica

Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa | Catarina Lynce

Equipa de Orientação: Doutor Arquitecto José Aguiar | Arquitecto Carlos Macedo

RECICLAR O MODERNO PARA REABILITAR O URBANO
Um Edifício Híbrido para nova identidade do Nó da Infante Santo

Imagens ambiente da proposta


carris





